

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PRÁTICAS SOCIALIZADORAS DA IGREJA  
SARA NOSSA TERRA: AFINIDADES  
ELETIVAS ENTRE NEOPENTECOSTALISMO  
E SOCIEDADE ESCOLARIZADA**

**ELAINE DA SILVEIRA RIBEIRO FERRARESE**

**PIRACICABA, SP  
2016**

**PRÁTICAS SOCIALIZADORAS DA IGREJA  
SARA NOSSA TERRA: AFINIDADES  
ELETIVAS ENTRE NEOPENTECOSTALISMO  
E SOCIEDADE ESCOLARIZADA**

**ELAINE DA SILVEIRA RIBEIRO FERRARESE**

**ORIENTADOR: PROF. DR. THIAGO BORGES DE AGUIAR**

**Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora do Programa de Pós-  
Graduação em Educação da  
UNIMEP como exigência parcial  
para obtenção do título de Mestre  
em Educação.**

**PIRACICABA, SP  
2016**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP  
Bibliotecária: Marjory Harumi Barbosa Hito CRB-8/9128

F374p	<p>Ferrarese, Elaine da Silveira Ribeiro</p> <p>Práticas socializadoras da Igreja Sara Nossa Terra : afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada / Elaine da Silveira Ribeiro Ferrarese. – 2016.</p> <p>180 f. : il. ; 30 cm</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Educação, Piracicaba, 2016.</p> <p>1. Instituições Religiosas. 2. Protestantismo. 3. Pentecostalismo. I. Ferrarese, Elaine da Silveira Ribeiro. II. Título.</p> <p>CDU – 284</p>
-------	---

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Thiago Borges de Aguiar (Presidente)**

**Universidade Metodista de Piracicaba**

**Profa. Livre Docente Maria da Graça Jacintho Setton  
(Titular)**

**Universidade de São Paulo**

**Prof. Dr. César Romero Amaral Vieira (Titular)**

**Universidade Metodista de Piracicaba**

**Prof. Dr. Bruno Pucci (Suplente)**

**Universidade Metodista de Piracicaba**

Ao Felipe, pelo apoio incondicional, amor e paciência.

À Heloísa e Isabela, que estão crescendo e me dão a cada novo dia coragem e ousadia de perguntar: Por quê?

## **Agradecimentos**

Muitas pessoas foram fundamentais no desenvolvimento desta pesquisa, com certeza não conseguiria realizar esse estudo sozinha. Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Dr. Thiago Borges de Aguiar, por ter aceitado meu projeto de pesquisa e ter me permitido encontrar meu próprio caminho em todo o processo. Muitas vezes eu me perdi, fiz caminhos mais longos que o necessário, mergulhei em águas turvas, mas ele soube respeitar, ter paciência, ouvir meus devaneios e incertezas. Foram dois anos de parceria e companheirismo em que aprendi muito com esse jovem e brilhante educador.

Meus sinceros agradecimentos a toda a equipe de professores da UNIMEP, em especial ao Professor Dr. César Romero A. Vieira e Dr. Bruno Pucci, pelas críticas, sugestões e contribuições durante a qualificação deste trabalho. E ao professor Dr. José Maria Paiva, suas aulas me ensinaram a ter paciência comigo mesma e a valorizar as pequenas coisas.

A professora Dra. Maria da Graça Jacintho Setton, por suas contribuições na qualificação deste trabalho, que foram fundamentais para a escrita desta dissertação.

Ao professor Dr. Elias Evangelista Gomes (UNIFAL/MG) por ter respondido tão prontamente aos meus e-mails e contribuído com dicas de leituras e perguntas enriquecedoras.

Ao professor Ms. Thiago Pereira Lima (Universidade Federal do Maranhão) por ter me enviado tão gentilmente uma cópia de sua dissertação e pela possibilidade de parcerias durante o primeiro semestre de 2015.

Ao professor Dr. Luís Antonio Groppo (UNIFAL/MG) por ser minha primeira referência de educador. O interesse pela academia surgiu ao assistir suas aulas e observar sua generosidade e respeito com os alunos. Obrigada por ter sido meu orientador de TCC (UNISAL/SP) em 2000, conduzido tão sabiamente a pesquisa e, posteriormente, quando te apresentei meu projeto de pesquisa, em 2009, me apoiou sem reservas ou preconceitos.

Aos colegas do programa de pesquisa da Unimep. Lembro com carinho especial da Viviane, Rita, Renata, João Paulo, Simone e Ivonete. O mesmo agradecimento estendo aos colegas do GEHER (SP e Piracicaba) pela oportunidade que me deram de crescer intelectualmente e também pelos momentos de diversão e refeições em conjunto. Foi um período de socialização enriquecedor.

As amigas que tive o privilégio de desenvolver durante o período que frequentei a ISNT em especial aos casais Atílio e Cida, Sérgio e Ângela, Sandra e Paulinho, Edna e Nereu, Rute e Leandro. Obrigada pelas horas que desfrutamos juntos.

A minha irmã Rosânia, meu cunhado Nora e sua linda família Daniele, Anderson, Rafael, Vanessa e Henrique por ter acolhido a mim e a minha família e socializado conosco a fé de vocês. Ainda que sigamos por caminhos diferentes, as nossas horas de conversas, refeições partilhadas, risadas e questionamentos ficarão para sempre em meu coração.

Ao amigo e sobrinho Felipe por ter me socorrido tantas vezes quando meu notebook insistia em “não obedecer aos meus comandos”! Sua ajuda foi essencial.

Ao meu amigo Lucas, pelo apoio e incentivo a fim de que eu tirasse da gaveta meu projeto de pesquisa e enfrentasse-o. Obrigada por ser tão presente e participativo em todo o processo. Suas idas comigo à UNIMEP, suas críticas enriquecedoras, perguntas difíceis e silêncio quando, verdadeiramente, não havia nada a ser dito, me fizeram uma pessoa melhor.

Aos meus pais Arlete e Rubens (*in memoriam*), minhas irmãs Elisete, Noêmia, Dulcinéia, Vera, Elisabeth, Rosânia e meus irmãos Paulo e Júnior pela convivência e carinho. É bom saber que posso contar com cada um de vocês.

As minhas filhas Heloísa e Isabela. Saber que todo o processo de leituras e escrita dessa dissertação foi com vocês ao meu lado, brincando embaixo da mesa e tendo paciência com a mãe é, simplesmente, maravilhoso. Amo vocês!

Finalmente, ao meu amado Felipe. Em você encontrei a coragem para enfrentar mudanças, tempestades, silêncios e lágrimas. Obrigada por me apoiar sempre e por cuidar de mim!

Esta pesquisa contou com o apoio e financiamento do CNPq.

“Acho que, se um dia eu me tornar um cristão sério, minha maior vergonha será não ter feito isso antes, mas ter tentado todas as outras coisas”.

(KIERKEGAARD apud HOUSTON, 2008)

“Não há ordem opressora que suporte que um dia todos os homens acordem perguntando: Por quê? Por isso é necessário proibir o porquê, é necessário proibir o pensar. Por isso, a escolarização é a proibição do pensar, é a adaptação dos homens ao não pensar”

(PAULO FREIRE, 1979)

## RESUMO

FERRARESE, Elaine da Silveira Ribeiro. PRÁTICAS SOCIALIZADORAS DA IGREJA SARA NOSSA TERRA: AFINIDADES ELETIVAS ENTRE NEOPENTECOSTALISMO E SOCIEDADE ESCOLARIZADA. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2016.

A proposta deste estudo é analisar as afinidades eletivas entre Neopentecostalismo e Sociedade Escolarizada para isso escolhi a Igreja Sara Nossa Terra (ISNT), classificada como uma igreja neopentecostal e fundada no ano de 1992 por Robson e Lúcia Rodovalho em Brasília/DF. Para a realização da pesquisa realizei um levantamento das práticas socializadoras desenvolvidas por esta instituição religiosa e procurei compreender por meio dessas práticas como a socialização presente em uma instituição neopentecostal aproxima-se da atual sociedade escolarizada. Foi possível observar a prática de leitura, os cursos oferecidos pela ISNT, o incentivo aos estudos, a projeção de um sucesso profissional, a disciplina, a busca pela excelência, o controle de almas e de corpos, o controle de uns sobre os outros. Práticas que se realizam a partir de formas de dominação variadas, ora tradicionais, ora carismáticas, ora racionais, aproximando essas práticas da sociedade escolarizada. A fim de subsidiar as reflexões feitas neste estudo utilizei-me das pesquisas sobre Socialização de Maria da Graça Jacintho Setton, dos conceitos de dominação, racionalização e afinidades eletivas de Max Weber além de um amplo referencial teórico para melhor compreensão da história do protestantismo e pentecostalismo e da sociedade escolarizada.

**Palavras-chave:** sociedade escolarizada, neopentecostalismo, socialização, afinidades eletivas, dominação, racionalização, Sara Nossa Terra.

## **ABSTRACT**

FERRARESE, Elaine da Silveira Ribeiro. SARA NOSSA TERRA CHUCH'S SOCIALIZING PRACTICES: ELECTIVE AFFINITIES BETWEEN NEO-PENTECOSTALISM AND EDUCATED SOCIETY. Master Dissertation. Methodist University of Piracicaba, Piracicaba, 2016.

This dissertation analyzes the elective affinities between neo-pentecostalism and educated society. To do so, I've chosen the Sara Nossa Terra Church (SNTC), categorized as a neo-pentecostal church which was founded in 1992 by Robson and Lúcia Rodovalho at Brasília city, Distrito Federal State in Brazil. I researched the socializing practices performed by this religious institution and I realized through these practices how the socialization present in a pentecostal institution is close to the current educated society. I could observe the reading practices present as well as some courses, the encouragement to study, the discipline, the pursuit of excellence, the control over body and soul and also the control on each other. These practices are done in several forms, sometimes traditionally either charismatically or rationally. The reflexions made in this paper are supported by Maria da Graça Jacintho Setton's researches on socialization and Max Weber's concepts of domination, rationalization and elective affinities in addition to a large theoretical reference to a better comprehension about the pentecostalism and protestantism and also the educated society's history.

**Key-words:** educated society, neo-pentecostalism, socialization, elective affinities, domination, rationalization, Sara Nossa Terra.

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>13</b>
Tema de Estudo .....	15
Problema de Pesquisa .....	16
Objetivo Geral .....	20
Objetivos Específicos .....	20
Justificativa .....	21
Técnicas de Coleta de Dados .....	22
Referencial Teórico Metodológico .....	22
Organização dos Capítulos .....	25
<b>Capítulo 1 – Apontamentos Históricos da Reforma Protestante ao Neopentecostalismo: Um olhar para os Processos Socializadores</b> .....	<b>27</b>
1.1. Reforma Protestante .....	29
1.2. Protestantismo Histórico no Brasil: Evangelizar, Educar ou Civilizar? .....	34
1.3. Pentecostalismo Brasileiro .....	39
1.3.1. Primeira Onda: Pentecostalismo Clássico .....	43
1.3.2. Segunda Onda: Deuteropentecostalismo .....	48
1.3.3. Terceira Onda: Neopentecostalismo .....	55
<b>Capítulo 2 – Análise das Práticas Socializadoras da Igreja Sara Nossa Terra a partir do Conceito de Dominação em Max Weber</b> .....	<b>61</b>
2.1. Levantamento Histórico na Academia .....	64
2.2. Uma leitura a partir da mídia impressa .....	66
2.3. Os fundadores da ISNT e as variadas formas de dominação .....	71
2.4. Práticas Socializadoras, Dominação Legal e Burocracia .....	79
2.4.1. Práticas Socializadoras nos Pequenos Grupos: Socialização e Obediência .....	82
2.4.2. Práticas Socializadoras nos Grandes Grupos: Burocratização e o Avanço a novos Territórios .....	99
2.4.3. Socialização e Mídia .....	106

2.4.4. A literatura como expansão de instrução, doutrina e manutenção de autoridade	110
<b>Capítulo 3 – Agentes Socializadores da ISNT: Racionalização e Desencantamento.....</b>	<b>116</b>
3.1. Agentes Socializadores e a Condução de Vidas .....	119
3.2. Celebrações de Verão: A racionalização da Graça de Deus .....	123
3.2.1. Definindo o Inimigo no mundo .....	124
3.2.2. O Modelo G 12, entre multiplicação, compromisso e submissão .....	132
3.2.3. Recrutando fiéis para a Universidade .....	139
3.3. Celebrações de Inverno: A dominação da Graça .....	141
3.3.1. Habilidade e competência para “crescer” com influência .....	142
3.3.2. Formando a nova geração de “especialistas” .....	148
3.4. Da Graça ao Desencantamento .....	157
<b>Reflexões Finais: Afinidades Eletivas entre Neopentecostalismo e Sociedade Escolarizada</b> .....	<b>161</b>
<b>Referências</b> .....	<b>167</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>176</b>

## **Siglas**

**CPAD** – Casas Publicadoras das Assembleias de Deus

**EETAD** – Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus

**IBAD** – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus

**IBP** – Instituto Bíblico Pentecostal

**ICCB** – Igreja Congregação Cristã do Brasil

**IEQ** – Igreja do Evangelho Quadrangular

**IPAD** – Igreja Pentecostal Assembleia de Deus

**IPBC** – Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo

**IPDA** – Igreja Pentecostal Deus é Amor

**ISNT**- Igreja Sara Nossa Terra

**SGEC** - Secretaria Geral de Educação e Cultura

## Introdução

Toda ‘realização’ científica suscita novas ‘perguntas’: pede para ser ‘ultrapassada’ e superada. Quem desejar servir à ciência tem de resignar-se a tal fato. As obras científicas podem durar, sem dúvida, como ‘satisfações’, devido à sua qualidade artística, ou podem continuar importantes como meio de preparo. Não obstante, serão ultrapassadas cientificamente – repetimos – pois é esse o seu destino comum e, mais ainda, nosso objetivo comum. Não podemos trabalhar sem a esperança de que outros avançarão mais do que nós. (WEBER, Max. 1982, p. 96)

Trabalhar com Max Weber como principal referencial teórico é guardar certo distanciamento em relação aos valores do pesquisador, aquilo que Weber denomina de *neutralidade axiológica*. A separação entre pesquisa científica e os valores do pesquisador são importantes na metodologia de Weber. Mas o autor afirma também que não há qualquer análise objetiva *pura*, já que a própria escolha do objeto de pesquisa está relacionada à subjetividade do pesquisador. A tensão reside, portanto, em realizar uma pesquisa que não seja comprometida com valores preconcebidos. (JASPERS, 1977, 130, 131).

Considerando a presença da subjetividade do pesquisador na escolha do objeto, traço aqui uma breve nota memorial onde descrevo meu percurso. Foi no ano de 2009 que o interesse em pesquisar a igreja Sara Nossa Terra<sup>1</sup> surgiu. Havia ingressado na ISNT em 2007 após ter sido criada pelos meus pais em uma igreja pentecostal (ou primeira onda do pentecostalismo brasileiro) e ali ficar até meus 22 anos, quando a possibilidade de migrar para uma igreja “mais moderna” tomou conta de mim. Assim, fui para uma igreja deuteropentecostal (segunda onda do pentecostalismo) e ali fiquei por seis anos (de 2002 até 2007). Uma nova insatisfação e com isso nova mudança, desta vez para a ISNT. É curioso pensar que, em minha trajetória pessoal, realizei uma longa peregrinação começando em uma igreja pentecostal, em seguida uma igreja deuteropentecostal e chego a uma igreja neopentecostal, ou seja, experimentei as três ondas do pentecostalismo brasileiro, de acordo com a classificação proposta por Freston (1993). Mas, não apenas passei pelas três ondas, estive envolvida em diferentes práticas socializadoras, tais como: professora de Escola Dominical, Secretária do Grupo de Jovens, Coordenadora do Grupo de Jovens, Coordenadora do

---

<sup>1</sup> Utilizarei o nome Igreja Sara Nossa Terra por ser esse o nome fantasia da instituição. Nos documentos da igreja o nome correto é Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra.

Ministério Infantil. Além de organizar teatros, acampamentos, cultos temáticos, viagens, entre outros. E foram dessas peregrinações e de como fui influenciada por elas em minha vida profissional e acadêmica que nasceu o interesse na presente pesquisa.

Em 2009 cursei uma disciplina no Programa de Mestrado em Educação Sócio Comunitária na UNISAL (Universidade Salesiana de São Paulo), Americana/SP sob a orientação do professor Luís Antonio Groppo. Elaborei um projeto de pesquisa que demorou cinco anos para ser, efetivamente, posto em prática, quando concorri no Mestrado em Educação da UNIMEP, na linha de Pesquisa História da Educação. Nesse período já estava lecionando para o ensino fundamental e médio há dois anos, o que despertou ainda mais meu interesse por pesquisa.

Quando fui aceita no PPGE da UNIMEP, em 2014, meu interesse era pesquisar sobre as práticas educativas que ocorriam na ISNT. Que igreja era aquela, com tantas pregações sobre ser um líder, estabelecer metas e lutar por elas? Estudar, trabalhar com dedicação, vencer na vida, eram temas frequentes nas pregações, cursos, palestras e congressos. A ênfase na dedicação ao trabalho e estudos me instigava, eram temas que ainda não tinha observado no pentecostalismo e no deuteropentecostalismo. Temas que haviam, inclusive, despertado em mim o interesse em retomar os estudos e buscar por melhores condições de vida. Queria também compreender como essas práticas estavam contribuindo para a expansão e consolidação da ISNT no Estado de São Paulo.

Mas, como acontece nos processos de pesquisa, as mudanças são certas. Eu havia mudado. Se antes as práticas socializadoras da ISNT me causavam admiração, os sentimentos cinco anos depois estavam às avessas. Mas, ainda assim, o tema me perseguia (ou, eu o perseguia). Como nos afirma Belo,

De fato, não conseguimos enxergar nada que não se vincule àquilo que somos. Existe um sentido em questão, necessário para a narração daquilo que nos chega como experiência. Aquilo que vemos é também produção nossa, em uma dimensão que ao mesmo tempo é individual e coletiva. (BELO, 2011, p. 163).

Eu havia vivido intensamente importantes experiências nas igrejas pelas quais passei e não conseguia enxergar nada para pesquisar que não estivesse vinculado àquilo que vivenciei. O grande problema era: como pesquisar minha própria prática? Como ter rigor metodológico impregnada pelo objeto de pesquisa? Onde buscar embasamento teórico para olhar o objeto mantendo a distância necessária?

A escolha do objeto de estudo foi em 2009, mas, em 2013 o encantamento tornou-se desencantamento<sup>2</sup> e o rompimento com a instituição em níveis de exercer funções ou atividades de liderança aconteceu. O incômodo em relação a algumas práticas religiosas foi tão intenso que, a partir daquele instante meus olhos e ouvidos se bloquearam a ponto de só querer ver aquilo que já estava projetado em meu cérebro. Os pré-conceitos em relação ao estilo de liderança e organização da instituição haviam se formado. A questão é: como fazer pesquisa com conceitos prontos? Com imagens já formadas em minha mente? Fazia-se necessário o distanciamento entre meus valores pessoais e o objeto em questão. Tenho, portanto, consciência de que estive totalmente mergulhada pelo objeto, mas meu esforço se concentrou nos dois últimos anos, em construir uma base teórico-metodológica que me permitisse alguma objetividade possível diante dessa condição. Para realização desse exercício, dessa busca por uma pesquisa objetiva, meu principal recurso foi o referencial teórico escolhido. Antes, porém de apresentá-lo pontuo o projeto de pesquisa que tem norteado este trabalho.

### **Tema de Estudo**

O movimento pentecostal no Brasil tem tomado proporções de crescimento significativo, não apenas quantitativamente, mas em diferentes esferas da sociedade como econômica, educacional, cultural e política. Cada nova igreja possui características diferenciadas, talvez por isso seja tão difícil analisar esse fenômeno bem como classificá-lo. Assim, para a presente pesquisa escolhi a classificação proposta por Freston (1993) que organiza as igrejas pentecostais em: Pentecostalismo Clássico (Primeira Onda), Deuteropentecostalismo (Segunda Onda) e Neopentecostalismo (Terceira Onda).

A proposta deste estudo é analisar as afinidades eletivas entre Neopentecostalismo e Sociedade Escolarizada, para isso escolhi a igreja Sara Nossa Terra, classificada como uma igreja neopentecostal. A ISNT foi fundada no ano de 1992 por Robson e Lúcia Rodovalho em Brasília/DF. Atualmente ela conta com aproximadamente 1,3 milhões de membros e 1080 igrejas e células distribuídas em todo o território nacional e em diversos países da América, Europa e África.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Utilizando aqui a expressão de Maranhão Filho (2013) ao relatar sua experiência pessoal com a igreja Bola de Neve.

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.saranossaterra.com.br/historia-da-sara/>. Acesso em: 21/09/2015.

Para a concretização desta pesquisa realizei um levantamento das práticas socializadoras desenvolvidas por esta instituição religiosa e analisei por meio dessas práticas como a socialização presente em uma instituição neopentecostal aproxima-se da atual sociedade escolarizada.

### **Problema de Pesquisa**

Antes de apresentar o problema que norteia a pesquisa é necessário definir os conceitos que apresentei acima, ou seja, **afinidades eletivas, sociedade escolarizada e práticas socializadoras**.

De acordo com Michael Löwy (2014) o conceito de **afinidades eletivas** não gerou muitos estudos ou debates. É um termo anterior aos estudos de Weber, “É na alquimia medieval que se começa a utilizar o termo afinidade para explicar a atração e a fusão dos corpos (...). A afinidade, assim, é a força em virtude da qual duas substâncias diversas ‘se procuram, unem-se e se encontra’” (LÖWY, 2014, p. 62). O termo foi utilizado por Goethe em um de seus romances<sup>4</sup>, onde fez uma transposição do conceito químico para o social e, posteriormente, Weber o transpõe como um conceito sociológico. Um conceito que ocupou um lugar importante na obra de Weber, **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, pois é nela que o autor procura analisar “a relação complexa e sutil entre essas duas formas sociais” (LÖWY, 2014, p. 63).

O que ele tenta mostrar com o conceito de *Wahlverwandtschaft* é, primeiro, a existência de elementos convergentes e análogos entre uma ética religiosa e um comportamento econômico: o ascetismo puritano e a economia do capital, a ética protestante do trabalho e a disciplina burguesa do trabalho, a valorização calvinista do ofício virtuoso e o *éthos* do empreendimento burguês racional, a concepção ascética do uso utilitário das riquezas e a acumulação produtiva do capital, a exigência puritana da vida metódica e sistemática e a busca racional do lucro capitalista. (LÖWY, 2014, p. 64).

As **afinidades eletivas** apresentadas por Weber ao longo de suas obras<sup>5</sup> não estão ligadas apenas por causalidades, visto que há uma “congruência e atração recíproca” (LÖWY, 2014, p. 65) entre elas. No que diz respeito aos estudos de Weber em **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, o autor pontua as **afinidades eletivas** de um estilo de vida exigido pela religião e o estilo de vida condicionado pelas classes. Weber evita privilegiar motivações religiosas ou o fator econômico e, ao utilizar o conceito de **afinidades eletivas** ele consegue fugir de uma “monocausalidade e de todo o determinismo unilateral” (SÉGUY apud LÖWY, 2014, p. 70), que,

---

<sup>4</sup> O Romance é intitulado **As Afinidades Eletivas** (*Wahlverwandtschaften*) e data de 1809.

<sup>5</sup> Ainda na obra de Michael Löwy ele cita dez modalidades distintas do conceito de afinidade eletiva nos trabalhos de Weber.

para ele, não dão conta da complexidade das relações entre comportamentos econômicos e religiosos.

Partindo do uso weberiano do termo, Löwy apresenta a seguinte definição para afinidade eletiva:

A afinidade eletiva é o processo pelo qual a) duas formas culturais/religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas ou b) uma forma cultural e o estilo de vida e/ou os interesses de um grupo social entram, a partir de certas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, numa relação de atração e influência recíprocas, de escolha ativa, de convergência e de reforço mútuo.

(...) o conceito de afinidade eletiva pode se aplicar a muitos domínios – desde que não seja confundido com o simples parentesco ideológico inerente às diversas variantes de uma mesma corrente social ou cultural (...). A eleição e a escolha recíproca implicam em uma distância prévia, uma diferença cultural que deve ser preenchida, uma descontinuidade ideológica. (LÖWY, 2014, p. 73).

Ao definir o conceito de afinidade eletiva, o autor pontua o que a caracteriza bem como em que condições é possível utilizar esse domínio. Assim, baseado nessas definições, pretendo apresentar ao longo do texto as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada.

Sobre o termo **sociedade escolarizada**, entendo que vivemos em uma sociedade moderna, capitalista, escolarizada, racional entre tantas outras características que poderia apresentar para o atual contexto histórico, até porque esses atributos se fundem a partir do século XVI. Porém, ao observar a sociedade contemporânea, opto por fazer um recorte na **escolarização**, justamente pelo papel privilegiado que a escola assume a partir do século XVIII com a industrialização e o amadurecimento do sistema capitalista. Se antes a igreja era a instituição referência da sociedade, inclusive como modelo a ser seguido pela escola, os papéis foram invertidos e a escola, ao longo dos últimos séculos, assumiu o papel de instituição referência na sociedade.

A escola moderna veio para atender a necessidade da burguesia industrial e formar “mão de obra qualificada”, ou seja, mentes e corpos domesticados para o trabalho. A escola que atendia aos interesses de ordens religiosas cujo objetivo principal era a catequização e doutrinação do espírito estava defasada diante das novas necessidades da sociedade moderna, era preciso disciplinar os corpos. Foi nesse modelo que a forma escolar e o ensino escolar obrigatório se espalharam por todo o mundo. Assim, de acordo com Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 28), “a escola torna-se o lugar cada vez mais central, o ponto de passagem obrigatório para um número cada vez maior de sujeitos sociais que se destinam a tipos de atividades e a posições sociais muito

diferentes”. E, como nos afirma Illich (1985, p. 14) “não apenas a educação, mas também a própria realidade social tornou-se escolarizada”.

Portanto, sobre sociedade escolarizada apreendo a generalização da forma<sup>6</sup> escolar, ou seja, a condição/característica que toda a transmissão de saber nos diferentes espaços sociais (empresa, igrejas, esportes) são submetidos à uma lógica escolar. Vivenciamos uma pedagogização das relações sociais de aprendizagem. Uma sociedade que não consegue pensar a educação a não ser de acordo com o modelo escolar e isso inclui os mais diversos modelos de instituições e grupos sociais. Essa escolarização pode ser observada nos diferentes espaços sociais, na forma como as atividades são organizadas, no tempo racionalizado, nos métodos de ensino, na importância das regras na aprendizagem, na repetição de exercícios, na uniformidade, entre outras. O modo de socialização escolar se impôs a outros modos de socialização. (VINCENT, LAHIRE, THIN, 2001). Ainda de acordo com Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 38), “a escola e a escolarização foram desenvolvidas até se tornarem essenciais na produção e reprodução de nossas formações sociais, das hierarquias, das classes... que as constituem”.

É importante pontuar também que forma escolar é diferente da instituição escolar. Algumas formas sociais atravessam diversas instituições, como, por exemplo, a forma escolar das relações sociais não se detém às portas da instituição escolar e o inverso também acontece, a instituição escolar pode ser atravessada por diferentes formas de relações sociais, como família, religião entre outros. (VINCENT, LAHIRE, THIN, 2001). E, justamente na predominância da forma escolar nas diferentes instituições sociais e como essa forma se tornou essencial na produção e reprodução das formações sociais é que entendo a importância de analisar as afinidades entre a **sociedade escolarizada** e o **neopentecostalismo**, pois, como apresentarei posteriormente, é uma religião cujas práticas socializadoras se dão a partir do modelo escolar de socialização.

Já em relação as práticas socializadoras parto, primeiramente, do conceito de socialização, em que:

(...) a socialização é entendida como uma área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade. Na sua dimensão produtora, difusora e reprodutora a socialização pode focar as instituições como matrizes de cultura, enfatizar as estratégias de transmissão e, portanto, de transformação dos valores dos grupos sociais, além de explorar as disposições de cultura

---

<sup>6</sup> De acordo com Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 9), “a forma é, antes de tudo, aquilo que não é coisa, nem ideia: uma unidade que não é a da intenção consciente”. Os autores apresentam que a forma escolar enquanto configuração sócio-histórica surge no século XVI.

incorporadas pelos indivíduos ao longo de suas experiências de vida. Nesse sentido, ela deixa de ser apenas uma noção de integração explicitamente vinculada a uma tradição sociológica para ser vista de modo mais abrangente, como processo construído coletiva e individualmente e, capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo. (SETTON 2012, p. 17).

Entendo que o conceito de socialização me permitirá abranger uma infinidade de processos de forma mais ampla do que ao trabalhar apenas com a noção de educação ou processos educativos. Ainda de acordo com Setton (2012, p. 18), os processos educativos são considerados como práticas intencionais, conscientes e sistemáticas enquanto que no processo de socialização além de agregar as noções anteriores, há uma série de outras ações não intencionais e inconscientes que ao ser adquiridas homeopaticamente, seja na família, escola ou religião, acabam participando na construção dos seres e das realidades sociais.

Busco, portanto, compreender as práticas socializadoras intencionais desenvolvidas pela ISNT, tais como, as estratégias de crescimento, a comunicação de massa, a literatura, os principais eventos da instituição. Além das práticas socializadoras não intencionais, como a manutenção da obediência por meio da dominação, ou seja, o controle de almas e corpos e o controle de uns sobre os outros, que são processos mais que educativos, são processos socializadores, pois, apesar de não ser tão perceptível, eles se realizam de formas de dominação variadas e se explicitam numa violência simbólica.

Ao refletir sobre a teoria da socialização, Setton (2012) observou que a cultura da modernidade tem impresso uma nova prática socializadora, diferente das demais verificadas historicamente, sendo que, o processo de socialização das sociedades atuais é um espaço plural de múltiplas referências identitárias (família, religião, escola, mídia, entre outras) e o indivíduo tem encontrado condições de forjar um sistema híbrido de referências disposicionais, mesclando as diversas influências. Já não há uma centralidade de uma única agência de socialização responsável pela formação de disposições de cultura do indivíduo. (SETTON, 2012, p. 08, 12).

O conceito de socialização tem passado por reestruturações desde os anos 80 do século passado, são discussões a fim de atualizar a noção de socialização, já que, conforme nos aponta Setton (2012, p. 35) “as novas formas de socializar-se são mais tensas, heterogêneas, complexas, contraditórias e não unitárias, se comparadas as vividas há cinquenta anos”. As instituições não são mais vistas como máquinas para reproduzir, inculcar, controlar ou destruir toda a individualidade, ou seja, a formação do indivíduo contemporâneo não seria consequência de um sistema exclusivo de determinações estruturais. Também não significa que a questão seja escolher o indivíduo em

detrimento do sistema. Não é possível partir apenas das condições externas do indivíduo ou apenas de suas experiências e reflexões, como nos afirma a autora, “Longe de ser uma tarefa simples, é necessário ter consciência dos limites epistemológicos que cercam a compreensão do fenômeno. É mister o entendimento das circunstâncias históricas concretas, dos objetos e sujeitos das investigações”. Assim, é importante que se tenha claro, nos processos de pesquisa, se a ênfase será dada na instituição e em sua força socializadora ou nos indivíduos que a compõem.

Ainda de acordo com Setton (2012, p. 38, 38) cabe ao pesquisador da sociologia das socializações, debruçar-se sobre as estratégias de constituição dos poderes a fim de abrir espaço para a compreensão da estrutura de dominação das sociedades contemporâneas. Para isso,

É preciso lembrar que em todo processo socializador deve-se identificar e analisar a variação e a história da força de recursos que cada agente ou instituição acumulou ao longo de sua trajetória. Socializados e socializadores, no espaço de luta simbólica de socialização, têm poderes, mas certamente diferenciados entre si. (SETTON, 2012, p. 37)

Assim, o problema que se coloca nesta pesquisa é: **Quais são as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada?**

### **Objetivo Geral**

Por meio da pesquisa, tenho como objetivo pontuar as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada, analisando as práticas socializadoras da ISNT, apoiando-me no conceito weberiano dos tipos de dominação e no conceito de racionalização.

### **Objetivos Específicos**

- Entender como se dá o processo de socialização na ISNT por meio do levantamento e análise de suas práticas e dos discursos dos seus principais agentes socializadores.
- Compreender como a sociedade escolarizada favorece e revitaliza os processos socializadores da ISNT ao mesmo tempo em que a instituição tem respondido positivamente a essa sociedade.

## **Justificativa**

O desenvolvimento dessa pesquisa, neste último ano, foi acompanhado de notícias tristes, decorrente de intolerâncias religiosas<sup>7</sup>, fundamentalismo, leis reacionárias que assolam o Brasil, violência física e simbólica contra minorias<sup>8</sup>. A Câmara dos Deputados, em total desrespeito ao país laico que é o Brasil, tem barrado leis importantes, que podem atender e beneficiar minorias e, aprovado, das formas mais inescrupulosas possíveis<sup>9</sup>, leis que simbolizam um retrocesso político e social. Tenho acompanhado a bancada, que se diz evangélica e “usa” trechos isolados da Bíblia a fim de justificar o apoio a pautas conservadoras, em alianças com a Frente de Segurança Pública (“Bancada da Bala”) e com grupos de ruralistas que estão no congresso (“Bancada do Boi”).<sup>10</sup> Esse contexto, aqui brevemente descrito em posicionamentos políticos que, certamente, marcam uma posição pessoal, se inserido no crescimento das igrejas evangélicas no país, faz com que haja uma justificativa social para a realização desta pesquisa. Faz-se necessário conhecer melhor estas instituições religiosas e suas práticas, especialmente em função de seu crescimento e atuação política.

Este tema é igualmente relevante para a Educação, pois, apesar do grande crescimento dos neopentecostais no país, a produção acadêmica ainda é incipiente e as pesquisas existentes são, em grande parte, voltadas à Antropologia, Sociologia e Ciências das Religiões. Pesquisas sobre igrejas neopentecostais e educação são praticamente nulas. No entanto, não se pode negar, que a religião, assim como a família, a mídia e a escola é uma importante matriz de cultura, responsável em parceria com outros processos socializadores, pela constituição do sujeito.

---

<sup>7</sup> Entendo por intolerância religiosa um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a diferentes crenças e religiões. Em muitos casos a intolerância religiosa pode manifestar-se por meio de perseguições, violência física e verbal, isolamento, humilhações entre outros.

<sup>8</sup> Como exemplo de violência física apresento o caso de Kailane Campos, de 11 anos, praticante da religião afro-brasileira, que levou uma pedrada de um neopentecostal, ao sair do culto, no dia 16/06/2015, na baixada fluminense, RJ. Em relação à violência simbólica, apresento o ódio por parte de grupos evangélicos, principalmente pentecostais e neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras e a fobia contra homossexuais.

<sup>9</sup> Me refiro aqui, as aprovações realizadas na Câmara dos Deputados, em junho de 2015, por meio de articulações políticas de Eduardo Cunha, do Financiamento privado de campanhas nas eleições e a Lei da Maioridade penal para 16 anos. Em ambas as situações haviam sido rejeitadas e, um dia depois, foram aprovadas.

<sup>10</sup> Foi a deputada petista Erika Kokay, quem primeiro utilizou a expressão “bancada BBB” para definir os parlamentares conservadores que fazem parte da bancada do boi, bala e bíblia. Uma expressão que tem se difundido entre os parlamentares de partidos de esquerda, que identificam nessa articulação uma ameaça aos direitos humanos e das minorias.

A pesquisa sobre a ISNT que aqui apresento trará contribuições no campo educacional no sentido de compreender as práticas socializadoras de uma igreja neopentecostal, bem como seus mecanismos e como essas práticas se realizam.

### **Técnicas de Coleta de Dados**

Após a definição do tema, do problema, objetivos e justificativas do projeto de pesquisa chego a um momento também fundamental, a metodologia utilizada. Trata-se do “como” encontrar respostas para o problema delimitado (GROPPO, MARTINS, 2009, p.44).

A técnica de coleta de dados utilizada é a **pesquisa bibliográfica**, a busca se deu por meio de livros, revistas científicas, teses, dissertações e internet. As fontes analisadas para a pesquisa foram bibliográficas (por meio dos livros dos fundadores<sup>11</sup>, Robson e Lúcia Rodovalho e manuais da igreja), audiovisuais (DVDs) e info-eletrônicas (sites pessoais dos líderes, páginas de relacionamento, site oficial da igreja). Dada minha proximidade com o objeto de estudos, as fontes bibliográficas me pareceram a melhor opção para criar algum tipo de afastamento em relação ao objeto de estudo. Excluí, portanto, entrevistas e questionários.

### **Referencial Teórico Metodológico**

O referencial teórico escolhido para esta pesquisa parte das proposições de Max Weber. Busco em alguns dos seus conceitos “o melhor ângulo de abordagem para captar a realidade como tal” (VIEIRA, 2006, p. 25). Weber é um teórico que navega por diversas áreas de conhecimento, Direito, Educação, História, Filosofia, Sociologia e Religião e, os conceitos por ele trabalhados me servirão como ferramentas úteis para trilhar o caminho proposto. Trabalharei com o conceito de **Afinidades Eletivas, Tipo Ideal de Dominação, Burocracia e Racionalização**. Destaco também que a Sociologia desenvolvida por Weber é uma Sociologia Compreensiva e a objetividade da ciência está no centro da epistemologia do autor. Apresento inicialmente os principais conceitos, porém, um aprofundamento no uso desses conceitos como ferramental analítico encontra-se ao longo do texto.

---

<sup>11</sup> Utilizo os livros de Robson e Lúcia Rodovalho como documentos a serem analisados e não como referências bibliográficas.

O conceito weberiano de **tipo ideal** representa esquemas conceituais exagerados do fenômeno concreto para permitir a comparação com a realidade empírica de modo mais objetivo e científico. Esta é uma das importantes ferramentas de Weber.

O sistema de tipos ideais expõe como se desenvolveria uma forma particular de ação social se o fizesse racionalmente em direção a um fim e se fosse orientada de forma a atingir um e somente um fim. Assim, o tipo ideal não descreveria um curso concreto de ação, mas um desenvolvimento ideal (TOMAZETTE, 2008).

Nesse contexto, Jaspers (1977, p. 129) ao analisar o conceito construído por Weber de tipos ideais apresenta-os como instrumentos metodológicos para se chegar à realidade, um conceito referente a sentidos a fim de medir o real para que, “na medida que haja correspondência, apanhar o real de maneira precisa e para trazer à luz com nitidez aquilo em que não haja correspondência entre o tipo e o real”. Jaspers apresenta os conceitos de tipo ideal como fecundos para o conhecimento concreto do real. Eles devem ser bem delineados, lembrando-se, porém, que ele (tipo ideal) não é a realidade, esta é “um fluxo, nela tudo parece se entremear difusamente”. (JASPERS 1977, p. 129)

Para a pesquisa utilizarei os três tipos puros de dominação legítima. De acordo com Weber (1999, p. 128), dominação é “a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de um determinado grupo de pessoas”. A dominação apresentada por Weber está relacionada à autoridade exercida de uma pessoa para outra ou para um grupo, que pode estar submetida ao outro por diferentes motivos. **Se há interesse** em obedecer há uma autêntica relação de dominação.

Na **dominação legal** ou racional, seu tipo mais puro é a burocracia, que é baseada na legitimidade das ordens estabelecidas e do direito de mando daqueles que foram nomeados chefes para exercer a dominação. Essa é a forma de domínio mais impessoal de todas. (WEBER, 1999, p. 128,129). A **dominação tradicional** é baseada nas tradições. Não há uma escolha baseada em qualidades profissionais, mas sim de acordo com costumes familiares ou grupais. O dominador é um senhor pessoal e seu quadro administrativo não é formado por funcionários e sim por servidores pessoais. Existe uma fidelidade pessoal em servir (WEBER, 1999, p 131). Já a **dominação carismática**, dá-se devido à devoção afetiva à pessoa do senhor, seja por seu caráter exemplar, seu poder heroico ou ordens por ele criada ou revelada (WEBER, 1999, p. 134). O líder carismático em Weber é aquele com virtudes ou qualidades sobrenaturais, um enviado por deus. A validade da liderança carismática vai até o momento em que os dominados reconhecem essa liderança. A partir

do instante que esse líder é abandonado por seu deus ou perde suas forças místicas, não trazendo bem-estar aos dominados, ele perde sua autoridade carismática.

O autor afirma também que o carisma puro é alheio à economia. No tipo puro de carisma há um desprezo em relação ao aproveitamento econômico dos dons como fonte de renda, ainda que eles busquem meios materiais para a manutenção do seu poder, não há interesse na economia tradicional ou racional. Em contrapartida, quando a dominação carismática assume uma relação permanente com seus dominados, o seu caráter tradicionaliza-se ou racionaliza-se (ou ambos) em vários aspectos.

Assim, a dominação carismática entra naquilo que Weber chama de **rotinização do carisma**, trazendo consigo, a regulação para o recrutamento de um novo líder, pelo estabelecimento de normas. As normas carismáticas podem se transformar em estamentos tradicionais e há criação de novos cargos pelo quadro administrativo. (WEBER, 2000, p. 161).

Sobre **burocracia**, Weber entende-a como o exemplo mais bem-sucedido da história da administração pública, caracterizada pela eficiência e rapidez na organização dos negócios públicos. A burocracia é o corpo mais racional e eficaz da ação governamental.

A administração puramente burocrática, portanto, a administração burocrático-monocrático mediante documentação, considerada do ponto de vista formal, é, segundo toda a experiência, a forma mais racional de exercício de dominação, porque nela se alcança tecnicamente o máximo de rendimento em virtude de precisão, continuidade, disciplina, rigor e confiabilidade, – isto é, calculabilidade tanto para o senhor como para os demais interessados - intensidade e extensibilidade dos serviços, e aplicabilidade formalmente universal a todas espécies de tarefas. O desenvolvimento de formas de associação “modernas” em todas as áreas (Estado, Igreja, exército, partido, empresa econômica, associação de interesses, união, fundação e o e o que mais seja) é pura e simplesmente o mesmo que o desenvolvimento e crescimento contínuo da germinativa do moderno Estado ocidental. (...). Toda nossa vida cotidiana está encaixada nesse quadro. (WEBER, 2000, p. 145, 146).

A sociedade moderna se organiza de forma burocrática já que, é neste modelo de organização que o poder é exercido. A burocracia garante o controle e o rendimento e toda a sociedade moderna encontra-se debaixo desse contexto.

Além da burocracia, pretendo trabalhar com o conceito weberiano de racionalização, que “não deve ser confundida de maneira alguma com a pretensa racionalidade imanente à História que arrastaria o dever humano em um movimento de progresso universal” (FREUND apud MARIZ, 2003, p. 71). A racionalização em Weber está longe de maior liberdade ou progresso humano, é

uma racionalização que poderia levar à sociedade moderna a prender-se em uma jaula de aço (WEBER apud MARIZ, 2003, 72).

A racionalização ocidental é um dos tipos de racionalização estudada por Weber, que pode ser identificada “a um processo crescente de intelectualização com elaboração de princípios, regras, critérios que pretendem ter validade universal e coerência interna, num projeto próximo ao do matemático” (WEBER apud MARIZ, 2003, 72).

### **Organização dos Capítulos**

No primeiro capítulo, **Apontamentos Históricos da Reforma Protestante ao Neopentecostalismo: Um olhar para os Processos Socializadores**, apresento um reconhecimento histórico a partir da Reforma Protestante pontuando processos socializadores possíveis de serem observados em cada período. Para tanto, amplio o entendimento de socialização como um conceito que tem passado por reestruturações desde a década de 1980 e abordo a relação educação e religião a partir dos eixos de cultura e socialização, como proposto por Setton (2012, p. 91, 92).

No período em que ocorreu a Reforma, as religiões, na cultura ocidental, são vistas como uma das mais importantes agências de socialização. Posteriormente, principalmente após a Revolução Industrial, a instituição escolar é quem recebe essa função. Já no protestantismo brasileiro percebe-se como os processos socializadores influenciaram profundamente os fiéis, possibilitando a esses, nova postura ante a sociedade. E por fim, o pentecostalismo, em suas três ondas, apresentam processos socializadores que dialogam com a sociedade de cada época travando tensas e intensas relações entre ambos.

O segundo capítulo, **Análise das Práticas Socializadoras da Igreja Sara Nossa Terra a partir do Conceito de Tipo Ideal de Dominação em Max Weber**, apresento um levantamento das pesquisas já realizadas na academia sobre a ISNT e reportagens da mídia impressa sobre a instituição. Posteriormente, exponho um breve histórico da instituição bem como dos líderes fundadores, que são seus principais agentes socializadores. O objetivo do capítulo foi analisar as principais práticas socializadoras da ISNT (o modelo celular G12, eventos, mídias e literaturas) a partir do conceito weberiano de tipos ideais de dominação. Após as análises apresento como essas práticas entram em “afinidades de sentido, numa atração e influência recíproca” (LÖWY, 2012, p. 73) com a sociedade escolarizada, haja vista, que são práticas submetidas à uma lógica escolar, ou seja, práticas baseadas em uma organização burocrática, líderes com títulos e especializações,

ensino aos fiéis por meio de manuais com regras de aprendizagem, repetição de exercícios, uniformidade nos processos socializadores, controle de uns sobre os outros.

Já no terceiro capítulo, **Agentes Socializadores da ISNT: Racionalização e Desencantamento**, analiso como se dá o ensino das práticas socializadores da ISNT por meio dos bispos principais da igreja e como esses ensinamentos são fortemente marcados pela racionalização. Início o capítulo com um breve levantamento sobre o processo de racionalização em Max Weber. E, para análise do ensino ofertado pelos agentes, escolhi como fonte os discursos proferidos por eles em dois grandes eventos da ISNT, a Celebração de Verão e Celebração de Inverno de 2013. Por meio dessas análises será possível observar que a força da ISNT consiste em sua organização burocrática baseada em regras, metas, números, submissão.

Por fim, nas **reflexões finais**, apresento algumas afinidades eletivas entre o neopentecostalismo e a sociedade escolarizada e como a sociedade escolarizada tem favorecido e revitalizado as práticas socializadores nas religiões neopentecostais ao mesmo tempo em que essas religiões têm respondido a essa sociedade, ou seja, a atração e a influência entre ambas se revelam.

## Capítulo 1 - Apontamentos Históricos da Reforma Protestante ao Neopentecostalismo: Um olhar para os Processos Socializadores

Porquanto, embora o homem moderno, mesmo com a melhor das boas vontades, geralmente não seja capaz de imaginar o **efetivo** alcance da significação que os conteúdos de consciência religiosos tiveram para a conduta de vida, a cultura e o caráter de um povo, não cabe contudo, evidentemente, a intenção de substituir uma interpretação causal unilateralmente “materialista” da cultura e da história por uma outra espiritualista, também unilateral. **Ambas são igualmente possíveis**, mas uma e outra, se tiverem a pretensão de ser, não a **etapa preliminar**, mas a **conclusão** da pesquisa, igualmente pouco servem à verdade histórica. (Max Weber, 2004, p. 167, grifo do autor).

Este trabalho consiste em um levantamento das afinidades eletivas entre o neopentecostalismo e a sociedade escolarizada por meio de um estudo das práticas socializadoras desenvolvidas pela igreja Sara Nossa Terra. Antes, porém, apresento um reconhecimento histórico do caminho trilhado da Reforma Protestante até o Neopentecostalismo (ou Terceira Onda do Pentecostalismo Brasileiro) (FREESTON, 1993). Assim, neste capítulo, pretendo abordar de forma sucinta os aspectos históricos do movimento protestante, bem como, por meio desse reconhecimento histórico, já ir demarcando alguns processos de socialização possíveis de serem observados em cada fase do protestantismo e pentecostalismo. Este é um trabalho para pensar a relação educação e religião e, para isso, pretendo que o eixo mediador seja a socialização.

Sabe-se que a religião, assim como a família, a escola e as mídias, é um espaço produtor de valores morais e identitários, responsável muitas vezes pela formação de consciência. Ela é capaz de forjar **habitus**, um **modus operandi** de pensamento, bem como um sistema de disposições orientador de condutas (SETTON, 2012, p. 91). No mundo ocidental, o cristianismo é ainda a religião com o maior número de adeptos e com maior influência no contexto social. Ao olhar para os estudos da História da Educação percebe-se que Cristianismo e Educação estiveram interligados. A igreja Católica durante parte importante da Idade Média preocupou-se com o ensino. Foram escolas paroquiais, catedrais e monacais que ensinavam as primeiras letras, gramática, retórica, filosofia e ensino religioso. Do século XIV até aproximadamente o século XVIII não era cabível pensar a educação sem a influência religiosa do catolicismo, já que era ela a responsável pelo sistema de ensino (HILSDORF, 2006).

O distanciamento entre educação e religião inicia-se a partir da Revolução Industrial. A instituição escolar passa a ter novos objetivos, atender às necessidades da burguesia industrial,

formando uma mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. O racionalismo e a burocracia adentram aos espaços escolares para que estes consigam responder aos anseios de uma nova sociedade. No Brasil, também houve mudanças. A Constituição Republicana de 1891 instituiu separação Estado-Igreja e o catolicismo, que era a religião oficial no país, passa a responsabilidade do ensino ao Estado. Ao menos oficialmente, religião e educação deveriam se afastar, o que não significa, porém, que ela tenha deixado de ser uma importante matriz de cultura.

Setton, para pensar as relações educação e religião, toma como eixo as noções de cultura e socialização,

refletir sobre as religiões partindo do ponto de vista da educação é admiti-la enquanto produtora de cultura. É também admitir que a cultura das religiões, as formas simbólicas, os bens de cultura produzidos pelas crenças religiosas, nas suas mais variadas formas, auxiliam, juntamente com valores produzidos e valorizados pela família, pela escola e pelo trabalho, a se constituir enquanto sujeitos, indivíduos, cidadãos, com personalidade, vontade e subjetividade distintas. Em síntese, conceber as religiões como matrizes de cultura é considerá-las enquanto sistemas de símbolos com linguagem própria, distinta das demais matrizes de cultura que compõem o universo socializador do indivíduo contemporâneo.

Propõe-se além disso, aproximar as noções de educação e socialização, socialização essa compreendida aqui como um processo que busca a construção de um ser adaptado a um universo social. De caráter contratual, revestida de um forte conteúdo moral e ético, a socialização implica a negociação de padrões de comportamento definidos e legitimados **a priori**. (SETTON, 2012, p 92, 93).

Percebe-se que os sistemas religiosos exercem uma grande influência no indivíduo. Como nos afirma a autora, a religião é uma produtora de cultura com linguagem própria bem como um espaço socializador, tendo por um de seus objetivos a construção de um ser adaptado ao universo social. Na concepção de Setton (2012, p. 95): “A religião e suas estratégias de convencimento, sociabilidade e controle seriam práticas e ou estratégias pelas quais os indivíduos e os grupos se mantêm coesos ou se dissociam com base na comunhão ou da diferenciação de sentidos”.

Nesse contexto, é possível refletir sobre a religião cristã que, no ocidente, possuiu um dos principais processos de socialização, inclusive estendendo sua influência para a escola e família, demarcando toda a sociedade com elementos religiosos e com grande força na imposição de comportamentos e na regulação social. Contudo, atualmente, ainda que o cristianismo tenha importância na conduta de vida, é a forma escolar de socialização que se tornou hegemônico, ou seja, o modo escolar de socialização se impôs sobre outros modos de socialização. E, neste primeiro capítulo ao abordar os aspectos históricos da Reforma Protestante ao Neopentecostalismo pretendo

também entender esse processo em que, se antes, a instituição escolar olhava para a igreja e apreendia com suas formas, hoje é a igreja que olha para a instituição escolar e apreende.

Portanto, para o reconhecimento histórico que se pretende realizar neste capítulo, pontuando os processos de socialização possíveis de serem observados nas diferentes fases do protestantismo e pentecostalismo. É importante destacar que a ênfase nos processos socializadores se dará a partir das instituições e agentes socializadores, no entendimento, porém, de que o conceito de socialização passou por mudanças e reestruturações e que, em concordância com Setton (2012), socializados e socializadores se encontram em um espaço de luta simbólica e ambos têm poderes, porém diferenciados entre si.

### **1.1. Reforma Protestante**

O movimento da Reforma deixou marcas em todos os contextos da sociedade ocidental, com mudanças. Pode-se dizer que a Reforma Protestante, historicamente se dá em 1517, quando o Monge Martinho Lutero (1483 – 1546) tem ações contra a igreja católica, com destaque para a publicação de suas 95 teses protestando contra as diversas doutrinas da igreja católica “não somente às indulgências, mas a todo um conjunto de atitudes sociais, políticas e religiosas associadas aos ensinamentos da igreja” (BARBOSA, 2007, p. 12).

O termo “Reforma” é criação dos historiadores e não foi utilizado no período em que ocorreu o movimento. De acordo com Barbosa (2007, p. 12) “O próprio termo ‘Reforma’ pode indicar uma posição de valor, sugerindo que as mudanças que se pregavam para a Igreja eram para melhor e corrigiam o que estava errado”. Ainda em suas pesquisas, Keith Randell (apud BARBOSA, 2007, p. 12) afirma que o conceito da Reforma foi uma grande propaganda para o protestantismo, porém não há possibilidades de abandonar o conceito ou mudar sua denominação, mas faz-se necessário, ao aceitar o termo em um estudo, o risco que se tem de engolir pressuposições questionáveis as quais são ao mesmo tempo, julgamento de valor. Em concordância com Barbosa (2007, p.12) na pesquisa atual uso o termo ‘Reforma’ para referenciar o movimento da Reforma Protestante do século XVI, por questões de convenções e não com pretensões de algum valor de julgamento.

A Reforma que teve início com Lutero alcançou a inquietação que perpassava o contexto social da época. Pessoas de todos os níveis sociais, religiosos, políticos e governantes estavam insatisfeitos. O reformador recebeu apoio de religiosos e governantes da época. “Entre os religiosos

havia abades, bispos e até mesmo cardeais que, atendendo aos anseios por mudanças, se preocupavam em fazer propostas de reformas” (BARBOSA, 2007, p. 45). O movimento que começou na Alemanha, rapidamente se espalhou por outros países da Europa, como Suíça, França, Países Baixos, Reino Unido, entre outros. Com a Reforma, a Igreja do Ocidente dividiu-se entre os católicos romanos e os reformadores protestantes.

As teses escritas por Lutero foram rapidamente copiadas, impressas e espalhadas. A igreja não demorou a se posicionar, abrindo um processo contra Lutero por heresia. No ano de 1521, Lutero foi excomungado da igreja católica pelo papa Leão X. O Reformador recebeu exílio por parte do príncipe Frederico III, também conhecido como Frederico, o Sábio, no Castelo de Wartburg em Eisenach, onde permaneceu por cerca de um ano, período que trabalhou na tradução do Novo Testamento para o alemão. Em 1522 o Novo Testamento foi impresso. A pressão contra a igreja exigindo a reforma tornou-se cada vez maior, padres abrindo mão do celibato e casando-se, sacerdotes católicos sendo assassinados e substituídos por religiosos com formação luterana.

A Alemanha passava naquele período por uma crise de economia senhorial, e com a Reforma talvez fosse possível expropriar as terras da Igreja Católica. Em 1524, houve uma reforma camponesa liderada por Thomaz Munzer contra a nobreza imperial, eles lutavam por uma sociedade sem diferenças entre ricos e pobres. Essa não era a reforma almejada por Lutero, que era contra qualquer tipo de violência e acreditava que a existência de senhores e servos era a vontade divina. (WEBER, 2004, p. 76,77)

Alguns grupos protestantes eram ainda mais radicais, como os Anabatistas, que lutavam pela separação total entre igreja e estado e um “novo batismo”<sup>12</sup>. Havia uma desvalorização dos sacramentos, como batismo e santa ceia, além de seguirem com uma vida apolítica, ou seja, não tinham nenhuma ligação com a vida política, seja votar, servir ao exército entre outros. (WEBER, 2004, p. 131 – 133).

Enquanto, na Alemanha, Lutero estava à frente da Reforma, na França e na Suíça, os líderes, eram João Calvino e Ulrico Zuínglio. Na Inglaterra, esse movimento teve outro curso: o Rei Henrique promoveu a Reforma Inglesa por interesses pessoais. O rei era casado com Catarina de

---

<sup>12</sup> Para Orivaldo Pimentel Lopes Júnior (2010, p. 175) foram os reformadores anabatistas, menonitas, seguidores de Müntzer, de Servetto e outros, que trouxeram algo de realmente novo, já que para esses o reino de Deus consistia em uma experiência íntima com Deus e não deveria ser representada por uma instituição. Foram grupos que lutaram por liberdade de escolha, seja na sociedade como em relação à igreja, eles acreditavam que uma pessoa só deveria frequentar uma igreja por sua livre vontade e, justamente por isso, eram contrários ao batismo infantil.

Aragão, que não podia lhe dar um filho homem, Henrique solicitou a anulação de seu casamento ao papa Clemente VII, que recusou seu pedido, levando o rei à promoção da Reforma Inglesa. Na Escócia, John Knox (1502-1572), que estudou com Calvino em Genebra, convenceu o Parlamento a abraçar a Reforma Protestante, estabelecendo-se na Escócia o Presbiterianismo. Nos Países Baixos, a Reforma foi iniciada por movimentos populares que, por sua vez receberam apoio de reformadores que chegavam fugindo da perseguição Católica Romana. Na Hungria, o protestantismo expandiu-se com o auxílio da minoria étnica alemã, que traduzia os escritos de Lutero. O Calvinismo em contrapartida ganhou a população de etnia húngara.

Vale destacar que, conforme os reformadores foram firmando raízes por toda a Europa, as diferenças dogmáticas foram surgindo impedindo a unidade interna das comunidades. De acordo com Weber (2004, p. 87) o protestantismo ascético teve como portadores o calvinismo, o pietismo, o metodismo e as seitas nascidas do movimento anabatista. Já o luteranismo não se enquadra no protestantismo ascético, ainda que nos ensinamentos de Lutero a salvação não seja resultado de esforço humano, essa natureza não deve produzir no crente a isenção diante das responsabilidades no mundo. A palavra *Beruf* (traduzida por vocação ou profissão) é, segundo Weber, do Luteranismo e apresenta que a valorização da vida profissional é uma forma de agradar a Deus. Em Lutero cada cristão deve agradar a Deus na vocação que foi chamado, já no protestantismo ascético, principalmente no Calvinismo, há a busca por profissões melhores e mais rentáveis, além do acúmulo de capital. A reforma veio, portanto, para unir dois reinos (sacro e o profano) (PIRES, 2011, p. 35).

O Movimento da Reforma influenciou toda a Europa. A forma como ela se espalhou por quase todos os países europeus e encontrou seguidores, mostra a inquietação que perpassava aquele período da história. A educação, talvez, tenha sido uma das áreas mais influenciadas pela Reforma e depois pela Contra-Reforma, já que os religiosos se utilizavam da educação como visibilidade de domínio. Isso se fazia principalmente com a construção de colégios. Tanto os colégios de confissão protestante como os de confissão católica eram utilizados como “instrumentos de propaganda e controle da ortodoxia doutrinária de suas respectivas igrejas” (HILSDORF, 2006, p. 69).

Para Weber (2004, p. 30, 31, grifo do autor), a Reforma trouxe “uma **outra** dominação eclesiástica sobre a vida em geral”, uma dominação em todas as esferas da vida doméstica e pública do indivíduo. Os cristãos reformados sofriam uma pressão para que sua conversão refletisse em

seu dia-a-dia, principalmente em suas vidas profissionais e para isso a escolarização era essencial. Os filhos de protestantes calvinistas frequentavam em maior número as universidades em busca de aprimoramento para profissões comerciais e empresariais. O intuito era provar, “por meio de sua vitória material, a sua dignidade, honra e força espiritual, ou seja, de fato ser o predestinado para a salvação.” (CARVALHO, 2004, p. 31)

Carvalho (2004, p. 31) observa que a preferência dos protestantes por escolas técnicas nos séculos XVII e XVIII, visando trabalho em empresas e fábricas, ou seja, uma educação técnica dirigida ao trabalho, predomina nos dias de hoje, tanto nas ciências exatas, como nas humanas, já que é possível perceber o caráter tecnicista e utilitarista que perpassam a produção e ação acadêmica.

Se a religião católica e, posteriormente, a protestante estavam entre as principais instituições de socialização, impondo ao indivíduo a forma de ser, pensar e estar no mundo, a escola foi a instituição escolhida para a formação dos fiéis. O colégio a partir do século XVI tornou-se um signo religioso, “Por um lado, o colégio dava visibilidade ao domínio que a igreja exercia sobre a cidade ou região onde estava instalado, operando como arma de luta político-religiosa. (...) quando um grupo religioso dominava uma região, uma das providencias era a fundação de um colégio” (HILSDORF, 2006, p. 75).

Pensando esse contexto histórico a partir do processo de socialização que, conforme Setton (2012, p. 93),

Esse processo pode ser pensado sob dois pontos de vista. Ora como imposição de padrões à conduta individual, sendo muitas vezes definido como processo de condicionamento e controle da sociedade sobre os indivíduos, ora como um processo de aquisição de conhecimento e aprendizado, interiorização de padrões de conduta que tornam os indivíduos mais humanos e civilizados.

Entendo que, com a Reforma e a Contra-Reforma, a preocupação em instituir colégios estava relacionada a instauração de uma nova ordem urbana e a forma escolar entra como partícipe dessa nova ordem, como nos afirma Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 14). Mais do que visibilidade e domínio, o processo de socialização presente nos colégios seria responsável pela interiorização de padrões de conduta. Processos esses que estavam relacionados a manuais, lições distintas, questões e respostas que deveriam ser lidas e aprendidas de cor, regulação de horário, ou seja, métodos pedagógicos com o objetivo de disciplinar de acordo com os interesses religiosos.

Contudo, não foi apenas por meio dos colégios que as igrejas fundadas pós Reforma Protestante ensinavam,

Com a Reforma Protestante ocorrida no século XVI, uma nova identidade religiosa desenvolveu-se e, conseqüentemente, alguns conceitos e valores também foram modificando-se, uma vez que as pessoas passaram a ter acesso à leitura da Bíblia em sua língua vernácula, ao canto comum de hinos e às orações. Os reformadores publicavam impressos de linguagem popular, os quais favoreciam fácil acesso, possibilitando a leitura para os mais novos fiéis. (BERTINATTI; NASCIMENTO, 2011, p. 97).

No dia-a-dia, os fiéis adeptos da Reforma vivenciavam novas experiências socializadoras, como nos informa o texto acima: leitura da Bíblia na língua vernácula, aprendizagem de cantos e orações, leitura de impressos na linguagem popular, entre outras. A preocupação que os reformados tinham com a formação espiritual, garantiu-lhes também uma base cultural mais sólida.

Weber (2004) buscou a compreensão do fato que, em sua época, grandes empresários e proprietários do capital, bem como a mão de obra mais qualificada das empresas modernas serem protestantes (números que ele comprova pelas pesquisas). Para Weber (2004, p. 30) esse fato estava relacionado às questões históricas, em que “a pertença a uma confissão religiosa não aparece como causa de fenômenos econômicos, mas antes, até certo ponto como consequência deles”. Ele afirma que as regiões mais ricas da Alemanha haviam se convertido ao protestantismo já no século XVI, trazendo vantagens aos protestantes ainda no século XX. Foi, pois, em busca de compreender quais as razões para essas regiões economicamente ativas serem mais desenvolvidas que Weber associa a **Ética Protestante ao Espírito do Capitalismo**.

A formação acadêmica dos grandes reformadores como Lutero e Calvino talvez tenham contribuído para a preocupação no que diz respeito à educação. Com a morte de Lutero a preocupação dos luteranos baseava-se principalmente com as explicações dos dogmas – houve uma intelectualização exagerada – várias universidades luteranas foram fundadas e o pietismo<sup>13</sup> surge justamente como crítica a isso. Ele combatia a teologia formal e sistemática – emoção e sentimentos

---

<sup>13</sup> De acordo com Weber (2004, p. 125), o pietismo nasceu da igreja calvinista, tinha como diferencial o interesse na organização de uma comunidade que buscasse como prioridade a vontade de Deus e deixasse as influências mundanas para trás. Os sentimentos deixados de lado no calvinismo reaparecem no pietismo. A doutrina da predestinação ficou de lado, porém a ideia que as boas obras e o trabalho ascético eram formas de agradar a Deus, e era Deus quem abençoava o sucesso profissional dos seus, continuam. Os pietistas eram ainda mais firmes no que diz respeito à vida profissional e ainda mais controladores. Weber aponta que, se comparado com o calvinismo a intensidade da racionalização da vida é menor, já que o estímulo interno é a graça e não a predestinação. (p. 125) Para o autor o pietismo de sentimento ainda em sua época refletia nas classes trabalhadoras; diferente do calvinismo que reflete no empresário capitalista-burgueses.

espirituais era prioridade no pietismo, que migrou de sua origem calvinista para uma fé com maior experiência emocional e menor contato com o mundo. Se, como nos colocou Pires (2011) a Reforma une os dois reinos (sacro e profano) o pietismo separa-os novamente, buscando total afastamento do mundo.

Algo semelhante parece ocorrer no pentecostalismo brasileiro como veremos adiante, enquanto no protestantismo histórico há uma preocupação em manter a intelectualização, principalmente dos sacerdotes, no pentecostalismo a prioridade são as emoções e o principal público são as classes excluídas, com baixo ou nenhum poder aquisitivo. Uma religião que oferece alívio emocional tal qual o pietismo oferecia à classe trabalhadora do século XVII. Contudo, seja no protestantismo como no pentecostalismo é possível observar diferentes processos socializadores.

## **1.2. Protestantismo Histórico no Brasil: Evangelizar, Educar ou Civilizar?**

No Brasil os protestantes chegaram entre 1555 e 1557 na Baía de Guanabara, eram os huguenotes franceses, que chegaram ao Brasil com o objetivo de desenvolver a colonização desta parte da América e preparar um refúgio para os de fé reformada perseguidos na França e demais países da Europa, devido a intolerância religiosa do papado. Os huguenotes foram bem recebidos pelos nativos, porém não tiveram a aprovação dos portugueses e, apesar de resistirem por alguns anos retornaram para a França em 1560. Posteriormente, no século XVII, houve uma ocupação de calvinistas holandeses no Nordeste do país, não com um objetivo de evangelismo e sim de encontrar um lugar onde pudessem praticar sua fé com liberdade. (VIEIRA, 2006, p. 135, 137).

Foi apenas no século XIX que os protestantes vieram em grande número para o Brasil. Anglicanos ingleses chegaram ao Rio em 1808. Reformadores calvinistas suíços estabelecem-se em Nova Friburgo, Rio de Janeiro e luteranos alemães se estabeleceram no Sul do país a partir de 1824. (MOREIRA, 1996). Os protestantes que se estabeleceram no país são classificados em: **protestantismo de migração** (o grupo que chegou junto com os migrantes europeus, principalmente luteranos e reformados), e o **protestantismo de missão** (trazidos por missionários norte-americanos, com o objetivo de fundar igrejas e evangelizar). Esse segundo grupo estabeleceu-se nas grandes cidades a fim de fundar colégios, igrejas e hospitais.

As primeiras igrejas protestantes estabelecidas no Brasil foram a Anglicana (1808), a Luterana (1824), a Congregacional (1855), a Presbiteriana (1859), a Metodista (1867), a Cristã

Evangélica (1879), a Batista (1882), os Luteranos de Missouri (1890) e a Igreja Adventista (1894). (MOREIRA, 1996, p. 15; FERNANDES, 1994, p. 188).

Enquanto o protestantismo de migração ficou mais fechado em suas comunidades e em sua teologia de origem, o protestantismo de missões, para Mendonça e Velasques Filho (1990), teve como intencionalidade a transformação da sociedade, por meio da transformação do indivíduo. Os missionários do protestantismo de missões ainda tinham fortemente marcado suas origens, haja vista que, quando os puritanos chegaram aos Estados Unidos, foi com o objetivo de construir uma nação. A vinda deles para o Brasil, no século XIX, não foi muito diferente, vieram para “trabalhar”. E esse trabalho consistia em evangelizar pessoas, convertê-las e ensiná-las um novo modo de vida. Pereira (2010, p. 33) afirma que o protestantismo de missão tinha um caráter civilizacional em relação aos povos evangelizados, procurando inseri-los em um modelo de cultura anglo-saxônica. Percebe-se um processo de socialização ocorrendo nessas práticas, já que um conjunto de normas, valores, códigos e linguagens são transmitidos nesse processo de evangelização e é incorporado pelos indivíduos, ainda que muitas vezes haja tensões nesse processo.

Vale destacar que o Brasil, até 1889, era um império e tinha como igreja oficial a Igreja Católica Apostólica Romana. A chegada das igrejas protestantes no Brasil acontece em um período de conflitos entre a Igreja Católica e o Estado. Enquanto setores da intelectualidade brasileira estavam influenciados pelo liberalismo, pela liberdade política, de consciência, pela “libertação dos espíritos em relação à autoridade em nome das exigências do progresso científico, na separação da Igreja e do Estado e na concepção evolutiva da sociedade” (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 1990, p. 63) a Igreja era, em sua maioria, antiliberal. Surge, nesse contexto, a **Questão Religiosa**, que consistia em uma disputa entre igreja católica e maçonaria na década de 1870, mas que se amplia envolvendo os bispos e o Imperador. O pano de fundo dessa problemática estava relacionado à ordem do Papa Pio IX, sobre a excomunhão dos católicos que fossem ligados a maçonaria. Como o próprio D. Pedro era maçom, a ordem não foi acatada pelo imperador, que proibiu os padres a tomarem qualquer atitude a esse respeito e condenou os padres e bispos que obedeceram ao papa. Apesar da fachada doutrinária, o que estava em jogo era o poder dos bispos e do imperador. (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 1990, p. 71).

Assim, em meio aos conflitos Igreja e Estado, bem como em meio a um crescimento populacional e material, principalmente na província de São Paulo, graças à industrialização no setor cafeeiro (VIEIRA, 2006, p. 81), o protestantismo fincou suas raízes em solo brasileiro. Não

o protestantismo inglês ou alemão, que, apesar de chegarem ao país com o movimento migratório, estavam fechados em suas comunidades, mas, o protestantismo de origem norte americana, que tinha como missão, “levar aos povos mais atrasados os benefícios do Reino de Deus na Terra” (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 1990, p. 73).

Por meio da educação que os protestantes encontraram espaço entre a elite brasileira.

Na realidade, a elite brasileira, em grande parte liberal, não estava interessada na “religião” protestante, mas na educação que os missionários ofereciam. Estava ansiosa pelo progresso, e os colégios protestantes constituíam boa alternativa, pois sem descuidar dos aspectos humanísticos, ofereciam aos alunos instrução científica, técnica e física (educação física) em proporção muito acima da educação tradicional, tanto em intensidade como em qualidade. (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 1990, p. 74.).

Percebe-se que a elite brasileira recebeu bem os protestantes, não porque almejavam por uma nova religião, mas por uma nova educação. Uma educação que os levasse a romper com o conservadorismo e a se abrir para aquilo que já estava acontecendo no mundo moderno. O protestantismo foi bem recebido por que não tinha como desvinculá-lo da educação, que era o interesse da elite. A conversão, porém, entre a elite era muito pequena e os missionários tiveram que mudar suas estratégias: evangelizar os pobres e educar as elites.

Sobre esse aspecto, Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 75) afirmam:

Os pobres que se converterem apropriaram-se da ética puritana que lhes serviu de mola propulsora, ascenderam à classe média em formação e perderam a força evangelizadora; a elite, recebendo as influências do pragmatismo capitalista protestante, assumiam o discurso capitalista e a respectiva ética, mas não a religião.

É instigante perceber, uma vez mais, como a educação oferecida no contexto religioso, está vinculada ao contexto histórico do país, ainda que subjetivamente e traz ao educando uma nova postura ante a sociedade. No texto acima observamos a apropriação que o “pobre” faz da ética puritana que o “leva” para a classe média, fazendo com que até seus objetivos sejam outros. A evangelização que, talvez, devesse ser a meta do novo cristão “pregar a Cristo a todos os povos” perde seu lugar – a nova meta é a ascensão social.

Seguindo a proposta feita para esse capítulo de observar as práticas socializadoras ou os processos de socialização para esse período e, concordando com Setton (2012, p. 93) que,

Os sistemas educativos dos grupos, as estratégias e práticas de socialização daí decorrentes expressariam uma ideologia no sentido desta ser uma visão de mundo, seriam responsáveis pela elaboração de sistemas de valores comportamentais objetivos em símbolos sociais.

Nesse sentido, propõe-se também circunstanciar as noções – educação e socialização – como sinônima.

Entendo que os processos socializadores desenvolvidos pelas igrejas protestantes no início do século vinte influenciavam profundamente seus fiéis. Ainda que Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 75) nos afirmem que, “educação era para a elite e a evangelização para os pobres” havia sim práticas socializadoras que perpassava essas relações evangelísticas e de conversão, a qual levava esse pobre a fazer movimentos em relação a sua vida “social”.

Que pobres eram esses que os protestantes evangelizavam? Onde eles se localizavam? Sabe-se que o evangelismo de missões, concentrava-se com maior ênfase nos grandes centros populacionais e econômicos da época: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, ou seja, no Sudeste do país, tanto nos segmentos rurais empobrecidos, como nas camadas semiurbanizadas e intelectualmente mais sofisticadas. (PEREIRA, 2010, p. 7 e 8).

Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 79) afirmam que a inserção do protestantismo no Brasil do século XIX só foi possível pelo interesse da elite em “injetar na sociedade brasileira sangue novo do liberalismo e do progressismo”. Eram colégios, com um sistema educacional, que vinha ao encontro dos interesses da elite e a evangelização dos pobres, que ainda não eram interesse da Igreja Católica. Para os missionários norte-americanos as preocupações com as esferas religiosas eram muito maiores do que os interesses econômicos ou políticos, como nos afirma Mesquita (apud VIEIRA, 2006, p. 109), “Os missionários acreditavam sinceramente que eles eram portadores de uma mensagem de salvação, no sentido religioso e no sentido material de que o progresso da civilização americana traria benefícios incontáveis aos povos não cristianizados ou não protestantes”.

Mas os missionários protestantes não encontraram apenas benesses pelo caminho. A legislação brasileira da época dificultava o proselitismo e a construção de templos, a língua portuguesa era outro grande obstáculo, sem contar que a Igreja Católica Romana reagiu rapidamente, já que os protestantes tinham também como alvo o anticatolicismo, ou seja, converter aqueles que eram da Igreja Católica e livrá-los então, do fogo do inferno. (MENDONÇA e VELASQUEZ FILHO, 1990). Como forma de adaptar-se à cultura do país e ganhar novas pessoas, muito do protestantismo norte americano passou por modificações em solo brasileiro. As estratégias de evangelização passavam por mudanças constantes, distribuição de Bíblias, visitas aos pobres e doentes, evangelismos em áreas rurais, conferências, fundações de escolas. Vale

destacar que, quando falamos dos protestantes, temos já nesse período, os Metodistas, Batistas, Presbiterianos e Congregacional, cada um deles utilizando-se de estratégias diferenciadas (ou não) em locais também diferenciados (ou não)<sup>14</sup>. Como nos afirma Vieira (2006, p. 147), “O protestantismo no confronto com a forte cultura católica brasileira se ajustou a uma nova realidade, cedendo no que poderia ceder, negociando no que poderia negociar e intransigindo naquilo de que não poderia abrir mão”.

O que cada uma das igrejas protestantes apresentava em comum, ao embarcar em terras brasileiras, era a ideologia norte-americana de “liberalismo econômico, democracia e direitos individuais” (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 1990, p. 104). O marco dessa ideologia foram os colégios protestantes, que tinham como uma de suas intencionalidades a formação de uma elite baseada em valores e princípios da cultura norte americana<sup>15</sup> e a difusão da literatura. “As editoras protestantes surgiram no Brasil no século XIX, com finalidade de produzir e distribuir folhetos evangelísticos e jornais denominacionais” (Ibid. p. 106). Eram Bíblias, livros, revistas para Escolas Dominicais entre outros.

É possível perceber como a transmissão de sua visão de mundo no protestantismo ocorreu via escola bem como fora dela, principalmente por meio das literaturas.

No processo de implantação do protestantismo no Brasil, os ‘colportores’ (distribuidores de Bíblias) tiveram um papel destacado, e são vários os episódios de confronto dos missionários protestantes com autoridades e leigos católicos por causa da leitura e, mesmo, da posse de um exemplar da Bíblia. (ZABATIEIRO, 2010, p. 135).

Havia um compromisso no protestantismo de missões com a distribuição de Bíblias e literaturas protestantes. Era prioridade no protestantismo um ensino cristão voltado para a formação doutrinária e evangélica.

No Brasil, o Protestantismo começou a ser implantado no século XIX, com a circulação de impressos por meio de trabalho desencadeado pelas Sociedades Bíblicas. As Sociedades Bíblicas eram associações voluntárias que utilizavam como estratégia a oração e o discurso para instalar igrejas e escolas. Além disso, publicavam livros na imprensa (...).

---

<sup>14</sup> Optei por não detalhar o processo de implantação e expansão das igrejas protestantes no Brasil, até porque, esse não é o objetivo, mas para aqueles interessados em compreender a inserção do protestantismo no Brasil, por meio de cada missionário, e suas respectivas igrejas implantadas, indicamos a obra de Mendonça e Velasques Filho, Introdução ao protestantismo no Brasil (1990).

<sup>15</sup> De acordo com Lauri Emílio Wirth (2010, p. 33), “O protestantismo de missão atribuirá à propagação do protestantismo um caráter civilizacional, não necessariamente vinculado à ideia de Estado ou Nação cristã, mas na medida que concebe a chamada evangelização, até mesmo dos adeptos do catolicismo, como estratégia de integração subordinada dos povos colonizados à cultura anglo-saxônica”.

No Brasil, venderam e distribuíram milhares de exemplares da Bíblia, além de livros, livretos, opúsculos, folhetos e panfletos. Até a década de 50 do século XIX, foram introduzidos no Brasil aproximadamente 4.000 impressos protestantes pelas Sociedades Bíblicas, por meio de seus agentes e ‘colportores’. (BERTINATTI; NASCIMENTO, 2011, p. 97).

Sobre a importância da introdução desse novo material impresso no Brasil, observa-se que: “No que diz respeito ao conjunto da população, o analfabetismo reina, mas alguns hábitos de leitura vão se adquirindo, não só com os romances, mas também com as Bíblias introduzidas pelos pastores protestantes em meados do século XIX” (MEYER apud ALCÂNTARA, 2012, p. 75).

A influência dos educadores protestantes repercutiu em toda a sociedade. Em São Paulo, as missionárias e professoras norte-americanas Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e Marcia Browne foram convidadas a auxiliar na reforma da Escola Normal durante o governo republicano de Prudente de Moraes. Na época, houve um grande empenho de Caetano de Campos nessas contratações, pela crença nos métodos de ensino americano bem como por sua influência neste período de reforma educacional no país. (VIEIRA, 2006, p. 177, 178).

Por meio dessa breve leitura da inserção do protestantismo em terras brasileiras, é possível perceber as estratégias de socialização presente nos missionários, bem como os processos socializadores, que se davam a partir das instituições socializadoras. No caso do protestantismo de missões havia a preocupação de formar na população brasileira novos hábitos. Resta-nos conhecer ainda sobre a chegada do pentecostalismo no Brasil e as estratégias de socialização.

### **1.3. Pentecostalismo Brasileiro**

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimirem. (Atos dos Apóstolos 2: 1-4).

De acordo com a história oficial, o surgimento do pentecostalismo aconteceu em 1906 nos Estados Unidos, decorrente de um avivamento metodista do século XVIII na Inglaterra, por intermédio de John Wesley, que pregava uma segunda obra da graça, distinta da salvação. No século XIX sob a influência do Romantismo, o conceito wesleyano espalhou-se como uma experiência disponível a todos, chamada de “batismo do Espírito Santo”. Esse movimento de

santidade (*holiness*) acabou causando a separação de pequenos grupos, originando aí o pentecostalismo.

É difícil definir a origem do movimento pentecostal, talvez ele acompanhe o cristianismo de diferentes formas<sup>16</sup>, o que se pode afirmar é que o pentecostalismo está ligado a carismas e fervor emocional, relacionado ao contexto social, cultural e econômico das sociedades, que tem experimentado por meio dele, diferentes ligações com o sagrado. Um exemplo é o caso da sociedade norte-americana, que vivenciou sérias dificuldades entre os séculos XIX e início do século XX, que impactaram todo o país (Guerra Civil, Libertação dos escravos, Primeira Guerra Mundial, Grande Depressão). Um país com pobres, imigrantes e deserdados por todos os lados. A igreja protestante mais intelectualizada estava fechada em si mesma.

“Igreja dos deserdados” é a forma como muitos estudiosos viam o movimento pentecostal. Um movimento religioso “criativo” com “fervor emocional” voltado para os pobres, onde “o clero intelectualizado preparado e inclinado à liturgia é rejeitado em favor de líderes leigos que satisfazem as necessidades emocionais desta religião”. (NEIBUHR apud CAMPOS, 2005, p. 105).

As línguas, que eram a evidência do Espírito Santo e a marca do pentecostalismo, destacam-se de forma mais ampla em 1900 por meio de Charles Parham (1873 – 1929) dono de uma escola bíblica no Kansas, a Bethel Bible School, que tinha como propósito o preparo de missionários (SILVA, 2013, p. 16). A difusão do novo movimento fica, porém pela responsabilidade de um de seus alunos William. J. Seymour (1870 – 1922), um batista negro, filho de ex-escravos, que assistia às aulas do lado de fora da porta, já que, devido à segregação racial, Parham não permitia a entrada de negros em sua escola (SOUZA, 2012, p.312). Quando Seymour foi pregar em uma igreja negra *holiness*, o batismo com o Espírito Santo ganhou tantos adeptos que ele alugou um armazém na Rua Azuza de Los Angeles e ali começou a pregar, atraindo minorias étnicas e em pouco tempo muitos líderes brancos. O movimento pentecostal ali iniciado não durou muito, por problemas

---

<sup>16</sup> No entanto, nas pesquisas realizada por Campos (2005), intitulada: *As origens norte-americanas do Pentecostalismo Brasileiro*, o autor parte do século II para uma compreensão do Pentecostalismo: “Mas, se fôssemos estabelecer, na história cultural do cristianismo, um ponto de partida para o estudo do pentecostalismo, onde ele seria localizado? Há quem atribua a Montano, um cristão do segundo século, a luta pela recarismatização da cristandade. Isso porque, segundo Montano, por volta do ano 150, os cristãos já haviam abandonado certos carismas, por exemplo: ‘falar em línguas’, ‘receber revelações divinas’ ou esperar pelo poder da divindade ‘sinais’, ‘curas’ e ‘maravilhas’. Ora, as consequências da pregação de Montano foram intensas e fortes, pois séculos depois ainda existiam comunidades cristãs com um perfil semelhante ao de igrejas pentecostais modernas. (CAMPOS, 2005, p. 103).

doutrinários separou-se em vários grupos. A marca deixada era a centralidade da glossolalia na teologia pentecostal (FRESTON, 1993, p. 67).

Silva (2013, p. 17) afirma que “o pentecostalismo difundido a partir da Rua Azuza enfatiza a obra do Espírito Santo ao mesmo tempo em que desvalorizou a instrução formal”. Também Campos (2005, p. 105), alega que a força do campo religioso pentecostal nos Estados Unidos foi tão grande que, em apenas três anos, centenas de fiéis foram transformados em missionários pentecostais e enviados para a Europa, América Latina, Ásia e África. Missionários que saíram em busca dos “pobres deste mundo” sem qualquer financiamento de agências missionárias. “No entanto, a fé despertada era avessa ao intelectualismo, à teologia e as instituições teológicas formadoras de um clero esclarecido. Com isso, a religião cristã tornara-se prática, colada aos problemas da vida cotidiana, aos quais procurava apresentar soluções espirituais.” (CAMPOS, 2005, p. 106).

Mas, em que momento, de fato, o pentecostalismo chegou ao Brasil? Será que já existiam vestígios desse movimento? Freston (1993), apresenta o ex-padre José Manoel da Conceição, que havia se convertido ao presbiterianismo e tornou-se pastor em 1865, porém rompeu com os missionários, pois almejava um cristianismo mais próximo da cultura popular. Com sua morte, surgiu Miguel Vieira Ferreira, que fundou a Igreja Evangélica Brasileira (1897). Rompeu com os presbiterianos e pregava “uma visão direta e sensível de Deus” (idem p. 73). Sua igreja, porém, era voltada para os ricos já que ele mesmo era de uma família de políticos do Maranhão. Sobre esse período, Freston (1993, p. 73) afirma que: “no Império, as alternativas do protestantismo era uma reforma da Igreja nacional ou denominações protestantes para as camadas livres, mas dificilmente haveria condições sociais para o pentecostalismo popular”.

Havia também, no período do Império, os movimentos messiânicos com uma natureza mais popular e manifestações de carismas como a profecia e a glossolalia. Esses movimentos encerraram e logo depois o país presenciou a chegada do pentecostalismo, que entrou de forma pacífica, tímida e inicialmente apolítica (NOVAES apud FRESTON, 1993, p. 71).

Freston (1993, p. 68) afirma que o pentecostalismo estava em sua infância quando chegou ao Brasil e preocupava-se mais com o evangelismo do que com a criação institucional. Era um movimento independente, muito diferente das missões históricas. Para melhor compreensão do fenômeno pentecostal, esse autor organizou o pentecostalismo brasileiro em três ondas, Primeira

Onda (Pentecostalismo Clássico), Segunda Onda (Deuteropentecostalismo) e Terceira Onda (Neopentecostalismo).

A classificação em ondas foi utilizada primeiramente nos Estados Unidos por David Martin, ao referir-se à história mundial do protestantismo em que distingue três grandes ondas: a puritana, a metodista e a pentecostal e adaptada por Paul Freston para analisar o movimento pentecostal brasileiro (MARIANO, 1999, p. 28). Diversos estudiosos do pentecostalismo brasileiro têm utilizado estes conceitos, mas não é consensual. Sabe-se que as categorias apresentadas são classificações construídas e forjadas pelos pesquisadores, tendo como objetivo a organização do universo empírico, mas não devem ser apreendidas como consensuais ou naturalizadas (LIMA, 2010, p 3).

Assim, apenas por questão de melhor compreensão da história do pentecostalismo, bem como para melhor organização do trabalho, opto pela classificação proposta por Freston (1993) que contempla (na terceira onda) o neopentecostalismo, mesmo ciente que, conforme orienta Rodrigues (2012, p. 159), “Um dos problemas que as tipologias apresentam é a rigidez de seus termos que não contemplam a fluidez das fronteiras entre os coletivos religiosos”.<sup>17</sup>

Na classificação de Freston é possível encontrar **Primeira onda: Pentecostalismo Clássico** (igrejas que surgiram entre 1910 e 1911 como Assembleia de Deus e Congregação Cristã), **Segunda Onda: Deuteropentecostalismo** (igrejas que surgiram a partir década de 1950 como Igrejas do Evangelho Quadrangular e Deus é Amor) e **Terceira Onda: Neopentecostalismo** (igrejas que surgiram a partir da década de 1970, tais como Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Renascer em Cristo e Igreja Sara Nossa Terra). (FRESTON, 1993; MARIANO, 1999).

Sobre a forma como essas ondas foram organizadas bem como o porquê dos períodos indicados deixemos que o próprio Freston (1993) nos apresente, no texto abaixo, que apesar de extenso é rico também ao relatar de forma breve o contexto histórico do país, de acordo com cada onda.

---

<sup>17</sup> Na Sociologia é possível encontrar outras propostas de classificações, tanto para as igrejas protestantes como para as igrejas pentecostais, um trabalho difícil devido à diversidade dos grupos. As principais tipologias são de Brandão (1986), Mendonça (1989), CEDI/ Bittencourt (1991), Freston (1993) e Mariano (1999). As referências base desses pesquisadores, geralmente é a chegada de missionários ou o ano da fundação. Mendonça e CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) dividem os pentecostais em **pentecostalismo clássico** e **pentecostalismo de cura divina (ou autônomo)**. Já Freston (1993) e Mariano (1999) classificam o pentecostalismo com base na ideia de ondas e, de acordo com o período e características gerais, o grupo religioso é encaixado em determinada onda. (RODRIGUES, 2012, p. 158-159).

Porque as três ondas surgem nos momentos indicados? Há explicações diversas e contraditórias pelo próprio crescimento do pentecostalismo, e os surtos de criação institucional não devem ser mais enquadráveis em caracterizações globalizantes. Mas podemos sugerir pistas. A primeira onda é o momento da origem e expansão mundial do pentecostalismo. No Brasil, a recepção inicial é limitada. A segunda onda, dos anos 50, começa quando a urbanização e a formação de uma sociedade de massas possibilitam um crescimento pentecostal que rompe com as limitações dos modelos existentes, especialmente em São Paulo. O estopim é a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular, com seus métodos arrojados, forjados no berço dos modernos meios de comunicação de massa, a Califórnia do entre guerras. Mas quem lucra com o novo modelo, no primeiro momento, não é a Quadrangular, demasiadamente estrangeira, mas sim a criativa adaptação nacionalista, Brasil para Cristo. A terceira onda começa após a modernização autoritária do país, principalmente nas áreas de comunicações, quando a urbanização já atinge dois-terços da população, o milagre econômico está exaurido e a “década perdida” dos anos 80 se inicia. A onda começa a se firmar no Rio de Janeiro economicamente decadente, com sua violência, máfias do jogo e política populista. (FRESTON, 1993, p. 66).

Vale destacar que as três ondas indicadas por Freston (1993) têm como marcos as décadas de 10, 50 e 80, ou seja, data da fundação das principais igrejas que representam determinada onda, onde o desenvolvimento de cada instituição religiosa esteve ligado diretamente ao contexto histórico brasileiro, já que, como nos afirma Bourdieu (1983; 1992),

Nenhum campo social é totalmente autônomo ou consegue se desenvolver sem influências externas de outros campos: nem o religioso em relação a outros campos nem os microcampos dentro do mesmo campo religioso. As condições dos campos sociais estão sempre ligadas diretamente às questões históricas de forma geral. (BOURDIEU apud CAMPOS, DOLGHIE, 2012, p. 33-34).

Percebe-se, portanto, que o pentecostalismo que chegou ao Brasil de forma tímida, apolítica, rapidamente se organizou institucionalmente, foi ganhando adeptos, constituindo novos campos de poderes, novos espaços socializadores. Vejamos as diferenças entre as três ondas do pentecostalismo brasileiro, as rupturas, mas também a forma como dialogam entre si.

### **1.3.1. Primeira Onda: Pentecostalismo Clássico**

O termo pentecostalismo clássico é utilizado para transmitir a ideia do pioneirismo histórico desse movimento. Essa primeira onda no Brasil é também o momento de expansão do pentecostalismo por todo o mundo. As práticas do pentecostalismo clássico basicamente são: a crença na volta de Jesus, o falar em línguas, a salvação paradisíaca e o comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior (SILVA, 2007 p. 1).

Em 1910 chegaram, quase que simultaneamente ao Brasil, os missionários que fundaram as igrejas Congregação Cristã e Assembleia de Deus. Ambas têm origem no movimento pentecostal dos Estados Unidos. Os fundadores da Assembleia de Deus, Gunnar Vingren e Daniel Berg, suecos, emigraram para os Estados Unidos, lá conheceram o movimento pentecostal e vieram para o Brasil. Quando chegaram, de acordo com Freston (1993) não tinham a pretensão inicial de fundar uma igreja, mas o objetivo era pregar a mensagem pentecostal, o que causou grande rejeição na Primeira Igreja Batista do Pará, que acabou por dividir-se. Assim, em junho de 1911, fundaram sua própria igreja, que apenas em 1918 recebeu o nome de Igreja Assembleia de Deus em Belém do Pará.

Já a Congregação Cristã foi fundada por Luige Francescon, artesão italiano, que também emigrado para os Estados Unidos, conheceu a mensagem pentecostal em 1907 na cidade de Chicago. Saiu de lá com alguns amigos e, passando primeiro pela Argentina, fundaram ali uma igreja. Posteriormente fundou em São Paulo, junto aos imigrantes italianos no Bairro do Brás, sua igreja.

Nas pesquisas de Mariano (1999, p. 29) o pentecostalismo da Primeira Onda, em seu início era formado por pessoas pobres e sem escolaridade, eram discriminados pelos Protestantes Históricos e perseguidos pela Igreja Católica. De fato, como anteriormente já abordado, o crescimento dos pentecostais deu-se principalmente porque foram em busca da classe periférica do país e, conseqüentemente, daqueles com baixa escolaridade. O ensino central dos pentecostais consistia na transitoriedade da vida do crente neste mundo, sendo assim seu objetivo maior deveria ser uma vida simples, sem ambições.

Pires (2011, p. 52), traz as seguintes informações:

A unificação das esferas profana e sagrada, que permitiu o Protestantismo ascético calvinista se expandir geográfica e institucionalmente com o processo de secularização, é objeto de recusa por parte do pentecostalismo brasileiro. Neste aspecto, o pentecostalismo se afasta radicalmente do protestantismo ascético, em especial do calvinismo. Para o pentecostalismo, a separação entre mundo sagrado e mundo profano é inevitável.

Com essa concepção, o pentecostal rompe com aquilo que, aos seus olhos é profano e material. Seu alvo é o paraíso, nada no mundo lhe atrai. Há uma total rejeição a riquezas, prestígios, vida política, luxos, prazeres. O pentecostalismo clássico em muitos aspectos nos remete ao pietismo e anabatismo dos séculos XVI e XVII.

Como não há interesse por aquilo que é mundano, não foi desenvolvido entre os pentecostais clássicos “uma ética que valorizasse a dedicação profissional do trabalho com o fim

de agregar benefícios econômicos ou materiais (acumulação de capital) que pudesse servir de indícios a busca de confirmação a uma inquietação acerca da salvação” (PIRES, 2011, p. 55). Ou seja, os pentecostais procuravam manter-se distante das “coisas do mundo”, incluindo aí envolvimento com política e até mesmo preocupação com os estudos. Os processos de socialização aconteciam em seus grupos e basicamente não havia influências de instituições externas, os pastores e anciões eram os principais agentes socializadores.

Essa visão escatológica perdurou no Brasil até meados de 1970, ou seja, esteve presente também nos pentecostais da Segunda Onda. Foi somente com o advento da globalização que os “crentes”<sup>18</sup> olharam novamente para o mundo, característica esta que apresento mais adiante, ao abordar a Terceira Onda do Pentecostalismo. Por hora, voltemos ao pentecostalismo da Primeira Onda.

Essas igrejas expandiram-se rapidamente por todo o país e, até 1950 eram as únicas igrejas pentecostais. Ainda nos dias de hoje, a Assembleia de Deus é a maior igreja pentecostal do país com mais de 12 milhões de fiéis e a Congregação Cristã fica em 3º lugar com mais de 2 milhões de fiéis (Censo 2010).

No que diz respeito aos processos e práticas socializadoras as duas igrejas da primeira onda do pentecostalismo diferem entre si em alguns pontos e dialogam em outros. Foram igrejas resistentes por um longo período à educação escolar bem como à formação teológica de seus líderes e pastores. Porém, a IPAD possui algumas práticas socializadoras próximas às igrejas do protestantismo histórico, tais como: ensinamentos bíblicos nos cultos e Escola Bíblica Dominical, aulas de música, leitura regular da Bíblia e literaturas evangélicas entre outras.

Sobre a leitura, de acordo com os levantamentos realizados por Leonel (2012, p. 99), o maior número de leitores da Bíblia está entre os pentecostais<sup>19</sup>, com destaque para os da IPAD. É esta igreja também, que conta atualmente, com a maior editora pentecostal do Brasil, a CPAD (Casas Publicadoras das Assembleias de Deus), fundada em 1940. “Segundo o site oficial da editora, são publicados por trimestre 2,2 milhões de exemplares de revistas para educação religiosa

---

<sup>18</sup> Utilizo-me da expressão “crentes” como sinônimo dos evangélicos, que engloba tanto os protestantes como os pentecostais.

<sup>19</sup> Leonel (2012) parte da pesquisa de Amorin (2008) que ao realizar uma pesquisa sobre a leitura do Brasil, detecta que o livro mais lido entre os pesquisados é a Bíblia e os livros religiosos vem em sétimo lugar. Assim, a partir das pesquisas de Amorin, o autor conclui que a maioria dos leitores religiosos e da Bíblia se encontram entre os grupos de maior idade, menos escolarizados e com renda familiar reduzida, sendo que, ao comparar com o censo 2010, a grande maioria dessas pessoas encontra-se entre os pentecostais.

e de suas comunidades, e mais de 700 mil livros são vendidos anualmente. ” (LEONEL, 2012, p. 100).

A partir da década de 1950, a IPAD se abriu para a implantação de um ensino teológico formal. O primeiro instituto teológico, O IBAD (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus), fundado em 1958, na cidade de Pindamonhangaba (SP), pelo casal de missionários americanos João Kolenda Lemos e sua esposa Ruth Doris Lemos. Posteriormente, em 1961 foi fundado no Rio de Janeiro o IBP (Instituto Bíblico Pentecostal) pelo missionário norte americano Lawrence Olson. Os dois institutos não contaram, na época, com o apoio da liderança nacional das Assembleias de Deus, que ainda resistiam duramente à educação formal, principalmente para a formação de pastores e obreiros. O IBAD, só foi reconhecido em 1973 e o IBP em 1975.

Em 1979 foi criada a EETAD (Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus no Brasil), com sede em Campinas (SP), fundada pelo missionário norte-americano Bernhard Johnson. A escola oferece formação bíblica e teológica para obreiros e leigos e tem, desde sua fundação, um sistema de cursos à distância. Para Silva (2013, p. 28),

A partir desses fatos, a educação teológica formal nas Assembleias de Deus no Brasil, mesmo enfrentando focos de resistência, avançou através de outras grandes iniciativas e ações por parte daqueles que entenderam o seu valor, e que perceberam a grande contribuição que poderia dar ao pentecostalismo clássico assembleiano.

É possível observar que, mesmo a IPAD ter mantido resistências em relação à educação escolar por longas décadas, nos processos de socialização oferecidos pela igreja, ela ensinava seus valores e saberes, que tem sido transmitido ao longo dos mais de cem anos de história da igreja.

Já a igreja Congregação Cristã (ICCB) guarda muito de suas características de fundação ainda nos dias atuais. A organização da igreja é simples, cada ancião responde por algumas “casas de oração” de determinada região e recebem ajuda de cooperadores e diáconos, formando uma “administração regional” que responde à igreja sede, localizada em São Paulo – SP. As práticas socializadoras presentes na igreja têm algumas características próprias.

O iluminismo religioso é uma característica básica da Congregação. Trata-se de uma iluminação que os crentes acreditam receber diretamente do Espírito. Este iluminismo aparece nos cultos em dois momentos: nas orações coletivas e nas pregações. Nas orações coletivas todos oram juntos em voz alta até que a voz de um deles vai impondo-se e ele continua a orar sozinho, o tempo que quiser, sem que o dirigente lhe diga quando deve parar. Acredita-se que Deus o tenha iluminado a orar. No momento da pregação, o dirigente dá a palavra a quem se sentir inspirado para pregar. Do meio da assistência alguém se levanta e vai ao

púlpito. Abre a Bíblia ao acaso e começa a falar. É notável que a Congregação é a única igreja pentecostal que não ensina seus membros como ler a Bíblia e nem estimulam sua leitura. (ROLIM apud FERNANDES, 2006, p. 73).

Toda a estrutura da ICCB é organizada baseada neste “iluminismo religioso”. O ordenamento dos anciões (cargo mais elevado dentro da hierarquia da ICCB), cooperadores e diáconos é feita por meio de uma escolha pela “iluminação” do Espírito Santo. A igreja não tem nenhum tipo de seminário para o preparo dos sacerdotes. Outro aspecto que difere de outras igrejas pentecostais é que os anciões, cooperadores e diáconos não têm qualquer remuneração por suas atividades junto às igrejas. As “Casas de Oração” se mantêm apenas com “coletas” realizadas mensalmente após o cooperador comunicar os gastos mensais da congregação.

A ICCB é contrária a qualquer tipo de publicidade, assim não possui jornais, revistas e nem possui nenhum tipo de literatura religiosa destinada aos fiéis. As únicas publicações que circulam entre seus membros é a Bíblia, hinário, o estatuto da igreja de fé de Louis Francescon e uma publicação anual onde são listadas as casas de oração no Brasil e em outros países. (BARROS, 2003, p. 83).

Ainda de acordo com Barros (2003, p. 83),

Apesar dessa posição mantida oficialmente, pude constatar numa consulta à Internet a existência de diversos sites criados pelos membros de igrejas de diferentes cidades e estados. Esses sites divulgam pontos sobre a doutrina da CCB, fotos de templos, informações sobre o fundador, e “salas” onde os membros ou outro visitante podem conversar.

Enquanto a ICCB por meio de sua organização administrativa foge de qualquer tipo de publicidade, os fiéis já se encontram no ciberespaço, divulgando suas crenças e doutrinas. Ou seja, nos processos de socialização da contemporaneidade, principalmente com a presença das mídias e das redes sociais, como um dos principais agentes socializadores, é o indivíduo quem articula as múltiplas referências apresentada a ele ao longo de sua trajetória. Há, portanto, uma grande tensão entre socializados e socializadores.

Nesse contexto, observo que, Seton (2012, p. 43) ao trabalhar a Socialização como **Fato Social Total**<sup>20</sup> esclarece que seu objetivo ao trabalhar com o conceito é justamente na tentativa de

---

<sup>20</sup> Seton (2012, p. 41) procura pensar a Socialização como um **fato social total**, um conceito apresentado por Mauss ao analisar o regime de direito e o sistema de prestações econômicas de sociedades ainda chamadas “primitivas”. De acordo com a autora as ideias de Mauss auxiliam a desenvolver o argumento de que a socialização pode ser igualmente vista como um fenômeno social total, ou seja, analisar as práticas socializadora nas suas dimensões econômica, moral, estética e política para melhor compreendê-la e contextualizá-la no mundo contemporâneo.

pensar a socialização como um fenômeno geral e generalizado, que implica em uma troca, uma reciprocidade, ainda que muitas vezes tensa e em forma de luta, podendo colocar a vida social em risco. Entendo que esse conceito de Setton, oferece-nos um maior entendimento sobre as tensões existentes na ICCB, ainda que a instituição se afaste de qualquer divulgação da mídia, ela não consegue afastar os fiéis, que, mesmo tendo o compromisso com a instituição e interesse em obedecê-la, em alguns momentos tendem a resistir às estratégias socializadoras:

toda estratégia socializadora pode receber uma recusa, o que envolve necessariamente o imponderável de não ser reconhecido como o portador do bem que se quer perpetuar enquanto tradição. É possível resistir às estratégias socializadoras; dessa forma é constitutivo do processo socializador sua ambivalência. Ou seja, salienta-se aqui o fato de que a socialização enquanto troca simbólica de um projeto social é um fato ambíguo, é simultaneamente obrigatória e também espontânea. Ao mesmo tempo em que tem um caráter desinteressado, busca a construção de laços mais extensos e consolidados; simultaneamente ao construir o corpo social, incorpora nessa construção a multiplicidade de sujeitos sociais. (SETTON, 2012, p. 50).

Ponto apenas alguns exemplos de como as duas principais igrejas da Primeira Onda socializam-se. Igrejas essas que, apesar do título que receberam “Pentecostalismo Clássico” (MENDONÇA, 1990) ou “Primeira Onda do Pentecostalismo” (FREESTON, 1993 e MARIANO, 1999) tem se reinventado em muitos aspectos e passado por grandes transformações. A IPAD de 1910 é muito deferente da IPAD do século XXI, o mesmo acontece com a ICCB.

### **1.3.2. Segunda Onda: Deuteropentecostalismo**

O deuteropentecostalismo se diferencia da Primeira Onda por dar maior ênfase à cura divina, fator responsável por um grande crescimento nas igrejas pentecostais. Esse movimento iniciou a partir da década de 1950. Com o fim da 2ª Guerra Mundial, os Estados Unidos organizaram uma grande atividade missionária, enviando missionários principalmente para a América Latina e Brasil. As três maiores igrejas são: Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), conhecida inicialmente por Cruzada Nacional de Evangelização (1951), Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (IPBC) (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) (1962). Essas igrejas estabeleceram-se inicialmente no Estado de São Paulo.

Para Passos (2014, p. 195),

As diferenças entre as denominações religiosas correspondentes à segunda onda de pentecostalismo brasileiro em relação à sua estrutura litúrgica e doutrinária são inexpressivas. Porém, no tocante ao **modus operandi** de cada uma, as estratégias

de cooptação, conversão e projeção no mercado religioso são bastante heterogêneas.

Sendo o objetivo do capítulo um mapeamento histórico do pentecostalismo e pontuar os processos socializadores encontrados, com as igrejas deuteropentecostais não será diferente. Pontuarei um pouco da história dessas igrejas, as estruturas litúrgicas e doutrinárias, e, talvez, o mais importante para a pesquisa, quais os processos e principais práticas socializadoras dessas igrejas.

De acordo com Bellotti (2010, p. 284), a partir de 1950 o crescimento pentecostal foi um dos fatores para fomentar a competição religiosa no Brasil, os pentecostais passam a partir desse período a oferecer soluções espirituais para os problemas e aflições das pessoas. Muita música, repetição de milagres bíblicos, batismo com o Espírito Santo, sentimento de vitória em uma batalha espiritual. Para isso, ampliou-se o leque das práticas litúrgicas, do imaginário e representações nas diferentes denominações. Apesar da pesquisadora não fazer classificações ou especificar nomes de igrejas, os indícios é que, as igrejas que alavancaram o crescimento do pentecostalismo no Brasil estão ligadas principalmente à segunda onda ou ao deuteropentecostalismo, como veremos abaixo.

A acomodação dessas igrejas a partir da década de 1960 se dá em um momento de transformações sociais, políticas, econômicas e culturais no Brasil. O aumento da modernização e da cultura de massa, com as mídias eletrônicas, tais como cinema, rádio e televisão promovendo um grande aumento de consumo e criando novos hábitos na sociedade brasileira. (BELLOTTI, 2010, p. 286).

A primeira das deuteropentecostais, Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), foi fundada por dois missionários norte-americanos, Harold Williams e Raymond Boatright, que trouxeram para o Brasil o evangelismo de massa, tinham tendas para evangelização e se deslocavam de cidade em cidade, enfatizando a cura divina. Foi a primeira igreja pentecostal a utilizar o rádio para evangelizar. Seu crescimento se deu principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro e espalhou-se posteriormente para o Paraná, Minas Gerais e Nordeste.

De acordo com Mariano (1999, p. 30) a IEQ “com mensagem sedutora e métodos inovadores e eficientes, atraíram, além de fiéis e pastores de outras confissões evangélicas, milhares de indivíduos dos estratos mais pobres da população, muitos dos quais migrantes nordestinos”. Apesar dos escândalos, de reações diversas e da atenção da imprensa, o crescimento da IEQ foi lento e, na década de 60 sofreu uma cisão, sendo que, grande parte dos fiéis acompanhou Manuel

de Melo, fundador da igreja O Brasil para Cristo. Foi só nos anos 80 que a IEQ se tornou uma das mais expressivas igrejas pentecostais.

Bellotti (2010, p. 307) afirma que os cultos da IEQ, bem como os programas que realizavam nas rádios eram compostos por cura, rituais com água orada, campanhas, correntes de oração, exorcismos e libertação de males espirituais e materiais. Para Passos (2014, p. 192), “(...) a massificação dos cultos religiosos em espaços públicos, o visual dos pregadores, o desempenho teatral, bem como toda uma inovação rítmica aos cultos fora introduzida no pentecostalismo brasileiro pela Igreja do Evangelho Quadrangular”.

Atualmente, a IEQ conta com 1,8 milhões de membros com templos na maior parte dos municípios brasileiros. A organização da igreja é composta por presidente, conselheiros e secretários (Secretária da Educação e Cultura, de Finanças, de Relações Públicas entre outras). Conta com o Instituto Teológico, para a formação de pastores e líderes, a Editora e Publicadora Quadrangular “George Russel Faulkner” e oferece cursos de extensão, que são viabilizados pela Secretaria de Educação e Cultura.

Entre os diversos segmentos da IEQ foi a Secretaria Geral de Educação e Cultura (SGEC) que me chamou a atenção, já que esta tem como objetivo levar aos fiéis o aprofundamento da palavra de Deus e seus ensinamentos. É a SGEC quem envia as coordenadas para as Secretarias Estaduais, a fim de implantar o Sistema Nacional de Educação da IEQ, nas áreas de educação bíblica, teológica, ministerial, evangelismo, missões e ensino para crianças<sup>21</sup>.

Ainda que a apresentação da IEQ tenha sido resumida, destaco como a atual organização dessa instituição nos remete a um modelo racional. A burocracia, weberianamente falando, está presente em sua estrutura organizacional. Há um quadro administrativo, que segue uma hierarquia a fim de que a instituição funcione. Parece-nos um modelo de dominação legítima de caráter racional<sup>22</sup>. Com exceção dos líderes e obreiros locais, os pastores e todos aqueles que fazem parte das Secretarias instituídas são assalariados da igreja. É também exigido destas determinadas qualificações profissionais. Percebe-se, pois, o processo de rotinização no pentecostalismo brasileiro.

---

<sup>21</sup> Fonte: <http://www.portalgrejaquadrangular.com.br/> Acesso em 21/01/2015.

<sup>22</sup> De acordo com Weber (1999, p. 143) a dominação racional pode estar presente em grandes empresas privadas, partidos, exércitos, Estado e igrejas.

A Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (IPBC) foi fundada pelo pernambucano Manuel de Melo, que tinha como objetivo fundar uma igreja genuinamente brasileira, como sonho “ganhar a Nação” e como lema: “Roma deu ao mundo a idolatria; a Rússia, os terrores do comunismo; os Estados Unidos, o demônio do capitalismo; nós brasileiros, nação pobre, daremos ao mundo o Evangelho” (HOLLENWEGER apud FRESTON, 1993, p. 87). Foi à primeira igreja protestante a apoiar explicitamente irmãos na política.

Passos (2014, p. 193) apresenta Manuel de Melo como “um homem antenado com o seu tempo, percebia as rápidas transformações processadas no comportamento social e valorativo da sociedade brasileira”. A despeito de sua criação simples, Melo saiu do Pernambuco para trabalhar em São Paulo na construção civil e continuou frequentando a igreja em que foi criado, a Assembleia de Deus, onde chegou a ser diácono. Por achar que sua igreja estava “fora do tempo”, passou a acompanhar as Cruzadas Nacionais de Evangelização da IEQ, acompanhando esse movimento por todo o país e, insatisfeito com a estrutura organizacional, em 1956, Manuel de Melo fundou sua primeira igreja, “Igreja de Jesus Betel”. Não satisfeito com o nome, rebatiza-a com um nome mais adequado aos seus interesses pessoais: “Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo”. Aqui também é possível observar também o processo de rotinização.

O procedimento litúrgico da BPC incorporou forte apelo patriótico. Sua base era composta de elementos ufanistas, apresentando um País cada vez maior e melhor sob a égide espiritual da igreja de Jesus Cristo. As estratégias de conversão, proselitismo e disseminação religiosa da Brasil para Cristo foram mais criativas e eficazes das adotadas na Igreja do Evangelho Quadrangular. Enquanto os pregadores da Quadrangular visualizavam nas cruzadas evangélicas em tendas de lonas itinerantes uma forma simples e dinâmica de estender a palavra de Deus, a Brasil para Cristo sofisticou sua concepção religiosa: em vez do prosaico externo e da grandeza interior, optou pelo glamour, pela magnitude, pela nova estética urbana que ressignifica os padrões bucólicos introjetados na mentalidade cultural do País. (PASSOS, 2014, p. 193).

É possível perceber na IPBC um líder que olhava para o contexto social brasileiro da época e estruturava sua igreja para isso – um país em pleno desenvolvimento industrial, que procurava se apresentar como forte e rico “precisava” de uma igreja que respondesse a esses anseios. Com a estrutura que Manuel de Melo deu à igreja, seu nome destacou-se como um líder espiritual “poderoso”. Na década de 60, grandes áreas industriais foram compradas e alugadas, áreas que anteriormente eram cinemas, casas de espetáculos e teatros. Em eventos de grande porte, a igreja alugava estádios de futebol. A igreja também investiu em rádio e televisão e mergulhou no mundo da política, elegendo vários parlamentares.

Passos (2014, p. 194) afirma que o declínio da IPBC acontece quando esses parlamentares rompem com a igreja, causando a ela um enfraquecimento, tanto em relação aos “trabalhos sociais desenvolvidos pela igreja, como, também, geraram descapitalização financeira e de influência em relação a grandes empresas, órgãos públicos e no cenário político como um todo”. Posteriormente, “na medida em que a mística inicial do processo de urbanização e crescimento industrial encontra suas limitações históricas, o progresso da IPBC entra num plano estacionário e decrescente. A panaceia do desenvolvimentismo esbarra seus resultados com a crescente problemática social que assola as periferias urbanas”.

A consequência para a IPBC foi descentralizar-se em congregações menores e sua visibilidade no contexto social foi se ofuscando lentamente. Com a morte de Manuel de Melo em 1990, a IPBC diminuiu ainda mais. Concordo com Passos (2014, p. 195) quando afirma: “seu legado suscitou o surgimento de novos impérios religiosos nacionais e transnacionais dotados de uma estrutura e poder político, algo imaginável em seu tempo”.

Atualmente, a IBPC conta com cerca de 200 mil membros (Censo 2010)<sup>23</sup>, organizadas por sedes municipais, que são presididas por pastores e regidas por um estatuto local, com amparo da convenção estadual e suas diretorias. A IBPC conta com o Conselho Nacional, formado por uma equipe administrativa e de conselheiros. Dentre os objetivos da igreja entra a pregação e ensino do Evangelho, a preservação dos valores cristãos para família e sociedade, o desenvolvimento de projetos sociais e a formação teológica dos membros e líderes. Nos cultos as práticas religiosas são compostas por orações, músicas, imposição de mãos e pregações<sup>24</sup>.

Algumas IPBC<sup>25</sup> oferecem cursos para seus membros em parceria com o MMI (Marriage Ministries International) e UDF (Universidade da Família). Para as famílias, as igrejas contam com os seguintes cursos: One Curso para Noivos, Casados para sempre e Pais para toda a vida. Há também cursos nas áreas de finanças, orientação profissional e cura emocional: Veredas Antigas, Finanças Crow, Negócios à luz da Bíblia, Como chegar ao fim do mês?, Guia de Carreira Yes.

---

<sup>23</sup>Fonte: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf) Acesso em 11/06/2015.

<sup>24</sup> Fonte: <http://www.convensul.com.br/> Acesso em: 21/01/2014

<sup>25</sup>O MMI (Marriage Ministries International) e UDF (Universidade da Família) são organizações norte-americanas, interdenominacionais que oferecem seus cursos gratuitamente para as igrejas evangélicas que tenham interesse. O compromisso é apenas na compra dos materiais didáticos e treinamento para o casal que for oferecer o curso. São diversas igrejas evangélicas do Brasil que trabalham em parceria com essas organizações, inclusive algumas igrejas Sara Nossa Terra.

A IPBC conta com o Instituto Bíblico o Brasil para Cristo, voltado ao ensino de teologia básico, médio e pleno, além dos cursos à distância e com o Instituto Teológico e Musical Beréia. Ambos estão localizados em São Paulo/SP e voltados a atender os membros e pastores das igrejas.

Já a Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA), que defende o total afastamento do mundo, foi fundada por Davi Miranda e sua ênfase, como as demais igrejas dessa segunda onda, é a cura divina. O crescimento da IPDA se deu principalmente entre moradores das periferias dos grandes centros urbanos. O principal meio para evangelizar é a utilização de rádios. O legalismo foi incorporado na igreja desde sua fundação: para Davi Miranda a obediência, o respeito e subordinação aos preceitos da IPDA são condições essenciais para a santificação do fiel e permanência na igreja. O regulamento interno é composto por regras rígidas, inúmeras restrições e proibições e apenas seguindo regularmente cada uma delas é que o fiel estará imune às tentações e influências mundanas (PASSOS, 2014, p. 196).

Ainda de acordo com Passos (2014), a IPDA caminha na contramão das demais igrejas da segunda onda do pentecostalismo, que buscaram acabar com o sectarismo e atrair novos fiéis.

Numa realidade de quase anomia social, regras, padrões, valores e princípios, mesmo que emanados de uma instituição religiosa, podem representar um parâmetro social e existencial na vida indigente das periferias urbanas. Nesse sentido, David Miranda como seu discernimento inflamado e inflexível baliza o comportamento do seu rebanho. Ao fiel da Deus é Amor não são permitidos: ingerir bebidas alcoólicas, usar preservativos, possuir e assistir à televisão, videocassete e DVD, tomar anticoncepcional, usar calça comprida, *short* ou saia curta para as mulheres, frequentar ou ter qualquer tipo de interação com outros grupos religiosos.

Embora pareça estranho alguém por livre e espontânea vontade se submeter a uma condição altamente restritiva como a imposta pela IPDA, o fato é que esta denominação religiosa possui mais de oito mil igrejas em quase 140 países. O legalismo exacerbado da Deus é Amor constitui o principal e mais importante diferencial dessa denominação em relação às demais. Essa característica, apesar de restritiva e limitante para as camadas sociais mais abastadas, é bastante pragmática e funcional para os pobres e excluídos. Na medida em que há completa submissão às normas da igreja e estas são extremamente favoráveis ao equilíbrio social, econômico e ao comportamental do sujeito, acaba por fazer da severidade da imposição de limites o principal ingrediente de manutenção e renovação de fiéis na Deus é Amor. (PASSOS, 2014, p. 196).

A IPDA conta com 845.383<sup>26</sup> membros. No ano de 2004, ela inaugurou em São Paulo/SP um templo para 60 mil pessoas. O fundador da igreja Davi Miranda faleceu em 22 de fevereiro de

---

<sup>26</sup>Fonte: [tp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf)

2015 com 79 anos e sua esposa Ereni Miranda assumiu então a presidência da igreja, com seu genro e filha na administração. Esse é um fator que exigirá maiores pesquisas já que na Deus é Amor não é permitido que mulheres sejam pastoras ou diaconisas, no entanto D. Ereni, que tinha como cargo na IPDA de conselheira até a morte de Davi Miranda, foi quem assumiu a presidência da igreja, sendo ela a primeira mulher a assumir a presidência nacional de uma igreja pentecostal após 105 anos em terras brasileira. Ao olhar para esse fato percebe-se que a IPDA tem uma dominação bem mais próxima da tradicional e carismática, distanciando-se da dominação do tipo legal, já que, a presença da esposa de Davi Miranda na presidência nacional mantém o carisma da instituição ligado ao nome do fundador.

Apesar das proporções numéricas que a igreja tomou ela continua sendo regida de forma familiar. Aliás, esse fato pode ser visto em muitas igrejas pentecostais, onde os líderes fundadores estão preparando seus próprios filhos/as para assumir o comando da igreja.<sup>27</sup>

Suas práticas refletiram na maior igreja neopentecostal do país, a Universal do Reino de Deus, “as obreiras uniformizadas, os exorcismos na frente da assembleia, as ‘conversas’ com o demônio, o grito ‘queima’ para fazer o demônio sair, o ataque feito à umbanda e outros” (MOREIRA, 1996, p. 19). A influência que a IPDA exerceu sobre as igrejas neopentecostais não se pode negar, foi a primeira igreja a transformar rituais de exorcismos em espetáculos, campanhas para combater umbanda e candomblé<sup>28</sup> e para vencer as mazelas e necessidades do fiel.

Com terreno fértil e as condições socioeconômicas favoráveis, a chegada do neopentecostalismo abarcou um nicho de mercado explorado de forma amadora e superficial pelos deuteropentecostais. Com visão empresarial objetiva, logística espiritual sofisticada e grande oferta de bens e produtos simbólicos personalizados, as igrejas neopentecostais tornaram-se grandes conglomerados empresariais alicerçados no mercado religioso. (PASSOS, 2014, p. 198).

Sendo as igrejas deuteropentecostais as principais responsáveis e até mesmo modelos para abrir caminho para as igrejas neopentecostais, não se pode dizer que houve enfraquecimento ou mesmo a extinção dessas instituições. São igrejas que continuam ativas, tem se reinventado para atrair novos fiéis. A igreja O Brasil para Cristo oferecendo cursos diversos com formato norte

---

<sup>27</sup> Esse fato pode ser observado na Igreja Assembleia de Deus da Penha, liderada pelo polêmico pastor Silas Malafaia, que vem preparando seus filhos para assumir o comando da igreja; na igreja Assembleia de Deus do Bom Retiro, onde o Pastor Jabes de Alencar já passou a liderança da igreja para um dos filhos e, veremos que o mesmo está ocorrendo com a Igreja Sara Nossa Terra. Fato este que nos lembra uma vez mais, como a organização e estrutura dessas igrejas se dão de forma empresarial.

<sup>28</sup> Sobre esse assunto é pertinente a leitura do livro Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro, organizado por Vagner Gonçalves da Silva, Edusp, 2015.

americano de ensino. A igreja Deus é Amor, mesmo mantendo o legalismo presente desde sua gênese, está presente na web, com sites e blogs. A igreja do Evangelho Quadrangular com seu formato organizacional hierarquizado apresenta-nos pelos números (1,8 milhões de membros) que tem se reinventado e atraído novos fiéis. Entendo, portanto, que o processo de socialização presente nas igrejas do deuteropentecostalismo está em constante diálogo com outras agências socializadoras. São instituições religiosas que buscam novos projetos e estratégias socializadoras a fim de manter o crescimento do seu rebanho.

Após a compreensão da primeira e segunda onda resta-nos a terceira (e, por enquanto, última) onda do pentecostalismo brasileiro.

### **1.3.3. Terceira Onda: Neopentecostalismo**

O neopentecostalismo ou pós-pentecostalismo<sup>29</sup> se distingue dos demais por sua guerra declarada contra o diabo, a teologia da prosperidade, a eliminação de sinais externos de santidade e a forma como se estruturam empresarialmente. Possuem lideranças fortes e carismáticas, caracterizando uma ruptura com o pentecostalismo clássico (MARIANO, 1999; SILVA, 2007). Mariano (1999) apresenta ainda outra característica dos neopentecostais, que reside no rompimento com a ideia da busca de salvação pelo ascetismo (negação dos prazeres da carne e negação deste mundo). Segundo o autor, os neopentecostais querem prestígio e respeitabilidade social.

São triunfalistas e intervencionistas. Pretendem transformar a sociedade através da conversão individual, da inculcação da moral bíblica e também da realização crescente de obras sociais, da participação na política partidária, da conquista de postos de poder nos setores privados e públicos e do uso religioso da rádio e TV. (MARIANO, 1999, p. 45).

Sua maior representante é ainda a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo<sup>30</sup> em 1977 e que é atualmente a 4ª maior igreja evangélica do país com mais de 1 milhão e 800 mil fiéis (Censo 2010). Outras igrejas neopentecostais são a Mundial do Poder de Deus

---

<sup>29</sup> Vários pesquisadores utilizam o termo neopentecostalismo para se referir a esse novo movimento pentecostal. Foi adotado por Ricardo Mariano, mas recebe duras críticas de Paulo Sieperke, por entender que o prefixo neo significa continuidade e não ruptura. Mariano defende-se no seu livro afirmando que o termo neo é adequado, pois além de implicar continuidade significa também novidade, mudança. (MARIANO apud SILVA, 2007. p. 4). Em Moreira (1996) encontramos o termo pentecostalismo autônomo.

<sup>30</sup> Edir Macedo passou pela Igreja Nova Vida, fundada em Copacabana no Rio de Janeiro pelo bispo canadense Robert McAlister que saiu da Igreja Assembleia de Deus. A igreja Nova Vida é conhecida como uma igreja pentecostal de classe média, seu foco de evangelismo são pessoas de classe média, com mensagens otimistas, que enfatiza a Teologia da Prosperidade em seus ensinamentos (FREESTON, 1993).

(1998), Internacional da Graça de Deus (1980), a Cristo Vive, a Renascer em Cristo (1986), Bola de Neve (1999) entre outras. Diferentemente da forma como trabalhei com a primeira e segunda onda do pentecostalismo, que apresentei um breve resumo das principais igrejas representantes de cada onda, neste tópico, não me debruçarei nos históricos dessas igrejas, mas pretendo analisar o neopentecostalismo com suas características de forma mais abrangente<sup>31</sup>.

A expansão dessas igrejas deu-se principalmente a partir do Rio de Janeiro. O país encontrava-se no final da ditadura militar, com as grandes cidades inchadas, estagnação econômica, a ilusão do milagre econômico havia ficado para trás (FREESTON, 1993; MOREIRA, 1996). Incluímos aí a crise que a Igreja Católica vinha enfrentando, o movimento da Teologia da Libertação que havia dado um fôlego novo a Igreja Católica, enfrentava agora duras críticas do Vaticano e foi obrigada a diminuir drasticamente seu ritmo. Essas igrejas iniciam seus movimentos de evangelização a partir do contexto social que o país vivenciava. Utilizam televisão, rádio, falam a pessoas com um nível cultural e econômico um pouco mais elevado.

Dois pontos importantes a destacar, primeiro, o que nos adverte Mariano (1999, p. 37), “Não são todas as denominações formadas em meados dos anos 70 em diante, ou seja, a partir da terceira onda, que podem ser classificadas de neopentecostais, visto que nem todas apresentam as marcas características desta corrente pentecostal”. Diferente do pentecostalismo clássico e do deuteropentecostalismo, que tem como marco corte histórico-institucional (quarenta anos que os separam), para ser enquadrada como neopentecostal a igreja, “deve apresentar as características teológicas e comportamentais distintivas dessa corrente” (MARIANO, 1999, p. 37).

O crescimento das igrejas Neopentecostais acontece principalmente a partir da década de 90 e, com isso, “atrai a atenção dos estudiosos, preocupa líderes de outras igrejas e religiões (não só católicos e protestantes ‘históricos’, mas principalmente as religiões afro-brasileiras já que são elas apontadas pelo neopentecostalismo como grandes inimigas) e faz a sociedade brasileira confrontar-se com certa imagem de si mesmo” (MOREIRA, 1996, p. 9).

Olhar para o surgimento de novas igrejas abordando apenas os elementos internos não nos levará a uma pesquisa relevante. Dizer que os neopentecostais saíram de igrejas pentecostais ou protestantes históricas ficaria vago, como nos afirma Moreira (1996, p. 10) “precisamos perguntar

---

<sup>31</sup> Muitas dessas igrejas têm pesquisas relevantes já disponíveis para análises, por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus (MARIANO, 1999; WREGGE, 2001), a Bola de Neve (BOARETTO, 2011; RIBEIRO e CUNHA, 2012, MARANHÃO F., 2013), a Mundial do Poder de Deus.

também pelas características do contexto sócio-histórico que ‘favorecem’ seu surgimento e expansão. Se essas igrejas estão fazendo ‘sucesso’ e ganhando espaço é porque estão respondendo de alguma forma ao contexto social”. O autor em questão, acredita, ainda, que os marcos fundamentais do neopentecostalismo (a cura, o exorcismo dos demônios, a teologia da prosperidade e a teologia da posse) estão diretamente relacionadas com o contexto social do país.

Em relação à cura, para o autor, basta olhar para a precariedade que se encontra o Sistema Público de Saúde, um descaso para com a população carente, assim “qualquer promessa de cura recebe uma resposta imediata e massiva, sobretudo quando provém de origem religiosa” (MOREIRA, 1996, p. 24, 25). Ainda que as pessoas não sejam curadas fisicamente, o fato de serem acolhidas e dignificadas tem um reflexo positivo no retorno dessas pessoas a igreja, mais do que a cura física, muitos buscam a cura da alma. Em meio a dor, perdas familiares, problemas afetivos, a única esperança “é a cura para seus males espirituais”.

Já sobre o exorcismo aos demônios, o autor relaciona aos medos da violência que assola principalmente a população de baixa renda. São medos da violência e insegurança quanto ao futuro. O exorcismo tem a função de tirar da pessoa o medo, a insegurança e o caos. Quando o pastor ou líder neopentecostal expulsa o demônio, o mal é cortado pela raiz. O exorcismo é uma prática antiga e conhecida por outras igrejas protestantes, mas somente nas neopentecostais que é um elemento frequente nos cultos. Para Moreira “o exorcismo desempenha uma **função pedagógica**, potencializada pela transmissão midiática: a de mostrar, convencer a atrair as pessoas ao visualizar imagetivamente a transformação operada no fiel, o milagre” (p. 29 grifos meus). É fértil observar a expressão utilizada por Moreira (1996) sobre o exorcismo exercer uma função pedagógica, ou seja, foi pensado e planejado como ato de ensino a fim de produzir o aprendizado do fiel que vivencia a prática, bem como daqueles que estão assistindo.

Em relação ao sucesso e a prosperidade o autor acredita que, ao se converter, a pessoa vai redirecionar os seus recursos (se antes era utilizado para jogos, drogas ou bebidas agora será utilizado para melhorar a qualidade de vida do indivíduo e de sua família). Com melhor produtividade e qualidade no trabalho pode resultar em um ganho adicional. O autor acredita que há uma “recuperação de autoestima e do senso de dignidade, uma restauração de relações familiares dilaceradas, o repúdio a violência e instaura-se uma conduta tida como desejável, quando não exemplar” (p. 30). Outro fator relevante é que as igrejas neopentecostais ensinam abertamente sobre ousadia e criatividade para fazer negócios, além de que, pagando os dizimos e ofertando os bens

tão desejados virão. Assim, elas vêm oferecer novas possibilidades para sucesso e prosperidade. Moreira (1996) afirma que,

O seu profeta não é tanto João Batista, que vive no deserto e come gafanhotos, mas o pastor empresário bem sucedido, isento de fraqueza e frustrações, personalidade no mundo da mídia e da publicidade. O neopentecostalismo, sobretudo na sua versão mais atual, expressa na teologia da prosperidade, reconcilia, portanto, a religião do sacrifício com a vontade de ser rico e próspero; reconcilia Deus e o Mamon através da racionalidade dos fins que justificam os meios (p. 27).

Já sobre a Teologia da Posse, também conhecida como Teologia do Domínio<sup>32</sup>, está relacionado ao fato de tomar posse de tudo o que Deus fez para o ser humano: bens, saúde, amor, prosperidade. Tomar posse é buscar o que é devido ao crente por direito. O único contrário a esse plano é o mal, ou as obras do diabo e isso as igrejas resolvem por meio do exorcismo.

Moreira (1996, p. 33), afirma que as igrejas neopentecostais não tem um controle sobre a vida dos fiéis e não acompanham suas vidas fora da igreja. Enquanto outras igrejas cristãs formam comunidades, as igrejas neopentecostais tem acolhimento, mas não formam comunidades. São diversos tipos de cultos ao longo do dia. Não se exige tempo extra dos fiéis, não há comprometimento duradouro com outra pessoa. Não existem laços e cada um vai ao culto de acordo com sua necessidade. Ainda nos estudos de Mendonça (2008, p. 139) encontro que o neopentecostalismo institui igrejas ‘mágicas’, já que elas não constituem comunidades que tenham compromisso uns com os outros. São na verdade clientes que “buscam solução mágica para os problemas do cotidiano”.<sup>33</sup>

Dentre as características das igrejas neopentecostais, talvez, o “apego” ao mundo seja uma das principais. A prosperidade material simboliza e caracteriza o homem bem-sucedido na terra, ganha também conotação moral, relacionada ao estado atingível de prosperidade, designado como sendo o “estado da graça”, confirmando a fé e a eleição do crente.

Sobre essa questão, Pires (2011, p. 106) apresentou a diferença entre pentecostalismo e neopentecostalismo, bem como procurou fazer aproximações com o protestantismo:

---

<sup>32</sup> Esses termos estão diretamente ligados a Teologia da Confissão Positiva que está baseada em confessar positivamente aquilo que se deseja. Ao confessar positivamente aquilo que se crê faz com que o desejo confessado aconteça. O principal expositor desta doutrina foi Kenneth E. Hagin.

<sup>33</sup> Em relação a essas afirmações, faz-se necessários novas pesquisas sobre as igrejas que trabalham em células e grupos pequenos. O que se observa é que quando as igrejas são organizadas em células ou grupos pequenos, há laços estabelecidos entre os membros. Questão que pretendo desenvolver melhor no próximo capítulo.

Enquanto o pentecostalismo retira qualquer valor transcendente do mundo, o neopentecostalismo atribui valor transcendente ao mundo, e dele procura obter benefício (prosperidade e sucesso) que foi colocado por Deus para ser usufruído pelos seus filhos. Esta crença faz jus ao termo de ‘neopentecostalismo protestante’ que Campos (1997) faz uso para caracterizar o pentecostalismo da terceira onda. A polarização ‘sagrado e profano’ se dilui nele tal qual no protestantismo calvinista. O mundo passa a ser o lugar onde se busca identificar o sinal da bênção divina na vida do crente.

Como estão em diálogo com o contexto social que os rodeiam, os neopentecostais se afastam do legado deixado pelos pentecostais e olham para o mundo a fim de obter aquilo que “precisam” e aquilo que acreditam ser a vontade de Deus para suas vidas – prosperidade e sucesso. Assim há um total engajamento e acomodação ao mundo. A forma como o crente neopentecostal luta contra o mundo é pelo desbravamento e conquista, diferente do pentecostal, que era a fuga daquilo que era mundano (MARIANO, 1999; PIRES, 2011).

Estariam então, os neopentecostais próximos ao protestantismo ascético? Pires (2011, p. 110) afirma que **não** já que, segundo Weber (1999), o líder puritano Richard Baxter recomenda os calvinistas que evitem um estilo de vida frívola, desmedida, hedônica e de luxúria. Portanto, diferente dos neopentecostais, que desejam enriquecer, consumir bens materiais e de luxo. “O hedonismo<sup>34</sup> é uma característica particular do comportamento moral dos crentes das igrejas neopentecostais (...)” (PIRES, 2011, p. 110).

Para Mariano (1999) toda religião tem que lidar com as questões do sofrimento, morte, pobreza, miséria. Algumas oferecem solução para depois da morte, mas a grande maioria das igrejas Neopentecostais oferece solução para os problemas humanos no aqui e agora. Isso tem atraído pessoas de todas as classes sociais, mas em número muito maior aqueles menos favorecidos economicamente, que passam a frequentar essas igrejas no anseio de melhores condições de vida.

Diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do mundo da moda, do lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural, essa religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões. Diante das mudanças na sociedade e das novas demandas do mercado religioso, diversas lideranças pentecostais optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte dos fiéis e virtuais adeptos. O sectarismo e o ascetismo cederam lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de

---

<sup>34</sup> Por hedonismo o autor afirma ser uma crença filosófica que prega ou afirma ser o prazer o supremo bem da vida humana, e que ela deve ser levada de forma regalada, despreocupada e com futilidade, uma atitude de vida voltada para a busca egoísta de prazeres morais. (PIRES, 2011, p. 110)

institucionalização, ou a rotinização do carisma, do pentecostalismo. (MARIANO, 1999, p. 148)

Há um total abandono de qualquer repressão moral entre os neopentecostais, como nos afirma Mariano (1999, p. 232), “ (Os neopentecostais) ambicionam, sem culpa moral, consumir, ganhar mais dinheiro, conquistar um lugar ao sol, se dar bem na vida. Estão em busca de satisfação pessoal”. Assim, Pires (2011, p. 112) nos lembra de que, “A Teologia da Prosperidade provoca uma reaproximação inevitável do neopentecostalismo com o capitalismo”. Não como o crente calvinista, que via nas riquezas a comprovação do seu estado de graça. Ainda que os neopentecostais tentem dar um sentido teológico às riquezas e ao dinheiro, o desejo e a prática do consumo fogem totalmente do protestantismo ascético.

O crescimento dos neopentecostais no Brasil nos últimos vinte anos é incontestável, são igrejas que mais se aproximam de grandes empresas multinacionais, tamanha burocracia e racionalização presente nessas instituições. Além do crescimento vertiginoso das grandes igrejas, novas instituições neopentecostais surgem frequentemente<sup>35</sup>, ampliando a necessidade de novas pesquisas sobre as práticas sociais e educacionais nesse cenário tão heterogêneo.

Tendo como objetivo pontuar as afinidades eletivas entre o neopentecostalismo e a sociedade escolarizada, no próximo capítulo estarei analisando as práticas socializadoras da Igreja Sara Nossa Terra que, de acordo com as classificações sociológicas está na terceira onda do pentecostalismo brasileiro ou neopentecostalismo<sup>36</sup>. Assim, por meio das análises das práticas socializadoras de uma igreja neopentecostal, pretende-se entender como as afinidades se estabelecem por meio dessas práticas.

---

<sup>35</sup> A cisma entre as igrejas pentecostais, principalmente no neopentecostalismo, é muito presente. As separações ocorrem por questões teológicas, doutrinárias, tensões relacionadas a hierarquias, as interações sociais, ao método que deve ser utilizado nos cultos entre outros. Assim, aqueles que se rebelam criam novas igrejas. (GOMES, 2011, p. 302).

<sup>36</sup> A classificação da ISNT como neopentecostal é de cunho sociológico, não é uma classificação nativa. Raramente a classificação é utilizada por fiéis, líderes ou pastores. Em apenas um dos sites da ISNT encontrei no histórico que a igreja é neopentecostal, <http://www.sntzonasul.com.br/historia/> Acesso em: 08/10/2015.

## Capítulo 2 - Análise das Práticas Socializadoras da Igreja Sara Nossa Terra a partir do Conceito de Dominação em Max Weber

Nem as religiões, nem os homens, são livros abertos. Foram antes construções históricas do que construções lógicas ou mesmo psicológicas sem contradição. (Max Weber, 1982, p. 335).

Se o meu povo, sobre quem foi invocado o meu Nome, se humilhar, orar e buscar a minha presença, e se arrepender de sua má conduta, eu, do céu, escutarei, perdoarei os seus pecados e restaurarei o seu país. (II Crônicas 7:14).

No capítulo anterior, foi realizado um breve levantamento histórico da Reforma Protestante ao Neopentecostalismo, no qual procurei observar os processos socializadores presentes em cada período com o objetivo de direcionar meu olhar para a igreja neopentecostal Sara Nossa Terra e, por meio do referencial proposto para essa pesquisa, apresentar as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e a sociedade escolarizada. Neste capítulo, pretendo analisar as principais práticas socializadoras utilizadas pela ISNT que são o modelo celular G12, eventos nacionais, a mídia e a literatura. As análises serão feitas a partir do conceito de dominação proposto por Max Weber. O objetivo é perceber como essas práticas socializadoras se realizam a partir de formas de dominação variadas, ora tradicionais, ora carismáticas, ora racionais.

O nome da ISNT está relacionado à epígrafe acima, um texto bíblico do Antigo Testamento em que Deus se revela para Salomão após a construção e inauguração do Templo de Jerusalém. Neste encontro capital entre Deus e Salomão, a promessa é que Ele ouviria as orações feitas naquele lugar (no Templo) desde que seu povo, se humilhasse, orasse, buscasse sua presença e se desviasse dos maus caminhos. O resultado da obediência seria perdão dos pecados e cura para a terra<sup>37</sup>, neste caso a cura para Jerusalém. A memória oficial da igreja atribui a escolha de seu nome pelo fundador Robson Rodovalho.

Vinte três anos depois, de acordo com o site oficial da igreja, a ISNT tem 1,3 milhões de membros e 1058 igrejas no Brasil e alguns países do exterior, como Estados Unidos, Argentina, Chile, Peru, além de alguns países da Europa e Norte da África. Um grande crescimento, apesar de não ser possível comparar os dados fornecidos pelo site com o censo de 2010. A ISNT não consta na listagem das igrejas evangélicas apresentadas pelo censo, provavelmente ela está diluída entre

---

<sup>37</sup> “Sara a terra” é utilizado na tradução de Ferreira de Almeida, na epígrafe, como em outras vezes que utilizo referências bíblicas, a versão é da Bíblia de Jerusalém (2002).

“evangélica não determinada” (com mais de 9 milhões) e “outras igrejas evangélicas de origem pentecostal” (que, de acordo com o censo passa de 5 milhões).

A ISNT tem seu início em 1976 (nessa época denominada apenas de Comunidade Evangélica), com uma mudança brusca entre os anos de 1992 e 1994, período em que inicia o seu processo de consolidação. Apresentarei sua trajetória até o ano de 2014.

Foi em 1976 que Rodovalho fundou sua própria igreja na cidade de Goiânia, intitulada Comunidade Evangélica de Goiânia, juntamente com César Augusto Machado. No início da década de 1990 ambos se desentenderam<sup>38</sup> e este deixou a igreja de Goiânia com o seu vice-presidente, César Augusto, e foi para Brasília, onde fundou então a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (MARIANO, 1999; PIRES, 2011).

Até o ano de 1994, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, formava uma rede de comunidades que eram ligadas espiritualmente (ou seja, elas se reuniam em algumas datas para eventos, cultos, orações, porém cada comunidade era independente uma da outra, administrativa e financeiramente). Isso mudou radicalmente, quando foi instituída uma nova organização administrativa, que criou conselhos de pastores local, distrital, regional e nacional para dirigir a denominação e obrigou que cada instituição enviasse 10% dos dízimos coletados à sede nacional. (MARIANO, 1999, p. 46).

Havia muitas Comunidades Evangélicas independentes (geralmente comunidades que se formaram após separação de igrejas Protestantes Históricas, como Presbiterianas, Batistas e Metodistas) e Rodovalho reuniu muitos desses líderes a fim de convidá-los para fazer parte da ISNT. Assim, líderes com igrejas em diferentes lugares do país entraram para “debaixo da autoridade”<sup>39</sup> da ISNT e do seu líder, Robson Rodovalho. Comunidades com prédios alugados ou próprios, estruturadas e organizadas, deixam de ser “Comunidade Evangélica” para receberem a placa de “Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra”. Parte do crescimento da ISNT, na década de 1990, esteve ligada diretamente com essa estratégia.

---

<sup>38</sup> Há uma discussão interna sobre esse desentendimento. De acordo com as memórias de César Augusto, a separação se deu devido a liderança centralizadora de Rodovalho e, nas memórias de Rodovalho, foi o César Augusto o responsável pela separação, pois enquanto Robson Rodovalho foi para abrir uma igreja em Brasília, César Augusto se apropriou da igreja legalmente. Ainda me faltam documentos oficiais para analisar essa separação. Nas pesquisas encontradas sobre a ISNT, tanto de Mariano (1999) como de Pires (2011) eles utilizam as memórias oficiais da igreja e transformam-nas em narrativas na academia.

<sup>39</sup> Termo muito utilizado na igreja ISNT, ao exemplificar a importância de estar sob a autoridade de um líder espiritual e ser obediente a este.

Em 1997, de acordo com Mariano (1999, p. 105), Robson estabeleceu um regime episcopal de governo eclesiástico e o implantou em todo o ministério. Neste mesmo ano, ele foi consagrado bispo primaz desta igreja e, abaixo dele, na hierarquia, foram estabelecidos bispos regionais, coordenadores distritais (pastores que supervisionam de cinco a sete igrejas) e, na base, os pastores locais<sup>40</sup>. Percebe-se que ele próprio estabeleceu o regime episcopal, assim não houve necessidade de galgar uma hierarquia, já que ela é montada abaixo dele. Entendo que diferentemente de uma consagração, neste momento se estrutura uma instituição religiosa, cujo presidente é Robson Rodovalho.

Ao tentar compreender esse primeiro grande crescimento que ocorreu na ISNT sob os tipos puros de dominação legítima em Weber (1999), entendo que Rodovalho, já no final da década de 1980 estava se fazendo conhecer nacionalmente, por meio de composições musicais, participação em eventos nacionais, que reuniam pastores independentes com temas até então desconhecidos no Brasil, como Batalha Espiritual e Teologia da Prosperidade, decorrente do intercâmbio desses pastores com pastores estrangeiros, principalmente norte-americanos. (MARIANO, 1999, p. 39 – 41). Nas memórias oficiais de Rodovalho, ele afirma ter ido apenas com a família para Brasília, com o objetivo de abrir uma igreja. Em 1997 já haviam centenas de igrejas unidas a ele, líderes que viram “vantagens” em se colocar, bem como suas igrejas, debaixo da dominação de Rodovalho, seja pelo “afeto pessoal” ou pela “inclinação pessoal de súdito”. Entendo, portanto, que os líderes evangélicos com igrejas independentes encontraram vantagens em se filiarem à ISNT e estar debaixo da autoridade de Rodovalho<sup>41</sup>.

Mas é Weber quem nos lembra também que, dominação apenas baseada nesses fundamentos, seria instável, ela precisa apoiar-se em bases jurídicas, para fundar então, a sua legitimidade. É exatamente isso que Rodovalho faz ao se intitular bispo primaz da ISNT e estruturar toda a hierarquia da igreja abaixo de si.

---

<sup>40</sup> Atualmente os ofícios na ISNT seguem a seguinte hierarquia: **bispo** (bispo auxiliar, bispo regional, bispo presidente – apóstolo); **pastor ou presbítero** (pastor auxiliar, pastor líder de Rede Ministerial, pastor governo local ou líder principal de uma das igrejas, pastor coordenador de Ministério extra local ou Bispos auxiliares, pastor coordenador de regiões ou Bispos regionais, bispos presidentes – apóstolos); **diácono** (diácono obreiro, diácono administrativo, diácono funcional, diácono pastor); **Timóteo ou líder principal de células ou cooperadores** (Fonte: Escola de Vencedores. Treinamento para líderes de Célula. Módulo Avançado. Brasília/DF, 2007).

<sup>41</sup> A fim de compreender os diferentes motivos para esses pastores filiarem-se a ISNT, uma nova pesquisa se faz necessária, haja vista, que há uma “constelação de interesses” que está além do fato de Rodovalho ser um líder nacionalmente conhecido ou por afeto pessoal.

## 2.1. Levantamento Histórico na Academia

Começo os estudos sobre a ISNT na própria academia e, apesar de ser citada em muitas pesquisas em Ciências da Religião e Ciências Sociais, levantei apenas três trabalhos que têm como objeto específico a ISNT: a tese de doutorado em Sociologia de Anderson Clayton Pires, *A metafísica do sucesso, a espiritualidade do consumo e a ética hedônica configuradas no sistema axiológico neoprotestante da Igreja Evangélica Sara Nossa Terra*, defendida em 2011 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; a dissertação de mestrado em Ciências Sociais de Thiago Pereira Lima, *Gênero e Poder: Um estudo sobre a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra*, defendida em 2010 pela Universidade Federal do Maranhão, no Centro de Ciências Humanas; por fim a dissertação de mestrado em Sociologia da Educação de Elias Evangelista Gomes, *Ensaio Etnográfico sobre a Socialização da Juventude para a sexualidade e a fé: “vem você vai gostar”*, defendida em 2010 pela Universidade Estadual de São Paulo, este tratando sobre a Igreja Sara Nossa Terra da Rua Augusta em São Paulo/SP.

No trabalho de Lima (2010), o autor estuda as relações de poder e as lideranças carismáticas presentes na ISNT por meio de seus líderes fundadores: Lúcia Rodovalho e Robson Rodovalho<sup>42</sup>. Lima foi impulsionado a essa pesquisa ao observar o envolvimento das mulheres nas lideranças das igrejas neopentecostais. Eram bispas, pastoras, apóstolas, diaconisas. (LIMA, 2010, p. 15). Dentre as contribuições de sua pesquisa, destaco suas análises sobre como o gênero está presente na legitimação das relações de poder na ISNT. Ele observou que as mulheres exercem e acionam mecanismos de poder e funcionam como porta-vozes autorizadas na instituição. (Idem p. 106).

Já o trabalho de Gomes (2010) é um estudo socioantropológico com objetivo de identificar e analisar as práticas de socialização juvenil contemporânea entre os evangélicos, Gomes procurou compreender essas experiências por meio de um estudo realizado ao longo de dois anos na igreja Sara Nossa Terra – Rua Augusta, São Paulo/SP. Ele observou os afetos, eventos (cultos e baladas), os discursos dos líderes, o modelo organizacional da igreja, a sexualidade e a fé presente naqueles jovens entre outros, ou seja, alguns processos socializadores da ISNT. Por meio de suas análises, o autor trouxe contribuições para os estudos sobre socialização e sobre a juventude, sexualidade e fé entre os evangélicos brasileiros. O autor observou que as estratégias socializadoras da ISNT visam construir uma forma de “controle dócil” (p. 164). Contudo, a juventude da igreja segue parte

---

<sup>42</sup> O recorte do pesquisador é um dos templos da igreja no Maranhão, mais especificamente na cidade de Calhau, que é considerada a sede da ISNT no estado do Maranhão.

daquilo que é proposto e resiste outra parte, ou seja, um ambiente tenso. Fato este, que permitiu ao autor construir a noção de **abalos sísmicos**<sup>43</sup> no processo de socialização.

Pires (2011) se debruçou nos três fenômenos que, de acordo com o autor, compõem o sistema axiológico da ISNT: a **metafísica do sucesso**, a **espiritualidade de consumo** e a **ética hedônica**. O autor procurou compreender o discurso da ISNT, diferente daqueles apresentados por outras igrejas neopentecostais, sobre a Teologia da Prosperidade, que está pautado na metafísica do sucesso, orientada para “a valorização e qualificação do trabalho, o espírito de laboriosidade, a compulsão pela aquisição material (propositiva), a expectativa de progresso profissional contínuo, a mobilidade social, entre outros”; na espiritualidade de consumo, em que a forma como a aquisição de bens materiais para a ISNT não está relacionada ao consumismo, mas a uma crença próxima ao protestantismo ascético calvinista e por fim, a ética hedônica, “onde a felicidade é compreendida como plenitude de vida intramundana” (PIRES 2011, p. 15 e 16). O autor afirma que o conjunto do sistema axiológico da ISNT “a torna uma legítima herdeira do protestantismo calvinista”, apenas acrescentando-lhe alguns valores (PIRES 2011, p. 119).

Pires (2011) defende em sua tese, a ISNT como neoprotestante. O autor afirma que a ISNT possui **práticas diferenciadas** das igrejas neopentecostais e dialoga com o protestantismo calvinista, que surgiu no século XVI, consolidou-se no século XVII e XVIII e foi alvo de pesquisa do sociólogo Max Weber. Como apresentado no primeiro capítulo, o protestante calvinista vivia em função de que sua conversão refletisse no dia-a-dia, por meio do trabalho e da qualificação profissional. Pires (2011, p. 146) afirma que na ética neoprotestante assim como no protestantismo ascético, a riqueza é um valor, sendo condenável apenas quando se constitui: “uma tentação para a vida de vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso” (WEBER apud PIRES, 2011, p. 146). Dentre as práticas diferenciadas apresentadas pelo autor, ele observa que nos ensinamentos da ISNT, prosperar é um mandamento. O fiel deve trabalhar e se qualificar, conquistando a prosperidade com labor e sacrifícios.

---

<sup>43</sup> Gomes (2010, p. 165) observou que “não ocorre uma ruptura total, nem um choque insustentável que desagregue todas as relações entre os sujeitos, mas são justamente esses abalos que permitem a mudança social”.

## 2.2. Uma leitura a partir da mídia impressa

Justamente pelo crescimento significativo da ISNT a partir de 1997, a mídia impressa começou a acompanhar esse crescimento, bem como o perfil de Rodovalho e divulgou entre 2000 e 2006 características diversas sobre os processos de socialização da igreja.

Em 2000, o jornalista Maurício Lima da Revista Veja<sup>44</sup> fez uma matéria sobre a ISNT intitulada “Esta dá ibope: Tolerante nas áreas de costumes, igreja evangélica atrai ricos e famosos”. A reportagem apresenta a ISNT como “o mais novo fenômeno no campo das religiões brasileiras”. De acordo com a revista, a igreja reunia pessoas famosas<sup>45</sup> e contava com o maior crescimento entre as igrejas evangélicas. Na época com quase 100 mil membros e 300 templos, incluindo igrejas nos Estados Unidos, Portugal, Paraguai e Bolívia, além de excelente arrecadação financeira, já que, na época, era a igreja que mais alcançava a classe média. De acordo com a matéria, 45% dos membros são de classe média e, na fala do Bispo Rodovalho, “a melhor maneira de transformar o Brasil é evangelizando as classes privilegiadas. Através delas é que se dará a verdadeira mudança”. A reportagem enfatiza os fiéis que chegam à igreja com carros importados e roupas da moda.

De acordo com os jornalistas,

A expansão da Sara Nossa Terra pode se justificar pelos fiéis famosos, que ajudam a popularizá-la, pela generosidade do dízimo ou pela liberdade de costumes que permite a seus seguidores. Ainda assim, é um fenômeno intrigante no cenário da fé. Até agora, os estudiosos do assunto sempre atribuíram o grosso do crescimento das denominações evangélicas à sua capacidade de receber as camadas mais pobres, marginalizadas. Os templos da Universal, por exemplo, estão sempre abertos a mendigos, prostitutas, drogados e até travestis e costumam crescer na periferia das grandes cidades. Dessa forma, acabam sendo um alento às parcelas da população excluídas e abandonadas pelo Estado. Mas a Sara Nossa Terra faz o caminho inverso e, ainda assim, apresenta um desempenho notável em sua expansão (LIMA, 2000).

Para o autor da reportagem, esse caminho inverso realizado pela ISNT está relacionado com sua origem, já que nasceu na Universidade Federal de Goiás, por meio de um grupo de professores e estudantes que se reuniam para orar e ler a Bíblia. Dentre eles o professor de física, Robson Rodovalho, que resolveu deixar a universidade e fundar sua própria igreja. Outro fator relevante é o corpo de pastores, que em sua grande maioria tem ensino superior. São médicos, psicólogos, assistentes sociais, teólogos entre outros.

---

<sup>44</sup> Fonte: [http://veja.abril.com.br/041000/p\\_090.html](http://veja.abril.com.br/041000/p_090.html). Acesso em: 28/11/2014.

<sup>45</sup> A revista cita Monique Evans, Baby do Brasil, Marcelinho Carioca, Gretchen, Dedé Santana, Cristina Mortágua.

O crescimento da igreja é uma constante na mídia. Em 2001, na Revista Isto é Gente nº 112<sup>46</sup>, a repórter Cecília Maia, fez uma matéria com o Bispo Rodovalho, intitulada: “Robson Rodovalho: Administrador da Fé”, em que destaca o crescimento da ISNT, na época com 100 mil membros, 350 templos no Brasil e cinco no exterior. Na reportagem, Rodovalho afirma que, as igrejas evangélicas no Brasil eram desorganizadas e o objetivo dele era “criar uma que fosse nacional com uma nova visão administrativa e profissionalizada”<sup>47</sup>.

Esse anseio de Rodovalho aproxima-o do pastor Manuel de Melo, fundador da igreja O Brasil para Cristo, apresentada no primeiro capítulo. Manuel de Melo queria uma igreja nacional, com características do povo brasileiro, que se moldasse ao contexto social que o país vivenciava – desenvolvimento econômico, crescimento das grandes massas, ampliação das mídias. Rodovalho tem investido nas mídias e parcerias políticas. Inclusive se candidatou e ganhou as eleições para Deputado Federal em 2006, exercendo o mandato de 2007 a 2010. Vale lembrar, uma vez mais, que o crescimento da ISNT se dá com a redemocratização do país, ou seja, um novo crescimento econômico, mudanças de ordens políticas, econômicas e sociais. Portanto, uma nova igreja, com uma roupagem nova e diferenciada, procurando atrair novos fiéis. Reforçando a fala do fundador durante sua entrevista: “As igrejas evangélicas eram desorganizadas. Eu quis criar uma que fosse nacional e tivesse uma nova visão administrativa e profissionalizada”.

De acordo com a autora da reportagem, isso deu certo, já que, além da quantidade de membros que a igreja já havia conquistado em apenas nove anos, ela contava com TV a cabo (a SNT TV, da Rede Gênese de Televisão), uma TV aberta que alcançava 30 cidades, duas editoras (a Koinomia e a Sara Brasil, com uma publicação mensal de um jornal, uma revista, além de 20 títulos de livros com mais de 500 mil cópias vendidas).

Em 2006 uma nova reportagem, outra vez da Revista Veja<sup>48</sup> com o tema “Os novos pastores”, realizada pelas repórteres Camila Pereira e Juliana Linhares, em que abordam o investimento que os novos pastores fazem em técnicas de autoajuda, multiplicando com isso o

---

<sup>46</sup> Fonte: <http://www.terra.com.br/istoegente/112/indice/index.htm> Acesso em: 28/11/2014.

<sup>47</sup> Ainda na reportagem há um destaque para a formação de Rodovalho, como físico, e dos pastores que trabalham com ele, em sua maioria, profissionais liberais. Rodovalho afirma que os famosos que a igreja alcançou foram devidos o “alinhamento intelectual” dele e de sua equipe.

<sup>48</sup> Fonte: [http://veja.abril.com.br/120706/p\\_076.html](http://veja.abril.com.br/120706/p_076.html). Acesso em 28/11/2014.

rebanho protestante e aumentando a penetração dessas igrejas junto à classe média. A reportagem enfatiza a formação intelectual desses pastores<sup>49</sup>.

Dentre os pastores e suas igrejas, está o Bispo Rodovalho. De acordo com a matéria, a ISNT contava, na época, com 650 mil membros e ainda era vista como “igreja dos famosos”<sup>50</sup>. As pregações do bispo de ordens práticas, tais como “cartão de crédito no vermelho não se resolve com oração, mas com economia”, além do cuidado com o segmento jovem, introduzindo nos templos aula de hip hop, capoeira, funk entre outros, foram temas de destaque nesta reportagem.

Como observado por meio da mídia, em 2006 eram 650 mil e, atualmente a ISNT conta com 1,3 milhões de membros, ou seja, uma multiplicação de fiéis em menos de 10 anos. De acordo com as características da igreja apresentadas pela mídia, percebe-se que a ISNT tem procurado diversificar suas estratégias e processos socializadores a fim de ganhar novos fiéis.

Partindo das análises de Gomes (2010, p. 164) sobre a juventude da ISNT onde o autor observa que, a igreja constrói formas de dominação e controle a fim de minimizar conflitos, ou seja, são estratégias socializadoras que procuram construir uma forma de controle dócil. Ainda nesse sentido, segundo François Dubet (2002 apud Gomes 2010) não há socialização sem uma cota de dominação, e essa dominação ocorre paralela à afirmação de que os sujeitos são livres. Portanto, procuro olhar para as práticas da igreja e mapeá-las a partir do conceito de dominação, utilizado por Max Weber. Já apresentei anteriormente a questão da **dominação** para o autor, uma dominação relacionada à autoridade exercida de uma pessoa para outra ou para um grupo, que pode estar submetida ao outro por diferentes motivos “desde o hábito inconsciente até considerações puramente racionais, referentes a fins”. **Se há interesse** em obedecer há uma autêntica relação de dominação (WEBER, 1999, p. 139, grifo meu).

O autor apresenta ainda, três tipos puros de dominação legítima, de caráter legal/racional, de caráter tradicional e de caráter carismático. Sendo que os conceitos apresentados por Weber das formas de dominação devem ser entendidos como **tipos ideais**, não é possível encontrar em uma

---

<sup>49</sup> “Dos cinco pastores da nova geração ouvidos por VEJA, quatro têm curso superior e dois deles possuem pós-graduação: Malafaia, da Assembleia de Deus, é teólogo e psicólogo; Rinaldo de Seixas Pereira, da Bola de Neve Church, é formado em propaganda e marketing, com pós-graduação em marketing; Silmar Coelho, da Igreja Metodista Wesleyana, é teólogo, com doutorado em teologia e liderança; e Robson Rodovalho, da Sara Nossa Terra, é físico, com especialização em ressonância magnética nuclear”. (PEREIRA, LINHARES, 2006)

<sup>50</sup> Nesse período frequenta a igreja a atriz Débora Secco, além da permanência do Rodolfo, ex-vocalista dos Raimundos.

instituição um único tipo de dominação pura, apesar de que, um deles poderá sobressair. Trato brevemente desses tipos.

A **dominação de caráter racional** é baseada na legitimidade das ordens estabelecidas e do direito de mando daqueles que foram nomeados chefes para exercer a dominação. Essa é a forma de domínio mais impessoal de todas (WEBER, 1999, p. 128, 129).

A **dominação de caráter tradicional** é baseada nas tradições. O domínio acontece com base nas tradições. Não há uma escolha baseada em qualidades profissionais, mas sim de acordo com costumes familiares ou grupais. O dominador é um senhor pessoal e seu quadro administrativo não é formado por funcionários e sim por servidores pessoais. Existe uma fidelidade pessoal em servir (WEBER, 1999, p 131).

Já o **caráter carismático**, é baseado em virtude da devoção afetiva à pessoa do senhor ou a suas qualidades carismáticas (WEBER, 1999, p. 134). O líder carismático em Weber é aquele com virtudes ou qualidades sobrenaturais, um enviado por Deus. A validade da liderança carismática vai até o momento em que os dominados reconhecem essa liderança. A partir do momento que esse líder é abandonado por seu Deus ou perde suas forças místicas, não trazendo bem-estar aos dominados, ele perde sua autoridade carismática.

O autor afirma também que o carisma puro é alheio à economia. No tipo puro de carisma há um desprezo em relação ao aproveitamento econômico dos dons como fonte de renda, ainda que eles busquem meios materiais para a manutenção do seu poder, não há interesse na economia tradicional ou racional.

Em contrapartida, quando a dominação carismática assume uma relação permanente com seus dominados, o seu caráter tradicionaliza-se ou racionaliza-se (ou ambos) em vários aspectos, onde, o que impulsiona para isto é:

- a) O interesse ideal ou material dos adeptos na persistência e reanimação contínua da comunidade;
- b) O interesse ideal ou material, ambos mais fortes, do quadro administrativo: dos sequazes, discípulos, homens de confiança de um partido etc, em
  1. continuar a existência da relação, e isto
  2. de tal modo que esteja colocada, ideal e materialmente, a posição própria sobre um fundamento cotidiano duradouro: externamente, o estabelecimento da existência familiar ou, pelo menos, a existência saturada, em lugar das ‘missões’ estranhas à família e à economia, e isoladas do mundo.Esses interesses tornam-se tipicamente atuais quando desaparece a pessoa portadora de carisma e surge a questão da sucessão. O modo como esta se resolve – desde que se resolva, persistindo, portanto, a comunidade carismática (ou

nascendo só então) – é essencialmente decisivo para a natureza geral das relações sociais que então se desenvolvem (WEBER, 2000, p. 162).

Assim, a dominação carismática entra naquilo que Weber chama de **rotinização do carisma**, trazendo consigo, a regulação para o recrutamento de um novo líder, por meio do estabelecimento de normas.

No que diz respeito à ISNT, o tipo ideal de dominação carismática foi percebido de forma mais relevante no início, quando esta era ainda uma “Comunidades Evangélica”. No início da década de 1990, Rodovalho alcançou pastores e líderes para se unirem à “Igreja Sara Nossa Terra”, com a preocupação em estruturá-la de forma empresarial. De acordo com sua entrevista à revista Veja, Rodovalho alegou que, “As igrejas evangélicas eram desorganizadas” (MAIA, 2001), assim o seu interesse era ter uma igreja nacional, com uma visão administrativa e profissionalizada. Ou seja, assim que a igreja foi centralizada em Brasília, de onde ele, sua esposa, Lúcia Rodovalho e sua equipe, passaram a administrar as filiais ISNT do Brasil e exterior, a comunidade perde suas características carismáticas e vivencia uma organização racional e burocrática.

Na ISNT trabalha-se para que seja desenvolvido nos fiéis e líderes uma total obediência aos bispos principais, a fim de que as ordens por eles dadas sejam aceitas como legítimas. Assim, o formato que a igreja foi recebendo, sua organização e estratégias de crescimento vêm de Brasília, especificamente dos bispos fundadores e difundem-se pelas filiais de todo o Brasil e exterior.

Além da dominação carismática, que passou por um processo de rotinização do carisma, é possível perceber na ISNT a dominação tradicional, ao observar, por exemplo, que os bispos que estão sendo formados para assumir o comando da ISNT são sua filha Priscila Rodovalho Cunha e seu genro Lucas Cunha, ou seja, o recrutamento dos sucessores está relacionado às questões tradicionais. A dominação legal/racional também pode ser percebida na instituição, um exemplo é que, para se tornar um líder de célula ou um diácono na ISNT o membro deve ter debaixo de si determinado número de pessoas e arrecadar determinado valor monetário junto aos fiéis, ou seja, ele só é nomeado para exercer o domínio, se cumprir determinados requisitos.

Ao longo do texto pretendo ampliar as análises de como as práticas socializadoras da ISNT se realizam a partir de formas de dominação variadas, ora tradicionais, ora carismáticas e ora racionais e que se explicitam numa violência simbólica.

### 2.3. Os fundadores da ISNT e as variadas formas de dominação

Gomes (2011, p. 303) observa que, nas igrejas evangélicas, os pastores são os principais agentes socializadores, “O processo de socialização, no caso protestante, tem os pastores como principais agentes socializadores, que por sua vez, tendem a incorporar aspectos da profissão docente e se articular a uma lógica de ação educativa, baseados na motivação, correção, ensinamento e avaliação”.

Agentes socializadores que tendem a incorporar aspectos da profissão docente em sua atuação é o que procurarei observar ao apresentar um breve histórico pessoal, bem como a atuação junto à ISNT do casal Robson e Lúcia Rodovalho, fundadores da igreja e responsáveis por sua condução. Estavam juntos desde a fundação da igreja e, por muitos anos, Lúcia Rodovalho esteve à frente do Arena Jovem, o ministério<sup>51</sup> que mais ganha adeptos para a ISNT e que apresentarei no próximo item. Não se pode negar, entretanto, que o nome Robson Rodovalho surge com muito mais frequência nas pesquisas realizadas, tanto acadêmicas como jornalistas e mesmo nos sites investigados da própria instituição.

Nas análises de Lima (2010) sobre a questão de gênero na ISNT, ainda que as mulheres exerçam e acionem mecanismos de poder e funcionem como **porta-vozes autorizadas**, a figura de destaque é sempre do líder masculino, talvez esta observação esteja relacionada a utilização de textos bíblicos para tratar a mulher como “a parte mais frágil”<sup>52</sup>. Assim, cabe a ela a submissão e obediência ao marido<sup>53</sup>. Porém, para “galgar posições consideradas mais elevadas no grupo” (LIMA 2010, p. 62) é importante que o casal esteja junto, já que, também nos textos bíblicos encontra-se referências sobre o cuidado de ordenar líderes que sejam casados, com filhos dedicados e obedientes e com uma casa que seja exemplar<sup>54</sup>.

De acordo com fontes oficiais, Lúcia Rodovalho nasceu na cidade de Goiânia, formada em Psicologia e Teologia, Doutora em Filosofia com especialização em Terapia Familiar<sup>55</sup>. Ainda nos

---

<sup>51</sup> Muitas igrejas evangélicas organizam-se em departamentos e intitulam esses departamentos de ministério. Na Bíblia a palavra ministério em muitos lugares do Novo Testamento significa serviço. Ministério é uma palavra grega *diakonia* e indica a prestação de algum tipo de serviço.

<sup>52</sup> “Do mesmo modo vós, maridos, sede compreensivos em vossa vida conjugal, tributando às vossas esposas a honra devida a companheiras de constituição mais delicada, co-herdeiras da graça da vida, para evitar que as vossas orações fiquem sem respostas”. I Pedro 3: 7.

<sup>53</sup> “Da mesma maneira, vós mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos...” I Pedro 3:1.

<sup>54</sup> “cada qual devendo ser, como te prescrevi, homem irrepreensível, esposo de uma única mulher, cujos filhos tenham fé e não possam ser acusados de dissolução nem de insubordinação.” Tito 1: 6.

<sup>55</sup> Não há inscrição de Lúcia na plataforma do CNPQ do currículo lattes e não consegui localizar em quais instituições a bispa se formou.

sites oficiais da igreja, consta que sua conversão ao cristianismo foi aos 16 anos<sup>56</sup>. Robson e Lúcia Rodovalho casaram-se em 1976, ou seja, no mesmo ano que iniciaram a liderança religiosa em Goiânia. Foi no ano de 2003 que a bispa Lúcia assumiu o Arena Jovem da ISNT, promovendo eventos, cultos e reuniões que alcançaram milhares de jovens por todo o Brasil.

Ao analisar o blog<sup>57</sup> da bispa Lúcia Rodovalho foi possível encontrar artigos que são postados semanalmente com temas contemporâneos, voltados ao público jovem, mulheres e homens. Seu perfil, diferentemente do perfil do Rodovalho, tem apenas três parágrafos discretos, onde consta que é presidente do Ministério Sara Nossa Terra junto com seu marido, sua formação acadêmica e as áreas que atua na igreja (evangelismo, aconselhamentos, palestras e escritora de diversos livros).

A presença da Lúcia Rodovalho é marcante nos eventos da ISNT. É alguém que reforça a liderança do bispo. Ainda assim em seu blog, facebook e twitter não há quase nenhuma menção a si própria. Ela utiliza poucas imagens, se comparado com o portal de Robson. No blog, a ênfase é a divulgação de seus livros e mensagens sobre família, cura interior e relacionamentos. Há também uma discreta divulgação dos eventos que ela participa. Percebo que Lúcia é uma peça fundamental para o crescimento e fortalecimento da ISNT, apesar da principal figura da instituição ser Rodovalho.

Ao apresentar a biografia de Rodovalho é importante destacar que trabalho com memórias oficiais da ISNT, ou seja, o seu testemunho de vida é apresentado exaustivamente nos materiais fornecidos pela igreja aos novos membros. Uma memória com marcos imutáveis, como afirma Pollack (1992),

É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinados números de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa (...).

As memórias de Rodovalho, principalmente do processo de sua conversão, deixam de ser memórias individuais e passam a ser memória coletiva. Na primeira visita que uma pessoa faz à ISNT, ela recebe como presente um pequeno livro com uma mensagem evangelística e o testemunho de Rodovalho. Ao passo que essa pessoa se converte na igreja, ela passa a ter mais e

---

<sup>56</sup> <http://impactoradical.wordpress.com/arena-jov/> Acesso em: 12/12/2014.

<sup>57</sup> <http://bispalucia.com.br/> Acesso em: 02/03/2015.

mais contato com essas memórias. Começa a ter então, uma identificação pessoal, sentindo-se pertencente aqueles acontecimentos. Isso é tão forte que Pollack (1992) chama de “memória quase herdada”.

E porque é tão importante que os membros conheçam as memórias do seu líder? Apresento primeiro essas memórias, para posteriormente voltar à questão.

Robson Rodovalho nasceu na cidade de Anápolis (GO) em 1955, sua família era de crenças religiosas, espírita e católica, e participavam também de giras de umbanda na fazenda da família “por empregados oriundos da Bahia” (MARIANO, 1999, p. 104). Filho de fazendeiro foi criado com certo conforto financeiro e, devido aos traumas vividos na adolescência: um acidente de carro que envolveu sua irmã mais nova e um amigo, e a morte de um funcionário da fazenda, por um tiro acidental de espingarda, dado pelo próprio Rodovalho ao manusear a espingarda do pai. Ele afirma que sua vida foi marcada por tragédias. Essas tragédias abalaram suas crenças religiosas nos guias espirituais. As memórias de sua biografia e os estudos realizados por Mariano (1999, p. 104, 105) e Pires (2011, p. 127), atribuem a essas experiências marcas profundas que, trazendo dúvidas em relação à sua fé, afastaram-no de suas crenças anteriores.

Sua conversão ao protestantismo foi aos 15 anos, em um acampamento organizado por jovens da igreja Presbiteriana do Brasil. Posteriormente se filiou à Mocidade Para Cristo (MPC) e passou a evangelizar. Aos 17 anos tornou-se líder e presidente estadual do MPC e foi em dos acampamentos organizados pelo MPC, que Rodovalho afirma ter recebido o batismo com o Espírito Santo, formando meses depois dessa experiência sua própria igreja em Goiânia, por influência do missionário norte-americano John Walker.

É perceptível que são criadas imagens para fazer com que as pessoas se identifiquem com seu testemunho, tais como a tragédia, a dúvida, a confusão, a necessidade de mudança. Assim, fez-se necessário um novo encontro, uma nova experiência, um novo Deus, uma nova igreja. Em seu testemunho de conversão, fica claro aos novos fiéis a necessidade de uma mudança espiritual, ou seja, aceitar a Jesus e isso inclui uma nova comunidade na fé.

Após sua conversão Rodovalho foi consagrado pastor no ano de 1976, ou seja, com 21 anos e fundou a Comunidade Evangélica de Goiânia, para só na década de 1990, fundar a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. A ascensão de Rodovalho no cenário religioso brasileiro aconteceu de forma rápida a partir de 1990. Sua performance foi influenciada principalmente por dois missionários norte-americanos, John Walker e Jack Stilles. Além do pregador Benson Idahossa e

do pastor Myles Monroe (RODOVALHO apud PIRES, 2011, p. 128). Pires (2011), cita ainda Watchman Nee, Paul Yang Cho e Kenneth Hagin. Sendo que, Cho e Hagin são os maiores representantes do movimento de Confissão Positiva. Foi, portanto sob o direcionamento desses líderes religiosos que se formou a “compreensão teológica de Rodovalho acerca da vida espiritual” (PIRES, 2011, p. 128).

No site oficial de Rodovalho<sup>58</sup>, ele se intitula “Físico por formação. Pastor por vocação”. Foi professor de física por vários anos na Universidade Federal de Goiás. Exerceu o mandato de deputado federal. “(...) findo o período, preferiu dedicar-se exclusivamente a ISNT, **reservando à política alianças em torno de propostas pontuais**, que tenham como objetivo o bem da sociedade, em especial da comunidade evangélica. Tornou-se, portanto, um **observador crítico e negociador pontual**, pode-se dizer” (grifo meu).

Ainda em relação à política, apesar de Robson afirmar não mais disputá-la, conforme o texto acima, ele tem um envolvimento direto, apoiando candidatos que sejam de interesse da comunidade evangélica, em especial da própria ISNT. Sobre “alianças políticas” e ser um “observador crítico e negociador pontual”, destaco o apoio direto que o líder religioso deu em 2010 nas eleições presidenciais a Dilma Rousseff. Já nas eleições de 2014, seu apoio foi à candidata Marina Silva e, em relação aos deputados federais e estaduais, foram diversas as alianças realizadas e essas alianças eram divulgadas aos fiéis da ISNT, bem como o pedido de votos aos políticos escolhidos, pedidos esses realizados pela mídia interna da igreja, via cultos, eventos, facebook, blog entre outros.

No site oficial de Rodovalho<sup>59</sup>, logo na página principal, foi possível encontrar a divulgação dos shows, eventos e palestras que ele realiza no Brasil e exterior. Consta também o seu currículo, que apresento nas linhas abaixo<sup>60</sup>.

Robson Lemos Rodovalho formou-se em física pela Universidade Federal de Goiás. Também é graduado em filosofia, teologia e medicina natural.

Casado há 38 anos com Maria Lúcia Rodovalho, é Bispo Presidente e fundador do Ministério Sara Nossa Terra.

Tem mais de 70 livros publicados, nos quais aborda temas como vencer heranças de nossos antepassados que nos impedem de prosperar na vida, gestão para sucesso pessoal e empresarial, além de obras focadas na relação entre ciência e fé. Sua obra *Ciência e Fé – O Reencontro pela Física Quântica* (LeYa, 2013) chegou ao segundo lugar no ranking dos títulos mais vendidos da Revista Veja para a

<sup>58</sup> <http://bisporodovalho.com.br/>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>59</sup> <http://bisporodovalho.com.br/>. Acesso em 02/03/2015.

<sup>60</sup> Na plataforma do CNPq não encontrei o currículo lattes de Rodovalho.

categoria não-ficção na primeira e segunda semana de julho de 2013, logo após seu lançamento nacional, em São Paulo. Na semana do dia 27 daquele mês, a obra ficou em primeiro lugar no ranking da Veja.

Deputado por um único mandato, na legislatura de 2007 a 2010, Rodovalho não se candidatou desde então a novos cargos eletivos. Tem se dedicado exclusivamente à Sara Nossa Terra, como liderança religiosa à frente de 1,3 milhão de fiéis no mundo e também como gestor da estrutura do ministério, que iniciou 2014 com 1.058 células eclesiais e igrejas no Brasil e nos demais países em que está presente, na América, Europa e África.

Robson Rodovalho apresenta diariamente o programa Vida com Esperança, pela TV Gênese. Compositor e cantor gospel, já lançou 3 DVDs e 7 CDs, entre os quais o “Sara Nossa Terra”, pelo qual recebeu o prêmio Globo de Ouro, da gravadora Som Livre, pela venda de mais de 40 mil cópias.

Pesquisador dedicado às relações da física quântica com o mundo espiritual e o homem, Robson Rodovalho apresenta conferências, no Brasil e no exterior, sobre temas como Batalha Espiritual, Quebra de Maldições, Princípios da Física Quântica, O Valor Dinheiro e sua Gestão Próspera, Gestão Pessoal e Empresarial, além de Ciência e Fé - O Reencontro pela Física Quântica.

Entre outros títulos, o Bispo Robson Rodovalho recebeu: Comenda Social Religiosa (2000), Honoris Causa em Filosofia, Membro da Academia Internacional de Cultura de Brasília e Medalha do Mérito Legislativo (2013)<sup>61</sup>.

Esta é a imagem de um líder que está sempre correndo, preocupado com produtividade, exercendo funções multifuncionais: escritor, conferencista, pesquisador, apresentador de programas televisivos, pastor. “O bispo aciona diferentes formas de **capitais** nessa forma de comunicação que é seu site pessoal: temos a face do líder religioso, do deputado federal, do apresentador de televisão e rádio, compositor, cantor, conferencista e participante de instituições filantrópicas” (FERRARESE e LIMA, 2015, p. 777).

Ao observar a preocupação de Rodovalho em apresentar com frequência suas diferentes faces, principalmente o capital cultural, adquirido por eles por meio de profissionalização, diplomas e títulos, a partir das análises feitas por Weber, sobre a formação educacional de sua época, o aumento de profissionais qualificados, a fim de atender os diferentes setores públicos e privados, aplicando normatizações técnicas e sociais, que serviriam de parâmetros a toda a sociedade (WEBER, 2008, p. 168), entendo que, quando os líderes se colocam como exemplo de capital cultural, além de cultivar e despertar sua legitimação, eles se tornam parâmetro para os demais fiéis, formando uma instituição religiosa avançada do ponto de vista cultural e educacional. “Para Weber, a busca pela qualificação profissional e a consequente ‘disputa’ por títulos

---

<sup>61</sup><http://bisporodvalho.com.br/>. Acesso em: 02/03/2015.

acadêmicos serviria, entre outras, como passaporte para a entrada em círculos sociais mais respeitáveis”. (MELO JUNIOR, 2010, p. 158).

Sendo Lúcia e Robson Rodovalho os principais agentes socializadores da ISNT e, portanto, portadores de autoridade social sobre os fiéis, já que eles propõem, seja pelo ensino ou pelo exemplo, formas de conceber o mundo, como pensar essas lideranças a partir dos tipos ideais de dominação proposto por Weber (1999)?

A dominação carismática proposta por Weber (1999) está relacionada a uma qualidade extracotidiana e, como nos afirma Siqueira et al (2000, p. 339), ao estudar o carisma proposto por Weber, “O carisma é aquele encanto, aquela magia, aquela graça muito particular que acompanha certos líderes e personagens portadores do sinal de Deus”. Os autores observam que o carisma é diferente do poder do burocrata, são personagens que tanto são dotados como despertam certo fascínio, possibilitando-lhes assim ocupar o lugar de liderança, desde que haja o reconhecimento do líder pelos liderados.

Percebo, no histórico dos fundadores da ISNT, que eles procuram divulgar suas muitas faces, no objetivo de legitimar a dominação de cada um deles, no caso de Rodovalho um trabalho ainda mais intenso. Nessa direção, Montezano (2006), considera que:

Nota-se que, na mídia televisiva e radiofônica e escrita, o perfil que as lideranças evangélicas divulgam de si mesmas é de pessoas que se dedicam incansavelmente ao serviço religioso, desempenhando diferentes funções e atuando em diferentes esferas sociais. Com programações que vão além do culto e das pregações religiosas, essas lideranças se apresentam numa organização religiosa também voltada para o mercado de consumo, como comunicadores de rádio, de televisão bem como de outros meios de comunicação, no papel de pastores conselheiros e/ou articuladores em diferentes situações sociais. Dessa forma acabam ditando um modelo de conduta ascético relacionado à prática religiosa.

Conforme apontamos em outra ocasião (FERRARESE e LIMA, 2015, p. 778) e, em diálogo com Montezano (2006) sobre as diferentes faces mobilizadas pelo bispo como estratégias de legitimação:

Robson Rodovalho constrói uma forma própria de enunciar, narrar e celebrar diversas mensagens. Na Igreja Sara Nossa Terra, ele é o centro de referência, o condutor de um projeto religioso e de poder que encarna a autoimagem do grupo. Assim, a exposição das faces da vida social, familiar, intelectual e política, articuladas a uma dimensão transcendente, ativam o **carisma** e o poder do bispo em relação aos fiéis e na dinâmica de concorrência no âmbito do **campo religioso**. (FERRARESE, LIMA, 2015, p. 777)

A figura de Rodovalho é construída para parecer uma liderança evangélica que trabalha incansavelmente em diferentes esferas e que ensina aos fiéis da ISNT o mesmo. Conforme Rodovalho, Deus fez o homem para reinar sobre as nações, sendo que Israel foi o país escolhido para esse reinado, mas como falhou, essa se tornou a função da igreja, assim, de acordo com sua teologia, o governo e o domínio da sociedade estão em poder da igreja. (PIRES, 2011, p. 129). Para que a igreja assuma esse papel ela deve estar em posição de liderança, ou seja, ter sucesso e prosperidade na vida profissional e financeira. Mas esse sucesso depende primeiramente da fé em Deus e depois de muito esforço, trabalho e qualificação profissional, atributos estes que o próprio Rodovalho se coloca como exemplo aos fiéis. Um líder trabalhador, multifuncional. Teria esse carisma alguma aproximação com a liderança carismática apresentada por Weber?

Nas análises weberianas a “liderança” carismática acaba surgindo em momentos de angústias e inseguranças e é vista como uma salvação, um comportamento das sociedades menos complexas e menos modernas. Já nas sociedades modernas e mais complexas os fenômenos carismáticos, bem como suas “lideranças” podem ser observados em grupos emergentes de alguns movimentos sociais (SIQUEIRA et al 2000, p.339). Os autores observaram ainda que, na sociedade atual com a instalação de uma ética da prática do bem-estar abriu-se um espaço para a configuração de “lideranças” não carismáticas, não centralizadas nos preceitos carismáticos clássicos, que os autores denominam de **liderança narcisistas**, apresento abaixo as observações dos autores, que, apesar das pesquisas serem relacionadas a grupos místicos-esotéricos em muito contribuem para minhas reflexões.

Mais recentemente, nos grupos místico-esotéricos investigados, foi possível verificar que na maioria das vezes o líder carismático não está na origem do grupo ou do movimento. Ao contrário, faz parte deste, originalmente, como um indivíduo-membro qualquer. Com o tempo, convívio e muito trabalho pessoal, ele começa a destacar-se demonstrando ‘habilidade’, ‘capacidade’, ‘força persuasiva’, dentre outras qualidades e atributos que o dotam de dons e qualidades extraordinárias. Encarna-se, então, duplamente na missão de liderança: por um lado atribui a si função de líder; por outro passa a ser reconhecido como tal por seus adeptos. Trata-se da consolidação da liderança com traços carismáticos – embora não radicais em termos de definição ideal e de legitimidade por parte dos adeptos. (SIQUEIRA et al, 2000, p. 340, 341).

Para chegarem ao conceito de liderança narcisista, os autores verificaram que várias das características definidas por Weber não foram identificadas nos grupos, sobretudo o carisma como um dom, qualidade inata e o caráter de salvação em situações calamitosas. Assim, os autores procuraram “flexibilizar” o conceito weberiano de carisma. Ainda de acordo com Siqueira et al

(2000), os grupos entrevistados negam a hierarquia nos grupos, a diferenciação de homens e mulheres bem como a situação de “adeptos” ou “seguidores” de um líder. Cada um é responsável por desenvolver sua própria espiritualidade ao mesmo tempo em que todos são divinos. Assim as características do líder carismático, propostas por Weber, seriam comuns a todos, porém o conceito de carisma não seria suficiente para a compreensão dessas lideranças. É quando os autores tentam estabelecer algumas mediações com o conceito de narcisismo a partir das definições de Costa (apud SIQUEIRA et al, 2000, p. 350):

uma forma ou um sinônimo desse individualismo instrumental, criador de um novo universo de valores, de uma outra moral e de novos hábitos psíquicos, como afirmou Costa (1986). Entendendo a ideia de um sujeito autocentrado, que se autodiferencia e que se auto-refugia nos seus interesses próprios e na busca de materialização ou concretização deles. Esse é o tipo narcísico-individualista. Não se trata da noção psicanalítica do reflexo da imagem do Eu no lago-espelho, do mito de aproximar-se pelo próprio rosto, nem do narcisismo patológico entendido como uma doença psíquica. O narcisismo como fenômeno social é denominador comum do sujeito autoconservador diante da vida, diante de si e diante dos outros. (SIQUEIRA et al, 2000, p. 351)

Ao trazer a figura de Rodovalho analisando-a a partir do tipo ideal de liderança carismática, observando sua presença na fundação da primeira Comunidade Evangélica, organizada por ele e um grupo de amigos na Universidade Federal de Goiás, é possível perceber que ele fazia parte de um pequeno grupo, que não surgiu a partir dele (ou seja, a partir de Rodovalho), mas que ele chegou à liderança a partir de muito trabalho pessoal, demonstrando então sua “habilidade”, “capacidade”, “força persuasiva”. Ele atribuiu a si a função de líder e foi reconhecido pelos adeptos. Um reconhecimento que foi legitimado, seja por seus títulos e graduações, seja pelas pregações, pelo lançamento de livros e apostilas vendidas aos membros da igreja.

Assim como Siqueira et al (2000), ao estudar as novas religiosidades percebe que apenas o conceito weberiano de dominação carismática não seria suficiente para compreensão do fenômeno, no caso da figura de Rodovalho é possível afirmar que ele é um líder com traços carismáticos, mas a dominação exercida por ele em relação aos adeptos da ISNT não se aproxima da dominação carismática proposta por Max Weber, até porque, como apresento abaixo, a ISNT se aproxima de uma empresa capitalista. Assim, não é possível subsistir o carisma nesses moldes, pelo contrário, o caminho será a dominação legal e com ela a burocracia. Assim, numa direção próxima, Pires (2011, p. 190) conclui que:

A vocação desta igreja segue os ideais de expansão de uma empresa capitalista. (...), o bispo Rodovalho procurou estruturá-la como uma organização empresarial. E como tal, ela procura utilizar os mesmos critérios de sobrevivência e expansão que são considerados válidos para as grandes empresas transnacionalizadas que se encontram inseridas no espírito de competitividade do mundo globalizado. (PIRES, 2011, p. 191).

Uma igreja organizada em formato empresarial, garantindo com isso uma expansão significativa dentro do contexto religioso brasileiro. As doutrinas que vêm sendo construídas pelos bispos Lúcia e Robson Rodovalho nos últimos 20 anos têm influenciado os seus adeptos<sup>62</sup> e dado a esta igreja algumas características próprias. Um exemplo é o doutrinamento dado por Rodovalho que o governo e o domínio da sociedade estão em poder da igreja, assim ele e Lúcia mantêm uma corrida por títulos e especializações, procurando garantir-lhes a circulação em diferentes espaços sociais, como política e mídia. Há também a instrução dos fiéis para que alcancem a profissionalização, para que ocupem espaços de poder, ou seja, sejam representantes da instituição em diferentes espaços sociais.

Justamente porque os fiéis são treinados para além do espaço religioso, fazem-se necessárias estratégias que “garantam” a obediência e submissão desses fiéis às autoridades da igreja. Apresentarei nos tópicos abaixo, por meio das práticas socializadoras da ISNT, como a dominação legal, principalmente por meio da burocracia tem se sobressaído nesta instituição.

#### **2.4. Práticas Socializadoras, Dominação Legal e Burocracia**

Nos tópicos anteriores, apresentei um levantamento histórico da ISNT a partir da academia, uma leitura a partir da mídia impressa e um breve relato histórico sobre os fundadores. Apresentei também como a dominação carismática a partir das análises weberianas não é perceptível nos líderes fundadores. Para os próximos tópicos apresentarei as práticas socializadoras da ISNT, que procurei organizar no seguinte formato, **Práticas Socializadoras nos Pequenos Grupos** (Células de Crescimento no modelo G12, Revisão de Vidas, Instituto de Vencedores) e **Práticas Socializadoras nos Grandes Grupos** (Teologia de Domínio, Arena Jovem e principais eventos - Celebração de Inverno e Verão). Em seguida apresento **Socialização e Mídia e Literatura como expansão de instrução, doutrina e manutenção de autoridade** (produção bibliográfica dos

---

<sup>62</sup> Na tese desenvolvida por Pires (2011), ele realizou pesquisas qualitativas, por meio de questionários fechados, com 41 membros da SNT de diversas partes do Brasil nas Celebrações de Inverno 2010, bem como as análises feitas na observação participante, a influência dos ensinamentos oferecidos pela igreja, as músicas ali cantadas são crenças e valores que aparecem no dia a dia dos fiéis.

principais líderes da ISNT). Uma organização que realize apenas para melhor compreensão do texto, já que essas práticas socializadoras dialogam entre si.

Nos estudos realizados por Barbosa e Quintaneiro (2002) sobre Max Weber e dominação, as autoras observaram que Weber, ao estudar a sociedade de sua época, entendia que o social é construído a partir das ações individuais, assim, a questão que se apresentava era: “Como é possível a continuidade da vida social? ”. A resposta encontrava-se justamente no fundamento da organização social, ou seja, “a dominação ou a produção de legitimidade, da submissão de um grupo a um mandato”. O conceito de poder está relacionado a impor a própria vontade dentro de uma relação social. Sobre isso, Weber afirma que:

Os meios utilizados para alcançar o poder podem ser muito diversos, desde o emprego da simples violência até a propaganda e o sufrágio por procedimentos rudes ou delicados: dinheiro, influência social, poder da palavra, sugestão e engano grosseiro, tática mais ou menos hábil de obstrução dentro das assembleias parlamentares. (WEBER apud BARBOSA, QUINTANEIRO, 2002).

Percebe-se que o poder pode ser alcançado por diversos meios. A questão que se impõe é: como essa “imposição” encontra probabilidade de obediência? E, é exatamente quando certo mandato encontra obediência dentro de um grupo que Weber chama de **dominação**, ou seja, há interesse no grupo em obedecer.

A **dominação legal** tem como tipo mais puro a **burocracia**, de acordo com Weber (1999, p. 128), sua ideia básica é, “qualquer direito pode ser criado e modificado mediante um estatuto sancionado corretamente quanto à forma. A associação dominante é eleita ou nomeada, e ela própria e todas as suas partes são **empresas**”.

Ainda sobre a dominação legal, Weber (1999) apresenta que, neste caso, o quadro administrativo é composto por funcionários, nomeados pelo “senhor” e os subordinados são membros da associação. O superior é legitimado e obedecido de acordo com as regras criadas. Do funcionário é exigido formação profissional e este recebe salário estipulado em contrato e o direito a ascensão varia conforme as regras fixas. A administração não deve receber influência de motivos pessoais ou sentimentais, o modo de trabalho deve ser estritamente formal. O dever de obediência está relacionado à hierarquia de cargos, sendo que, os inferiores devem se sujeitar aos superiores. Exemplos de dominação legal são as grandes empresas capitalistas, a estrutura moderna do Estado e dos municípios.

A **burocracia** constitui o tipo mais puro da dominação legal, contudo é Weber (1999, p. 130) quem nos lembra que nenhuma dominação é exclusivamente burocrática, já que nenhuma “empresa” é exercida unicamente por funcionários contratados, geralmente os cargos mais altos são os “monarcas” (soberanos carismáticos hereditários) ou “presidentes” (eleitos pelo povo) ou são eleitos por um colegiado parlamentar. O próprio trabalho administrativo também não é composto apenas burocraticamente, existem os “cargos de confiança”. Contudo, todo trabalho rotineiro deve ser entregue, de maneira predominante progressiva, ao elemento burocrático.

Com base nas perspectivas acima é que procuro entender as práticas socializadoras da ISNT. Pires (2011, p. 191) aponta como a principal “vocação” desta igreja seguir os ideais de expansão de uma empresa capitalista, organizada por Rodovalho em uma estrutura empresarial, seguindo os moldes das grandes empresas transnacionais que estão inseridas na competitividade do mundo capitalista.

Sendo que “não há socializa o sem uma cota de domina o” (DUBET apud GOMES 2010) e, ainda nesse sentido, “todo sistema de domina o carece da cumplicidade e da parceria do dominado” (BOURDIEU apud GOMES 2010) apresento abaixo as práticas socializadoras da ISNT. Tendo como Weber, meu principal referencial teórico e que, suas análises sociológicas se dão a partir do sujeito e não da institui o, ressalto que, no caso desta pesquisa, a ênfase nas análises se dará a partir da institui o e sua força socializadora e não a partir do indivíduo que a compõem.

  preciso lembrar que em todo o processo socializador deve-se identificar e analisar a varia o e a história da força dos recursos que cada agente ou institui o acumulou ao longo de sua trajetória. Socializados e socializadores, no espaço de luta simbólica da socializa o. Assim, propõe-se que, entre outras, a atual tarefa da sociologia das socializa es seria, então, debruçar-se sobre as estratégias de constitui o desses poderes a fim de abrir espaço para a compreensão da domina o das sociedades contemporâneas. (SETTON, 2012, p. 37, 38)

Começo, portanto, apresentando as práticas socializadoras nos pequenos grupos em seguidas as práticas nos grandes grupos para, posteriormente, abordar a média e a literatura, no sentido de compreender esses processos de socializa o bem como a domina o e burocratiza o que ocorrem por meio deles.

#### 2.4.1 Práticas Socializadoras nos Pequenos Grupos: Socialização e Obediência

Dentre as práticas socializadoras nos Pequenos Grupos enfatizo três práticas que ocorrem nas igrejas locais da Sara Nossa Terra. São elas: Células de Multiplicação no Modelo G12<sup>63</sup>, o Revisão de Vida e o Instituto de Vencedores. Ainda que nas igrejas locais existem outras práticas socializadoras, opto por selecionar as três pois estão diretamente ligadas entre si, são as principais práticas responsáveis pelo crescimento e expansão da instituição e, como apresento abaixo, é perceptível observar que a socialização e obediência caminham juntas nessas práticas.

Desde sua fundação, a ISNT trabalha com pequenos grupos nos lares, conhecidos primeiramente como grupos caseiros. Posteriormente a igreja entrou no modelo celular G12, no qual em pequenos grupos formados por até 12 pessoas, chamados de células, os membros são desafiados a levar amigos e vizinhos com o objetivo de multiplicar e formar novas células, que podem acontecer em uma casa, na igreja ou em espaços como empresas, universidades e escolas. Em sua organização ela conta com um líder, um colíder e um líder em treinamento. A duração da célula deve ser de uma hora, com as seguintes atividades<sup>64</sup>: oração (5 minutos); quebra-gelo (20 minutos); estudo dirigido (15 minutos); ministração (15 minutos); oração de entrega e encerramento (5 minutos).<sup>65</sup>

A ISNT conta com três apostilas, conhecidas como Manual de Estudo para Células de Multiplicação. Os manuais iniciam com a palavra dos Bispos Robson e Lúcia Rodvalho em seguida tem as instruções de como a célula deve funcionar e orientações ao líder de célula de como preparar cada Estudo Dirigido. Em cada um dos manuais há sete Estudos Dirigidos, e cada estudo é organizado em duas aulas, sendo que, cada um deles é bem curto. Como abordado sobre a

---

<sup>63</sup> O modelo celular G12, foi implantado primeiramente em Bogotá, Colômbia pelo pastor César Domingues Castelhanos com a proposta da estruturação das igrejas em células nas casas como forma de gestão eclesiástica. Com o grande crescimento entre cristãos na Colômbia, com esse modelo, pastores do mundo todo, inclusive do Brasil se interessaram por adotar esse novo modelo de crescimento e gestão de igrejas. Essa visão chegou ao Brasil em 1998 por duas lideranças, Valnice Milhomens e Renê de Araújo Terra Nova, que ficaram responsáveis por divulgar o movimento no Brasil. (ANDRADE, 2010, p. 63).

<sup>64</sup> Fonte: Manual de Estudo para Células de Multiplicação, Sara Brasil edições e produções, 2003.

<sup>65</sup> Nas “orientações práticas sobre uma reunião em célula” presente nos manuais de célula consta que, a reunião deve começar com uma **oração**, em seguida com o **quebra-gelo**, ou seja, uma apresentação dos líderes e participantes a fim de minimizar a timidez e incluir os novos participantes ao ambiente da célula. No **estudo dirigido**, o líder deve seguir as diretrizes proposta pelo manual (ou seja, em cada célula tem um estudo já definido no manual). A **ministração** consiste em um novo período de oração, como pedidos para conversão e milagres. A **oração de entrega** é o momento de apelo para que os novatos possam se converter. Por fim, o **encerramento** é o período de avisos da igreja e a coleta dos Parceiros de Deus.

distribuição do tempo, são apenas 15 minutos para o ensino desse estudo. O modelo de célula **ideal** é aquele que consiga, ao final dos três manuais ensinados, multiplicar-se.

Para ser líder de célula o fiel frequenta o Instituto de Vencedores (anteriormente chamado de Escola de Vencedores), onde ele recebe treinamento para abertura de células, formação dos 12 e consolidação de novas pessoas. Na ISNT o líder pode exercer funções de maior relevância como diaconato e pastor, dependendo do número de células que tem abaixo dele e de líderes que ele forma. Gomes (2010) traz a seguinte definição sobre o movimento G12 da ISNT,

(...) na visão G12, o casal de bispos conduz doze casais discípulos que são suas ovelhas, constituindo uma engenharia de crescimento da igreja, estratégica para a socialização dos diferentes segmentos de fiéis: adultos, jovens, crianças, empresários, dentre outros. Cada casal de discípulos – ovelhas – dos bispos da Sara – Rua Augusta reproduz a mesma visão para mais doze discípulos, ou seja, até esse ponto são 144 pessoas envolvidas. (...). Os bispos realizam com esses pastores e líderes reuniões coletivas (discipulado coletivo), conversas pessoais (discipulado individual), com o objetivo de cuidar, proteger, alimentar, juntar, procurar, curar e carregar seus doze discípulos, (...). Há um esforço cotidiano entre pastores e líderes de jovens de se apropriarem das mesmas estratégias e ofícios para reproduzirem com seus discípulos. O mesmo é ensinado aos fiéis para que repliquem as mesmas ações e conteúdo de acordo com as necessidades dos seus doze discípulos. (GOMES, 2010, p. 73).

Os estudos de Gomes (2010), como apresentado anteriormente, são da ISNT – Rua Augusta, contudo essa mesma organização acontece em todas as outras ISNT. Não significa, porém, que em todas as células o número de participantes seja doze, o objetivo é ultrapassar esse número para então multiplicar, mas isso é algo que demanda tempo e empenho dos líderes, colíderes e de todos que compõem a célula.

Vale destacar que a ISNT foi uma das protagonistas na consolidação do modelo G12 no Brasil. Um modelo da ISNT que, apesar de algumas mudanças de um estado para outro ou de uma igreja para outra, mantém o objetivo principal: socializar os fiéis que participam da célula e levá-los a alcançar outras pessoas, a serem frutíferos para que a célula alcance seu objetivo maior que é a multiplicação. Geralmente as células são organizadas de acordo com as fases da vida (crianças, adolescentes, jovens, adultos etc.) (GOMES, 2010, 74, 75).

Os aspectos importantes para analisar, no que diz respeito às células, é que, a doutrinação que acontece nesse ambiente é de maneira informal. A maior parte das células acontece em uma residência, o tempo para o quebra-gelo é maior do que o tempo do estudo bíblico, ou seja, há uma estratégia socializadora por parte dos líderes para que as pessoas sejam bem recebidas e se familiarizem umas com as outras. A célula de crescimento procura criar um ambiente que valorize

o ensino e o laço entre as pessoas. O compromisso dos líderes de célula em ganhar e consolidar novas pessoas pode ser observado por meio de um trecho do diário de campo do pesquisador Gomes (2010),

Durante o trabalho de campo, fui visto, diversas vezes, por amigos e pesquisadores que passavam em frente ao estabelecimento da igreja. Alguns cumprimentavam, perguntavam o que eu fazia lá. Outros, dias depois, diziam que tinham passado lá e tentado olhar recorrentemente para ver se me viam. Às vezes, ficava na calçada conversando com esses colegas, e, não menos comum, era o fato de jovens da igreja pensarem que eu estava evangelizando e convidarem meus colegas para entrar. Praticamente todos rejeitavam o convite. Não me engajei na perspectiva de ser um jovem líder, mas em certa ocasião, levei uma amiga, nordestina, doutoranda da área de saúde na USP, que se ofereceu para ir comigo ao culto do Arena Jov., pois ela mesma, ainda sem frequentar uma igreja se dizia evangélica. Na ocasião ela vivia “lutas” na área afetiva, pois tinha terminado um relacionamento de muitos anos. Ao entrar com ela no templo, um jovem líder, com brilho nos olhos, disse-me com intenção de me prestigiar: “Está multiplicando! É isso aí!” Pois ele sabe o esforço que é levar uma pessoa na igreja. Logo, encaminhou minha amiga para uma jovem, que insistiu para que fosse à frente dançar com os outros jovens. Lá foram elas. No final do culto, minha amiga estava encantada com a igreja. Durante a semana, recebeu ligações da jovem líder que a tinha acompanhado no culto. Em poucas semanas, já ia dormir na casa da líder, lanchavam e conviviam juntas. A líder seguia a risca o sistema de cuidado documentado pela igreja. Foi convidada a ir ao Encontro Com Deus. Cheia de tarefas e dúvidas, resistiu por alguns dias em dar resposta, mas diante da insistência de sua nova líder, cedeu e foi. Pude observar seu retorno, com uma aliança no dedo que simbolizava uma aliança com Deus. As fotografias que me mostrara, junto às suas novas amigas, revelavam um êxtase em seu sorriso, dizia sentir uma “tremenda paz”. Durante a semana que se seguiu, continuava encantada e cada vez mais envolvida com a igreja. Chegou a levar uma amiga, também da USP, mas esta não se firmou. O tempo foi passando. A dedicação aos estudos, o medo de andar sozinha na metrópole paulista, e, o mais significativo, o reenlace, com seu namorado fizeram com que ela parasse de ir a igreja, saindo do circuito do cuidado em que havia se inserido. Naquele momento da vida, o que ela mais precisava era da companhia de outras pessoas; respostas de fé e conforto para enfrentar os problemas do cotidiano, isso ela encontrou no sistema de cuidado ofertado pela jovem líder. (GOMES, 2010, p. 78, 79).

No trecho acima é possível observar o compromisso que os líderes de célula têm, não apenas em ganhar novos membros, mas de inseri-los em suas comunidades, em suas casas e, em suas vidas. Os relacionamentos desenvolvidos vão além das formalidades religiosas. O indivíduo que chega à célula, seja por um convite ou iniciativa própria, está em busca de algo, e quem recebe esse indivíduo, tem como motivação maior “o chamado” que acredita ter recebido de Deus de alcançar outras pessoas. Isso pode ser observado no terceiro manual de **Estudos Dirigidos**, em que, a lição

um é **Frutificando em Cristo** e o principal versículo bíblico é: “para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça”<sup>66</sup>. A missão do cristão é frutificar, essa é a ordem de Cristo.

A fé precisa ser provada por frutos. Esses frutos não são apenas os espelhados pelas virtudes que devem marcar a vida do cristão, mas também por uma vida reprodutiva onde um discípulo gera outros discípulos. Uma fé somente contemplativa, um misticismo ascético, separado e distante da realidade do dia-a-dia, é algo totalmente equivocado e estranho ao mandamento do Senhor, é religiosidade estéril. Tiago declara que a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma (Tiago 2:17) (Manual de Estudos para Células de Multiplicação, vol. 3, 2005, p. 9).

Nos ensinamentos do terceiro manual de **Estudos Dirigidos**, o novo crente já recebe como meta para sua vida, a frutificação. Virtudes e boas obras não são suficientes. Um cristianismo contemplativo ou místico está longe de agradar a Deus, faz-se necessário dar frutos e isso significa alcançar outras pessoas. O ensino é enfático, dar fruto não é uma opção para o cristão e sim uma responsabilidade, para isso ele deve fazer o que está ao seu alcance. Orar pedindo amor pelo não cristão, desenvolver novas amizades para atraí-la à célula, remover os obstáculos que o impeçam de frutificar e reconhecer que a quantidade é importante.

Por muito tempo a igreja dos séculos passados permaneceu acomodada entre suas quatro paredes, confiada na perigosa justificativa de que ‘somos poucos, mas somos muito bons, somos pequenos mas temos qualidade’. Que a qualidade é imprescindível não há dúvida, mas e a quantidade? Enquanto a igreja cantava ‘somos um pequeno povo e mui feliz’, satanás colhia multidões e mais multidões para a perdição eterna. (Manual de Estudos para Células de Multiplicação, vol. 3, 2005, p. 16).

Ainda ao observar os Estudos Dirigidos, além da quantidade a se preocupar, é importante que os novos discípulos tenham para si metas de quantas pessoas desejam alcançar para Cristo. Em um dos estudos, é feito um paralelo do cristão com um atleta, que, para alcançar sucesso em sua carreira estabelece para si metas,

Adquira uma agenda e utilize-a organizando suas tarefas, suas atividades semanais. Estabeleça alvos de crescimento tanto natural como espiritual. Faça juntamente com sua célula um planejamento de atividades evangelísticas para conquistar a comunidade ao seu redor (Manual de Estudos para Células de Multiplicação, vol. 3, 2005, p. 19).

Entendo que os processos socializadores que se desenvolvem na célula vão além de relacionamentos entre as pessoas e de doutrinação, a célula é uma estratégia de crescimento da ISNT e um ambiente organizado para manter um controle de almas e corpos. O formato que a

---

<sup>66</sup> Evangelho de João 15:16.

célula recebe em que o bispo fundador tem doze discípulos e cada um desses discípulos tem mais doze e assim sucessivamente lembra uma grande pirâmide em que, a ordem estabelecida pelo líder fundador (que estaria no topo da pirâmide) chega aqueles que estão na parte mais baixa. Assim há um controle e um esforço para que a reprodução aconteça de acordo com o líder maior. Entendo nesse controle a busca por uma multiplicação em série. Ainda que nos estudos de Gomes (2010) ele observa os laços que são desenvolvidos nas células de multiplicação, me pergunto se esses laços estão relacionados apenas a formação de novos discípulos. No exemplo dado por Gomes e que citei acima, parece-me que os laços entre a líder de célula e sua amiga da USP duraram até o momento em que sua amiga se dispôs a ficar debaixo do cuidado da líder de célula (e com isso, da instituição).

Nesse sentido, para Lima (2010, p. 49), tanto os cultos como as células da ISNT “funcionam como instâncias de reprodução de uma visão e representação específicas do mundo, consistindo em momentos de reprodução das concepções do grupo e uma forma dos agentes lutarem pelo monopólio dos exercícios de legitimação da autoridade religiosa”. E, de acordo com Mendes e Silva (2006, p. 104), a ISNT tem uma estrutura hierarquizada e centralizadora, a produtividade é baseada numa estrutura moderna de células de produção (bastante parecidas com as toyotistas) e daí resulta estratégias de crescimento mais quantitativas. “Essas células de produção repassam a toda a comunidade a responsabilidade do apoio social, da captação de recursos, da integração de novos membros, da produção dos bens religiosos”. Os líderes de células mais se parecem com gerentes, tamanha suas responsabilidades, “motivação do grupo, planejamento, organização e cuidado com a qualidade dos produtos” (idem p. 104), assim para os pesquisadores em questão, o modelo celular facilita o crescimento da organização, pois facilita a cobrança junto aos líderes.

A partir do entendimento de Lima (2010) e de Mendes e Silva (2006), sobre o modelo celular e sua aproximação com o modelo de produção toyotista, retomo a questão da sociedade escolarizada, mais especificamente quando a escola, após a Revolução Industrial, ganhou uma relação direta com a economia, já que com a sociedade capitalista, os processos de formação humana deveriam se aproximar dos modelos de organização do trabalho. (DI PIETRO, 2008, p. 11). A autora apresenta que, “Com o desenvolvimento da maquinaria e o avanço da produção houve a necessidade de uma maior organização e racionalização do processo de trabalho e, conseqüentemente, de capacitação do trabalhador.” (DI PIETRO, 2008, p. 12). Coube a escola, preparar a mão de obra fabril e a formação de especialistas para o trabalho, assim, foi instaurado

na instituição escolar os fundamentos organizacionais. Primeiramente o modelo fordista (que durou até a década de 1970, no século XX) e, posteriormente o modelo japonês, toyotista<sup>67</sup>.

Por que os autores Mendes e Silva (2006) comparam o modelo celular da ISNT a este modelo? Qual a relação sociedade escolarizada, modelo toyotista de produção e práticas socializadoras da ISNT, mais especificamente o modelo celular? Gounet (apud Di Pietro, 2008, p. 28) afirma que, “Se fossemos resumir o sistema toyotista em uma frase, diríamos que é um sistema de organização da produção baseado em uma resposta imediata às variações da demanda e que exige, portanto, uma organização flexível de trabalho (inclusive dos trabalhadores) e integrada. ” Este modelo foi adaptado mundialmente e exigiu uma gestão de qualidade “diferenciada entre trabalhadores e produtos, o que implica mudanças sociais e educacionais. ” (DI PIETRO, 2008, p. 29) A promoção do trabalho em equipe era para aumentar a produção. Um modelo que gerou críticas já que “visam captar a energia física, afetiva e psíquica do trabalhador” (JINKINGS apud DI PIETRO, 2008, p. 29), mas chegou às instituições escolares, que tinham por função o preparo de seus alunos para o mercado de trabalho, seguindo o modelo em questão.

Um modelo que surgiu para atender indústrias automobilistas expande-se mundialmente, adentra as instituições escolares e, como é possível observar, as instituições religiosas. O modelo G12, para Silva e Mendes, são células de produção, com o objetivo único de crescimento e cabe aos líderes de célula e a cada um de seus liderados a responsabilidade de uns para com os outros e para com a instituição. Apesar de facilitar o crescimento da instituição, gera nos líderes em princípio o prazer, mas também o sofrimento, que “está vinculado ao desgaste físico, desgaste emocional, sentimento de desvalorização, angústia e culpa cujas razões poderiam ser a diversidade de atividades, excessiva carga de trabalho, exigência moral, grandes expectativas da comunidade e lida constante da problemática psíquica e social da comunidade. ” (MENDES E SILVA, 2006).

Ao observar a forma de organização das células de multiplicação e como nesses espaços desenvolvem-se as práticas de socialização, entende-se como as fronteiras de diferentes matrizes culturais se mesclam dificultando ainda mais a compreensão dos processos socializadores da contemporaneidade. Um espaço informal como o da célula é organizado de forma racional, seguindo um modelo empresarial, são sujeitos que se socializam socializando outras pessoas a

---

<sup>67</sup> De acordo com Di Pietro (2008, p. 28), este modelo foi a resposta da indústria automobilística japonesa para as empresas norte-americanas, para lidarem e concorrerem com o modelo fordista.

partir de um modelo de multiplicação em série, como se observa nas análises feitas por Mendes e Silva (2006).

A célula como uma das principais práticas socializadoras da ISNT, prepara os adeptos para bater metas e formar novos líderes, ou seja, um projeto de produção em série. Os ensinamentos oferecidos nesses ambientes vão sendo incorporados de maneira homeopática pelos fiéis, são três manuais que devem ser seguidos rigorosamente e com temas que se complementam, cujo objetivo final é levar a célula a uma multiplicação. E, caso a célula não tenha alcançado o número suficiente de pessoas para multiplicar, o líder volta ao primeiro manual e repete todo o processo. Nas observações feitas por Mendes e Silva (2006) sobre o modelo celular, ainda que, inicialmente, gere nos líderes o prazer ao ser desafiado e até mesmo observar o crescimento da célula, com o tempo o resultado pode ser o sofrimento, decorrente do desgaste físico, emocional, sentimento de desvalorização, angústia por não multiplicar de acordo com a exigência da instituição entre outros.

Um exemplo do controle exercido são os relatórios de Célula de Multiplicação (anexo 1), que o líder deve preencher semanalmente e entregar na igreja ou para seu líder superior no término do mês. Na ficha é possível observar que é feito o controle semanal da frequência dos fiéis à célula, se levam ou não visitas, se já realizaram a consolidação<sup>68</sup> e o Instituto de Vencedores e se contribuem com o parceiro de Deus<sup>69</sup>. Atualmente parte das ISNT já conta com um sistema online em que cada líder tem uma senha para realizar o lançamento dos números obtidos em cada célula. Esse controle é acompanhado pelos líderes de Brasília que conseguem visualizar o crescimento (ou não) das células em todo o território nacional. Ou seja, há um controle de uns para com os outros e um controle dos líderes nacionais sobre as igrejas locais.

Após um período frequentando a célula, os novos membros da ISNT são desafiados a participarem do **Revisão de Vida**, um evento de caráter mais místico em que os fiéis ficam isolados por quase três dias.

Walter Benjamin em um dos seus fragmentos, “A caminho do planetário” (1995, p. 68) afirma que, “Nada distingue tanto o homem antigo do moderno quanto a sua entrega a uma experiência cósmica que este último mal conhece”. O autor acreditava que, ainda que as experiências cósmicas comecem a naufragar a partir da Idade Moderna, essas experiências são

---

<sup>68</sup> A consolidação é um curso de sete semanas oferecido pela ISNT para aqueles que estão ingressando na igreja. Ela geralmente é realizada individualmente, com o objetivo de tirar dúvidas dos que iniciam na fé.

<sup>69</sup> Um recurso financeiro que é levantado nas células com o objetivo de manter o investimento em mídias feito pela ISNT.

importantes para o ser humano, o qual está sempre procurando meios de comunicar-se com o cosmos, seja por uma experiência mística, pela embriaguez ou pelo sexo. Desde que seja sempre com o outro.

Isso quer dizer, porém, que somente na comunidade o homem pode comunicar em embriaguez com o cosmos. É o ameaçador descaminho dos modernos considerar essa experiência como irrelevante, como descartável, e deixá-la por conta do indivíduo como devaneio místico em belas noites estreladas. (p. 68).

Experiências cósmicas vivenciadas em comunidade. Poderia chamar a experiência cósmica apresentada por Benjamin como uma experiência mística? Experiências estas que tem estado presente ao longo da história do pentecostalismo. Tenha ele surgido junto à Igreja Primitiva, ou, dois séculos depois, por Montano (CAMPOS, 2005, p. 103). O pentecostalismo está atrelado às experiências místicas, carismas, fervor emocional e vivenciados em comunidades. Pessoas reunidas por laços familiares, culturais, religiosos, sociais e até mesmo econômicos, buscando nas diferentes formas de ligação com o sagrado, superação para os problemas da vida. Apesar das mudanças que vem ocorrendo junto às igrejas pentecostais, às experiências místicas (ainda que de diferentes formas) estão presentes em suas práticas religiosas.

O Revisão de Vida que a ISNT promove para reunir seus novos fiéis é baseado, quase que exclusivamente nessas experiências. Três dias de total isolamento, em silêncio, apenas pastores e líderes falam no período de estudos e ensinamentos. O crente que participa fala apenas em momentos-chaves para compartilhar lembranças negativas, experiências que precisem de cura entre outros. Durante as refeições elas se sentam juntas, porém mantendo o combinado inicial de manter o silêncio. Os ensinamentos se dão por meio de palestras e orações. Ao sair, cada participante deve guardar segredo do que vivenciou no Revisão. Sendo a célula a maior estratégia de crescimento da ISNT, é no Revisão de Vida o ambiente onde as pessoas são desafiadas a “converter-se a Jesus” (caso isso ainda não tenha ocorrido), assumir compromisso com Deus e com a igreja.

O ‘Revisão de Vida’ é um momento em que o fiel fica isolado, durante três dias, que geralmente são sextas-feiras, sábado e domingo. Nesses dias, os fiéis aprendem sobre assuntos da Bíblia e temas atuais, como Política e Sexualidade, articulado aos ensinamentos bíblicos. Nesse momento, também pode haver a ‘conversão’ (LIMA, 2010, p. 70).

É possível observar que o Revisão de Vida, é um evento voltado principalmente aos novos convertidos ou aqueles que chegam a ISNT oriundos de outras igrejas evangélicas. Há uma imersão dessas pessoas aos principais ensinamentos da igreja, incluindo cura interior, quebra de maldição, prosperidade e, principalmente, a “missão” da ISNT, que é de ganhar outras pessoas. Nesses dois

dias e meios de encontro são organizadas várias pregações feitas pelos líderes de igrejas locais, mas com o conteúdo vindo diretamente da sede em Brasília. A apostila com o que deve ser ensinado é padrão em todas as ISNT, bem como os rituais realizados no encontro.

O evento é fechado e não há distribuição de materiais aos participantes, apenas os ministrantes têm acesso às apostilas. As pessoas que passam pelo Revisão saem com o desafio de alcançar outras três pessoas para o próximo evento, que de acordo com cada ISNT pode acontecer semestral, trimestral, bimestral e até mensalmente. Ainda que seja possível perceber uma prática religiosa com raízes irracionais (utilizando aqui uma terminologia de Weber), os assuntos abordados estão relacionados com temas do mundo contemporâneo, como sexualidade, finanças, bem-estar emocional, multiplicação. A preocupação da ISNT é com a transformação e dominação racional do mundo, ou seja, ainda que o Revisão de Vidas seja um espaço místico, os assuntos abordados estão relacionados com temas contemporâneos, que também são desenvolvidos em outros espaços socializadores como escola, família, mídia. Espaços diferenciados, mas que estabelecem relações de interdependência influenciando no cotidiano das gerações, conforme observa Setton (2012, p. 39).

Ainda nas análises de Setton (2012 p. 39, 40) a socialização das agências socializadoras é fruto de um trabalho coletivo na necessidade da transformação/ manutenção da ordem e esta é realizada pelo sujeito. Portanto, ao tentar compreender o Revisão de Vida organizado pela ISNT entendo que temos uma prática religiosa de cunho místico, mas que dialoga com outras instâncias socializadoras com o objetivo do exercício da dominação.

E, após iniciar em uma célula de multiplicação, passar pelo Revisão de Vidas o fiel da ISNT é desafiado, no último dia do Revisão a preencher uma ficha e se inscrever para fazer o Instituto de Vencedores, cujo objetivo é a formação dos novos líderes da igreja.

O **Instituto de Vencedores** é um curso organizado em três módulos, com duração de aproximadamente nove meses. Todas as ISNT utilizam esse material, e seguem o mesmo padrão no que diz respeito ao Instituto, sendo que o aluno matriculado poderá ter no máximo três faltas e as aulas perdidas deverão ser repostas pelo seu líder de célula. É um curso com uma organização disciplinar extremamente rígida, com quatro faltas o aluno não pode mais frequentar o instituto. A tolerância para atrasos é de 15 minutos, passando disso o professor não deixa entrar na sala. O

material deve ser pago dentro do módulo, se houver atraso do pagamento sem justificativa o aluno perde sua vaga<sup>70</sup>.

No instituto, observo uma instrução de caráter formal: professor, chamada, lições para casa, faltas devem ser justificadas e atrasos evitados. A duração é curta, apenas nove meses, quando comparado com a Escola Dominical de outras igrejas, onde os fiéis frequentam permanentemente enquanto são membros da igreja.

Em relação ao material didático, o curso é composto por três apostilas e três cadernos de exercício. Em cada um deles a declaração de fé da instituição, um breve histórico, o perfil dos líderes Robson e Lúcia Rodovalho e a leitura obrigatória de cada módulo (são nove livros de leitura obrigatória e todos da autoria de Rodovalho). A apresentação das apostilas é feita pelos bispos Lúcia e Robson Rodovalho. Cada apostila é organizada com doze lições, talvez uma referência ao modelo de crescimento utilizado pela igreja, o G12.

Pretendo me debruçar de forma mais detalhada neste tópico, pois é possível perceber a forma como a instituição conduz os novos membros, ou seja, a força socializadora da instituição no processo de doutrinação dos novos membros. Os temas de cada módulo serão apresentados abaixo, por meio de planilhas e, após cada módulo a análise do conteúdo.

## **Módulo I**

Capítulo 1	Entendendo o dia a dia I: Vida Social e Música
Capítulo 2	Entendendo o dia a dia II: Vencendo as tentações
Capítulo 3	A arma do cristão I: Bíblia
Capítulo 4	A arma do cristão II: Oração e Jejum Bíblico
Capítulo 5	As características de Deus
Capítulo 6	Deus X Pecado: A obra redentora da cruz e o poder do nome de Jesus
Capítulo 7	O desenvolvimento da fé com a condução do Espírito Santo
Capítulo 8	Fé (Dízimo e Ofertas)
Capítulo 9	Obediência
Capítulo 10	Benção e Maldição
Capítulo 11	Guerra Espiritual x A armadura de Deus
Capítulo 12	A importância da Casa de Deus

---

<sup>70</sup> Em 2014 o valor do material era de R\$ 30,00 por módulo.

De acordo com a introdução do livro do módulo I, o objetivo consiste em trabalhar os fundamentos da fé cristã (SNT, Módulo I, p. 13). Com a leitura do material é possível perceber que os ensinamentos neste módulo consistem basicamente na compreensão do novo membro que, a partir do momento que decidiu seguir a Cristo sua vida deve estar de alguma forma separada do “mundo”<sup>71</sup>. Aquilo que é ofertado pelo “mundo” é ruim, como exemplo, a apostila apresenta a música secular (de acordo com o material, toda música do “mundo” exalta o pecado e separa o homem de Deus, enquanto a música gospel é aquela que transmite paz e mensagens que edificam). A orientação segue para o assunto como sexo antes do casamento (fornicação) e fora do casamento (adultério), tema esse abordado desde os primórdios do cristianismo, onde corpo e sexualidade andam distantes daquilo que é sagrado. Um ensino que se caracteriza pelo controle dos corpos sobre os socializados.

Neste módulo são abordados também temas como leitura da Bíblia, oração, jejum e a importância dessas práticas para o novo cristão, e que o desenvolvimento da fé está relacionado tanto a essas práticas, como também a ofertar, dizimar e obedecer (a Deus e aos líderes da igreja). Na apostila, a ênfase é dada à questão da obediência. É utilizado um texto do antigo testamento (Deuteronômio 28) que fala sobre as consequências da obediência e da desobediência, em que o desobediente está sujeito à rejeição, desonra, escassez, escravidão, derrota e doença. É cobrado dos sujeitos socializados a obediência e comprometimento com as normas da instituição, uma obediência que garante que os socializados transmitam a outros os valores da igreja.

## Módulo II

Capítulo 1	Projeto de Deus X A decisão do homem
Capítulo 2	Caráter deformado: Mente distorcida
Capítulo 3	Caráter deformado: Emoções descontroladas
Capítulo 4	Caráter deformado: Vã maneira de viver
Capítulo 5	Caráter em construção: Valores organizados
Capítulo 6	O perfil do caráter cristão
Capítulo 7	Ser humano: conceitos e a importância da cura da alma
Capítulo 8	Jesus o grande conselheiro
Capítulo 9	Instrumentos para o processo de cura da alma
Capítulo 10	Como melhorar seus relacionamentos

<sup>71</sup> O termo **mundo** aqui designado está relacionado à colocação de grupos evangélicos a tudo aquilo que não está relacionado ao contexto igreja. Termos tais como: “Eu saí do mundo e vim para Jesus” é frequente em igrejas evangélicas. Existem alguns textos bíblicos em que as igrejas se apoiam: Tiago 4:4 “Adúlteros, não sabeis que a **amizade do mundo é inimizade com Deus...**”, I João 2: 15 “**Não ameis o mundo** nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai” João 17:15,16 “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. **Eles não são do mundo**, como eu não sou do mundo”. (Grifos meu)

Capítulo 11	O verdadeiro amor
Capítulo 12	Praticando o perdão

O segundo módulo cujo objetivo mostra que a partir do instante que o homem desobedeceu a Deus, no jardim do Éden o seu caráter foi deformado. Não encontrei na apostila uma definição para a palavra caráter, mas há citações tais como, “caráter deformado”, “mente destorcida”, “emoções descontroladas” e uma “vã maneira de viver” em que todos esses aspectos estão relacionados a uma vida “longe de Deus” e, só é possível a mudança dessa situação pela construção de um novo caráter, por meio da pessoa de Jesus. O novo caráter do cristão está relacionado às bem-aventuranças (Mateus 5: 3-12) que são: humildade de espírito, choro (quebrantamento), mansidão, fome e sede de justiça, misericórdia (compaixão por aqueles que sofrem), limpo de coração, pacífico (há uma afirmação na apostila, em que “a promoção de conflito não é própria do discípulo de Jesus”) e perseguidos (esta perseguição é relacionada aos conflitos que o cristão enfrenta por seguir a Jesus) (SNT, 2010, p. 65). É perceptível a ênfase trabalhada sobre disciplina, obediência, submissão, mansidão, bem como evitar conflitos. Não há espaço para “promoção de conflitos” ou discordância.

Partindo da ideia que o Instituto de Vencedores é um curso obrigatório a todos os futuros líderes da ISNT e, para exercer qualquer atividade de liderança junto à igreja o fiel deve ter feito o Instituto, procuro pensar a questão da obediência e submissão que é tão enfatizado nos dois primeiros módulos. Assim, retomo a questão da dominação já que, a “imposição” feita aos socializados encontra obediência no grupo, ou seja, há interesse no grupo em obedecer e, ainda nesse sentido, trago as contribuições de Setton (2012, p. 48) que, no desenvolvimento de suas análises sobre socialização como **fato social total**<sup>72</sup> a autora observa alguns aspectos comuns a essas noções como a) aliança ou b) ambígua situação de obrigatoriedade e/ou liberdade de participação e/ou c) ambivalente desinteresse na manutenção dos laços sociais e d) os riscos e tensões que envolvem as reciprocidades. A autora verifica que tanto nas noções de socialização como de troca simbólica há uma relação de compromisso, laços espirituais e comprometimento entre os participantes. “Todas as alianças, sejam elas matrimoniais, religiosas, econômicas ou políticas, jurídicas ou até diplomáticas, encerram a transmissão de um ideal, de uma crença entre parceiros”. (p. 48)

---

<sup>72</sup> Conceito já apresentado no primeiro capítulo, onde procurei explicar como a autora o desenvolve.

Ao analisar as alianças/compromissos estabelecidos entre socializados e socializadores, a autora trouxe a seguinte contribuição “toda troca pressupõe certa alienabilidade. Isto é, ao concordar em dar, sempre dou algo de mim mesmo; por outro lado, ao aceitar, o recebedor aceita algo do doador” (LANA apud SETTON 2012, p. 49), ou seja, é possível perceber nessas trocas uma certa conveniência, “realiza-se uma comunicação entre almas consolidando os laços grupais”. Entendo, portanto, que a obediência enfatizada nos estudos no Instituto pela ISNT é fundamental para a manutenção do grupo e de seus objetivos (crescimento, multiplicação). Como existe o comprometimento entre os fiéis e líderes religiosos firma-se o compromisso com a obediência e submissão. Em contrapartida, o fiel obedece na espera de uma retribuição. Ou seja, existe uma troca entre socializados e socializadores que é consensual.

Entretanto, ainda de acordo com Setton (2012, p. 49, 50) as trocas não são apenas espontâneas e constitutivas de laços sociais, há um caráter interessado e ideológico das alianças. Assim “as trocas implicam quase sempre em uma hierarquia, uma classificação entre os parceiros que não reduz as desigualdades entre eles”. Portanto, nos doutrinamentos da ISNT sobre obediência é possível afirmar que são os líderes quem dispõe de poder/autoridade e pedem dos fiéis à obediência e comprometimento. Este, participa da troca simbólica não de forma desinteressada, sua obediência as normas da instituição podem ser por diferentes motivos desde o medo (como observado no texto bíblico utilizado no manual do Instituto, aquele que não obedece está sujeito às doenças, rejeição, desonra, escravidão) como um investimento em maior prestígio, visibilidade, autoridade, entre outros.

### **Módulo III**

Capítulo 1	Desenvolvendo meu talento
Capítulo 2	Paixão pelo perdido
Capítulo 3	O chamado
Capítulo 4	Treinamento para abertura de células – TAC
Capítulo 5	Desafio I: A batalha pessoal do líder de célula
Capítulo 6	Desafio II: A batalha de levar outros a Cristo
Capítulo 7	Escada para o sucesso – Parte I
Capítulo 8	Escada para o sucesso – Parte II
Capítulo 9	Construindo a aliança de discípulos
Capítulo 10	A mordomia do dinheiro no corpo de Cristo
Capítulo 11	Guerra espiritual: Noções gerais e a força do louvor
Capítulo 12	A volta de Jesus

No terceiro módulo do Instituto de Vencedores o objetivo é a formação do líder, “gerando compromisso e aliança com a igreja, com os líderes e seus liderados” (SNT, Módulo III, 2010, p. 13). Nas primeiras lições abordam-se sobre as “boas obras” que devem ser realizadas pelo cristão, sendo que essas boas obras estão relacionadas aos dons, talentos e habilidades que cada um tem e foram dadas por Deus. Cabe, pois, a cada um descobrir esses talentos e utilizá-los da forma correta.

Se o seu dom é ajudar as pessoas, ajude cada vez mais, vários tipos de pessoas de várias maneiras, mas ajude-as. Se Deus te chamou para ser um empresário próspero e você investe na igreja com ofertas e doações financeiras, então expanda seus investimentos de maneira que eles gerem mais dinheiro e você possa investir mais ainda nos projetos da igreja. Se sua habilidade é relacionar com pessoas, invista nisso. (Instituto de Vencedores, Módulo III, p. 19).

O conteúdo da apostila apresenta que, como maior missão recebida pelo cristão, a principal delas é fazer discípulos. Um líder deve ser um “apaixonado” em ganhar outros e cuidar dessas pessoas individualmente, assim como Jesus fez com seus discípulos. Os assuntos abordados são sobre a abertura de células, as batalhas que um líder de célula enfrenta (de acordo com a apostila, serviço, sacrifício pessoal, solidão, fadiga, crítica), a importância de se relacionar bem com as pessoas e a importância de ser bem-sucedido para atrair novos discípulos.

O líder deve ser excelente em tudo o que faz! Deve ser exemplo inclusive nas áreas acadêmicas e profissionais. Ter um ótimo aproveitamento nos estudos e uma vida financeira bem-sucedida faz parte do projeto de Deus para sua vida, pois o Senhor quer que você seja pleno e próspero em tudo o que você colocar suas mãos. Além disso, isso também é algo que chama a atenção das pessoas incrédulas (do mundo) e atrai discípulos de êxito para sua liderança. (Instituto de Vencedores, Módulo III, 2010, p. 44).

No texto acima, percebe-se como o crente da ISNT é incentivado a ser bem-sucedido acadêmica e profissionalmente. Esse é um incentivo que, como apresentado de forma mais aprofundada no capítulo 3, faz parte dos doutrinamentos da ISNT e estão bastantes presentes nos livros do seu fundador. Na ISNT a prosperidade do crente é um propósito de Deus e deve ser alcançada por meio do esforço pessoal. De acordo com Pires (2011), o constante incentivo feito nos ensinamentos da ISNT sobre a prosperidade do crente, desperta neste o interesse de se aperfeiçoar profissionalmente,

Desta forma, valoriza-se também a necessidade de melhor qualificação profissional do crente. A produtividade melhora com a satisfação desse quesito. Pois torna o crente mais competitivo no mercado de oferta do trabalho. Esta prática afeta positivamente a consciência do crente e potencializa sua capacidade de se tornar cada vez mais produtivo no trabalho secular (profissional) (PIRES, 2011, p. 138).

O crente da ISNT é levado a investir nos estudos e na vida profissional, buscando inclusive um trabalho qualificado, uma prosperidade que servirá também para atrair novas pessoas, que inclusive estarão dispostas a serem discípulas de um líder de sucesso. Portanto, se no primeiro e segundo módulo do curso oferecido pela ISNT a ênfase principal é obediência e submissão, já neste terceiro módulo a estratégia do curso é com a multiplicação da igreja e um dos dispositivos principais para atrair novos fiéis está relacionado a uma vida de sucesso, ou seja, o fiel deve buscar excelência em sua vida profissional. É perceptível como essa prática socializadora se realiza a partir de uma dominação simbólica e se explicita como uma violência já que o intuito em ter líderes excelentes em sua vida acadêmica e profissional está relacionada basicamente ao crescimento da igreja. De acordo com o texto apresentado acima (Módulo III, p. 44), o sucesso profissional do crente é que vai atrair novos discípulos, inclusive discípulos de “êxito”, ou seja, discípulos também interessados em prosperidade, crescimento profissional e econômico.

No capítulo sete e oito, deste Módulo III é abordado o esquema que os líderes da ISNT trabalham, chamada de **Escada do Sucesso**, conforme apresentada no desenho abaixo:



Figura 1. Escada do Sucesso <sup>73</sup>

De acordo com a Escada do Sucesso, o primeiro degrau é **Ganhar**, ou seja, ganhar pessoas para Cristo, e isso, de acordo com a apostila, deve ser feito da seguinte forma: “Primeiramente você ganha essa pessoa para você; aí leva essa pessoa para a célula; depois ganha essa pessoa para Jesus; finalmente ganha essa pessoa para a Igreja. ” (Instituto de Vencedores, Módulo III, 2010, p. 59). O Segundo degrau é **Consolidar**, ou seja, preocupar-se com a formação do novo crente, cuidar dessa

---

<sup>73</sup> Fonte: [http://www.montesiao.pro.br/estudos/visao/escada\\_sucesso.html](http://www.montesiao.pro.br/estudos/visao/escada_sucesso.html)

pessoa, dispensar tempo para ela. Isso por meio de visita, amizade, companhia, levá-la para a célula e por fim, ao enviá-la ao Revisão de Vida e Pós-Revisão. O terceiro degrau é **Treinar**, ou seja, preparar esse novo crente para ser também um líder de célula. O Treinar envolve: cursar o Instituto de Vencedores e realizar um Treinamento para Abertura de Células (TAC). Após ter cursado o TAC o fiel já pode abrir sua própria célula. O quarto e último degrau é **Enviar**. Nesta etapa cabe ao líder, oferecer discipulado individual aos seus 12, ou seja, receber um a um e ouvir sobre sua vida pessoal, trabalho e ministério, direcionando essa pessoa, naquilo que for necessário. O líder deve realizar também um discipulado de equipe, que consiste em atendê-los em grupo a fim de orarem juntos, cuidarem de questões administrativas como eventos, festas, recados e passar as lições do manual de discipulados. Antes de enviar o discípulo, ele precisa realizar também o Treinamento Avançado de Líderes (TAL) e por fim organizar sua própria equipe de 12.

Além dos quatro degraus da Escada do Sucesso os líderes da ISNT devem participar também do Parceiro de Deus (assunto que abordarei posteriormente). A meta estabelecida é que, “toda célula deve arrecadar Parceiros de Deus, o valor mínimo mensal por célula é R\$ 30,00; e todo líder deve ser Parceiro de Deus individual; as Equipes devem ter metas de arrecadação mensal (...).” (Instituto de Vencedores, Módulo III, 2010, p. 69).

Nos quatro últimos capítulos do Módulo III, os temas abordados são: o que é ser discípulo de Jesus, tema este que envolve a obediência e submissão; a mordomia do dinheiro no corpo de Cristo, ou seja, uma vez mais é enfatizada a importância dos dízimos e ofertas, como única forma de garantir a proteção de Deus nas finanças do cristão; a guerra espiritual, tema este bastante explorado pelas igrejas neopentecostais e já trabalhado no capítulo anterior e, por fim, a volta de Jesus, reforçando uma das crenças da ISNT e que faz parte das crenças das igrejas protestantes. A convicção que um dia, Jesus virá e levará para si apenas aqueles que estão preparados. “É fundamental que todo cristão estude, aprenda e obedeça a Palavra de Deus, porque caso contrário, ninguém resistirá o dia da vinda de Cristo. Mas se obedecermos, estaremos naquele dia com Jesus, seremos seus escolhidos e sempre estaremos com Ele.” (Instituto de Vencedores, Módulo III, p. 101).

Ao observar a forma como o Instituto de Vencedores é organizado, reporto-me novamente a Montezano (2006)<sup>74</sup> sobre o aluno protestante,

---

<sup>74</sup> Montezano (2006) ao falar sobre o aluno protestante, ela refere-se aos evangélicos no Brasil, de modo geral. Em suas pesquisas, a autora entrevista alunos do protestantismo histórico, pentecostalismo e neopentecostalismo.

Quanto ao aluno protestante, a Igreja o submete a práticas pedagógicas semelhantes à da escola, caso participe dos seus espaços de ensino. Nesses espaços, embora em outros propósitos, realiza-se, na linguagem verbal, um investimento em que as regras da lógica, assim como as da gramática, acabam sendo trabalhadas com certa frequência. Some-se a isso, a exposição contínua dos fiéis a práticas de leitura e conversações, que segundo Lipman (1994, p. 35), ajudam aos que já pensam a pensar melhor, uma vez que potencializam situações de inferências, deduções, interpretações, generalizações, classificações, enfim, ajudam aos que estão submetidos a essas práticas a pensar mais, a serem indivíduos mais reflexivos, competências que se identificam com as trabalhadas na escola.

O Instituto de Vencedores é uma das práticas socializadoras da ISNT que está submetida a uma lógica escolar, ou seja, a doutrinação que acontece nesse espaço segue o modelo escolar, tais como a organização das atividades em um tempo racionalizado, método de ensino, regras na aprendizagem, repetição de exercícios, uniformidade entre outros. O aluno do Instituto de Vencedores deve empenhar-se nas leituras propostas, participar assiduamente das aulas e estabelecer para si metas a fim de prosperar tanto em sua vida religiosa como material.

Não significa, porém, que esse indivíduo aplicado em suas práticas, que realiza as atividades e leituras propostas, pode, um dia, tornar-se um sujeito mais crítico. O compromisso com as práticas socializadoras proposta pela igreja estão relacionadas à disciplina pessoal, obediência e submissão às autoridades, que é estimulada na instituição. Montezano (2006) apresenta que, “ao mesmo tempo em que a disciplina potencializa estratégias para o êxito na conquista dos objetivos da instituição religiosa, pode tornar-se um elemento de automatização”.

Com o trabalho desenvolvido pelo Instituto de Vencedores, pode-se até ter um sujeito mais reflexivo, inclusive que estenda o aprendizado adquirido na igreja para outras áreas de sua vida, como vimos no Módulo III, em que a instituição “cobra” que esse sujeito seja bem-sucedido em sua vida acadêmica e profissional. Mas não há garantias de que, a dedicação a leituras e estudos, o levem a ser um sujeito crítico, questionador e atuante. Pelo contrário, minha hipótese é que as práticas utilizadas pela ISNT e o ensino enfático de que a educação é um caminho para conquistas futuras, não oferece autonomia para o sujeito, que deve estar submisso às autoridades da igreja.

A socialização e obediência caminham juntas nas práticas socializadoras observadas nos pequenos grupos. As instruções e doutrinações oferecidas pela instituição procuram legitimar sua dominação por meio da submissão e obediência dos fiéis. São práticas socializadoras que procuram manter a padronização em seus processos bem como garantir por parte dos fiéis a reprodução daquilo que é ensinado.

#### **2.4.2. Práticas Socializadoras nos Grandes Grupos: Burocratização e o Avanço a novos Territórios**

No início deste capítulo apresentei que a ISNT conta, atualmente, com aproximadamente 1,3 milhões de membros. Um crescimento significativo para uma instituição com pouco mais de vinte anos. A fim de garantir o crescimento numérico da instituição e ainda assim manter o controle, os líderes fundadores Robson e Lúcia Rodovalho buscam na organização burocrática as ferramentas necessárias.

Para analisar as práticas socializadoras dos grandes grupos da instituição, selecionei os dois principais eventos da igreja, Celebrações de Inverno e de Verão, o Arena Jovem e procurei compreender a expansão da igreja a novos territórios.

As **Celebrações de Verão e Celebrações de Inverno** são os eventos mais relevantes da igreja, tanto em relação à quantidade de pessoas que reúnem, no montante financeiro levantado, como no impacto que causam nos fiéis. Nesses eventos parte das pregações são de responsabilidade dos bispos principais Lúcia e Robson Rodovalho e, atualmente do casal de Lucas e Priscila, além de um palestrante de renome entre os evangélicos<sup>75</sup>. O tema dos eventos anuais está relacionado ao tema do ano, em 2014, por exemplo, o tema anual da igreja foi: “O ano profético da porção dobrada”, assim os eventos que ocorreram ao longo do ano nas ISNT de todo o Brasil, estão relacionados ao tema central.

Nesses eventos, são estabelecidos, para cada igreja, uma quantidade mínima de inscrições que devem ser realizadas. Os líderes e pastores trabalham dedicadamente para alcançar o alvo estabelecido. Também são estabelecidos os valores financeiros que cada igreja deve levantar no evento. É nas Celebrações que, geralmente, acontece o lançamento de livros dos bispos presidentes. Geralmente o título do livro e o seu conteúdo estão relacionados com o tema do ano, assim os livros são enviados para as igrejas locais e é definida uma cota para que os pastores locais vendam à equipe de líderes e membros que estão debaixo de sua liderança.

É possível observar a burocratização presente em toda a organização dos eventos, ou seja, metas são estabelecidas aos bispos e pastores a fim de garantir o número de inscrições bem como os valores que deverão ser arrecadados e os livros a serem vendidos. Assim, os detentores do poder

---

<sup>75</sup> Os eventos Celebrações de Verão e de Inverno já receberam o escritor Max Lucado, o psicanalista Augusto Cury entre outros.

na ISNT trabalham a fim de garantir a maior previsibilidade possível de que, as ordens dadas serão cumpridas. E isso eles realizam por meio da burocracia.

A razão decisiva para o progresso da organização burocrática foi sempre a superioridade técnica sobre qualquer outra forma de organização. (...) Precisão, velocidade, clareza, conhecimento dos arquivos, continuidade, discricção, unidade, subordinação rigorosa, redução do atrito e dos custos de material e pessoal – são levados ao ponto ótimo na administração rigorosamente burocrática, especialmente em sua forma monocrática. (WEBER 2008, p. 150).

Ao tentar refletir sobre as práticas socializadoras nos grandes grupos da ISNT por meio das análises weberianas de burocracia, entendo a burocracia como um instrumento de precisão e, na ISNT as leis e regras são estabelecidas *a priori* para esses grandes grupos, que devem ser obedecidas pelos pastores e líderes locais e transmitidas aos seus liderados.

As **Celebrações de Inverno** são realizadas em julho, nas cidades de São Paulo (que reúne os fiéis do Sul e Sudeste) e Brasília (que reúne os fiéis do Norte, Nordeste e Centro-Oeste). Neste evento são feitas as ordenações de novos bispos, pastores e diáconos. Na ISNT, as ordenações não estão relacionadas a cursos teológicos ou seminários, o que se leva em conta para realizar a ordenação dos novos líderes, é a quantidade de células que ele tem, bem como a quantidade de líderes que estão debaixo de sua autoridade<sup>76</sup>.

Sobre as Celebrações de Inverno:

As celebrações de inverno são o maior e mais antigo evento do ministério Sara Nossa Terra. Acontece por mais de 20 anos. Na ocasião milhares de pessoas de várias partes do mundo, desembarcam em Brasília e também em São Paulo para participar de treinamentos ministeriais, oração e louvor. Tem como objetivo reunir os membros e líderes do ministério para treinar e motivar esse exército que anda debaixo de uma unção e palavra. (...)

2014 será o ano em que as conquistas serão dobradas. Isso acontece quando se trabalha em prol do reino e constrói uma vida baseada na fé, permitindo o agir de Deus e fazendo cada um a sua parte. Como? Criando espaços na agenda, se organizando para conquistar seus alvos e metas. Buscando em oração e na leitura da palavra maior intimidade com o Senhor. Pensando nas novas atitudes que você precisa ter, nos novos hábitos e que novas competências precisa adquirir para alcançar a porção dobrada. Permitindo que o líder, pastor ou bispo te ajude a dilatar o seu coração, capacidade, paciência e estrutura, para que Deus cumpra essa palavra em sua vida<sup>77</sup>.

O texto acima foi elaborado pela ISNT de Alphaville – Barueri/SP para divulgar as Celebrações de Inverno 2014. Esta fonte foi selecionada, pois apresenta alguns dos objetivos do

---

<sup>76</sup> Amplio essa discussão no terceiro capítulo, analisando essas ordenações como estratégia de crescimento da ISNT.

<sup>77</sup> Fonte: <http://sntalpha.com.br/events/celebracoes-de-inverno-2014/>. Acesso em 14/12/2014.

evento, que consiste em treinamento e motivação dos novos líderes. Assim, ao analisar o texto do site, concordo com Pires (2011, p. 16) que um dos sistemas axiológicos da ISNT é a metafísica do sucesso pela valorização e qualificação profissional. A orientação é que a porção dobrada acontece quando se trabalha pela igreja, tem uma vida de fé, permitindo o agir de Deus e **fazendo cada um a sua parte**.

Fazer a sua parte é planejar-se para conquistar alvos e metas. Adquirir novas atitudes e habilidades, quem ajuda neste processo é o líder, pastor ou bispo. Por meio da ajuda deles é que Deus cumpre a palavra na vida do fiel. Mais uma vez observo que as conquistas individuais estão atreladas a obediência e submissão às lideranças.

Já as **Celebrações de Verão** são realizadas nas sedes regionais na segunda semana de janeiro e todo o evento é assistido via satélite. As regras em relação às inscrições são as mesmas para os dois eventos. O evento também pode ser assistido on-line, desde que o membro realize a inscrição e efetue o pagamento da taxa, assim ele recebe um número de acesso e poderá assistir as pregações.

As celebrações de Verão é o evento que abre o ano do Ministério Sara Nossa Terra. Acontece por mais de 20 anos. O objetivo é acrescentar um novo direcionamento por meio dos fundadores e presidentes do Ministério SNT, Bispo Robson e Lúcia Rodovalho. Isso não quer dizer que membros de outras denominações não possam participar. Pelo contrário, todo ano muitos participam e saem revigorados. Cada pessoa recebe um poder e uma unção especial. Ganha motivação para começar o ano, bater suas metas, realizar sonhos e conquistar milagres. Venha! São três dias que mudam histórias de vidas para sempre!<sup>78</sup>

Assim como nas Celebrações de Inverno, as Celebrações de Verão têm como intuito o direcionamento fornecido pelos bispos presidentes aos fiéis e líderes, além de grandes arrecadações financeiras. Nas celebrações, as estratégias de ofertas são feitas em blocos, ou seja, um grupo de pessoas que se reúnem para ofertar o mesmo valor. Outras igrejas neopentecostais têm essa mesma prática, como a Igreja Deus é Amor e Universal do Reino de Deus (WREGGE, 2001, p. 63). Essa prática na ISNT é denominada de pelotão. Nos dois eventos, o sábado à noite é destinado a realizar o pelotão, e como as igrejas locais têm metas estabelecidas a serem alcançadas, geralmente os pastores já organizam alguns desses pelotões com os seus líderes. O ambiente tem um preparo de coerção em torno da crença de que bênçãos serão derramadas para aqueles que doam mais, em contrapartida, aqueles que não doam as bênçãos não são garantidas. (WREGGE, 2001, p. 63).

---

<sup>78</sup>Fonte: <http://www.saranossaterra.com.br/noticias/celebracao-de-verao-2014-hotsite-informacoes-e-atracoes-confirmadas/>. Acesso em: 14/12/2014.

Nas análises de DVDs que realizei do evento Celebrações de Inverno 2013<sup>79</sup>, um dos últimos tópicos abordados por Rodovalho foi a garantia das bênçãos por meio das ofertas financeiras. Nos minutos finais do DVD, o bispo organizou os fiéis para a oferta especial. Os “pelotões” de 2013 tinham como objetivo levantar grupos que ofertassem 12 mil reais. Cada pelotão deveria ser composto por doze doadores de mil reais cada. De acordo com Rodovalho, aquela seria a oferta para entrar na “terra de Canaã”, ou seja, uma vida de prosperidade, a oferta traria também mudanças para a vida daqueles que aceitassem o desafio bem como novas habilidades e novas posições estariam por vir<sup>80</sup>. Nas pregações de Rodovalho e em seus livros o ensino é que as ofertas e díizimos dados na igreja são investimentos com retorno garantido. (RODOVALHO, 2013, p. 37).

Wrege cita Oro, que intitula essas práticas de “leilão”,

Com efeito, alguns informantes de igrejas neopentecostais revelaram que sentiam vergonha por não doarem nada. Em segundo lugar, a técnica do “leilão” estimula uma relação de concorrência entre os fiéis ao mesmo tempo em que se torna uma maneira de alguns poucos, na medida em que dão mais, conquistarem ou elevarem o seu prestígio pessoal. (ORO apud WREGE, 2001, p. 63).

Já para Siepierski (2001, p. 219), essas ocasiões não se resumem apenas à coerção ou discursos sectaristas cujo objetivo é que os fiéis tenham medo de maldições por não ofertar. De acordo com o autor há um ritual nos momentos das contribuições, em que os fiéis são estimulados emocionalmente para participarem da experiência. Ao analisar os rituais de ofertas na Igreja Renascer em Cristo Siepierski (2001, p. 219) afirma que: “a participação nesse contexto faz com que eles fundam na sua experiência, o sagrado a aspectos cotidiano, impregnando de sentido religioso uma área da vida social normalmente fora do espaço dedicado à religião”.

Ainda que concordo com Siepierski (2001) que o ritual esteja presente nos momentos das contribuições e a participação nesse contexto envolve uma junção dos aspectos cotidianos com o sagrado, não se pode negar que a principal finalidade da instituição seja a arrecadação financeira. Valores são estabelecidos de antemão e metas distribuídas para as igrejas locais. Assim, todo o estímulo emocional que os membros recebem para participar da experiência visam, unicamente, bater a meta proposta.

---

<sup>79</sup> Essas fontes e a metodologia utilizada serão analisadas no terceiro capítulo, apenas antecipei este tema para melhor explicitar as estratégias de socialização neste evento.

<sup>80</sup> RODOVALHO, Robson. Força ou habilidade? DVD 2, MSG 5, 2013.

Ainda pensando na burocratizando presente em todo o processo de socialização nos grandes grupos da ISNT é relevante apresentar também o **Arena Jovem**, já que, a ISNT tem seu maior público composto por adolescentes e jovens, que geralmente chegam à igreja por intermédio de um convite para participar do Arena. A idealização desse ministério, de acordo com a memória oficial da instituição, é atribuída à Lúcia Rodovalho e o nome “Arena” surgiu como inspiração das arenas romanas, onde pessoas travavam batalhas em prol de suas vidas. O objetivo do nome é inspirar “jovens a lutar para tomar o inferno e ganhar almas para Jesus”<sup>81</sup>. O culto do Arena acontece aos sábados em todas as ISNT. Frequentam o Arena Jovem, jovens e casais a partir dos 18 anos e, ligado a ele há também o Arena Teen, que engloba adolescentes de 13 a 17 anos e têm atividades voltadas para essa faixa etária, como acampamentos, festas e células.

No site, há uma entrevista da Bispa Lúcia Rodovalho que mostra a forma de trabalho e como funciona o Arena Jovem,

“Quando um jovem se torna líder ele tem vários **compromissos** e **obrigações** uma vez que ele tem que ser exemplo. E para torna-se um, é preciso abrir mão de certas maneiras de viver e vícios que até certo ponto, foram deixados de lado depois da Revisão de Vida”, diz a Bispa.

A dimensão desse ministério tem tomado proporções tão fortes que o futuro reserva grandes feitos. O **Instituto da Fé** está sendo construído para poder abrigar os milhões de jovens que ainda estão por vir. A **embaixada** ficou pequena porque os frutos têm sido muitos. Pelo poder da fé, o projeto do instituto está prestes a se concretizar e mais um feito está sendo posto para ser usado nas mãos de Deus<sup>82</sup>.

A fala da bispa é no sentido de que jovens evangelizem outros jovens e para isso faz-se necessário compromisso e obrigações. Esse posicionamento tem levado a ISNT ao crescimento. O espaço apresentado como “Instituto da Fé” foi inaugurado como “Arena Hall”, uma área construída em Brasília (DF) próximo da Embaixada (nome da ISNT de Brasília) que comporta 10.000 pessoas. Nesse espaço são realizados encontros de jovens, festas e conferências.

Os atuais líderes do Arena Jovem são os bispos Priscila e Lucas Cunha, casal que faz parte dos 12 de Robson e Lúcia Rodovalho e sob a liderança deles estão os coordenadores regionais do Arena Jovem do país todo, que além desta coordenação tem também os 144 que estão debaixo deles. Após Priscila e Lucas assumirem o Arena, foi lançado pela Editora Sara Brasil uma série de mensagens encadernadas em formato de livro e intitulado **Isto é Arena**, que já se encontra no 5º

---

<sup>81</sup> <http://www.saranossaterra.com.br/arena-jovem/> Acesso em 23/11/2014

<sup>82</sup> <https://atitudearenajov.wordpress.com/historia-arena-jov/>. Acesso em 30/04/2015

volume. Os coordenadores e líderes do Arena Jovem compram esse material e devem ensinar nos cultos do Arena apenas as pregações que estão nesses manuais.

O livro é organizado em séries com um tema principal e subdividido em outros três ou quatro temas. Cada tema conta com uma introdução, desenvolvimento e conclusão. Assim os líderes de jovens de todas as ISNT devem ensinar o mesmo conteúdo. A dominação legal, por meio da burocratização toma cada vez mais espaço na ISNT. Weber (2008, p. 162) afirma que “devemos lembrar que a burocracia como tal é um instrumento de precisão que se pode colocar a disposição de interesses de domínios muito variados”. Sendo o Arena Jovem o ambiente que mais atrai novos adeptos à ISNT, entendo que, com a utilização desses livros (que se assemelha a um livro didático), os coordenadores não arriscam confiar em seus coordenadores ou líderes locais para realizar as pregações, haja vista, que o discurso religioso é uma ocasião de mobilização entre os fiéis. Assim, o conteúdo desse discurso é **controlado** pelos coordenadores nacionais do Arena, por meio dos “livros/ manuais” por eles organizados e vendidos para os milhares de líderes de Arena local. Se, como entendem os sociólogos, a religião muda hábitos, inculca valores e orienta a conduta de vida do indivíduo (PRANDI, 2008), a ISNT preocupa-se que esses hábitos, valores inculcados e condução de vida, padronizem-se em todas as suas filiais.

No pentecostalismo, em suas origens, o pastor ou pregador acreditava que a pregação feita por ele representava o próprio Deus falando à igreja e, justamente por isso, houve tanta resistência em relação aos cursos de teologia. Contudo, na ISNT, até as pregações devem ser conduzidas pela técnica e burocracia.

Prandi (2008, p. 159), ao observar a cultura dos jovens evangélicos percebe que, “A cultura cristã jovem costuma se mostrar como a própria negação da juventude, caracterizada por sua rebeldia, imprudência e ousadia. Nela, o fervor religioso exasperante do jovem soa despropositado, e sua confiança na liderança adulta tem algo de ingênuo e subserviente”. É perceptível nos jovens da ISNT a crença, muitas vezes “cega”, naquilo que é ensinado por seus líderes, não há espaço para questionamentos ou dúvidas. Estabelece-se uma forma de dominação legítima em que os agentes socializadores é quem determinam o conteúdo que deve ser ensinado à coletividade e esses acabam por responder a vontade do dominante. Como observado por Barbosa e Quintaneiro (2002) ao analisar as estruturas de dominação estudadas por Max Weber, “Desse ponto de vista, é a dominação o que mantém a coesão social, garante a permanência das relações sociais e a existência

da própria sociedade”. É justamente nesse processo de dominação estabelecido na ISNT, que fecha os espaços para questionamento e dúvida dos fiéis e garante o crescimento e coesão social do grupo.

Como já apresentado a burocratização está presente nos grandes grupos da ISNT, com o intuito de manter a coesão, subordinação, precisão e crescimento da instituição. Um crescimento que já se expandiu para outros territórios. A Teologia de Domínio da ISNT está relacionada a assumir o governo sobre as nações, estabelecendo então o reino de Deus na terra (PIRES, 2011, p. 130). Isso a instituição tem feito tanto por meio da conquista de espaços de poder, tópico que abordaremos no próximo capítulo, como por meio do envio de pastores e líderes para diferentes países com o objetivo de abrir células estratégicas e novas igrejas. De acordo com o site oficial da ISNT<sup>83</sup>, há novas igrejas e células estratégicas nos seguintes países, Estados Unidos (5), Portugal (9), Guiné Bissau (1), Alemanha (3), França (1), Argentina (8), Paraguai (4), Peru (2), Inglaterra (3). Totalizando 37 novas instituições no exterior.

Assim como a Igreja Católica, ao longo de sua história, os Reformadores do século XVI e os protestantes do século XVIII ao início do século XX, a evangelização de novos povos estava relacionado a conquistas de território, à manutenção de poder, a civilizar os mais “atrasados” enfim, utilizando-me de Weber (2004, p. 30, 31) uma dominação eclesiástica sobre a vida em geral. Para Weber (1982, p. 312), o cristianismo foi uma religião especificamente urbana e acima de tudo cívica.

Entendo que o avanço que a ISNT tem feito na conquista por novos territórios, está relacionado ao domínio que a igreja pretende exercer nos diferentes contextos sociais. Rodovalho (2012, p. 265) afirma que: “Para que a igreja ocupe o seu espaço social hoje, precisamos de uma forte estrutura financeira. Por exemplo, para levarmos a obra missionária avante, o custo é bastante alto...”. E acrescenta em outro trecho:

Entendemos que as gerações passadas do cristianismo falharam em não ocupar seu espaço como agentes da história e aconteceram os maiores abusos de usurpação de governos e autoridades já operados neste mundo. A igreja faz e rege a história, e este direito é nosso por conquista moral de Cristo pela cruz (RODOVALHO, 2012, p. 288).

Além do envio de pastores, líderes e missionário para diferentes partes do mundo, a ISNT tem ampliado seu domínio por meio de estratégias para atuar em diferentes contextos sociais e políticos.

---

<sup>83</sup> Fonte: <http://www.saranossaterra.com.br/igrejas-estado/internacionais/> Acesso em: 4/06/2015.

Nos séculos anteriores domínio era subjugar pessoas pela força, pelo totalitarismo. Hoje domínio chama-se liderança, ou seja, o homem que domina é aquele que lidera. Pois é o domínio da inteligência e da sabedoria.

(...) nós não vivemos sem liderança. Pois nascemos para liderar e sermos liderados. Domínio hoje se chama 'liderança'. Temos que liderar no lugar onde estamos vivendo, no trabalho, na escola, nas associações de classe. Nascemos para liderar, fomos feitos para liderar (RODOVALHO, 2004, p 14).

Por meio do texto acima, é possível observar que Rodovalho enfatiza o exercício de domínio que a igreja deve ter em relação à sociedade, um domínio que se faz por meio da liderança já que, para ele, os crentes são embaixadores do “Reino de Deus” na terra e é responsabilidade de cada crente liderar em diferentes espaços sociais. Dentre esses espaços, Rodovalho, apresenta a política. O bispo afirma que cabe à igreja acompanhar as eleições e leis que tramitam no congresso, pois se é aprovada uma lei que “legaliza o pecado” todo o país sofrerá as consequências dessa lei (RODOVALHO, 2004, p. 66).

Para Rodovalho se a igreja silencia diante do que está acontecendo na sociedade ela está renunciando sua liderança e uma das formas de atuar como liderança é fazendo escolhas corretas sobre quem serão os futuros representantes no Congresso. “Neste sentido o voto torna-se um cheque para o destino. (...) é preciso profetas naquela casa que sejam profundamente comprometidos com os valores do reino de Deus” (RODOVALHO, 2004, p. 70).

Logo após o lançamento do livro “Propósito, domínio, liderança e influência: Você nasceu para reinar” (2004) Rodovalho se candidatou como Deputado Federal e exerceu um mandato e, apesar de atualmente não exercer mandatos ele ainda mantém parcerias políticas, como já apresentei no tópico 2.2, procurando assim ampliar a influência e domínio da igreja.

Para influenciar cada fiel da ISNT a agir conforme a condução pré-determinada pelos líderes principais como em quem votar, quanto ofertar, quais livros comprar, Rodovalho não conta apenas com o apoio de seus bispos e pastores, ele próprio tem uma aparição semanal nas igrejas SNT por meio do “Momento Rodovalho” (assunto que apresento no próximo tópico). Assim, as informações de como cada fiel deve agir chega rapidamente a cada um. Uma rapidez de informações que só é possível por meio da organização burocrática.

### **2.4.3. Socialização e Mídia**

A utilização de mídia é uma das estratégias de socialização na ISNT assim como em outras igrejas neopentecostais. É uma importante ferramenta para evangelização, divulgação de suas

crenças e de socialização. No caso do Brasil, o uso da mídia pelos protestantes trouxe-lhes visibilidade e aumentou a competição religiosa, principalmente nos últimos 30 anos. (BELLOTTI, 2010, p. 279, 280).

Visualizando alcançar o maior número de casas possíveis pelas mídias eletrônicas (televisão e rádio), a ISNT conta com um projeto chamado **Parceiros de Deus**, cujo objetivo é levantar fundos para evangelização por meio das mídias eletrônicas, investir em projetos sociais e implantação de novas igrejas. Os fiéis contribuem com o Parceiros de Deus individualmente, por meio de um boleto bancário, depósito em conta corrente, por telefone (há uma linha 0800 exclusiva para o Parceiro de Deus) e também por intermédio das células.<sup>84</sup>

O Parceiro de Deus é uma instituição que gera recursos financeiros por pessoas, empresas ou instituições. É considerado pelos líderes do Ministério Sara Nossa Terra como um projeto social que reflete além dos muros da igreja e como canal estratégico do projeto de evangelização de Deus<sup>85</sup>.

De acordo com a instituição, as entradas financeiras têm como objetivo, “(...) Sarar o Brasil, fazendo com que cada lar receba a palavra de Deus por meio da rádio Sara Brasil FM, da Rede Gênesis de Televisão e da abertura de novas igrejas.” (Instituto de Vencedores, Módulo III, 2010, p. 67).

Além do investimento em mídias e abertura de novas igrejas, o Parceiro de Deus tem também como objetivo contemplar a construção de creches, centros comunitários e casas de recuperação<sup>86</sup>. Observo que os projetos assistenciais da igreja, além de dar visibilidade para a instituição, funcionam como espaços para arrecadação financeira. Há um apelo muito forte por parte das lideranças para que os fiéis sejam Parceiros de Deus. Como apresentei anteriormente, os líderes de células são obrigados a contribuírem mensalmente com o parceiro, além de ter que arrecadar doações na célula. Entendo que esse levantamento financeiro está relacionado muito mais a investimentos na mídia do que com projetos sociais.

Nesse contexto, Setton (2010, p. 33) ao estudar os processos de socialização, práticas de cultura e legitimidade cultural, observa que:

---

<sup>84</sup> Assunto este já abordado anteriormente.

<sup>85</sup> Fonte: <http://parceirosdedeus.com.br/o-que-e/> Acesso em: 15/12/2014.

<sup>86</sup> De acordo com o site oficial do Parceiros de Deus, em relação as creches, a instituição atende no Distrito Federal, cinco creches, um centro comunitário e uma casa de recuperação: Unidade ABA<sup>86</sup> Vó Zizi – Guará; Unidade ABA Samambaia – Samambaia Sul; Unidade ABA Planaltina – Brasília; Unidade ABA Santa Maria Sul – Brasília; Unidade ABA Itapoã – Fazendinha; Unidade ABA Gama Leste – Centro Comunitário; Casa de Recuperação – ABA (Aba é uma expressão bíblica, derivada do termo com origem na língua aramaica “abba”, que significa, “o pai” ou “meu pai”).

As mídias e o mercado de bens simbólicos produzidos por elas e as corporações, segundo esse argumento, teriam um papel que superaria a dimensão exclusivamente econômica. Elas se configurariam como instâncias produtoras e difusoras de socialização legitimando uma determinada cultura, desempenhando funções pedagógicas semelhantes à escola, à família e aos grupos pares no processo de construção de identidades. Ou seja, as mídias e as empresas produtoras dos bens da cultura seriam agentes preferenciais na constituição de referências culturais para a construção de identidades grupais e individuais.

Assim, a mídia como uma importante instância de socialização, bem como uma agente capaz de legitimar determinada cultura, faz parte de uma das importantes práticas socializadoras da ISNT no sentido de legitimar ainda mais a cultura da instituição, como é possível de observar a partir das mídias que apresento abaixo.

Karina K. Bellotti (2010, p. 279) procura compreender quais as funções dos programas televisivos tanto para seus consumidores como para seus produtores e porque as igrejas têm usado a mídia – o que ela representa para as Igrejas, fiéis, empresários e comerciantes. Para a autora esse fenômeno ocorre no recorte temporal da Pós-Modernidade, onde o predomínio da sociedade ocidental é a individualização, com o crescimento de uma religiosidade autônoma, sem uma influência direta das instituições religiosas na vida dos fiéis.

É possível perceber, portanto, que as igrejas que se utilizam da mídia querem atingir aqueles consumidores que não estão dispostos a sair de suas casas e se deslocar até uma igreja. A oferta não consiste apenas em bens religiosos, como salvação, cura, solução para os problemas da vida, já que produtos evangélicos para uso doméstico e escolar tem crescido no Brasil a partir dos anos 80, além da quantidade de livros, CDs e DVDs que são vendidos por meio dos programas de televisão e rádio. De acordo com Bellotti (2010, p. 283) mídia e mercado evangélico estão indissociáveis e precisam ser analisados em conjunto.

A ISNT apesar de ter pouco mais de 20 anos de fundação, desde seus primórdios tem investido nas mídias, tanto eletrônicas (televisão, Rede Gênese e rádio Sara Brasil), digitais (internet) como impressas.

A impressão ao acompanhar as programações da Rede Gênese é que, sendo Robson Rodvalho e Lúcia Rodvalho os principais detentores de **capital social** (BOURDIEU, 2013) ficam eles responsáveis pela monopolização do **campo religioso** bem como dos **bens de salvação** por eles oferecido. Dos oito programas que constam na grade, quatro deles são realizados pelo casal Lúcia e Robson. Rodvalho (2012, 260 e 261) afirma que a igreja deve se ajustar aos diferentes contextos sociais que está inserida e, para a igreja acompanhar a sociedade, faz-se necessário a

inserção em comunicações, como jornais, TV, rádio e internet. Para ele a igreja deve ocupar os espaços na mídia, principalmente a TV, que estão, segundo ele, atualmente, controlados pelo diabo.

A utilização das mídias, principalmente a TV é uma realidade entre as igrejas evangélicas brasileiras. É uma forma de conseguir cada vez mais novos adeptos. Para Paulo Romero (2007, p. 140) a igreja midiática é uma das principais responsáveis pelo “trânsito religioso” no Brasil contemporâneo. Já que assistir ao programa não é suficiente, as pessoas são impelidas a ir até a igreja que realiza o programa.

Os meios de comunicação, talvez, mais do que serem utilizados para evangelismo, são importantes para o controle e administração da conduta das pessoas, como afirmou Carvalho (2004, p. 106) “Hoje podemos dizer que quem detém a televisão e a Internet, por exemplo, está em condições favoráveis para controlar e administrar as condutas das pessoas.” E este controle, é possível relacionar à organização burocrática, que procura manter uma superioridade técnica dos meios de comunicação facilitando assim, seu controle e melhor administração. (CARVALHO, 2004, p. 106).

Ainda neste contexto é importante enfatizar que nas ISNT semanalmente acontece o “Momento Rodovalho” com transmissão via satélite. Nesse espaço Rodovalho dá recados sobre os eventos da igreja, fala sobre a campanha do mês, os lançamentos de livros e sobre a contribuição do parceiro de Deus. Após os recados ele passa a palavra para o líder local. Já no segundo domingo de cada mês, acontece na ISNT o culto de Santa Ceia<sup>87</sup> e neste domingo a pregação é realizada via satélite por Rodovalho, bem como a palavra de oferta. As igrejas locais apagam suas luzes e ligam o telão para acompanhar aquele que é tido como a figura mais importante da ISNT.

Weber (1999, p. 130) afirma que toda a dominação procura despertar e cultivar a crença em sua “legitimidade”.

Conforme ensina a experiência, nenhuma dominação contenta-se voluntariamente com motivos puramente materiais ou afetivos referentes a valores, como possibilidades de sua persistência. Todas procuram despertar e cultivar a crença em sua ‘legitimidade’. Dependendo da natureza da legitimidade pretendida diferem o tipo da obediência e do quadro administrativo destinado a garanti-la, bem como o caráter do exercício da dominação. (WEBER, 1991, p.139)

Assim, entendo que as frequentes aparições de Rodovalho pela mídia nas igrejas locais e em momentos de culto são formas de despertar e cultivar a legitimidade de sua dominação, ou seja,

---

<sup>87</sup> Prática religiosa cujo objetivo é lembrar da morte de Cristo por meio da participação da Ceia, que é representada pelo suco de uva e pão.

no consentimento e obediência dos fiéis à sua autoridade. O bispo busca socializar com os fiéis por meio da mídia, legitimando assim a cultura que se pretende estabelecer na instituição. Em concordância com Setton (2010) quando aborda a questão das mídias e processos de socialização, compreende que essas aparições tem uma função pedagógica responsável pela construção de identidades do grupo.

Já em relação ao rádio, a ISNT, em concorrência com as demais igrejas neopentecostais e na corrida por novos fiéis, fundou em 2001 na cidade de Brasília/DF a Rádio Sara Brasil FM, que, atualmente, já atinge quase todo o território nacional e pode ser acompanhada também via web. Uma programação cristã voltada a atender o segmento evangélico, oferece em sua grade, música, entretenimento, informações e prestação de serviços, além de pregações e testemunhos.

Por fim, a ISNT conta também com a gravadora Sara Music está localizada em Brasília/DF. Foi inaugurada no ano de 2010 e atende cantores da música gospel, principalmente cantores e bandas da própria instituição. Rodovalho tem diversos CDs e DVDs musicais gravados pela editora. A gravadora localiza-se na Embaixada da ISNT.

É possível perceber, portanto, que a ISNT tem investido fortemente nas mídias, para evangelismo e, principalmente, como forma de controle e administração da conduta das pessoas. O rádio, a TV Gênesis e a Sara Music são divulgadores dos produtos comerciais da igreja, eles trabalham no sentido de divulgar seus produtos, ampliando assim seus espaços de domínio.

Bellotti (2010, p. 313) observa que:

(...) o trânsito religioso no Brasil é marcante, prova de que o poder de escolha do consumidor-fiel é guiado pela escolha racional, que procura melhores condições de conforto, bem-estar, e de resolução dos problemas do cotidiano. A mídia ajuda a captar essas necessidades e a modelar os produtos que respondam aos diferentes desejos e estilos de vida. Quanto mais acertado o alvo, maior a eficácia da mensagem.

Além dos programas televisivos, com filmes, desenhos, mensagens e músicas e dos produtos divulgados nesses espaços, como bonés, CDs, DVDs, agendas, camisetas entre outros, os livros dos fundadores da ISNT entram também como uma importante prática socializadora da instituição.

#### **2.4.4. A literatura como expansão de instrução, doutrina e manutenção de autoridade**

Um dos aspectos que observei nas práticas socializadoras da ISNT era o incentivo por parte dos líderes para que os fiéis adquirissem o hábito de ler, principalmente após observar a quantidade

de livros publicados pelos líderes fundadores. A demanda de publicação é muito grande. Ao longo das pesquisas realizadas, encontrei em Lima (2010) a mesma observação. O autor fez um levantamento de livros publicados por Robson e Lúcia Rodovalho e ressaltou que apenas os bispos presidentes apresentam produção de livros e que este é um fator que merece novas investigações. Como sua pesquisa é relacionada a gênero, Lima faz as seguintes observações:

Observando o teor das discussões dos livros, a ‘bispa’ se direciona as questões relacionadas à autoestima, família, paternidade, relacionamentos e emoções. Expressam uma associação cultural entre estes valores e às atribuições sociais designadas à feminilidade e à masculinidade, dentro de um modelo de relações polarizadas entre o feminino e o masculino, enquanto o bispo aborda marcadamente questões referentes à bíblia. (LIMA, 2010, p. 64).

Procuro ampliar a compreensão dessas literaturas analisando-as como publicações com finalidades específicas, talvez, como afirmou Evelyn Orlando sobre os manuais de catecismo, “com finalidades a instrução, a inculcação de hábitos e valores religiosos e morais, a modelação de comportamentos e a formação do cristão” (ORLANDO, 2013, p. 69)<sup>88</sup>. Os livros publicados pela SBE destinam-se principalmente para os fiéis da ISNT, assim são distribuídos para todas as ISNT para serem vendidos. A pergunta que me inquieta é: Qual é a estratégia de dominação/socialização que está por trás do lançamento de um número tão grande de livros?

Gomes (2010, p. 89), quando trata sobre os líderes de células e suas preocupações em ensinar outros jovens, percebe como há um estímulo da instituição para que os fiéis leiam, se escolarizem e adquiram novos conhecimentos, a fim de fortalecer cada vez mais seus argumentos bíblicos. Para isso, grande parte das ISNT possui livrarias disponibilizando os livros da SBE. “Com essa literatura, a igreja tenta inculcar em seus fiéis seu plano cultural, bem como estabelecer convergências de interesses com as demais matrizes socializadoras” (GOMES, 2010, p. 89).

Entendo que esse fortalecimento dos argumentos bíblicos que apresenta Gomes (2010) deve ser feito a partir dos livros da SBE, principalmente os livros de Rodovalho. Como apresentei em relação ao Instituto de Vencedores, todos os módulos têm leituras obrigatórias dos livros de Rodovalho, ou seja, a leitura bíblica acaba sendo realizada a partir do material lido do bispo.

---

<sup>88</sup> Evelyn de Almeida Orlando em seu artigo “Os manuais de catecismo como fonte para a produção história” nos forneceu várias pistas e possibilidades para olhar as literaturas da Igreja SNT. Assim, apesar das diferenças teológicas entre Neopentecostalismo e Catolicismo e do período pesquisado por Evelyn ser diferente da pesquisa em questão, em muito seu trabalho contribuiu para as análises das literaturas da igreja SNT como fontes para a História da Educação. Assim como Evelyn (em relação aos manuais de catecismo) encontrei dificuldade em encontrar literatura protestante como objeto de estudo específico da história da educação. E literatura neopentecostal como objeto de estudo, nada encontrei.

Nos eventos, a divulgação de novos livros é enfatizada com persistência. Todos os anos, nos dois principais eventos da instituição Celebrações de Verão e Inverno, há lançamento de novos livros de Rodovalho e, muitas vezes, os ensinamentos e pregações, geralmente são embasados nesse material, que devem ser adquiridos pelos líderes.

A igreja, por meio dessa literatura expande seus ensinamentos, doutrinas e mantém sua autoridade. O que se ensina nesses livros? O que eles valorizam? Que tipo de formação oferece aos seus leitores?

A Sara Brasil Edições e Produções faz parte do Grupo Sara Nossa Terra, criada em 1998 com o objetivo de “atender à necessidade de levar conhecimento e mensagem de caráter religioso ao público da Sara”<sup>89</sup>. De acordo com o histórico apresentado pelo site, do público voltado à ISNT estendeu-se para o público evangélico e posteriormente para públicos interessados sobre relacionamentos humanos, problemas emocionais e espirituais, recuperação diante das perdas, liderança, ciência e física. A SBE conta com aproximadamente 75 títulos lançados e as vendas de seu material acontecem pela TV Gênesis, pelo site da editora e nos templos das ISNT.

Tratada como ‘venda oculta’ – porque não é considerada na elaboração de listas de publicações ‘mais vendidas’ –, a comercialização de publicações em templos, no entanto, surpreende cada vez mais o mercado editorial. A última pesquisa do gênero, realizada pela Fipe/USP e publicada pela Câmara Brasileira do Livro, revela que o mercado editorial brasileiro, que movimentou em 2011 cerca de R\$ 5 bilhões, desenvolveu-se mais expressivamente em meio a igrejas e templos. Em 2010, essa faixa era responsável por 1,26% das vendas. No ano seguinte, passou a dominar 4,03% dos exemplares comercializados.

Os principais autores da Sara Brasil hoje são os fundadores e bispos presidentes da igreja Sara Nossa Terra, Lúcia e Robson Rodovalho. No entanto, a editora está diuturnamente aberta e em busca de novos talentos, gente disposta a desenvolver ideias técnicas e/ou espiritualmente embasadas dentro da temática acima exposta – ainda que explorada sob a forma de ficção em romances, crônicas ou contos<sup>90</sup>.

Ao entrar no site da SBE, observa-se que os materiais vendidos são organizados nas seguintes categorias: autoajuda, bíblias, científicos/saúde, devocional, espiritualidade, finanças, guerra espiritual, kits promocionais, liderança, relacionamentos, CDs musicais, DVDs musicais, CDs mensagens, DVD mensagens e outros produtos.

Visitei cada uma dessas categorias e o que se observa é, mais de 80%<sup>91</sup> do material à venda são dos bispos presidentes da igreja, os demais são: 5 livros do bispo Lucas e Priscila Cunha, bispo

---

<sup>89</sup> Fonte: <http://saranossaterra.com.br/editorasb/pages.php?pageid=10>. Acesso em 11/03/2015.

<sup>90</sup> Fonte: <http://saranossaterra.com.br/editorasb/pages.php?pageid=10>. Acesso em 11/03/2015.

<sup>91</sup> Essa porcentagem eu cheguei após levantar o total de livros divulgado no site da SBE.

Cleber de Barros, bispa Ana Maria Almeida e Benson Idahosa. Além de produtos como camisetas, bonés, agendas, entre outros, com a logomarca da ISNT. Em relação aos livros percebo que, a ISNT possui uma editora que, basicamente restringe-se a lançar livros dos líderes presidentes da instituição, contradizendo com o texto anunciado no histórico da editora, ao afirmar que a SBE está “aberta e em busca de novos talentos”<sup>92</sup>.

De acordo com o site oficial de Rodovalho, ele já lançou 73 títulos<sup>93</sup>, organizados em cinco categorias, científicos/saúde, batalha espiritual, liderança, crescimento espiritual, finanças<sup>94</sup>.

Pela diversidade de temas abordados por Rodovalho, percebo que há um interesse em alcançar todos os aspectos da vida dos fiéis por meio de suas obras. Saúde, família, dinheiro, profissão, ministério. De acordo com as categorias observadas, assuntos como liderança, crescimento pessoal e sucesso, são enfatizados com mais frequência. Gomes (2010, p. 87), afirma que os livros de Rodovalho são utilizados nas mensagens das igrejas. Mensagens essas que não são pautadas apenas na Bíblia, mas em “certo psicologismo” que estimula nos fiéis o interesse pelo sucesso e vitória. Além dos livros de Rodovalho serem uma forma de transmissão de suas crenças, a diversidade de livros lançados por ele está em consonância com o crescimento do mercado brasileiro. De acordo com Bellotti (2012, p. 53) o mercado de bens evangélicos no Brasil começa a consolidar-se na década de 1990 e encontra-se em plena expansão principalmente entre os pentecostais. Há, portanto uma concorrência nesse mercado e, garantir a publicação de seus livros, é tentar alcançar como leitores ao menos os fiéis de sua igreja.

Já nas literaturas lançadas pela bispa, há uma ênfase dada em questões de ordem emocional e familiar, como se fosse próprio da mulher esse lugar: Cuidar da família e de si próprio. No que diz respeito à liderança, finanças e crescimento espiritual são da competência do bispo. Bellotti (2010, p. 283) apresenta que os produtos da mídia são formadores de sentido, ajudam a constituir a religiosidade de seus consumidores. Ao analisar o montante de livros lançados pela

---

<sup>92</sup> Fonte: <http://saranossaterra.com.br/editorasb/pages.php?pageid=10>. Acesso em 11/03/2015. Esse levantamento exigiria maiores investigações. Tentei alguns contatos com a editora por e-mail para informações, mas não obtive respostas. No site da editora há um encaminhamento para aqueles que tem interesse em fazer parte da equipe como colaborador e escrito, o site [www.sarabrasil.com.br](http://www.sarabrasil.com.br), porém esse site volta a página principal da editora.

<sup>93</sup> Há uma listagem de livros lançados por Robson e Lúcia Rodovalho, além de títulos diversos lançados pela SBE ao final dessa dissertação, nos anexos III.

<sup>94</sup> Fonte: <http://bisporodovalho.com.br/livros/>. Acesso em: 14/12/2014. Destaco mais uma vez que, sendo este trabalho, uma pesquisa da HTP, as alterações acontecem a todo o instante e ainda no processo de escrita, já foram lançados diversos materiais, que não consta na lista.

Editora Sara Brasil e a diversidade dos temas é possível afirmar que esta é uma prática socializadora fundamental na ISNT no sentido de formar a religiosidade dos fiéis.

É instigante a quantidade de livros lançados por outros líderes, pastores e bispos da ISNT pela editora, um número extremamente pequeno se comparado com a produção dos bispos fundadores. O que se percebe, no entanto é que dos livros lançados pela Sara Brasil são em sua maioria dos Bispos Robson e Lúcia Rodovalho, em seguida aparecem apenas mais cinco nomes. A análise restringiu-se apenas aos livros lançados pela Editora Sara Brasil.

Dos livros que constam na listagem (vide anexo), os mais divulgados são os 5 volumes do “Isto é Arena” que, como apresentei anteriormente são um conjunto de pregações para os cultos do Arena Jovem. Pregações essas que devem ser seguidas pelos líderes e pastores do Arena Jovem.

Ao contextualizar o montante de livros, lançados pela SBE, o que vejo é a dominação burocrática em pauta. Por meio desses materiais, os líderes presidentes conseguem manter uma dominação burocrática sobre os fiéis. Não há uma preocupação desses líderes em indicar outras leituras para os fiéis, seja literatura brasileira, ou mesmo livros de outros pastores que não sejam da ISNT.

Nas pesquisas desenvolvidas por Max Weber (1982) sobre a educação, em que sociedades antigas como a da China tinha na educação a formação do “homem culto” e com o processo de burocratização, a educação se volta para formar “especialistas”, ou seja, uma educação que se volta para atender o mercado de trabalho. Ao analisar as literaturas oferecidas pela ISNT o que se pode afirmar é que ela é voltada a formação de “especialistas” para a instituição. As leituras desses materiais direcionam, não para a formação cultural, reflexiva e questionadora, mas para que os fiéis pensem e ajam, conforme o interesse dos líderes fundadores. Literaturas que mais aproximam-se de manuais. Como nos afirma Carvalho (2004, p. 126), “o burocrata é aquele que orienta a sua vida pelo que está escrito”.

Apesar da abundância de materiais coletados para esse segundo capítulo, considerei relevante apresentar o funcionamento e organização da ISNT, bem como um breve histórico dos fundadores da instituição e a atuação de ambos como principais agentes socializadores da instituição. Já no início do capítulo foi possível perceber que a ISNT se organiza em uma estrutura empresarial e que seu crescimento tem sido garantido por meio de estratégias diferenciadas, tais como tolerância a usos e costumes, uma igreja que atrai ricos e famosos, pastores com formação

superior, o fundador da instituição que se preocupou em organizá-la de forma administrativa e profissionalizada.

Assim, apresentei as principais práticas socializadoras da ISNT que acontecem em pequenos e grandes grupos, tais como, o modelo celular G12, os eventos, mídia e literatura. O que se conclui com este capítulo é que essas práticas dialogam com a sociedade escolarizada, ou seja, uma sociedade que deu a escola um papel privilegiado nos últimos séculos. É possível observar a forma escolar em diferentes espaços sociais, inclusive nas práticas socializadoras de uma igreja neopentecostal. Práticas essas submetidas a uma lógica escolar, ou seja, uma organização burocrática, líderes que devem buscar títulos e especializações, o ensino aos fiéis por meio de manuais com regras de aprendizagem, repetição de exercício, uniformidade nos processos socializadores, ou seja, práticas que foram submetidos à forma escolar e são escolarmente transmitidos.

Assim, a forma escolar atravessa múltiplas práticas socializadoras. Encontra-se essa marca na socialização familiar (com certeza nas classes superiores e médias, nas frações superiores das classes populares), nas atividades ‘peri-escolares’ e, poderíamos acrescentar, nas formações de empresas, nos estágios de ‘inserção’ etc. Progressivamente o modo escolar de socialização, quer dizer, a socialização pensada e praticada como ‘educação’, ‘pedagogia’, etc, se impôs como referência (não consciente), como modo de socialização reconhecido por todos, legítimo e dominante. (VINCENT, LAHIRE, THIN, 2001, p. 42).

É possível compreender que os processos de socialização na ISNT são influenciados diretamente pela sociedade escolarizada, ou seja, pela forma escolar de socialização. Mas, a ISNT enquanto uma igreja neopentecostal é apenas um sujeito passivo da sociedade escolarizada? Em que momento é possível pontuar as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada, se por afinidades eletivas entende-se como um processo pelo qual duas formas entram a partir de certas analogias em parentescos íntimos ou afinidades de sentido, numa relação de atração e influência recíprocas, de escolha ativa, de convergência e de reforço mútuo?

Entendo, portanto, que a influência é recíproca, e ainda que existam diferenças culturais e uma descontinuidade ideológica entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada, as afinidades eletivas entre ambas podem ser reveladas justamente por que as práticas socializadoras se apoiam mutuamente. As características comportamentais e disposicionais que o neopentecostalismo demanda se encontra também nas cobranças de uma sociedade escolarizada, tais como a disciplina, a busca pela excelência e o reconhecimento do outro, aspectos que pretendo explorar a partir do terceiro capítulo.

### **CAPÍTULO 3. AGENTES SOCIALIZADORES DA ISNT: RACIONALIZAÇÃO E DESENCANTAMENTO**

Ninguém sabe ainda quem no futuro vai viver sob essa crosta e se ao cabo desse desenvolvimento monstro não de surgir profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascer de velhas ideias e antigos ideais, ou – se nem uma coisa ou outra – o que vai restar não será uma petrificação chinesa [ou melhor: mecanizada], arrematada com uma espécie convulsiva de autossuficiência. Então, para os ‘últimos homens’ desse desenvolvimento cultural, bem poderiam tornar-se verdade as palavras: ‘Especialistas sem espírito, gozadores sem coração: esse Nada imagina ter chegado a um grau de humanidade nunca antes alcançado’. (Max Weber, 2004, p. 166)

Neste capítulo, além do conceito de dominação, procuro trabalhar também com o de racionalização, ambos desenvolvidos por Weber para pensar a sociedade ocidental moderna. Sell (2012, p. 156) observou que grande parte dos intérpretes e especialistas de Weber afirmam que, “racionalização é, de fato, o fio condutor que tece as tramas de seus múltiplos escritos e confere unidade à diversidade de temas teóricos, históricos e empíricos enfrentados pela sua reflexão”. Contudo é uma discussão ainda não consensual o que tem gerado novas discussões em torno do tema. Assim, para Sell (2012) o processo de racionalização não é uma noção que possa ser definida de maneira prévia, como o tipo ideal, pois é um tópico que Weber desenvolve de forma situada, ou seja, embutido no próprio processo de análise.

Para as análises deste trabalho, utilizo o conceito de racionalização que se dá a partir do entendimento do processo de racionalização ocidental, ou seja, uma racionalização que “não deve ser confundida de maneira alguma com a pretensa racionalidade imanente à História que arrastaria o devir humano em um movimento de progresso universal” (FREUND apud MARIZ, 2003, p. 71). Ainda de acordo com Mariz (2003, p. 71) o conceito de racionalização em Weber não implica em maior liberdade e progresso humano, pode inclusive ser o contrário. Em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, o autor sugere que a racionalização poderia transformar a sociedade em uma jaula de aço (WEBER, 2004, p. 165).

O tipo específico de racionalização moderna ocidental seria em parte identificado, por Weber (1983: 1-4), a um processo crescente de intelectualização com elaboração de princípios, regras, critérios que pretendem ter validade universal e coerência interna, num projeto próximo ao do matemático. (...). Essa racionalização expressa-se assim de forma distinta nas diferentes esferas da vida no sistema econômico, no político, e em toda a cultura, seja na ciência, na arte e na própria religião. Enquanto na economia afetou o modo de produção

introduzindo uma contabilidade que busca minimizar a relação custos-benefícios, na política esse processo leva a uma nova forma de legitimação do poder. Não se considera mais uma autoridade como legítima apenas pela tradição, ou exclusivamente por qualidades extraordinárias (um carisma) do seu líder. O consenso e a legitimação exigem discursos racionalmente elaborados. A legitimação tradicional e carismática da autoridade tendem a perder espaço para aquela do tipo racional, na medida em que as motivações dos indivíduos para suas ações passam também a ser racionalmente construídas e explicitadas. (MARIZ, 2003, p. 72, 73).

Ao tentar entender o surgimento e propagação da racionalização, Weber deparou-se com a religião. Inicialmente com o protestantismo, quando a religião (ascetismo calvinista) abandona a magia como meio de obtenção dos bens de salvação e vê como um dever a ação no mundo a fim de transformá-lo racionalmente, configura o que Weber denomina de **desencantamento do mundo**.

De acordo com Porto (2000, p. 316),

O movimento de racionalização das imagens religiosas do mundo alimenta as figuras da rejeição religiosa ao mundo. As grandes teodiceias surgem para responder à irracionalidade da existência de um Deus bom e justo responsável pela criação de um mundo injusto e imperfeito. A fuga para fora do mundo ou o ascetismo no mundo são as respostas para a possibilidade de conviver com o sofrimento dessa constatação, e, na opinião de Weber, o ascetismo intramundano na vertente calvinista do protestantismo é a via mais coerente de solução para essa questão da irracionalidade ética do mundo. ‘Espaço do irracional e do pecado, o mundo deve ser objeto de intervenção do crente, segundo uma atividade que vise a torná-lo conforme às injunções divinas’ (Pierre Bouretz, 1996:160). A ação no mundo torna-se, assim, um dever, e é esta ação que vai transformar racionalmente este mundo.

Nas análises de Porto sobre o fenômeno da violência, a autora põe como pano de fundo a relação entre cultura e religião a fim de chegar ao seu tema (violência policial) considerando o elo política e religião. As contribuições de Max Weber são justamente no sentido de compreender como a ética protestante e a sua vocação para transformar o mundo de forma racional contribuíram para o fortalecimento do capitalismo ocidental moderno bem como para o desencantamento do mundo, já que a sociedade antes mística e religiosa passa para uma sociedade guiada pela racionalização. Como nos afirma Mariz em seus estudos sobre a ética protestante, “Era assim uma religião menos ritualista, mais intelectualizada, mais ética, menos encantada, menos ‘mágica’. A racionalização moderna ocidental se expressa bem nessa tentativa protestante de se livrar de qualquer proximidade com o que Weber define como o tipo ideal da magia” (MARIZ, 2003, p. 76).

Nesse contexto, Pierucci afirma que Weber, ao estudar o processo de racionalização em sua geração, observou o ocidente passando por uma secularização, ou seja, a religião havia perdido

muito do seu valor cultural do passado com o nascimento da cultura moderna capitalista (PIERUCCI, 2000, p. 115). Portanto, Weber não estava predizendo um mundo futuro secularizado e sem religião, o autor observava a sua época e procurava ser fiel a ela. Não se pode dizer, portanto, que Weber deixou uma “profecia” sobre a secularização e que esta falhou com a revitalização das religiões nos últimos quarenta anos. Assim, as análises de Weber foram válidas para sua época, já que, as religiões, se comparado com tempos antigos, haviam sim diminuído e muito o seu valor cultural. Contudo, mesmo nos dias de hoje, em que se vivencia um período de retorno ao sagrado como observou Siqueira et al. (2000, p. 331, 332) ao afirmar que as religiões e religiosidades de todo o mundo tem se reinventado de diferentes formas, os conceitos de Weber, suas análises, tem ainda a contribuir para maior entendimento do tema.

Diante do revigoramento das religiões, da forte influência que elas exercem na conduta dos indivíduos, entendo que, as análises desenvolvidas por Weber sobre a **racionalização e desencantamento do mundo** poderão contribuir com minhas pesquisas já que, apesar do crescimento das religiões e religiosidades no ocidente, ao observar as práticas socializadoras da religião neopentecostal objeto desse estudo, percebi que são profundamente marcadas pela racionalização e, tende a cair (se ainda não caiu) em um desencantamento<sup>95</sup>.

Em seu texto, “Religião e Racionalidade Econômica”, Weber (1999) afirma que,

Para apreciar o nível de racionalização que uma religião representa podemos usar dois critérios básicos, que se inter-relacionam de várias maneiras. O primeiro é o grau em que uma religião despojou-se da magia; o outro é o grau de coerência sistemática que imprime a relação entre Deus e o mundo e, em consonância com isso, à sua própria relação ética com o mundo. (WEBER, 1999, p. 151).

Neste texto, Weber (1999, p. 157) analisa as éticas Puritanas e Confuciana e, apesar do racionalismo estar presente nas duas, “apenas a ética racional puritana para além do mundo levou às últimas consequências o racionalismo econômico intramundano”. Portanto, a partir dos estudos de Weber sobre racionalização e religião busco compreender a racionalização nos processos socializadores da ISNT. Quanto de magia há nesta religião? Que tipo de relação entre Deus e o mundo eles pregam? Qual a relação ética desses fiéis com o mundo? São questões complexas, difíceis de responder, até porque entendo que não haverá respostas prontas. Essas são perguntas apenas para nortear o meu olhar sobre as práticas socializadoras da ISNT e, neste capítulo

---

<sup>95</sup> De acordo com Sell (2012, p. 167) o conceito típico-ideal de desencantamento do mundo está subordinado ao conceito maior e estruturante da sociologia de Weber, a racionalização. Assim, o conceito de desencantamento recebe sua determinação como “critério” que aponta para o “nível” de racionalização de determinado contexto religioso.

especificamente, o meu olhar para a forma como se dá o ensino dos principais agentes socializadores da instituição, que, no caso da ISNT são os bispos presidentes.

Assim, ao longo deste capítulo procuro apresentar como as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada podem ser observadas nas práticas socializadoras, cujo recorte será feito a partir dos agentes socializadores, práticas essas que resultam não apenas em dominação, mas em uma racionalização que chega ao desencantamento.

### 3.1 Agentes Socializadores e a Condução de Vidas

Se, no capítulo anterior, as análises foram para as práticas socializadoras da instituição, neste capítulo o recorte será nos discursos dos principais agentes socializadores. Ao apresentar, no segundo capítulo, os fundadores da ISNT e as variadas formas de dominação, utilizei-me dos estudos de Gomes (2011) que observou a figura do pastor como principal agente socializador nas igrejas evangélicas. Também expliquei que na ISNT, de acordo com a hierarquia instituída pela igreja, tem o bispo primaz, os bispos coordenadores e abaixo deles os pastores. Assim, escolhi para analisar os discursos dos bispos fundadores e de Lucas Cunha, um dos bispos coordenadores da ISNT e coordenador nacional do Arena Jovem.

Para escolha dessas fontes, realizei um recorte no espaço/tempo referente ao ano de 2013. Como observado no capítulo anterior, a ISNT trabalha com temas anuais e mensais, sendo que as atividades desenvolvidas nas igrejas do Brasil e exterior acompanham os temas escolhidos. O tema escolhido foi: 2013, “o ano da Graça de Deus!” O versículo bíblico escolhido foi Salmo 63:3, que diz: “Porque sua graça é melhor do que a vida!”.

Quando a ISNT lança um **tema** no início de cada ano, este é apresentado como a Palavra Profética dada por Deus ao líder fundador e, deve ser utilizado por todas suas filiais. Todos os pastores e líderes deverão estar em concordância com este tema, que passa a ser o condutor para as igrejas e fiéis. O tema funciona como um condutor das ações da instituição e de seus adeptos e, aquele que o escolhe é o líder presidente, o que vai à frente do povo, o que decide e conduz o caminho. Por meio do tema escolhido, os agentes são regidos de acordo com o interesse do condutor. O fiel recebe determinados tipos de influxos externos e aceita como forma de **condução de vida**, por mais que ele seja dominado é ele ainda quem decide obedecer ou não. De acordo com Cohn (s/d), a dominação em Weber não pode ser entendida como coerção, mas como a capacidade

de influir de modo sistemático na condução de outros que, de certo modo, aceita essa condução de vida, seja pelo exemplo ou pelo ensino. Assim, o dominado, aceita e legítima a dominação.

Ao observar a forma como a ISNT inicia cada ano, mais do que um tema condutor para a vida dos fiéis, é uma palavra do **profeta** transmitida em nome de Deus. Todos aqueles que querem e acreditam colocam-se debaixo daquela palavra e a recebem para suas vidas, agindo no dia a dia de acordo com ela. Se, em 2011 o tema foi “Conquistando o favor de Deus”, era o favor que os fiéis deveriam buscar, para testemunhar então, ao término do ano esse favor. Em 2012 com o tema, “O ano do governo de Deus”, a sugestão do tema é que quem iria governar cada vida e cada ação seria o próprio Deus. E, em 2013 com o tema, “O ano da graça de Deus”, a expectativa dos mais de um milhão de fiéis, líderes, diáconos, pastores e bispos é que, a graça de Deus, o favor não merecido, viria para cada dia daquele ano.

Antes de analisar as fontes, é importante uma reflexão sobre o impacto que esse novo modelo de ser enquanto instituição religiosa reflete, não apenas nos fiéis, mas em toda a sociedade capitalista. Jessé de Souza (2012, p. 316) ao analisar as **afinidades eletivas** entre os batalhadores brasileiros<sup>96</sup> e o pentecostalismo, abrangendo em suas análises as três ondas do pentecostalismo, observa o sucesso que o pentecostalismo faz para esta nova classe social. O crescimento relevante do pentecostalismo nas décadas de 1980 e 1990 foi capaz de atender as demandas dos **batalhadores**, seja pelos serviços mágicos, como a IURD, ou as igrejas que atendem aqueles que não se atraem com os discursos mágicos radicalizados.

No entanto, os batalhadores, como uma outra fração dessa periferia urbana, aquela que possui alguns recursos que os tomam mais capazes de lutar por uma possibilidade e inclusão mais estável no mercado de trabalho, não são atraídos facilmente pelo discurso mágico radicalizado. Por outro lado, a religiosidade desenvolvida nas interações sociais dessa fração de classe é marcada por uma possibilidade de distanciamento das exigências mais imediatas do presente, o que a aproxima das vertentes menos mágicas do pentecostalismo, colocando-a numa fronteira entre os protestantes históricos e um pentecostalismo mais próximo do que a literatura religiosa chama de religiosidade ética, bem ao modo das igrejas protestantes históricas renovadas ou daquelas do pentecostalismo clássico renovado. (SOUZA, 2012, p. 316)

Souza (2012), ao analisar o pentecostalismo como uma religião que atrai os batalhadores, observa como uma parte deles, aqueles que já possuem algum recurso, não se interessam por

---

<sup>96</sup> Esse é uma categoria analítica criada por Souza para analisar a nova classe trabalhadora brasileira, estudada por muitos como a nova classe média.

discursos mágicos e sim interações sociais que, para o autor, esse modelo de igreja, coloca-se entre os protestantes históricos e um pentecostalismo clássico renovado.

Como apresentei no segundo capítulo, ao analisar as práticas religiosas da ISNT, pode-se afirmar que apesar de sua classificação como neopentecostal é possível observar nela as características apresentadas por Jessé, ou seja, ela é uma vertente menos mágica do pentecostalismo e suas práticas socializadoras são organizadas de modo a atrair pessoas que já possuem algum recurso e estão dispostas a lutar por uma inclusão mais estável no mercado de trabalho, conforme nos apontou Souza (2012) no texto acima.

A instituição religiosa apresenta-se como um local que lhes dá suporte para competirem na sociedade, conforme pontua Souza (2012),

a religiosidade dos batalhadores ocupa um lugar determinante, em oferecer um campo onde se possa desenvolver suportes sociocognitivos que os permitam competir por um ‘lugar ao sol’ na sociedade. Essa característica os distancia do modelo ‘pronto-socorro’ para os desesperados, típico do **neopentecostalismo**. (SOUZA, 2012, p. 316, grifo meu)

Esse modelo utilizado pelas igrejas inseridas no “pentecostalismo de fronteira” (termo utilizado por Souza, 2012), que procuram, por meio de suas práticas religiosas “desenvolver suportes sociocognitivos”, como no caso da ISNT, são para Souza, “traços de uma religiosidade de seita, em que o controle do grupo é determinante na vida religiosa e social do membro”. (SOUZA, 2012, p. 317). Contudo, vale lembrar que, na classificação proposta por Freston (1993) e aquela que escolhi para melhor organização da pesquisa, a ISNT é classificada como neopentecostal, ou seja, uma igreja que para Jessé tem característica de “pronto-socorro para os desesperados”. Esse não é o caso da instituição que estou analisando, como foi possível observar por meio da análise de suas práticas socializadoras. Entendo que, o termo escolhido por Jessé (2012) “pentecostalismo de fronteira” poderia ser utilizado para compreender a ISNT já que, pode-se afirmar que ela oferece um campo aos batalhadores (utilizando-me de Jessé) onde estes possam “desenvolver suportes sociocognitivos que os permitam competir por um ‘lugar ao sol’ na sociedade”.

Parece-me que é justamente neste controle que a instituição exerce sobre o grupo, que lhes oferecem a segurança e força para buscarem novas posições na sociedade. Um exemplo possível de analisar é a pesquisa empírica realizada por Pires (2011) com um grupo de fiéis da ISNT.

Ao serem perguntadas, no geral, se a vida delas melhorou depois de elas terem entrado na SNT, a resposta foi positiva: houve uma mudança para melhor, no aspecto material e profissional de todas elas (...). A razão é simples: depois delas entrarem para na igreja SNT, elas aprenderam com seus líderes a valorizar o

trabalho e a organizar sua vida financeira, se tornaram mais dinâmicas e eficientes no que fazem profissionalmente, foram incentivadas a melhorarem como pessoa, investindo na formação. (PIRES, 2011, p. 169).

As instruções oferecidas pela ISNT trazem para os fiéis certa segurança, há um líder por trás dos ensinamentos, que “garante um futuro mais tranquilo” se as instruções forem obedecidas. O fiel sente-se seguro em ter sua vida conduzida por outro. Em contrapartida a instituição se beneficia com essa confiança, pois ela mantém um controle social sobre a vida particular dele.

Nesse sentido, Veloso (2000, p. 255) pode contribuir com minhas reflexões, já que, de acordo com a autora, nas análises de Weber sobre o sujeito moderno a questão que se coloca é: É possível supor tal sujeito como “capaz de atribuir sentido às suas ações, e de usufruir da liberdade de ser senhor de si, ou seja, capaz de orientar e sustentar suas avaliações e escolhas?” Uma questão intrigante, pois ao olhar para as observações de Jessé sobre o pentecostalismo de fronteira e os batalhadores, é possível concluir que esse sujeito contemporâneo não tem atribuído sentido às suas ações ou usufruído de sua liberdade, pois busca em outro (no caso, na instituição religiosa) a condução para sua vida.

Ainda, de acordo com Veloso (2000, p. 256), “O indivíduo atual aparece em cena sem tempo, sem espaço, sem autonomia como sujeito e, portanto, como um autômato, comporta-se como um mero consumidor de mercadorias, preso a um presente repetitivo, sem futuro, sem utopia”. Fato este que tem levado os sujeitos a uma progressiva automatização, domesticando e homogeneizando o caráter de indivíduos heterogêneos. Assim, chego a uma questão fundamental nas análises da autora,

A indagação de Weber é incisiva e, diante da complexidade da vida social, ele se pergunta: dado um conjunto tão diferenciado de situações como é possível compreender certas persistências e regularidades das ações sociais? Ou, dito de outra forma, a que se deve essa persistência que, afinal, traduz-se na continuidade cotidiana de certas linhas de ação, por uma pluralidade de agentes individuais? (VELOSO, 2000, p. 258).

A autora conclui que essa persistência se deve ao fenômeno da **dominação/legitimação**, que é precedido pelo conceito também importante de Weber, **apropriação**<sup>97</sup>. O que nos permite chegar no entendimento de que, “os homens sempre agem em um contexto de carência, de **escassez**” (idem p. 258 grifo da autora). Portanto, o conceito de dominação no esquema de Weber

---

<sup>97</sup> De acordo com Veloso (2000, p. 258 grifos da autora) a partir do conceito weberiano de **apropriação** é possível “operar com a premissa de que, na sua existência concreta, os homens sempre agem em um contexto de carência, de **escassez**. A consequência mais palpável desse fenômeno é a dominação derivada da apropriação diferenciada de bens materiais e simbólicos escassos e tornada legítima em determinadas condições sociais”.

está relacionado a duas premissas, a existência de valores, na vida social, que não são possíveis de estabelecer critérios de escolhas racionais, objetivos e menos ainda, universais e a escassez de bens materiais e simbólicos como pano de fundo de toda a ação social. Quando essas premissas se associam nasce a ideia de apropriação diferenciada de bens valorizados material e simbolicamente, tornando-os objetos de disputa. (idem, p. 258, 259).

A partir das análises de Weber sobre a modernidade, Veloso (2000) levanta diversos questionamentos sobre o homem contemporâneo e conclui que este tem agido como um autômato, como um mero consumidor de mercadorias, que entregou a outros a condução de suas ações, provavelmente porque sua condição é de escassez, ou seja, lhe falta algo, sejam bens materiais ou simbólicos, e quando esse indivíduo encontra o portador daquilo que ele procura, possivelmente lhe entregará sua liberdade e autonomia se permitindo ser dominado.

Neste ponto, eu volto a Cohn quando afirma que a dominação em Weber não é coerção, mas deve ser entendida como a capacidade de influir de modo sistemático na condução de outros que, de certo modo, aceita essa condução de vida, seja pelo exemplo ou pelo ensino. Assim, o dominado, aceita e legitima a dominação. Entendo, portanto, que o tema da dominação está associado ao da racionalização e ambos têm muito a nos dizer sobre a sociedade ocidental.

... a compreensão dos fenômenos sociais não diz respeito às personalidades dos agentes, muito menos a quaisquer **vivências**, mas às suas ações. A Weber não interessa a **vivência** dos sujeitos, mas sua experiência. Vale dizer, também, não lhe interessam suas ações *per se*, mas sim o estabelecimento de nexos causais entre várias ações do mesmo agente (típico) ou entre as ações de vários sujeitos diversos, num mesmo contexto. (COHN apud VELOSO, 2000, p. 257 grifos do autor).

Portanto, as minhas análises dos discursos que apresento abaixo se dão no sentido de compreender, não apenas o discurso em si dos agentes socializadores da ISNT, mas as possíveis situações em que se dão à ação, ou seja, são discursos legítimos que pretendem encaminhar os fiéis no contexto espiritual e social.

### **3.2. Celebrações de Verão: A racionalização da Graça de Deus**

Celebrações de Verão é o nome do evento que abre o ano na ISNT. Em 2013, o evento ocorreu em Brasília/DF na sede da igreja, de 11 a 13 de janeiro. As ISNT do Brasil e exterior puderam participar do evento em seus próprios templos e salões, já que ela foi transmitida por vídeo conferência.

Pires (2010, p. 28) faz a seguinte observação:

Com a globalização, a noção de tempo-espaço ganhou novo significado para o homem contemporâneo. A intimidade pode ser vivida, mesmo a distância, com a utilização dos recursos disponíveis provenientes do avanço tecnológico que foi trazido com/pelo fenômeno da tecnologia da mídia globalizada.

A prática de eventos por via satélite na ISNT é comum e percebo que há um investimento por parte dos líderes fundadores em manter a “proximidade” com seus fiéis por meio da tecnologia. Como já abordado anteriormente, além dos grandes eventos, o culto de ceia todo mês e o “Momento Rodovalho”, que acontece semanalmente, são formas utilizadas para manter a aproximação com os fiéis, tentando garantir dessa forma a legitimação do líder.

O box de DVDs que adquiri para análise consta com 3 DVDs de mensagens<sup>98</sup>. A partir da análise dos vídeos me propus a organizar os processos de racionalização presente nas práticas socializadoras da ISNT para, posteriormente, analisar as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada. Dentre os assuntos abordados nos vídeos, três destacaram-se em especial: **Definindo o Inimigo no Mundo, Modelo Celular G12 e Recrutando os Fiéis para a Universidade**<sup>99</sup>. Assim, para melhor organização do trabalho, analiso esses processos socializadores separadamente, ainda que, em muitos momentos, eles dialoguem entre si e com outras práticas que aparece e serão devidamente pontuadas.

Procurarei pontuar em nota de rodapé de qual DVD extraí as mensagens que serão utilizadas, bem como os eventuais textos bíblicos referenciados.

### 3.2.1. Definindo o Inimigo no mundo

No primeiro capítulo, ao apresentar as características do neopentecostalismo, citei a guerra declarada contra o Diabo e como as igrejas neopentecostais têm dado um grande destaque ao Diabo em suas doutrinas e creem que, o que acontece no “mundo material” tem ligação com as forças divinas e demoníacas no “mundo espiritual”. É uma guerra constante, mas essa guerra não está relacionada apenas a Deus/anjos X Diabo/demônios. Para os neopentecostais, os seres humanos estão envolvidos nessa batalha, seja ao lado de Deus ou do Diabo (MARIANO, 1999, p. 113). Essa

---

<sup>98</sup> A organização dos DVDs é da seguinte forma: DVD 1 - Bispo Robson Rodovalho com dois temas: “Desejos Cumpridos X Esperança Adiada” e “Batalha Espiritual”. DVD 2 – Bispa Lúcia Rodovalho e Bispo Lucas Cunha, com os temas, “O que Deus tem para nós em 2013” (Lúcia Rodovalho) e “O desafio do discipulado” (Lucas Cunha). DVD 3 – Dr. Pepe Ramnath, com os temas, “A manifestação do Reino de Deus” e “Quebrando as maldições”.

<sup>99</sup> Esses temas foram escolhidos por mim ao analisar os discursos, não têm proximidade alguma com os temas escolhidos pelos bispos para as pregações.

prática foi utilizada primeiramente pelas igrejas deuteropentecostais, como a Igreja Deus é Amor, mas o surgimento deu-se nos Estados Unidos, como observado no primeiro capítulo. Ora, as igrejas neopentecostais têm recrutado “soldados” para lutarem do lado divino e, “em nome de Jesus”, desfazerem as obras do mal. Em muitas igrejas neopentecostais, a Batalha Espiritual acontece principalmente por meio do exorcismo.

Antes da vinda de Jesus Cristo o conceito de mundo espiritual já existia, inclusive com inúmeras menções de visões do céu, do trono, dos anjos do Senhor e outras criaturas celestiais. O interessante é que poucas vezes vemos a menção de Satanás no Velho Testamento.

A palavra Satanás significa ‘aquele que resiste, que se opõe, que ataca’. Ela aparece no Velho Testamento poucas vezes (...)

Outra interessante constatação é que não aparece a palavra ‘diabo’ em todo o Velho Testamento. Esta palavra aparece pela primeira vez na tentação de Jesus relatada nos evangelhos (...). A palavra no grego é ‘diabolos’ e significa ‘mau, difamador’.

Parece que a palavra no grego é um pouco mais forte do que a palavra ‘Satanás’ que aparece no Velho Testamento. Inclusive, apenas no Novo Testamento, com a introdução da palavra ‘diabolos’ (diabo) é que o conceito do mal é trazido à tona. Conseqüentemente, um dos motivos da vinda de Jesus Cristo a este mundo foi para revelar claramente a identidade de Satanás como a fonte a origem do mal neste mundo. (RODOVALHO, 2012, 23,25)

Com as explicações acima, baseadas em seu livro, “Batalha Espiritual” (2012), Rodovalho (2013) abre sua primeira pregação nas Celebrações de Verão. Na tentativa de persuadir os fiéis para adquirirem o livro, o bispo alega que só será possível acompanhar as pregações no evento com o livro em mãos, já que os principais conceitos que seriam por ele trabalhados estariam no livro<sup>100</sup>.

Por meio do texto, Rodovalho, deixa claro seu entendimento sobre quem é o Diabo (mal, difamador) e qual a função de Jesus ao vir à Terra, revelar a verdadeira identidade de Satanás (no caso, o Diabo), aquele responsável pela origem do mal no mundo. Rodovalho (2013) apresenta o cristianismo como a única religião que dá nome ao mal: Diabo e, todo o mal que ocorre no mundo tem origem nele. Por meio do vídeo é perceptível como Rodovalho fala de um lugar “explicando” as etimologias da palavra, utilizando-se de um tom professoral, explicativo. Mas, na verdade, não há efetivamente uma análise linguística do texto bíblico. Fica claro que ele apenas utiliza pequenos detalhes para parecer profundo e seguir com o que é realmente relevante: a discussão sobre o cotidiano das pessoas de modo que elas pensem que ele está traduzindo a Bíblia para elas. Assim, ao final do processo, as pessoas se entregam à interpretação que ele dá ao texto bíblico e não

---

<sup>100</sup> RODOVALHO, Robson. DVD 1, MSG 1, “Desejos Cumpridos x Esperança Adiada”, 2013.

precisam fazer sua própria interpretação individual. Elas entregam a interpretação da bíblia ao próprio Rodovalho.

Jesus identificou aquilo que nos leva para o mal, botou nome, polegar, identidade (...). Imagine o mundo sem o mal, como você explica os latrocínios, como você explica as violências, as guerras? Como você explica uma personalidade como Hitler? Não, não, ele não era apenas um cara egoísta, por isso que ele fez o que fez. Preste atenção, se você tira o mal da existência, você leva o homem a entender que ele não teve educação, que o problema do comportamento trágico, quer seja para assaltar na esquina, para roubar uma droga, quer seja para violentar, quer seja para provocar uma guerra, é um problema de educação. E eu vou te falar uma coisa, se é educação porque então os juízes de direito matam, assassina, roubam, se estudam a lei? Porque que os médicos se drogam, morrem com overdose, porque eles mechem com drogas o dia todo se sabem o poder do mal fisicamente? Porque os policiais se corrompem, por quê? Pode ser genético, isso é um problema genético do homem. Se é genético do homem então nós produzimos monstros na sociedade, geneticamente falando.<sup>101</sup>

Rodovalho ao apresentar que todo o mal que existe no mundo tem origem no Diabo e, justamente por isso, pessoas estudadas e inteligentes também matam e roubam. Assim, ele coloca a educação como instrução, já que ele elimina a parte moral e ética da educação. Parece-nos que ele propõe que a educação/instrução não é suficiente, ainda que uma pessoa tenha recebido uma instrução de qualidade, ela está sujeita a ser dominada pela ação do Diabo. Uma fala com objetivo de causar impacto nos ouvintes no sentido de crer que a ação demoníaca esteja presente em todas as vertentes da sociedade. São os demônios que incitam os homens a agir como agem.

Até este momento os ensinamentos de Rodovalho sobre Batalha Espiritual são bem próximos daqueles de outros líderes pentecostais e neopentecostais, ou seja, a constante luta do bem contra o mal. E, de acordo com ele, quem está na igreja escolhe o mal se assim o quiser, diferente daqueles que estão “no mundo”, que não tem escolha e suas vidas são dirigidas pelo poder maligno. Weber já apresentava a dualidade do cristianismo, mesmo este se afirmando como monoteísta:

Na verdade, porém, o que sempre importou e ainda importa é quem mais se interfere nos interesses do indivíduo na vida cotidiana, se o deus teoricamente ‘supremo’ ou os espíritos e demônios ‘inferiores’. Se são os últimos, então a religiosidade cotidiana está determinada sobretudo pela relação com estes, independentemente de como se apresente o conceito oficial do deus da religião racionalizada. (WEBER, 1991, p. 289)

Esse é um fator importante ao analisar as mensagens de Rodovalho neste evento. Ele afirma que é responsabilidade da igreja trazer o reino de Deus na Terra e, para que isso ocorra faz-se necessário tirar o rei que está no trono, no caso o Diabo. Citando Jesus, ele afirma “O príncipe

---

<sup>101</sup> RODOVALHO, Robson. DVD 1, MSG 2, Batalha Espiritual, 2013.

deste mundo já está julgado”<sup>102</sup>. A morte de Jesus foi a garantia do julgamento e condenação de Satanás, que havia herdado o trono de Adão quando este pecou. Apesar de o Diabo ter perdido legalmente o trono, ele ainda ocupa o território, que deve ser arrancado dele pela igreja.<sup>103</sup> Apresento um trecho do DVD que, apesar de longo, vale a pena ser analisado.

Preste atenção, Balaque estava no lugar errado, na hora errada. Balaque estava ocupando um território que era promessa para o povo de Israel. O que significa? Significa profética e simbolicamente que pessoas, situações que estão ocupando os lugares, territórios, que são teus e eu hoje quero ungir o Brasil inteiro, porque quem estiver ocupando o seu território, vai dar licença que essa cadeira nova é sua. Deus preparou para você sentar nela (aplausos) (...). Levanta a sua mão e diga: ‘Dá licença!’ Diga: ‘Você está ocupando uma posição que me foi prometida em promessa. Se você tiver juízo, dá licença!’ Então olha pra mim, olha pra mim. Tem chefes, diretores, superintendentes têm posições que outros estão ocupando, que legalmente e espiritualmente te pertence (...).

Eu tô amando 2013, porque tem muita gente em muitas situações que não vai ter guerra não! Não vai ter batalha não! ‘Como bispo?’ Não vai ter não! Você vai chegar lá e a pessoa vai dizer: ‘ah, eu estava te procurando, para tomar, ocupar meu apartamento, quando puder você me paga’. ‘Olha, eu não quero mais a chefia, eu te treinei, pode ficar no meu lugar, tome a chave da minha empresa pode ficar no meu lugar’. ‘Aquela fazenda, aquela casa, olha não quero mais, foi bom pra mim’. Escuta, escuta: A pessoa vai dizer: ‘Foi bom pra mim por um período, mas não é mais agora pra mim eu tô procurando alguém’. E você diz: ‘você encontrou, sou eu, pode me dar a chave! (aplausos) (...). Todos os teus adversários, todos os teus inimigos, todos que proferirem contra ti, Deus não vai ouvi-los (...). O inimigo vai ter que te abençoar, ele vai ter que fazer o gesto. (...)

Deus está te dizendo: ‘você vai ocupar novos territórios’ (...). Quem está de olho nos novos territórios que você quer para esse ano? Quem já sabe quais as posições que você quer? Então diga comigo, por favor, ‘desocupa (...) entrega a chave nas minhas mãos, vai seguir a tua vida, do contrário o Senhor Deus o removerá deste lugar, sinto muito, vou orar por você e quero ter você como amigo, chegou a minha hora, chegou a minha vez’.<sup>104</sup>

Como base para sua pregação, Rodovalho busca referências no Antigo Testamento<sup>105</sup> para amparar sua fala sobre Batalha Espiritual, o que se relaciona diretamente com a Teologia de Domínio que apresentei no primeiro capítulo. Assim como Israel deveria tomar posse das terras dos moabitas, cujo rei era Balaque, cabe à igreja tomar posse de tudo aquilo que é seu por direito, tudo aquilo que já foi conquistado por Deus. Posições de liderança, bens materiais, cargos no

---

<sup>102</sup> Evangelho de João 16:11

<sup>103</sup> RODOVALHO, Robson. “Batalha Espiritual”, DVD 1, MSG 3, 2013.

<sup>104</sup> RODOVALHO, Batalha Espiritual, DVD, 2013.

<sup>105</sup> Texto de Números 22 à 24, no episódio em que Balaque “contrata” Balaão para amaldiçoar o povo de Israel e não consegue, pois foi impedido por um anjo, que lhe deu uma ordem contrária: abençoar o povo de Israel. A interpretação dada por Rodovalho a este texto é que, a antipatia de Balaque contra o povo de Israel estava relacionado às Terras do seu reinado, que poderiam ser tomadas a qualquer momento pelos israelitas. Acontece, que quem estava no lugar errado era o próprio Balaque, ocupando terras prometidas à Israel.

governo. E, se porventura estiver sendo ocupada por outra pessoa, ela tem que sair. A condução dada pelo líder naquele evento foi: conquiste novos territórios!

O inimigo de Israel, que no texto utilizado por Rodovalho, é Balaque. Já para os fiéis, o inimigo é aquele que ocupa um lugar que pertence a um filho de Deus. Diferentemente do texto que apresentei de seu livro “Batalha Espiritual” (2012), Rodovalho, afirma na pregação que o “inimigo” tem que sair, ou seja, o inimigo não é um demônio, não é Satanás, é outro ser humano, que ocupa o lugar que o crente ambiciona ocupar. Lugares que representam poder, status e autoridade são o que deve interessar aos crentes da ISNT.

Pires (2010, p. 33) aponta essas práticas como um “cristianismo desconfeccionalizado” que trocou a teologia escatológica pelo céu na terra. “O imperativo proibido do ‘não cobiçarás (*ouk epithumian*) foi metamorfoseado pelo assertivo senso permissivo do ‘não te detenhas’ (*pleonexia*)”. A felicidade deve ser aqui e agora. Uma felicidade relacionada a domínio, status, poder. Rodovalho não enfatizou a conquista de “novos territórios” apenas por meio de aperfeiçoamento profissional, melhor produtividade e busca por novas habilidades, que são perceptíveis em seu sistema teológico (PIRES, 2011, p. 139), sendo 2013, de acordo com a condução oferecida pelo bispo, o ano da Graça de Deus, não seria um ano de muito esforço, ou muitas guerras espirituais. Aquilo que o crente desejava e tinha planejado ia chegar em suas mãos. O racional mistura-se aquilo que é irracional. Um discurso conduzindo fiéis a ir em busca de lugares de destaque como chefias e gerências em contrapartida as conquistas se dariam pela “graça de Deus”.

As minhas resistências se transformarão em meus novos auxiliares. (...) você tem que ser sábio para isso. Como? Não é pela tua espada, não é pela tua flecha, isto quer dizer que não é pela tua ira, pela tua explosão, pela tua guerra (...). É Deus quem vai entregar a tua chave. Tem coisas que começam a acontecer e as pessoas se inquietam. Briga marido com mulher e divorcia, separa e vende por qualquer preço e fala quando você puder você me paga e vai. (...) Situações, circunstância que Deus criou na vida. Então meu irmão, o que você tem que fazer? Você tem que dar um livro de presente para a pessoa que você quer ocupar o lugar dela. Você tem que orar por ela, ser amigo. Você tem que estar sorrindo. Você tem que simplesmente chegar ser o melhor para ela. Por que ela vai dizer: ‘Eu tenho pensado muito em quem vai ocupar o meu lugar e você sabe que nem tava na minha lista, mas você tem sido tão bondoso, tão competente, você é o primeiro a chegar, o último a sair do trabalho (...), ocupa o lugar que eu tô indo (...).’ Deus está removendo alguém para você ocupar aquela nova posição (...).<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> RODOVALHO, Batalha Espiritual, DVD1, MSG 3, 2013.

Para basear a mensagem acima, Rodovalho utilizou-se novamente do Antigo Testamento<sup>107</sup> para afirmar ser Deus o causador de situações na vida de outras pessoas (enviando vespões, como fez para os israelitas), para que essas pessoas **desocupem** os lugares que pertencem aos filhos de Deus. Os fiéis da ISNT veem Rodovalho como o profeta da instituição e recebem sua profecia, ou palavra profética (termo utilizado pela própria instituição) como legítima, ou seja, há uma crença em torno desta palavra, assim, os fiéis vão se sentir instigadas a agir conforme a profecia, na certeza que os lugares de domínio desejados por eles serão desocupados.

Weber (1999) observou, ao estudar o racionalismo puritano, que a crença deles é que o mundo devia ser dado ao puritano, pois eram eles que se empenhavam por Deus e sua justiça. Ao comparar com os processos socializadores da ISNT, percebe-se que há um dever para com o trabalho, para cumprir uma tarefa não de natureza ritualista, mas ético-racional, com o objetivo do controle e domínio do mundo dado. Talvez, o grande problema é que nas práticas socializadoras da ISNT, o ensino de Rodovalho, constrói uma ação preconceituosa e sectarista, ou seja, a fim de que os lugares de domínio sejam alcançados é necessário que o crente aja com esperteza: agradar o chefe, orar por ele, ser amigo, dar presentes, visando com essas atitudes ocupar a cadeira que deseja. Ou seja, aqui sai do irracional (depende da graça de Deus) e vai para o racional (agir com esperteza). Atitudes que, de acordo com Rodovalho, fazem parte da Batalha Espiritual (era para ser uma guerra travada contra o demônio), entretanto, de acordo com seus ensinamentos, aqueles que estão ocupando o lugar que pertence aos “filhos de Deus”, são pessoas que estão do lado do Diabo e devem ser removidas.

Neste aspecto, Cunha (2007, p. 85) apresenta a Guerra Espiritual e a Teologia da Prosperidade diretamente relacionadas a nova ordem mundial, caracterizada pelo capitalismo globalizado, em que as pregações estão relacionadas ao direito de reinar com Deus e desfrutar de suas riquezas e poder. “Individualismo e competição se tornam a palavra de ordem, no que diz respeito a pessoas ou a grupos”.

Weber (1999) já havia feito esta análise com as seitas éticas e ascéticas do protestantismo, ao observar que, a grande realização dessas seitas,

foi o rompimento dos laços parentescos, a constituição da supremacia da comunidade de conduta de vida baseada na crença e na ética diante da comunidade

---

<sup>107</sup> E enviei vespões diante de vós, que os expulsaram diante de vós, como a ambos os reis dos amorreus; não com a tua espada nem com o teu arco. E, eu vos dei a terra em que não trabalhaste, e cidades que não edificastes, e habitais nelas e comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes. (Josué 24:12)

de sangue e em grande medida mesmo da família. De uma perspectiva econômica, isso significa a fundamentação da **confiança** nos negócios em qualidades éticas dos indivíduos singulares, as quais se comprovaram no trabalho objetivo de vocação. (WEBER, 1999, p. 153, 154 grifos do autor).

A confiança de que Weber fala, era depositada nas “pessoas”, porém, com a racionalização ocidental, essa confiança, passa a ser posta nas “empresas”, nas relações comerciais. O individualismo, com o capitalismo globalizado, aumentou em proporções alarmantes. Nesse contexto, volto às observações de Veloso sobre o sujeito da contemporaneidade, um sujeito individualista, incapaz de exercer a própria subjetividade e que busca fontes externas para condução de sua vida. (VELOSO, 2000, p. 255)

Condução esta que Rodovalho, como principal agente socializador da ISNT, se propõe a oferecer, contudo, em seus ensinamentos a competição e o individualismo são tão exacerbados que a derrota do outro deve ser comemorada. Conforme seu próprio discurso, se um casal se separa e o crente tem a oportunidade de comprar o apartamento por um preço abaixo do mercado, entende-se como sinônimo de benção. A ascensão social deve ser priorizada pelos fiéis, tal qual no ideário da educação escolar,

Proveniente da ideologia norte-americana que apregoa o alcance do sucesso em meio à competitividade inerente ao capitalismo, a “Teologia da Prosperidade” ou “Teologia de Resultados” atende ao requisito das formas de permanência do neoliberalismo na América Latina e, assim sendo, no Brasil. A ideia de ascensão social que se encontra impregnada no ideário da educação escolar, é corroborada pelas instâncias da vertente neopentecostal do protestantismo brasileiro. Para tanto, nem se levanta a possibilidade de passagens bíblicas que questionam o apego às riquezas como incoerente ao estado de ser cristão, e muito menos acredita-se na herança dos pobres em relação à preferência de Deus por esta camada socialmente marginalizada. (WREGE, 2001, p. 108).

Wrege (2001) levanta a questão que se aproxima do problema desta pesquisa, as práticas socializadoras propostas pela Teologia da Prosperidade, Teologia do Domínio, Batalha Espiritual e disseminadas pelo neopentecostalismo, apregoam a competitividade a fim de alcançar a ascensão social, que, conforme a autora nos apresenta, “está impregnado no ideário da educação escolar”. Ainda de acordo com a autora, “o individualismo e crença na ascensão social correspondem à tentativa de manutenção da ideologia neoliberal, de cunho capitalista” (idem, p. 117). Ou seja, assim como a escola transmite a ideia dos estudos como um veículo a serviço da promoção financeira e social, nas igrejas neopentecostais a ideologia do sucesso também é pregada.

Outro aspecto que observei no discurso de Rodovalho diz respeito às pessoas que ficam descontentes com a igreja e se afastam, sobre essas pessoas ele explica que o verdadeiro inimigo

“não é o linguarudo que falou de você, a pessoa que aprontou”<sup>108</sup>, o verdadeiro inimigo é aquele que está por trás dele, assim, se a pessoa voltar para a equipe, ela deverá ser aceita, “melhor que ter um inimigo vencido é tê-lo **neutralizado** e um novo aliado para te ajudar”<sup>109</sup>. A orientação do bispo é: “a paixão pela missão deve ser maior que tudo” e, como uma guerra envolve pessoas, aquelas que quiserem fazer parte da equipe deverão ser aceitas e “usadas” em seu favor, ainda que não se confie completamente nelas. Assim, cada indivíduo que se converte a igreja entra como mais uma “peça” para se alcançar o objetivo proposto. No ensino de Rodovalho, se o indivíduo estiver descontente com a igreja/célula e quiser sair não há problema, mas se voltar ótimo para a equipe, pois representa mais um para ajudar na missão, este, porém deve ser “neutralizado” e “usado” em seu favor.

Entendo aqui como “paixão pela missão”, justamente a corrida que a ISNT faz para ocupar lugares de destaque junto à sociedade, bons salários, bens materiais, empregos reconhecidos e, por meio da ascensão social ocupar espaços de poder e influenciar outros, convertendo-os à instituição. No segundo capítulo, ao apresentar o material utilizado no Instituto de Vencedores, uma das orientações que encontrei no Manual II (2010) foi:

O líder deve ser excelente em tudo o que faz! Deve ser exemplo inclusive nas áreas acadêmica e profissional. Ter um ótimo aproveitamento nos estudos e uma vida financeira bem-sucedida faz parte do projeto de Deus para sua vida, pois o Senhor quer que você seja pleno e próspero em tudo o que você colocar suas mãos. **Além disso, isso também é algo que chama a atenção das pessoas incrédulas (do mundo) e atrai discípulos de êxito para sua liderança.** (p. 44 grifo meu).

Amparados pelas doutrinas ensinadas na igreja, o fiel acredita que o ser bem-sucedido, além de ser a vontade de Deus para sua vida é também o meio para cumprir o “ide de Jesus”. O seu sucesso profissional vai atrair novas pessoas, provavelmente, pessoas também bem-sucedidas, “discípulos com êxito”.

Pires (2011), em suas análises sobre a ISNT, observa que as práticas da igreja estão relacionadas ao sistema de capitalismo global dos dias atuais, “a ética da realização e das conquistas individuais é a corrente mais poderosa da sociedade moderna” (BECK apud PIRES, 2011, p. 159). E, é justamente para esta corrida que Rodovalho convoca seus fiéis. Em suas pregações sobre Batalha Espiritual, ele enfatiza mais duas importantes práticas religiosas que também são abordadas nas pregações da Bispa Lúcia Rodovalho e do Bispo Lucas Cunha, o modelo celular de

---

<sup>108</sup> RODOVALHO, Batalha Espiritual, DVD 1, MSG 3, 2013.

<sup>109</sup> RODOVALHO, Batalha Espiritual, DVD 1, MSG 3, 2013.

multiplicação G12 e a submissão aos líderes como garantia de bênção, prosperidade e multiplicação.

### **3.2.2. O Modelo Celular G 12, entre multiplicação, compromisso e submissão**

De acordo com a pregação de Rodovalho, nas Celebrações de Verão, Deus colocou o número 12 no “princípio da gestão divina”. Para ele, doze é um número de governo, de autoridade. E, como exemplos, ele cita as bases do DNA do ser humano que é formado por doze pares de cromossomos, o ciclo da terra, dividido em doze meses, as doze tribos de Israel, os doze discípulos. Assim, o desafio que segue, após essa explicação, é a importância de se estar juntos, em grupos de doze<sup>110</sup>.

No segundo capítulo já abordei sobre o modelo celular G12, ou as células de multiplicação. Uma das práticas socializadoras mais relevantes na ISNT, já que, este é um dos movimentos responsável pelo crescimento numérico da igreja. Apresentei também como a célula é um ambiente de relacionamentos entre as pessoas, um local de socialização em que as pessoas são ensinadas e capacitadas para uma vivência do Evangelho.

Sobre as células de multiplicação no formato dos 12, Jessé de Souza apresenta que:

Podemos então resumir o acoplamento entre o pentecostalismo da visão celular e as interações da vida cotidiana do seguinte modo: a vida religiosa, particularmente os encontros de célula, se constitui de interações estruturadas e apropriadas para tematizar o sentido de outras interações, para tomar distância reflexiva em relação ao jeito espontâneo de falar, de olhar, de ouvir e de estar disponível para o outro em casa, no trabalho, com os amigos. Por conta disso é o ‘exemplo do outro’ a referência reflexiva do diálogo. É a forma como o exemplo fala e interage que faz a diferença, é a forma como ele ‘faz o que fala’ que torna crível e impositivo para os demais o esforço de também ‘fazer diferente’ a exemplaridade é a forma mais reflexiva do *habitus*. (SOUZA, 2012, p. 343).

Sendo a célula um lugar estratégico para ganhar novos fiéis, baseada em metas, números e formação de novos líderes, bem como um espaço de relacionamentos com “uma forte cumplicidade entre os membros através de relações de exemplaridade e encorajamento” (SOUZA, 2012, p. 337). Propus-me a olhar por meio das fontes, como os líderes de célula são capacitados para cumprirem

---

<sup>110</sup> RODOVALHO, Batalha Espiritual, DVD 1, MSG 2, 2013.

sua missão. O responsável para essa formação ou capacitação nas Celebrações de Verão foi o Bispo Lucas Cunha<sup>111</sup>, com a mensagem intitulada “O desafio do discipulado”<sup>112</sup>.

Nas Celebrações de Verão 2013, a palavra de Lucas foi, no sentido de “dar uma direção, uma palavra” para os líderes da ISNT a fim de que tenham um “ministério produtivo, de crescimento e com o mínimo de perdas possíveis”<sup>113</sup>. Ao falar sobre perdas, o bispo explica que está relacionado à perda de pessoas, quando os discípulos desanimam e vão embora. Assim ele promete no início da pregação dar “uma chave” para que os líderes não percam pessoas, mas cresçam<sup>114</sup>.

Quando analisei no segundo capítulo o Instituto de Vencedores, apresentei a escada do sucesso, que consiste em ganhar, consolidar, treinar e enviar. O ensino e a direção do bispo Lucas para esse evento foram principalmente nos três últimos degraus da escada. O tema de sua pregação, **O desafio do discipulado**, está justamente relacionado à formação do discípulo. Apresento a definição de discípulo utilizado nos estudos da ISNT: “A palavra DISCÍPULO do latim da palavra *discipulus*, de *discere* = aprender, ou seja, discípulo é aquele que aprende; aquele que recebe o ensino de alguém e, principalmente, aquele que segue as ideias ou doutrinas de outrem”.<sup>115</sup> Ser um discípulo na ISNT exige obediência e submissão, “o discípulo é aquele que está debaixo do seu mestre”<sup>116</sup>. E, formar discípulos é também um desafio, pois exige deste ensinar, conduzir.

O bispo Lucas se apresentou durante a pregação como um exemplo pessoal, sobre como é difícil ser um líder de discipulado. De acordo com sua pregação ele se reúne com sua equipe (os 144) toda segunda-feira para ensinar aqueles que estão **debaixo dele**, que são os seus discípulos. E aconselha aos ouvintes para que o discipulado aconteça semanalmente no mesmo dia e horário, pois a **rotina gera compromisso**<sup>117</sup>.

Vamos dizer que eu tenho um barco enorme, um barco gigantesco e nas minhas mãos está ali o manche. Ali eu guio aquele barco, esse é o discipulado. E você pode ter uma canoa, você pode ter um bote, você pode ter um caiaque ou você pode ter um navio do tamanho que você quiser, dependendo do que você está disposto

---

<sup>111</sup> O casal Lucas e Priscila Cunha são pastores na igreja de Ceilândia (DF), a ISNT que mais cresce atualmente. Também são bispos regionais do Distrito Federal e presidentes Nacional do Arena Jovem. A ISNT de Ceilândia é também a que mais forma líderes e tem a maior quantidade de células. O público da igreja é composto principalmente por adolescentes e jovens.

<sup>112</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado. DVD 2, MSG 3, 2013.

<sup>113</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado. DVD 2, MSG 3, 2013.

<sup>114</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado. DVD2, MSG 3, 2013.

<sup>115</sup> Apostila Instituto de Vencedores, Módulo III, p. 70, 2010.

<sup>116</sup> Apostila Instituto de Vencedores, Módulo III, p. 71, 2010.

<sup>117</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado. DVD, 2013. Editora Sara Brasil.

a enfrentar, qual o desafio você está disposto a enfrentar. Muitas pessoas chegam e ficam assim: ‘ah, meu discipulado de equipe tem duas, três pessoas’. Sabe o que você tem? Você tem um caiaque, um caiaquezinho bem ‘chulezento’. Pessoas que tem hoje em seu discipulado duas, três pessoas isso é um caiaque. Agora, quando você começa a ter doze pessoas, dezesseis, dezessete, vinte e quatro pessoas no seu discipulado de equipe, você já está construindo, como se diz, um grande navio, um navio de guerra e você ali com um manche na mão, para comandar aquele navio (...). O discipulado de equipe e o discipulado individual andam juntos. Um é a extensão do outro. Não existe você ter um discipulado de equipe e não ter um discipulado individual. E te digo mais, se você quer crescer nesta vida, se você quer crescer ministerialmente, até como corporação, a sua empresa, os seus negócios, você precisa montar as suas equipes<sup>118</sup>.

Esse discipulado que trata Lucas refere-se ao encontro semanal do líder com seus discípulos. O lugar onde o líder dá a condução e o direcionamento para sua equipe. Geralmente essas reuniões têm como principal objetivo criar estratégias de crescimento, incluindo eventos, festas, visitas etc. Enquanto, na célula, o objetivo é ensinar os princípios bíblicos e acompanhar o crescimento dos novatos, no discipulado, o compromisso é com crescimento e multiplicação. Quando ele fala sobre o discipulado individual significa que o líder deve atender cada um dos seus discípulos individualmente para ouvi-los e dar conselhos. Nesses encontros há uma prestação de contas dos discípulos para o líder. O vínculo entre eles torna-se estreito, pois as diversas áreas da vida, profissional, emocional e familiar são partilhadas.

Já apresentei acima, por meio de Souza (2012), a importância desses encontros para os indivíduos. Um espaço onde o indivíduo fala, é ouvido, existem exemplos a serem seguidos. A socialização que acontece nesses grupos leva o indivíduo a criar expectativas em relação ao futuro, a acreditar e lutar por esse futuro<sup>119</sup>.

Para Gomes (2010), a igreja ensina uma espécie de capitalismo altruísta. Incentivam os fiéis a fazerem planos, buscarem prosperidade, mas também a pensar em outros e em suas necessidades.

Ao mesmo tempo em que se centraliza a importância do sucesso individual no mundo do trabalho, escolar e eclesial, visando a maior acumulação de bens, também se volta para o ‘outro’ no sentido de criar certa mobilidade nele para que possa acompanhar o processo de crescimento projetado pela igreja. (GOMES, 2010, p. 91).

Parece-me que os participantes das células de multiplicação e dos grupos de discipulado vivenciam a tensão, entre ser bem-sucedido, evangelizar, frutificar, multiplicar, atender a

---

<sup>118</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado. DVD, 2013.

<sup>119</sup> Exemplos de pessoas que reconstruíram suas histórias através de grupos de célula podem ser vistos no texto do Jessé de Souza, **Os batalhadores e o pentecostalismo**: Um encontro entre classe e religião. Em seu livro Os batalhadores brasileiros. 2012.

necessidade de outros que estão debaixo de si. Weber afirma que, “Toda religião que se defronta com o mundo com exigências (éticas) racionais acaba por ver-se numa relação de tensões com suas irracionalidades. (...) Isso depende fortemente da natureza da via de salvação dada através das promessas metafísicas de cada religião”. (WEBER, 1999, p. 152)

Talvez, justamente por essa tensão, tão perceptível ao acompanhar o discurso de Lucas, que o Modelo G12 foi implantando no Brasil, após um processo turbulento. De acordo com Márcio Argachof (ibid GOMES, 2010, p. 74), o modelo G12 criou um clima de “guerra” entre lideranças, fiéis e denominações, a pressão por multiplicação nem sempre ocorre com facilidade, com isso os fiéis são tachados de infrutíferos e problemáticos.

Já Gomes (2010) observou que a resistência a novos modelos, seja de crescimento ou estilos musicais é natural entre os pentecostais, geralmente há resistência ao novo, e que o Modelo G12 difere em muitas instituições em que foi implantado, mas, “A Sara Nossa Terra cresce paralelamente à chegada da visão G12 no Brasil. (...) Sua militância por essa visão persiste, aproximando-a ainda mais do modelo típico-ideal” (GOMES, 2010, p. 74).

Ao confrontar as análises de Gomes (2010) com o ensino do atual presidente do Arena Jovem, ele demonstra em sua fala que, acomodar-se a um grupo pequeno é o mesmo que dirigir um “caiquezinho bem chulezento”. No dicionário informal, chulezento quer dizer “um pé muito fedido, com mal cheiro”. A questão é: qual a intencionalidade de Lucas, por meio desses termos, em uma pregação em que milhares de pessoas assistiam? Lucas parece ter como objetivo “conscientizar” os líderes a não aceitarem, por hipótese alguma, um pequeno grupo. O intuito é crescer. Doze deve ser só o começo. De acordo com seus ensinamentos, o desafio do discipulado é formar uma equipe debaixo de sua equipe. Não se contentar apenas com os seus doze, mas com aqueles que, cada um dos doze irá formar. A pressão por multiplicação está presente em sua fala. Na pregação, ele se coloca como exemplo pessoal, e compartilha com os ouvintes que, um dos maiores desafios de sua vida foi montar seu discipulado. Entretanto ao perguntar para a igreja quantos tinham seu discipulado composto por 12 pessoas, apenas 13 dos milhares que estavam no auditório em Brasília/DF ficaram em pé. O que para o bispo é um absurdo. Assim, ele questiona a igreja:

Quantos líderes de célula têm aqui dentro? Imagine se todos vocês líderes de células tivessem seus doze formados? Imagine o que nós seríamos e que barulho faríamos? (...). Em quê? Aonde você está falhando? Aonde você está deixando de ser comprometido para você formar sua equipe, para você se empenhar, para você se doar, para você fazer mais? Aonde você está falhando? (...). Você tem quanto tempo de líder? Se você tem um ano que você tem célula, já era para você ter seus

doze oh... Há muito tempo! Um ano é suficiente para você formar doze, para você trazer doze. Para você formar são três, quatro, cinco anos ou mais. Formar é uma coisa, arregimentar doze é assim oh (estala os dedos) (...). Aí eu te pergunto, aonde você está falhando? <sup>120</sup>

Primeiramente, observo a pressão por multiplicação e, posteriormente, se a multiplicação não está ocorrendo, o infrutífero e problemático, é o fiel. Lucas, porém, deixa escapar uma contradição em sua fala, ao mesmo tempo em que ele compartilha sua experiência pessoal, de como foi difícil para si mesmo, formar o seu grupo de discipulado, ele cobra dos fiéis da ISNT sobre a importância de arregimentar pessoas para o discipulado. Lembro aqui que a cobrança se estende a todas as ISNT simultaneamente, já que é um evento de ordem internacional. E para isso, de acordo com ele, um ano é suficiente.

Concernente a este esforço, em ganhar outros, típico do modelo G12, Jessé de Souza (2012) afirma que:

A ‘visão celular’ pretende, portanto, que a própria instituição religião seja construída segundo certa concepção de como o crente deve agir face a mensagem religiosa que aceita. Todo crente deve assumir a responsabilidade de ‘ganhar vidas para Cristo’. A dinâmica interna de multiplicação da célula pretende embutir na ‘profissão da fé’ do convertido precisamente esta disposição, este ‘sentimento de responsabilidade’ pela fé: o bom liderado deve vincular sua fé ao esforço de tornar-se líder de uma nova célula. (SOUZA, 2012, p. 329, 330).

É perceptível na fala de Lucas que sua missão nas Celebrações de Verão, consistiu justamente em ensinar a cada um dos ouvintes a responsabilidade pessoal em ganhar outros. Que este seja o esforço de cada membro da ISNT, tornar-se um líder e fazer discípulos. Um aspecto curioso, contudo, diz respeito aos desafios apresentados pelo bispo para a formação de uma equipe de discipulado, ao comparar com a dinâmica apresentada por Souza (2012) no texto acima: “gerar comprometimento nos integrantes”. Lucas ensina que o compromisso deve seguir a seguinte ordem: compromisso com o líder, com Jesus, com o grupo e com a igreja.

O bispo explica que o líder deve ganhar primeiro para si, depois para Jesus, em seguida para o grupo e, por fim para a igreja. Ganhar para si é a garantia de compromisso e obediência por parte do discípulo. Se este, para Lucas, não tem compromisso com o líder ele não serve para o discipulado. Há uma insistência por parte do bispo na formação dos doze, de acordo com ele, ter dois ou três discípulos não é bom, o verdadeiro líder tem por missão formar os doze. E, caso não

---

<sup>120</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado, DVD 2, MSG 3, 2013.

esteja tendo êxito, suas sugestões são que falta compromisso com o líder superior, com Deus, com o ministério e com a missão.

Um dos aspectos observado, dentre os desafios apresentado por Lucas aos ouvintes das Celebrações de Verão 2013, foi o de aceitar as mudanças. “As pessoas vão embora” declara Lucas e, “isso faz parte”. E, se há pessoas que estão doentes (entende-se na pregação que os doentes são aqueles que dão “trabalho”, não obedecem) elas devem ser tiradas do discipulado. “Tirar a vaca doente, tirar o boi doente do seu discipulado porque o boi doente vai apodrecer tudo, tirar essa pessoa e deixar só pessoas comprometidas com você”<sup>121</sup>. Como justificativa para sua teoria, Lucas cita o exemplo de Gideão que chamou 20 mil homens para lutar, mas apenas 300 estavam prontos. Segundo ele, “eram comprometidos e não reclamavam”. Assim, o conselho do bispo responsável pela ISNT que mais cresce (Ceilândia) e presidente do Arena Jovem nacional é, “tirar as pessoas doentes do discipulado é fundamental”. Ele cita seu exemplo pessoal, uma semana antes das celebrações dois de seus pastores os desapontaram e saíram do discipulado.

Em duas ocasiões de sua mensagem o bispo Lucas se coloca como exemplo. Volto à Souza (2012, 342) “A liderança exemplar cria uma relação e autoridade exercida no diálogo que é típica de uma relação de cumplicidade pessoal na qual quem dá conselho oferece também segurança e responsabilidade pelo que vem depois”. Parece que não precisa ser autoritário, basta se colocar como exemplo para que os outros sigam e, justamente por se colocar como exemplo, ela acaba oferecendo segurança e assumindo a responsabilidade com aqueles que “devem” fazer o mesmo.

Ao ouvir a pregação de Lucas, uma mensagem que, segundo ele mesmo, tinha como objetivo oferecer aos novos líderes da ISNT um “ministério produtivo, de crescimento e com o mínimo de perdas possíveis” o que encontrei foi um discurso a fim de preparar líderes novatos na arregimentação de novos discípulos e, de acordo com seu discurso, não se faz discípulos sem disciplina. Fato esse que me leva novamente a Weber e suas análises sobre o significado da disciplina.

Em suas análises Weber (2008) observou que quando o carisma chega às instituições permanentes de uma comunidade ele dá lugar aos poderes da tradição ou da socialização racional. Com isso, a importância do indivíduo diminui e, dessas forças a mais difícil de resistir é a **disciplina racional**.

---

<sup>121</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado. DVD 1, MSG 3, 2013.

O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente torna-se um mecanismo preparado exclusivamente para a realização da ordem. Além disso, tal comportamento em relação às ordens é uniforme. Sua qualidade como ação comunal de uma organização de *massa* condiciona os efeitos específicos desta uniformidade. Os que obedecem não são necessariamente uma massa que obedece simultaneamente, ou particularmente grande, nem estão necessariamente unidos numa localidade específica. Para a disciplina, é decisivo que a obediência de uma pluralidade de homens seja racionalmente uniforme. (WEBER, 2008, p. 177)

No texto de Weber fica claro o conteúdo da disciplina, ou seja, a execução da ordem recebida. Uma ordem coerentemente racionalizada, metodicamente treinada e exata; não há espaço para crítica pessoal. Cabe ao indivíduo o cumprimento dessa ordem, ordens uniformes que devem ser seguidas à risca por uma pluralidade de homens.

A partir nas análises de Weber é possível perceber Lucas como o agente socializador com a função de transmitir aos demais líderes da ISNT as ordens que devem ser seguidas no que diz respeito ao modelo celular G12, ou seja, comprometimento com seu líder superior e com a instituição, obediência em seguir as metas estabelecidas sem reclamar, ser exemplo para aqueles que chegam, organizar sua equipe com eficiência, permitir que saiam ou até mesmo “tirar” aqueles que não obedecem as regras e, em caso de não conseguir cumprir com as metas estabelecidas, assumir a culpa, pois, de acordo com Lucas, a culpa é do próprio indivíduo, que não está suficientemente comprometido com a visão.

Portanto, é possível perceber em sua fala um ensino disciplinar que deve ser acatado pelos fiéis, já que, a partir do discurso de Lucas, é possível afirmar que a instituição é mais importante do que o indivíduo, facilitando com isso o processo disciplinar. Para aqueles que não seguem as ordens recebidas, o resultado é o afastamento do grupo.

Volto na mensagem do Rodovalho, quando fala sobre discípulos que dão “trabalho”, que não escutam os conselhos dos líderes, mas, se essas pessoas se **arrependerem** e **voltarem** elas devem ser novamente aceitas, já que “a missão é mais importante que tudo e um soldado não deve ser “sacrificado”<sup>122</sup>. Ou seja, o indivíduo deve ser novamente aceito devido a sua utilidade para a “missão”.

---

<sup>122</sup> RODOVALHO, Robson. Batalha Espiritual. DVD, 2013.

Na fala do bispo Lucas, ele parte do conselho em não perder pessoas e vai até o extremo de tirar aqueles que não são produtivas ou desobedientes. Talvez, ele consiga esse feito porque ele se divide em ser um pastor e um administrador. Vejamos sua afirmação:

Mais do que ser um homem de Deus, mas ser um gerente, um administrador, um gestor. E no púlpito, quando eu subo, eu sou pastor, sou homem de Deus, eu prego, aquela coisa toda, mas quando eu desço eu sou gestor, porque o gestor ele consegue levantar a igreja e o pastor ele cuida da igreja e o grande desafio de um pastor é ser os dois, por que ele tem que cuidar e tem que gerir, porque se ele não gerir a igreja, se ele ficar só no espiritual e não gerir as contas, as coisas da igreja, ser um administrador, a igreja não prossegue, ela não vai diante.<sup>123</sup>

Nos ensinamentos de Lucas há uma preocupação com a formação de “especialistas” em ganhar e formar novos fiéis para a instituição. Aqueles que atrasam o processo devem ser afastados, e o tempo do líder, dedicado, aqueles que são frutíferos e obedientes. São processos socializadores racionais, o foco é unicamente multiplicação e crescimento. Como o próprio bispo afirma, “não basta ser pastor, tem que ser gerente, administrador. Sobre o assunto, Viana (2004) sustenta que:

A sociedade moderna, na abordagem weberiana, é marcada por um processo de crescente racionalização e burocratização. A racionalização provoca o processo de especialização e torna a calculabilidade dos fatores técnicos um elemento predominante.  
(...) O processo de especialização transforma todas as atividades humanas em atividades especializadas. A formação especializada se torna uma necessidade. (VIANA, 2004, p. 125).

Nos processos socializadores da ISNT a formação de “especialistas” é fundamental, os líderes de célula recebem treinamentos para se tornarem “especialistas” em multiplicar, cuidar e enviar seus liderados. O pastor tem que gerenciar e administrar a igreja. Quando os líderes da ISNT formam seus liderados, a dominação racional e burocrática é que permeia essa formação, já que, é pela burocracia que a eficiência e rapidez dos objetivos da instituição serão alcançadas. É também pela burocracia que se estabelece o tipo mais puro de dominação racional (WEBER, 1999, p. 145).

### **3.2.3. Recrutando Fiéis para a Universidade**

Nas práticas socializadoras da ISNT, uma das instruções mais ensinadas é relacionada com a formação acadêmica dos fiéis. Nas celebrações de Verão 2013 não foi diferente, Lúcia apresentou como desafio para a igreja, “crescer diante dos homens e diante de Deus”. Para ela, crescer diante de Deus não é suficiente – “muitos homens e mulheres de Deus oram, jejuam, dedicam-se à leitura

---

<sup>123</sup> CUNHA, Lucas. O desafio do discipulado. DVD 2, MSG 3, 2013.

da Bíblia, mas não é suficiente, faz-se necessário um crescimento diante dos homens”<sup>124</sup>. Ter um equilíbrio entre os dois crescimentos.

E, eu creio que Deus está preparando uma geração no século XXI que vai ser como Jesus foi, porque esse é o nosso chamado. Deus quer que você cresça e Deus quer te honrar. E Deus quer que você cresça diante dos olhos de Deus e também diante dos olhos dos homens. Quero ouvir um amém! Que você seja irrepreensível, santo, separado, que cumpra a vontade de Deus, que cumpra o seu propósito, mas que você possa ser também um homem, uma mulher de palavra diante dos homens. Um homem, uma mulher que destila graça, unção, que trabalha. Que você seja o melhor no seu trabalho, que faça tudo da melhor forma possível. Que os homens olhem para você e vejam Deus na sua vida. Que você estude. Nós temos desafiado vocês, que façam curso superior, que vocês façam o seu mestrado, sua pós-graduação, que você faça o seu doutorado. Por quê? Porque Deus quer te dar autoridade perante os homens. Deus quer te dar autoridade perante os homens! Vocês têm o exemplo do seu bispo e da sua bispa, nós não paramos de estudar. O bispo Rodovalho abriu agora o instituto<sup>125</sup> e nós temos viajado o Brasil todo e temos ficado felizes de ver que nós temos mestrados, nós temos doutorandos em várias áreas e isso tem nos enchido o nosso coração de alegria, porque Deus precisa de você assim, Deus precisa de você um líder capacitado. Deus precisa de você realmente pronto para a Batalha Espiritual. Vocês estão me entendendo?<sup>126</sup>

Percebe-se que a proposta da bispa Lúcia para os fiéis é que, devem ser bem-sucedidos em suas vidas espirituais, mas também material e o caminho que ela aponta é a escolarização, “façam mestrado/doutorado” Lucia afirma, pois é o sucesso profissional que garantirá postos de poder aos fiéis. Ou seja, a igreja também, por meio de seus membros, se tornará mais forte e influente, expandindo assim suas áreas de domínio. Na palavra da bispa é enfatizado sobre trabalho e profissionalização como forma de ter autoridade diante dos homens.

Mais uma confirmação de como o ensino da ISNT está saturado pelo ideário da educação escolar – estudo e formação são as únicas possibilidades de ascensão social. Em sua mensagem, cabe ao fiel transformar o seu futuro, investir nele com empenho e dedicação. Tudo deve ser devidamente planejado e calculado. Em relação à aproximação dos fiéis com a escolarização, principalmente nas universidades, é possível confirmar também por meio de materiais impressos dos bispos,

Se desejamos ser bem-sucedidos financeiramente, temos que buscar especialização, trabalhar, fazer a nossa parte. Se desejamos crescimento pessoal, emocional, profissional, ministerial ou familiar, devemos investir tempo nestas

---

<sup>124</sup> RODOVALHO, Lúcia. O que Deus tem para nós em 2013? DVD 2, MSG 1, 2013.

<sup>125</sup> Aqui ela refere-se ao Instituto Haya que se propõe a ampliar debates sobre ciência e religião.

<sup>126</sup> RODOVALHO, Lúcia. O que Deus tem para nós em 2013? DVD 2, MSG 2, 2013.

áreas e também em nós mesmos, e nas pessoas que estão debaixo de nossa influência.

Tudo na vida para que haja crescimento precisa ser trabalhado, forjado. É necessário dedicação, empenho, decisão e excelência para que Deus possa nos abençoar e fazer crescer. Tudo o que plantarmos iremos colher, desde que haja paciência e perseverança. (RODOVALHO, 2013, p. 80, 81).

Rodovalho apresenta que a prosperidade deve ser alcançada por meio de especializações, trabalho, investimento e dedicação. O fim de todo investimento em estudos e qualificação profissional na ISNT deve resumir-se a “ser bem-sucedido financeiramente”. Sobre a metodologia presente nas pregações e livros de Rodovalho, Pires (2010, p. 138) afirma que:

O bispo Rodovalho desenvolveu a crença de que todo o crente tem o dever de prosperar, porque isso é um direito que lhe foi imposto pela sua posição assumida em Cristo. Esta é uma crença que condiciona psicologicamente o crente da SNT a desenvolver um ‘impulso aquisitivo’ a fim de motorizar a prática continuada de aquisição de um novo bem material.

Percebo, ao ler o trabalho desenvolvido por Pires (2010), que há um condicionamento nos ensinamentos de Rodovalho para que os fiéis busquem por especializações a fim de alcançar prosperidade financeira, bem como lugares de liderança e autoridade. É perceptível esse mesmo direcionamento na pregação de Lúcia, como observado acima.

Entretanto, apenas a palavra da bispa desafiando os fiéis não seriam suficientes se não houvesse a exemplaridade, seja dos próprios bispos, como ela mesma cita na mensagem, mas, principalmente dos líderes de célula que direcionam e reforçam a crença dos discípulos em um futuro melhor. “A certeza na promessa divina é trazida para uma prática religiosa que penetra no cotidiano, na presença dos exemplos encorajadores. A fé em Deus corresponde à fé na instituição e em seus agentes.” (SOUZA, 2012, p. 339).

Lúcia afirma que, nem ela, nem o bispo pararam de estudar, eles estão cada dia mais se especializando e investindo em suas carreiras profissionais. Percebo que, essa é também uma possibilidade de ampliar os contatos, inclusive nos espaços acadêmicos. Os líderes da ISNT ampliam seus contatos e influência, e trabalham para que os fiéis alcancem também espaços de influência em todas as áreas da sociedade.

### **3.3. Celebrações de Inverno: A dominação da Graça**

O evento Celebrações de Inverno aconteceu em 2013 de 04 a 06 de julho em São Paulo (SP), no Ginásio do Ibirapuera e, de 17 a 20 de julho em Brasília (DF). O texto chave para o evento

se encontra em Genesis 32:28 “Lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste”, em que Jacó ao lutar com o anjo prevaleceu, assim, o seu nome foi mudado de Jacó (usurpador) para Israel (homem que luta com Deus). Jacó prevaleceu porque alcançou graça e esse foi o tema proposto para as Celebrações de Inverno 2013, “Graça para prevalecer”!

Esse foi o primeiro ano que o evento aconteceu em São Paulo. Até o ano de 2012, as Celebrações de Inverno aconteciam em Brasília e fiéis da ISNT de todo o Brasil se deslocavam até a capital. Para 2013, o evento aconteceu em duas regiões do país, e, para 2015, a previsão é que ocorra nas regiões Nordeste (Natal), Centro-Oeste (Brasília) e Sudeste (São Paulo).

As fontes de pesquisa, o box com os DVDs das Celebração de Inverno, estão organizados em 3 DVDs<sup>127</sup>. Ao ouvir cada uma das pregações observei, uma vez mais, o intenso trabalho desses líderes para a formação da nova geração. Assim, organizo as análises desse material em apenas duas partes. Na primeira analiso as pregações de Rodovalho (DVDs 01, 02), a partir da categoria que intitulei **Habilidade e competência para “crescer” com influência** e, na segunda parte as três mensagens da bispa Lúcia (DVD 03), com o título **Formando a nova geração de “especialistas”**.

### 3.3.1. Habilidade e competência para “crescer” com influência

Nas mensagens de Rodovalho “Força ou Habilidade” I e II<sup>128</sup>, o texto utilizado foi de Provérbios 20:29<sup>129</sup>. O objetivo do bispo foi dar uma mensagem direcionada aos jovens líderes da ISNT, principalmente os líderes ligados ao Arena Jovem. Rodovalho abre a mensagem explicando que esse versículo ao ser traduzido para o português seguiu o senso comum, em que o jovem é associado à força física, a velocidade. A palavra força no grego para esse versículo é *COACH*<sup>130</sup>, que de acordo com o bispo pode ser traduzida por habilidade<sup>131</sup>.

Rodovalho explica que *coach* é um conceito que tem sido muito utilizado, em diferentes áreas, como grandes corporações e times esportivos. O *coach* é um treinador, um inspirador, um mentor que ajuda outros a atingirem seus objetivos. Ele não ensina a ser mais forte e sim mais

---

<sup>127</sup> DVD 1 e 2 – Bispo Rodovalho, com o tema “Força ou Habilidade?” Com as mensagens divididas em 5 partes e DVD 3 – Bispa Lúcia Rodovalho com os temas, “Graça para prevalecer com influência” e “Efeito Vencedor”.

<sup>128</sup> RODOVALHO, Bispo. Força ou Habilidade. DVD 1, 2013. Editora Sara Brasil.

<sup>129</sup> A glória do jovem é a sua força; e a beleza dos velhos são as cãs.

<sup>130</sup> Na versão em grego moderno esta palavra não aparece (site: bibliaonline.com.br). Parece-nos um equívoco ou um uso de uma expressão em inglês.

<sup>131</sup> Na tradução da Bíblia de Jerusalém, o versículo é: A beleza dos jovens é o seu vigor, e o enfeite dos velhos suas cãs.

habilidoso<sup>132</sup>. O bispo traduz o versículo de Provérbios para o seguinte entendimento “Quando o jovem é habilidoso ele recebe glória em sua vida”<sup>133</sup> e, de acordo com ele, essa é a posição dos líderes do Arena Jovem do mundo todo.

E olha, e para arrematar, essa é a posição dos líderes da arena hoje, no Brasil e no mundo inteiro. Nossos líderes de arena nós convidamos os jovens das drogas, das sarjetas, das gangues, do crack, nós tiramos os jovens dessa posição para ensiná-los a serem *coach*, cobertos de glória em nossa geração. (Aplausos). Sabe por que eu acredito no ministério da arena? Sabe por que eu acredito no ministério de cada um que está aqui? Sabe por que eu acredito que nós seremos a solução para os conflitos sociais? Sabe por que eu acredito? Como eu recebi em Brasília um telefonema de um dos procuradores do Ministério Público dizendo: ‘Bispo pelo amor de Deus ajuda a gente’. ‘Ajuda como? O que vocês querem que nós façamos?’ ‘Eu sei que o senhor tem, nós sabemos que vocês têm um trabalho muito forte com os jovens, manda uma equipe de vocês para uma cidade chamada Riacho Fundo<sup>134</sup>’. E nós fomos. Eu aceitei o desafio. Um ano depois, a cidade que tinha o maior número de violência, o maior traço de violência de quebra-quebra, em festas, em bares, acabou, zerou a violência, porque toda a galera do quebra-quebra são líderes do arena hoje. Toda! Cem por cento... (...). Quem vai liderar essa geração hoje somos nós, são vocês! (Aplausos). Por quê? Jovem não é glorificado porque ele quebra, porque ele é forte (...) Ele é glorificado é quando ele se torna *coach*, mestre, ensina. É quando ele aparece e a galera diz: eu vou ser teu discípulo (...)’<sup>135</sup>.

Com entusiasmo e envolvimento direto da plateia, por meio de aplausos, gritos, assovios e palavras de ordem, Rodovalho declara para os jovens que estão ouvindo, que são eles os futuros líderes do país. À medida que os jovens que estão fora da igreja empregam sua força erroneamente, produzindo vergonha e não glória, o jovem da ISNT, de acordo com Rodovalho, é habilidoso e vai cobrir-se de glória<sup>136</sup>.

A questão que ele traz para os ouvintes é: “O que você busca: Força ou habilidade?” Seu conselho é que os jovens usem a habilidade. “Por isso nós vamos guiá-los, nós vamos liderá-los. Por isso os líderes do mundo estão aqui dentro. Os milionários. Os políticos. Aqueles que vão guiar os líderes da próxima geração estão aqui dentro”<sup>137</sup>. Observo que a habilidade proposta por Rodovalho aos jovens está diretamente relacionada à Teologia do Domínio, tema que já abordamos anteriormente.

---

<sup>132</sup> RODOVALHO, Bispo. Força ou Habilidade. DVD 1, mensagem 2, 2013. Editora Sara Brasil.

<sup>133</sup> RODOVALHO, Bispo. Força ou Habilidade. DVD 1, mensagem 1, 2013. Editora Sara Brasil.

<sup>134</sup> Riacho Fundo é uma região administrativa do Distrito Federal e conta de acordo com o censo 2010 com 55 mil habitantes.

<sup>135</sup> RODOVALHO, Bispo. Força ou Habilidade. DVD 1, mensagem 1, 2013.

<sup>136</sup> De acordo com Rodovalho (2013, DVD 1 mensagem 2) a palavra glória no grego, significa aquilo que faz uma pessoa se sobressair, ter excelência, luz, ser evidenciada.

<sup>137</sup> RODOVALHO, Robson. Força ou Habilidade? DVD 1 mensagem 1, 2013.

Pires (2011, p. 191), observou que Rodovalho vem tentando fomentar em seus seguidores uma disposição para crescerem profissionalmente, alcançando com isso posições de destaque junto à sociedade, que está com o mercado de trabalho cada vez mais exigente, ou seja, cada vez mais o jovem da ISNT deve buscar por mais e mais escolarização.

Ele enfatiza em suas mensagens que os jovens da ISNT estão sendo treinados pelos líderes e bispos para serem também líderes de outros. E, para que o jovem seja bem-sucedido, além da habilidade ele deve ser também alguém que se adapte rapidamente.

Você vai ter glória jovem, porque o versículo está dizendo, o jovem, a juventude brilha. A juventude atinge resultados por quê? Por que se adaptam. Você não faz biquinho quando tem que estar em diversas posições. Se o teu líder precisar de você, você vai. Mas, se o seu líder ou a líder pôr você em outro lugar, você tá lá. Você adapta ali, você adapta de lá, você adapta de cá, você não tem biquinho daqui, biquinho dali. Por quê? Porque você é coach.<sup>138</sup>

Percebe-se um esforço nos ensinamentos dos líderes para que haja na juventude a ânsia por serem líderes tanto dentro da igreja, por meio do sistema G12 como fora, por intermédio de estudos e cursos. Na pregação de Rodovalho nas celebrações, o desejo, a ânsia por ser um líder que se adapta facilmente, deve estar associada à submissão aos líderes e sistema da ISNT. Rodovalho afirma que, o líder bem-sucedido é aquele que não se ressentir por qualquer coisa, não fica esperando ser paparicado ou bajulado. Não é “peso” na vida do líder, mas um ajudante, para que as metas estabelecidas para a equipe sejam alcançadas<sup>139</sup>.

Com o objetivo de marcar mais intensamente o propósito de sua mensagem, baseando novamente em textos e personagens do Antigo Testamento<sup>140</sup>, Rodovalho afirma que “A posição é mais importante do que o coração”. De acordo com ele, por muito tempo foi ensinado na igreja que Deus procurava por homens com o coração rendido, quebrantado. Ele afirma que, ainda que seja verdade que Deus procura corações rendidos, as pessoas não são vistas pelo coração e sim pelas ações. Por isso, a posição que a pessoa ocupa é mais importante que seu coração. Já que apenas ocupando posições altas a pessoa tem autoridade, ou seja, autorização para intervir.

---

<sup>138</sup> RODOVALHO, Robson. Força ou Habilidade? DVD 1 mensagem 1, 2013.

<sup>139</sup> RODOVALHO, 2013, DVD 1, mensagem 2.

<sup>140</sup> Genesis 13 e I Samuel 16. As histórias relatadas pelo bispo são de Ló e Abraão, em que Ló, apesar de não ter coração, estava em uma posição privilegiada, junto com seu tio Abraão. E, Davi que, ao saber das afrontas que Israel sofria de Golias, ofereceu-se para lutar contra o gigante, porém antes quis saber qual era o prêmio.

O bispo explica que o esforço da ISNT é levar os liderados em posição de altitude, de autoridade e, quando o liderado fica debaixo da autoridade do líder ele é abençoado<sup>141</sup>. O alerta de Rodovalho para os líderes é justamente no sentido de, ao alcançar a prosperidade, o líder não se afaste dos ensinamentos propostos pela igreja, já que a desobediência tem como consequência a maldição. De acordo com ele, a melhor maneira de se posicionar diante da vida é seguindo os passos do líder, alinhando-se ao seu mentor. Citando o exemplo de Ló<sup>142</sup>, Rodovalho explica que o seu crescimento e prosperidade aconteceu quando foi mentoreado por Abraão. Ele declara em sua fala, que toda a liderança da ISNT está posicionada para ser próspera e multiplicar e que, aqueles que são contra o crescimento proposto pela igreja atraem para si maldição.

É possível perceber que há uma coerção por parte do líder, a fim de garantir a obediência de seus liderados, ainda que ele afirme que os seus ensinamentos tenham como objetivo a preparação dos novos líderes, esta preparação está relacionada, principalmente, a coagir os líderes à obediência e submissão.

Ao perceber a educação como um caminho seguro de capacitação do indivíduo, treinando-o para obedecer às regras sociais fixas, Weber comenta que, assim, muito mais que ensinar para a liberdade, o modelo representaria uma total submissão do sujeito à máquina burocrática. Esse perfil educacional levaria um processo de anulação do indivíduo. (MELO JUNIOR, 2010, p. 159)

No texto de Melo Junior, sua análise é sobre como Weber entendia a educação alemã no início do século XX, mas ao analisar os ensinamentos de Rodovalho, que enfatiza frequentemente sobre profissionalização, sucesso profissional, financeiro e multiplicação de equipes, percebe que há também um ensino no sentido de manter os liderados da igreja em uma situação de submissão à “máquina burocrática” da instituição.

Na releitura que Bourdieu (2013) realiza da teoria da religião weberiana, ao procurar compreender o funcionamento do **campo religioso**, o autor observa que indivíduos ou instâncias religiosas podem utilizar-se do capital religioso e, na concorrência pelo monopólio dos bens de salvação e do poder religioso, inculcar nos leigos um **habitus religioso**<sup>143</sup> que acaba sendo incorporado pelo grupo e o torna uma experiência comum. (BOURDIEU, 2013, p. 57).

---

<sup>141</sup> Assim como Ló, de acordo com Rodovalho, enriqueceu porque estava debaixo da autoridade de Abraão, que era um homem escolhido por Deus.

<sup>142</sup> Como vimos nas Celebrações de Verão, Rodovalho já havia pregado sobre a relação de Ló e Abraão, e que, segundo a pregação de Rodovalho, Ló foi fartamente abençoado porque acompanhou o tio.

<sup>143</sup> Para Bourdieu (2013, p. 201, 202), o *habitus* “é um sistema de disposições inconscientes que constitui o produto da interiorização das estruturas objetivas e que, enquanto lugar geométrico dos determinismos objetivos e de uma

No caso de Rodovalho, é possível observá-lo utilizando-se da instrução para inculcar nos fiéis, obediência e submissão, formando assim um **habitus**. Os seus ouvintes acreditam de fato que cada líder instituído na igreja, foi primeiramente, ordenado por Deus e devem ser obedecidos, sob pena de maldição.

Ao continuar em sua pregação, ele afirma respeitar aqueles que não querem crescer, não querem participar de células e multiplicar, e que a igreja tem um culto para essas pessoas, chamado Conexão<sup>144</sup>, um culto para aqueles que “não têm condições de ser produtivo”, ou seja, não evangelizar, formar células e ganhar novas pessoas. Não ser produtivo, para Rodovalho, não é problema. De acordo com sua fala, dependendo do momento da vida da pessoa, ela precisa dedicar-se mais aos estudos, profissão ou família e não consegue bater as **metas de multiplicação**. Para o bispo, o problema é **criticar** as metas estabelecidas para a igreja.

Quando Rodovalho exige dos fiéis a obediência, submissão e a não crítica em relação às metas estabelecidas pela instituição sob pena de ser amaldiçoado, percebo em seus ensinamentos um doutrinação dos fiéis, para que sirvam a instituição sem questionamento. Liberdade e autonomia individual estão fora de questão. Como afirmou Carvalho (2004, p. 230), “Quando as estruturas e os sistemas se assenhoram do poder, isto é, institucionalizam-se, o discurso sobre a liberdade torna-se um instrumento de controle e de dominação.”

Outro aspecto importante de ser analisado nas práticas socializadoras da ISNT diz respeito às mídias tecnológicas, assunto este abordado por Rodovalho em seu discurso.

Quem me segue pelo twitter, pelo instagram aí? Olha o tantinho de mão. Quem mexe com web, quem navega na rede social, levante a mão. Diga para o seu irmão: ‘Você tem que seguir o bispo no twitter. Você tem que seguir no instagram’. O que é isso bispo? Você desce aquele aplicativo, né? É simples. (...). Uma pessoa que me segue no instagram entende tudo o que eu estou fazendo, sem uma palavra só de me ver. Ontem eu postei... ontem? Quarta-feira eu fui pra FIC, Feira Internacional Cristã, abrimos lá a feira, puxando aquela fita, estava do meu lado o Malafaia, saiu na Folha de São Paulo, ‘o Malafaia ao lado do Rodovalho abrindo a FIC’. Todos os assuntos proféticos, se você me seguir no instagram, eu postei vídeos sobre a marcha, sobre as manifestações. Eu falei sobre como o cristão deveria pautar. Eu falei sobre a greve dos caminhoneiros. Eu falo sobre tudo, (...). Se você me segue eu tenho uma palavra profética todo dia (...) eu percebo que quase ninguém segue a gente (...). Tem gente que não é da Sara me ouvindo muito mais do que da Sara, tem bispo que pega a palavra de domingo no meu instagram.

---

determinação, do futuro objetivo e das esperanças subjetivas, tende a produzir práticas e, por esta via, carreiras objetivamente ajustadas às estruturas objetivas”.

<sup>144</sup> O Conexão é apresentado no site oficial da igreja como um dos Ministérios da SNT, um culto que acontece às quintas-feiras sob a liderança dos pastores João e Ana Lia Clerot, genro e filha dos bispos Lúcia e Robson Rodovalho. Fonte: <http://www.saranossaterra.com.br/conexao/> Acesso em: 17/06/2015.

(...). **Exija que os teus discípulos façam, não é orientar não, é exigir.**<sup>145</sup> (grifo meu).

No segundo capítulo, já abordei sobre como a ISNT se utiliza das novas tecnologias, principalmente Rodovalho e, por meio do discurso acima, observo a insistência dele para ter novos seguidores nas redes sociais. O seu pedido é enfático para os líderes que estavam ouvindo sua pregação, é necessário exigir que os liderados o sigam nas redes sociais.

Weber (1999, p. 318) ao tratar sobre o **sermão** apresenta-o como um “ensinamento coletivo sobre coisas religiosas e éticas, no sentido próprio da palavra, é em regra um elemento específico da profecia e da religião profética”. O autor observou também que o sermão ganhou maior importância dentro do protestantismo, em que o conceito de sacerdote foi substituído pelo conceito de pregador. Uma observação pertinente de Weber me leva a olhar para o sermão de Rodovalho com maior atenção. “O sermão manifesta sua máxima força em épocas de excitação profética. Mas já pelo simples fato de que o carisma retórico é uma qualidade individual, seus efeitos sobre o modo de viver diminuem na vida cotidiana com extrema rapidez, até desaparecerem completamente”. (WEBER, 1999, p. 318, 319).

Portanto, não seriam suficientes os sermões de Rodovalho apenas duas vezes ao ano, nas Celebrações de Verão e Inverno. Como Weber afirma “o carisma retórico” perde rapidamente os seus efeitos. Assim, Rodovalho busca estratégias para manter-se em constante contato com os fiéis da ISNT. É o “Momento Rodovalho”, que acontece semanalmente em todas as ISNT, as pregações mensais em culto de ceia e a “Santa Convocação”, realizada mensalmente para os líderes da ISNT. E, não sendo suficiente, ele procura ter seguidores no twitter, Instagram, Facebook e em seu site pessoal. Das redes sociais ele quer guiar cada fiel, líder e pastor da ISNT. Como observado no texto, bispos locais da ISNT “pegam” sua pregação de domingo no Instagram de Rodovalho. Pode-se dizer que Rodovalho se utiliza de meios materiais para assegurar o seu poder.

Neste tópico, que intitulei por Habilidade e Competência para “crescer” com influência, foi possível perceber que Rodovalho utiliza o que na linguagem de Bourdieu poderia chamar de seu **capital cultural**, para influenciar seus liderados para que sejam habilidosos e competentes nas diferentes áreas da vida. Ele coloca sobre o ombro dos seus ouvintes a responsabilidade de ser a “solução para os conflitos sociais do Brasil”, guiando e liderando outros. E, para isso, os novos líderes da ISNT devem assumir posições de destaque, de “glória”, utilizando-me das palavras do

---

<sup>145</sup> RODOVALHO, Robson. Força ou habilidade? DVD 2, MSG 4, 2013.

próprio Rodovalho. Tornarem-se políticos, milionários, adaptando-se ao mundo. E, talvez, aquilo que ele mais enfatiza, a glória e as posições de destaque ao serem alcançadas, devem manter os líderes submissos e obedientes à autoridade da igreja e do líder maior.

Observo que a educação tem um papel fundamental para que os líderes da ISNT alcancem o seu propósito, conquistar lugares de destaque junto à sociedade. As ações humanas que ele incentiva os fiéis de realizarem, ou seja, cada vez mais escolarização, não garante a estes, liberdade. Há regras estabelecidas e a prestação de contas faz parte do dia a dia dos fiéis.

Fecho este tópico trazendo novamente o significado de disciplina em Weber (2008, p. 177) em que: “O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada”. No ensino dos agentes socializadores da ISNT está clara a necessidade da formação escolar e profissional dos fiéis, que devem obedecer a fim de conquistar o mundo ao alcançar postos de poder. Porém, no que diz respeito à instituição, sujeição e obediência.

### **3.3.2. Formando a nova geração de “especialistas”**

No último DVD analisado, as mensagens foram da Bispa Lúcia. O versículo utilizado por ela foi Genesis 32:28<sup>146</sup>, o tema das celebrações (Graça para prevalecer). Lúcia explica que a luta travada por Jacó com o anjo, significou sua perseverança e, a igreja que foi chamada para fazer a diferença no mundo, deve perseverar. Foi possível perceber que, como aconteceu nas celebrações de verão, ela dirigia suas pregações para as novas gerações.

A mensagem da bispa foi no sentido de apontar para as pressões que o cristão sofre no mundo. Como exemplo, ela cita o fato de familiares criticarem a ida diária à igreja, para ela é o diabo usando a própria família para colocar limites a vida cristã. Destaco que a bispa associa nesta mensagem o ir à igreja todos os dias com o chamado de Deus e o cumprimento da missão.<sup>147</sup> No exemplo proposto por Lúcia, observo que há uma valorização da “família da fé” e das propostas por esta estabelecida em relação à família de sangue. Sobre isso, Carvalho (2004) observa que,

Essa nova situação fez com que o fiel se aproximasse mais das metas de salvação, prometidas pelo sacerdote ou profeta, do que dos parentes naturais. A harmonia é fustigada pela máxima cristã que diz ‘não vim trazer paz, mas a espada’, significando que aqueles que não são capazes de se indispor com os membros da

---

<sup>146</sup> Ele retomou: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste.”

<sup>147</sup> RODOVALHO, Lúcia. Graça para prevalecer. DVD 03, 2013.

casa, ao pai e à mãe, aos vizinhos, não podem ser discípulos de Jesus. (...) A religião assim concebida, entra em choque com as ordens e os valores do mundo familiar, e esta dicotomia torna-se tanto mais irreconciliável quanto mais os valores do mundo são racionalizados e sublinhados em termos de suas próprias leis. (CARVALHO, 2004, p. 59, 60).

Nas palavras da bispa, a missão, que o fiel da ISNT tem, é mais importante do que qualquer outra esfera da vida, inclusive a familiar. Ainda em relação a esse contexto, é válido analisar as palavras de Prandi (2008, p. 159),

A religião aproxima os iguais e os distancia dos outros, agrega e imprime identidade, como faz a cultura. Mas como se trata de uma escolha e não mais de um atributo herdado, o outro do qual ele se afasta pode ser sua própria família ou indivíduos que naturalmente lhe seriam próximos. Em vez de atuar como amálgama social, a religião nesse caso estaria atuando como solvente de relações sociais tradicionalmente básicas, dissolvendo antigas pertencas e linhagens.

Em seu texto, Prandi (2008) estava abordando as conversões religiosas que vem ocorrendo no Brasil, ao catolicismo, mas principalmente e, em maior número, de evangélicos, que, ao escolherem a conversão à determinada religião, aproxima-se daqueles que já fazem parte e terminam por afastar-se daqueles que deveriam ser seu próximo naturalmente. A consequência, é que as relações tradicionais básicas acabam se dissolvendo.

Ainda em sua mensagem, ela afirma que a vida só muda quando se está disposto a dar passos e, naquela mensagem ela daria um exercício prático para que seus ouvintes realizassem<sup>148</sup>. De acordo com Lúcia, a praticidade é própria das mães e que a ISNT tem pai e mãe. Neste instante ela olha para Rodovalho (que estava sentado próximo dela), dando a entender que ela é a mãe e Rodovalho o pai de todos os crentes da ISNT<sup>149</sup>. Entendo que, ao se declarar como **mãe dos fiéis**, ela tenta estabelecer uma dominação de ordem pessoal, atraindo para si “servidores” pessoais, que ajam com fidelidade no “serviço”<sup>150</sup>. Assim, é possível perceber a **dominação tradicional**, em que, “sua legitimidade repousa na crença de santidade de ordens e poderes senhoriais tradicionais (existentes desde sempre). Determina-se o senhor (ou os vários senhores) em virtude de regras

---

<sup>148</sup> O exercício prático proposto por ela é uma listagem de todas as reações negativas que o crente tem por hábito tomar quando acontece algo que lhe foge do controle, por exemplo, reclamações, murmurações, preguiça etc. E, do lado da reação negativa colocar uma reação diferente. De acordo com ela, o fato de antecipar as atitudes levaria os ouvintes a agir com maior prudência e a ser bem-sucedido.

<sup>149</sup> RODOVALHO, Lúcia. Graça para prevalecer com influência. DVD 3, 2013.

<sup>150</sup> Entendo que, os conceitos típicos ideais construídos por Weber, não são encontrados em estado puro na realidade, assim não atribuo nesta comparação qualquer tipo de juízo valorativo. Procuro apenas destacar, uma vez mais, ao trabalhar com os conceitos de tipo ideal construídos por Weber, as tensões que se estabelecem, já que consigo perceber os três tipos puros de dominação propostos pelo teórico em uma única instituição.

tradicionais. A ele se obedece em virtude da dignidade pessoa que lhe atribui a tradição”. (WEBER, 1999, p. 148).

Ainda em sua mensagem ela enfatiza o poder do rádio e da televisão para o alcance de não crentes. E como a mídia tem sido mantida pelo Parceiro de Deus. No trecho abaixo, extraído da mensagem, ela afirma que, o investimento na mídia é uma “visão” que Deus deu à Rodovalho.

A Sara nossa terra só tem uma visão. **A visão que Deus deu ao nosso bispo Rodovalho.** Amém? Amém bispo Erasmo? Pode dar uma salva de palmas, isso é importante. Se você tem contribuição, procure seu líder, procure seu bispo. Mas nós temos uma voz profética, nós temos uma voz que clama no deserto. Porque eu falo que o Robson, o Bispo Rodovalho é igual ao João Batista, não é? Vestido de couro de camelo, ungido por Deus, está com quase 60 anos e tem mais força de quando tinha vinte e deixa muitos jovens de 30 e 35 para traz. Por quê? Porque a unção te capacita. <sup>151</sup>

Observo nesta fala, uma vez mais, como ela reforça a liderança de Rodovalho. Ainda em um dos livros do bispo, prefaciado pela Lúcia, encontrei a seguinte frase,

Com alegria, recebi o convite do autor, **meu líder, mentor, amigo e companheiro de jornada,** para dar uma olhada nos originais. Assim pude, antes de você, desfrutar e maravilhar-me com o que aqui vai escrito, justamente com o objetivo de evidenciar como se alinhar a essas variáveis e fazê-las trabalhar a seu favor na busca pelo Propósito, de tal maneira a tornar a sua trilha também um caminho pleno de Crescimento, de evolução. (RODOVALHO, 2013, p. 12).

É possível observar, por meio do texto apresentado pela bispa, a forma como ela enfatiza Rodovalho como seu líder e mentor. Lúcia Rodovalho coloca-se em um patamar de obediência e sujeição, ou seja, ela mesma coloca-se como um exemplo a ser seguido pelos demais fiéis. Ela, enquanto bispa e esposa, o vê como um líder e mentor antes mesmo de ser amigo e companheiro de jornada e pôde “experimentar”, os ensinamentos transmitidos pelo livro antes de qualquer outro. Sua reação é de maravilhar-se com o conteúdo apresentado na obra.

Exercendo a bispa um forte protagonismo na ISNT, é conveniente enfatizar sua submissão ao marido. Ela trabalha para que a liderança masculina do seu marido seja reconhecida por toda a comunidade. Trabalho esse importante, já que ela mesma desempenha um papel fundamental junto aos fiéis. Ela, como uma liderança exemplar, atrai para si o olhar e respeito dos fiéis.

Para formar então, a nova geração de líderes, os fundadores e presidentes da ISNT, procuram estabelecer uma **dominação tradicional**, com vínculos de obediência e fidelidade por parte dos fiéis, já que são eles “pai e mãe” de cada liderado. Enfatizo uma vez mais que, ao trabalhar

---

<sup>151</sup> RODOVALHO, Lúcia. Graça para prevalecer com influência. DVD 3.

com os tipos ideias proposto por Weber, eles nunca aparecem em sua totalidade ao analisar uma ação social. No caso da dominação tradicional, por exemplo, não se exige competência por parte dos “servidores” e, como já apresentei, a ISNT, exige dos fiéis, competência para assumirem postos de liderança, tais como, realizar o Instituto de Vencedores, ser bem-sucedido intelectual e profissionalmente, ter células, fazer parte de um discipulado, arrecadar os valores estabelecidos pelos líderes entre outros. No entanto, utilizo a dominação tradicional neste contexto, justamente, porque ao se colocarem como “pais” dos fiéis, os bispos buscam dos fiéis à obediência em virtude de sua dignidade, uma obediência que já está fixada pela tradição, ou seja, obedecer ao pai e mãe.

Dentre as competências exigidas do líder, a bispa enfatiza o comprometimento. Ela afirma que não existe realização e sucesso sem comprometimento. Os exemplos dados por ela, diz respeito à igreja, ser parceiro de Deus, chegar no horário para os eventos. Assim, ela se apresenta como exemplo pessoal, que conseguiu formar centenas de pastores no Arena quando foi presidente, porque era exigente, tinha atitude. Lúcia apresenta também seu genro, Lucas Cunha, como exemplo a ser seguido pelos fiéis, no que diz respeito ao comprometimento.

Eu não sei se você estaria preparado para ser da igreja do Bispo Lucas. Eu vou explicar para vocês. Eu vou pregar lá, daí eu fico lá. Eles tiram a oferta. Amém! Tiram os dízimos, ótimo. Daí minha filha, o bispo Lucas ou o Santiago, pega o microfone um deles e diz: ‘agora nós vamos para a oferta especial de construção, (...) doze pessoas com 100 reais’. Isso todos os cultos de segunda a segunda. Os pastores revezam. Há dois anos fazem isso (...) comprometimento. E sexta-feira tem mutirão e sábado tem mutirão de novo. Os pastores têm metas, arrecadam dinheiro. Mutirão para limpeza do templo sexta-feira das 22 às 6 horas da manhã. Se você acha que tem sido exigido, você não passou pela nossa mão, né Lucas? Dê graças a Deus pelo seu líder. Seus líderes são mais pais do que líderes e olha aqui pra mim! A igreja de dois anos atrás era uma igreja de desempregado (...). Hoje não temos desempregados. Temos jovens com 4, 5, 6 mil de salário porque passaram em concurso e hoje não temos pobres na Ceilândia. **Vieram pobres, tão fazendo faculdade.** Por quê? Porque eles aprenderam o poder da sementeira. Eles aprenderam o poder do comprometimento.<sup>152</sup>

Neste trecho da mensagem ela destaca o comprometimento dos líderes da ISNT Ceilândia, pastoreada por Lucas, bem como o comprometimento dos fiéis para com a igreja. Ela apresenta também que esse comprometimento tem gerado resultados positivos para os fiéis, “era uma igreja de desempregados”, “vieram pobres, tão fazendo faculdade”. Fiéis comprometidos com a instituição, buscaram na escolarização, a oportunidade para a ascensão social.

O diploma na sociedade burocrática pode criar privilégios análogos aos da aristocracia. Nas sociedades modernas industriais, os requisitos ocupacionais

---

<sup>152</sup> RODOVALHO, Lúcia. Graça para prevalecer com influência. DVD 3, 2013.

dependem em grande parte de relações de poder. A educação é um recurso utilizado pelos grupos sociais em sua competição pela riqueza, prestígio e poder. A educação fornece credenciais que servem como moedas para a obtenção de empregos e de meio de seleção cultural (GOMES apud CARVALHO, 2004, p. 37).

A análise de Gomes, sobre a educação como ferramenta para competição por riquezas, prestígio e poder é facilmente percebida nos ensinamentos da ISNT, “vieram pobres, tão fazendo faculdade”. Sobre o exemplo dado pela bispa em relação à ISNT de Ceilândia entendo também a partir de Jessé Souza (2012) ao afirmar que:

Se os pentecostais se destacam no engajamento em associações religiosas capazes de lutar contra a insegurança e a ‘desfiliação social’, mesmo estando empregados, e se os desempregados pentecostais precisam de menos tempo para conseguir um novo emprego é porque a filiação religiosa é capaz de fato de defender um patamar de segurança contra o risco de exclusão. Nosso argumento aqui é que a criação dessas redes de oportunidades econômicas, assim como a defesa de um patamar de segurança contra o risco de exclusão, precisa ser compreendida como uma estratégia típica da nova classe trabalhadora (os batalhadores) (SOUZA, 2012, p. 346).

Ao observar o crescimento de jovens que ocorre na igreja da Ceilândia/DF percebe-se que é uma juventude que vê a igreja como sua “casa” e os demais jovens e líderes como sua “família”, encontrando por meio desses relacionamentos motivação para prosseguir. Jessé Souza chama isso de resistência de classe.

Nas entrevistas que Pires realizou com membros da ISNT para sua tese, foram unânimes as respostas sobre uma mudança de vida ao entrar para a igreja, nas palavras do autor:

Depois que entraram na igreja SNT, elas aprenderam com seus líderes a valorizar o trabalho e a organizar sua vida financeira, se tornaram mais dinâmicas e eficientes no que fazem profissionalmente; foram incentivadas a melhorarem como pessoa, investindo na formação. (PIRES, 2011, P. 169)

Pessoas que conseguem melhores posições sociais, depois que entraram para a igreja. Após os ensinamentos dos líderes da ISNT aprenderam a valorizar o trabalho, estudar, organizar a vida financeira. Apresentei que a sociedade escolarizada espera justamente esse tipo de especialização do indivíduo, já que a escolarização e especialização profissional vem atender as demandas do mercado de trabalho.

E é nessa tensão que retomo o conceito de afinidades eletivas em Weber. Os ensinamentos ofertados por uma religião neopentecostal entram em uma relação de atração e influência, em uma convergência, de fato, com a sociedade escolarizada. São práticas socializadoras que respondem aos anseios sociais contemporâneos. O que se percebe, porém é que o principal objetivo da ISNT

em ter seus fiéis com alta escolarização e profissionalização é o poder de influência que a instituição amplia em diferentes espaços.

Lúcia enfatiza para os ouvintes que cada um deles tem o poder de influenciar outros e, a influência acontece ainda que a pessoa não queira, por isso cada líder deve decidir o quão significativo será essa influência. Para ela, a influência do líder no mundo significa ser participativo no reino de Deus e construtores de um novo tempo. Ela enfatiza ainda sobre os liderados que criticam os “novos desafios” proposto por Rodovalho.

Eu e o bispo Rodovalho temos orado. Nós não queremos em nosso meio pastores, pastoras, bispos e bispas que dividem conosco. Amém bispos, amém pastores? Nós queremos! Amamos todos os pastores e bispos, mas nós amamos mais a nossa missão. Se você não estiver conosco na nossa missão é muito difícil. Queridos, eu trabalho, eu fico ali, eu fui pastora de igreja, hoje eu sou bispa e coordeno as igrejas, mas eu já fui pastora de igreja, de uma igreja pequena, na embaixada. Durante o tempo que o bispo esteve na política eu que estava ali, eu fui líder durante dez anos, antes eu tinha sido líder de mulheres, sempre pastora, depois dez anos líder do Arena. Tinha que bater meta, minha meta não era fácil, não. Com jovens eu tinha que bater quarenta mil, cinquenta mil, sessenta mil de Parceiros de Deus, naquela época (...) <sup>153</sup>

Por meio do texto acima, observo que o discurso que eles apresentam é o de terem eles uma missão a cumprir e não há espaço para aqueles que não concordam com a missão. Mas qual é a missão desses líderes? No segundo capítulo apresentei que, a missão da ISNT é “sara a terra”, Lúcia e Robson Rodovalho afirmam acreditar que a terra está ferida pelas desigualdades sociais, miséria, fome, corrupção e bruxarias. A estratégia para que essa “cura” seja realizada encontra-se na missão da igreja “fazer de cada pessoa um cristão, de cada cristão um discípulo e de cada discípulo um líder, multiplicando os ensinamentos do Evangelho por meio da abertura de novas igrejas”<sup>154</sup>. A bispa afirma que sempre superou suas metas, seja na formação de novos líderes ou arrecadação financeira. E ela desafia os ouvintes a formar novos líderes, fazer discípulos que formem também novos líderes. Ainda de acordo com sua palavra, esse processo de evangelizar e formar novos líderes é ter uma vida de significados. Para ela é responsabilidade do líder que o seu discípulo tenha uma vida de significados. E o que Lúcia quer dizer com “ter uma vida de significado”?

E não tem maior significado do que ajudar os outros, do que pegar o que eu tenho e dividir com os outros, não dando... pessoas ficam preocupadas com os pobres, Jesus não se preocupou com os pobres. Por que Jesus... ele curou os que vinham,

---

<sup>153</sup> RODOVALHO, Lúcia. Efeito Vencedor, parte 2. DVD 3. 2013.

<sup>154</sup> <http://saranossaterra.com.br/missao-e-visao/> Acesso em: 23/04/2014.

ricos e pobres. Pobreza é uma questão de mentalidade (...). Fala comigo: Pobreza é uma questão de mentalidade. Então, você pode sair daqui hoje e dizer. ‘Chega de mediocridade chega de mente de pobre, minha vida vai mudar’. Não bispa isso aí é pensamento positivo. Não queridos isso é fé, é Palavra de Deus<sup>155</sup>.

Para a bispa, uma vida com significado consiste em “ajudar”, em “dividir”, uma ajuda, porém, que ela deixa bem claro, não está relacionado às questões sociais. Pobreza, para ela, não é uma questão de desigualdades sociais, mas uma questão de mentalidade. O pobre é pobre porque se permite ser pobre, a mudança, para Lúcia depende unicamente do indivíduo. Tendo o dinheiro, um forte destaque nas práticas socializadoras da ISNT, não há espaço para pessoas pobres que não tenham por ambição sair do “estado de pobreza”. Como observado na fala da bispa, cabe aquele que é pobre sair dessa situação. E isso é feito por meio da escolarização, esforço pessoal e realizando doações para a igreja, que deve ser entendido como resultado da fidelidade do crente para com Deus.

“Ajudar outras pessoas” está relacionado com encaminhá-los para o “propósito de Deus” para essa pessoa, ou seja, a formação de novos líderes e a ordenação dos novos líderes da ISNT. Nas celebrações de 2013, coube à Lúcia Rodovalho, dar a última palavra para, posteriormente, iniciar a ordenação dos aspirantes. A bispa representa a “autoridade universalmente reconhecida” (BOURDIEU, 1996, p. 105). Assistindo ao DVD é possível perceber no semblante dos aspirantes, a alegria e entusiasmo, próprios do momento. Casais impecavelmente arrumados. Os homens com terno e gravata, destoando da informalidade no vestir, próprio da ISNT, em que os jovens em sua maioria vão à igreja vestidos de jeans e camiseta.

Nas análises realizadas por Maranhão Filho (2013) sobre a igreja Bola de Neve, o autor observa que:

A investidura de cargos faz ‘transformar a representação que os demais agentes possuem dessa pessoa, modificando sobretudo os comportamentos que adotam em relação à ela’ (BOURDIEU, 1996, p. 99), visto que, quando investida, esta é entendida como **autorizada** a falar em nome de Deus. (...) a autoridade do cargo que os investe é percebida pela reverência dos/as fiéis no pedido de oração e conselhos a respeito dos mais variados assuntos, vistos que estes são considerados **homens mais próximos de Deus**. (MARANHÃO FILHO, 2013, p. 95, grifos do autor).

Na ISNT não é diferente, o **capital simbólico** que é investido sobre esses líderes quando são ordenados, leva os demais agentes a um novo comportamento em relação a estes. O respeito,

---

<sup>155</sup> RODOVALHO, Lúcia. Efeito Vencedor, Parte 2, DVD 3. 2013.

reverência e, principalmente, a admiração se fazem presentes já que, na ISNT “subir” na hierarquia, significa que a pessoa tem um grande número de liderados abaixo dela. Cada um dos que foram ordenados diáconos tinham pelo menos 60 pessoas abaixo de si e, já levantam pelo menos mil e quinhentos reais para o Parceiros de Deus.

O verdadeiro milagre do ato de instituição reside sem dúvida no fato de que eles conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa. Todavia, por uma espécie de maldição, a natureza essencialmente diacrítica, diferencialmente, distintiva do poder simbólico faz com que o acesso da classe cultivada ao Ser tenha como inevitável contrapartida a queda da classe complementar ao Nada ou num Ser Menor. (BOURDIEU apud MARANHÃO FILHO, 2013, p. 95)

Quando um novo líder é consagrado na ISNT, significa que muitos outros são colocados em condição de menor importância, assim cabe a estes esforçarem-se para sair desta posição e, isso só é possível se alcançar novos liderados.

Lúcia (2013) inicia a palavra falando sobre o poder da sucessão, em que o efeito vencedor é quando ajuda outros a realizar os seus sonhos. A palavra de ordem para os ouvintes é: “O teu destino é levar outros a cumprir o propósito deles.”<sup>156</sup> O sucesso, de acordo com Lúcia, é sucessão, é ter alguém para assumir o teu lugar, e para isso faz-se necessário preparar um sucessor. Preparar as novas gerações. Para ela, a formação de sucessores exige disciplina, paciência, administração e, talvez, o mais importante, humildade. A humildade para servir o líder maior. De acordo com a bispa, uma pessoa nunca será colocada por Deus em altas posições, se não estiver disposta a servir o seu líder. E, ao servir, ela garante que seus discípulos também lhe servirão. A hierarquia na ISNT é levada muito a sério:

Cada um deve saber seu limite, poder, dever, autoridade, lugar. Ninguém deve agir com mais ou menos poder do que lhe foi delegado. Não passar por cima da autoridade dos outros. A autoridade que temos depende de estarmos na posição correta que nos foi delegada pelos pastores e por Deus.<sup>157</sup>

Percebe-se uma relação de dominação, uma dominação que se funda principalmente no afeto e na inclinação pessoal dos dominados pelos seus dominadores. Mas, como nos afirma Weber (1979), uma dominação que repousa apenas nesse fundamento seria instável, por isso precisa da legitimidade. Ao olhar para a hierarquia que acontece na ISNT sob a ótica dos tipos puros de dominação, é possível perceber que a dominação presente na instituição, atravessa pelos três tipos

---

<sup>156</sup> RODOVALHO, Lúcia. Efeito Vencedor, parte 2. DVD 3, 2013.

<sup>157</sup> Escola de Vencedores. Treinamento para líderes de Célula. Módulo Avançado. 2007.

puros. A dominação legal, por meio da burocracia. Há regras que devem ser obedecidas, metas a serem cumpridas, postos de poder dentro da igreja só são alcançados, quando as metas são alcançadas. Mas, foi possível observar a dominação tradicional, quando os bispos se colocam como “pais” dos fiéis, e há o reconhecimento dos liderados de que, é deles “a voz da sabedoria” e os liderados dedicam-se para seguir essa voz.

E, também, a dominação carismática em que o carisma do líder se revela por meio de suas qualidades, como já vimos nos inúmeros momentos em que Robson e Lúcia se colocam como exemplo pessoal de competência, conquistas, compromissos. Utilizando-me de Weber, é indispensável que eles se façam acreditar. Seus liderados devem olhar para eles como senhores pela “graça de Deus”.

A palavra da bispa Lúcia para aqueles que estavam sendo consagrados, era que, deviam perseverar na visão e, se estavam começando “pequenos” (diáconos talvez), se esforçar para serem bispos e levar seus liderados a buscarem novas posições.

Eu quero terminar esse momento mostrando Êxodo 29:4 – 8; 28, 29<sup>158</sup> algo que nós cremos firmemente, (...). Aqui tá um texto que Deus tem nos falado, nossos filhos tem direito de escolher, eles não precisam se tornar bispos como nós, mas eu creio que Deus tem uma palavra pra você filho. As vestes do seu pai pertencem a você (...) eu só quero terminar falando isso. As pessoas dizem: “Ah! É família! É família!” Sim, é família. Nós estamos aqui seguindo o que a Bíblia diz. Se os filhos não quiserem, nós não vamos forçá-los, mas se eles se oferecem voluntariamente pra estar do lado, e eu creio queridos, que o homem de sucesso é aquele que consegue colocar seus filhos na visão que Deus deu a eles. É fazer com que seu filho e, se o filho não segue o que o pai faz, mas o pai deu destino para seu filho (...) isso é sucessão<sup>159</sup>.

Para fechar sua palavra nas Celebrações de Inverno sobre sucessão, o texto chave utilizado pela bispa Lúcia foi, uma vez mais, do Antigo Testamento, em que o modelo dado por Moisés é que, o sucessor do sacerdote deveria ser seus filhos. Apesar dela não fazer menção no nome dos seus filhos, entendo que a pregação feita por ela está relacionada à sua própria família, já que o casal Lucas e Priscila Cunha, são discípulos diretos de Lúcia e bispos da ISNT que mais cresce no Brasil. Assim, ela se coloca também como exemplo de sucesso, pois os seus filhos reconhecem a “visão dada por Deus” a seus pais.

---

<sup>158</sup> V. 4: Farás Aarão e os seus filhos se aproximarem da entrada da Tenda da Reunião e os lavarás com água. (...). V. 8,9: Do mesmo modo, farás se aproximarem os seus filhos, e os revestirás com túnicas, e os cingirás com o cinto e lhes porás os barretes. O sacerdócio lhes pertencerá então por um decreto próprio. Assim farás a investidura de Aarão e seus filhos. (...). V. 29: As vestimentas sagradas de Aarão passarão depois dele para os seus filhos, que as vestirão quando da sua unção e da sua investidura.

<sup>159</sup> RODOVALHO, Lúcia. Efeito Vencedor, parte 2. DVD 3, 2013.

Na dominação tradicional o sucessor não é aquele com “competência”, mas aquele que esteja ligado por um vínculo de fidelidade. No caso de Lucas e Priscila Cunha, soma-se o vínculo da fidelidade com o grande crescimento que a igreja de Ceilândia tem experimentado, já que a exemplaridade é fundamental na ISNT, eles são exemplos de metas alcançadas na instituição. Apresento abaixo um pequeno trecho de uma das mensagens da bispa nas Celebrações de Inverno,

Um líder nosso de elite, um pastor nosso leva pelo menos duas horas semanais recebendo discipulado, duas horas ministrando no discipulado, de seis a oito horas fazendo culto semanal, duas horas semanais no instituto de vencedores, ainda tem o TAL, os 144. **Isso é lá em Brasília.** Os 1028 do Lucas, que é os 20 mil meu pode vir aqui dar um workshop, isso é treinamento<sup>160</sup>. (Grifo meu).

Lúcia faz questão de enfatizar o crescimento da ISNT que está ocorrendo no Distrito Federal e o quanto é cobrado desses líderes para que o crescimento continue. É possível observar que, a estrutura burocrática e hierárquica da ISNT, a submissão e obediência dos fiéis aos líderes e à igreja representam um princípio de organização que denota a racionalidade disciplinadora presente no cotidiano da igreja.

### 3.4. Da Graça ao Desencantamento

Apenas um pequeno estalo...  
Mas estalos fazem túneis desabar.  
(Alexander Solzhenitsyn apud Philip Yancey 1999)

Ao escolher trabalhar com as mensagens dos líderes da ISNT nos eventos Celebrações de Verão e Inverno 2013, cujo tema da instituição foi **O ano da graça de Deus**, tive por objetivo apresentar como se dão os ensinamentos das práticas socializadoras dessa instituição e como a racionalização está presente nesses ensinamentos. Desde o segundo capítulo da pesquisa quando apresentei as práticas socializadoras da ISNT e, agora, ao apresentar o ensinamento transmitido pelos principais agentes socializadores, o que se pode observar, primeiramente, é como essas práticas estão submetidas a uma lógica escolar, a pedagogização nos processos socializadores da ISNT se faz muito presente. Basta olhar para a forma como as atividades são organizadas, os métodos de ensino, o tempo racionalizado, a hierarquia estabelecida, a importância que se dá as regras de aprendizagem, a disciplina, a uniformidade nos ensinamentos. Ou seja, uma organização burocrática e altamente racionalizada que caminha para um desencantamento.

---

<sup>160</sup> RODOVALHO, Lúcia. Efeito Vencedor, Parte 2, DVD 3, 2013.

O conceito de desencantamento tomo emprestado de Weber para pensar nas práticas socializadoras da ISNT bem como nos discursos de seus agentes socializadores. De acordo com Pierucci (2000, p. 119, 120) Weber é o autor do conceito **desencantamento do mundo**<sup>161</sup>, conceito que está bastante presente em suas obras e, por meio dele Weber conseguiu designar o longo período de racionalização religiosa por que passou a religiosidade ocidental devido à hegemonia cultural adquirida pela forma “eticizada” de religião desencantadora do mundo: o judeu-cristianismo. Weber preocupou-se em situar o início do processo de desencantamento que, de acordo com suas pesquisas, foram nos profetas de Israel. Posteriormente as seitas puritanas foram seus portadores em uma época da moderna civilização do trabalho, período que reduziu “o mundo a um mero mecanismo causal” (idem, p. 120)

Pierucci (2000, p. 122) alerta sobre a diferença de secularização<sup>162</sup> e desencantamento que muitos autores tomam como sinônimo. Nos estudos feitos pelo autor, ele observa que para Weber o desencantamento do mundo ocorre em sociedades profundamente religiosas, ou seja, é um processo religioso em que as religiões éticas operam a eliminação da magia como meio de salvação. Um processo longo da luta da religião contra a magia que se manifestou em muitos momentos da história por meio de perseguições contra feiticeiros e bruxas, por exemplo.

O conceito de desencantamento foi utilizado por Weber para pensar seu tempo, para entender o desencantamento por que passavam as sociedades religiosas de sua época. Na tentativa de aproximar-me ainda mais do objeto da pesquisa é que trago o conceito weberiano de desencantamento a fim de pensar o tema proposto pela ISNT: **Graça!** Afinal haveria uma palavra com mais encantamento do que essa? Graça é favor, dádiva, benevolência, beleza. Para Philip Yancey (1999) é a última palavra perfeita na teologia, pois nos lembra que as coisas boas da vida não vem de nossos próprios esforços.

Contudo, parece-me que, ao olhar para o tema de 2013 da ISNT e para os ensinamentos dos agentes socializadores da instituição o que se vê está “distante da graça”, pelo contrário, aproxima-se de um desencantamento. Apresento abaixo alguns aspectos observados nas análises.

---

<sup>161</sup> Um conceito que foi inspirado no poeta Schiller referente ao efeito de “des-divinização” ou “des-endeusamento” da natureza, há, porém, controvérsias a esse respeito. Para aqueles que gostariam de ampliar essa questão sugiro Pierucci (2000).

<sup>162</sup> Não é intenção desta pesquisa ampliar os estudos sobre a diferença de **secularização e desencantamento do mundo** em Max Weber, mas deixo aqui o entendimento de Pierucci (2000, p. 121) sobre o conceito de secularização, “implica abandono, redução, subtração do status religioso (...), é perda para a religião e emancipação em relação a ela”.

A ISNT é uma igreja que trabalha com temas anuais e mensais definidos pelos líderes fundadores e enviados a todos os demais bispos, pastores e líderes, que devem seguir rigorosamente a direção dada, ou seja, um processo burocrático e racional que mantém todas as ISNT em uma padronização institucional e resulta para os líderes e pastores dominados uma automatização e domesticação de sujeitos heterogêneos.

Ao analisar os discursos dos líderes foi perceptível a utilização do livro do fundador como manual para os fiéis. Há uma articulação entre tema anual, evento celebração e título do livro, conduzindo o fiel a adquirir o livro.

Na Teologia de Domínio, ensinada por Rodovalho, cabe aos fiéis estabelecer o reino de Deus na terra e isso significa ocupar posições de liderança, ou seja, o fiel deve estudar e capacitar-se para, em seguida, procurar por postos de liderança e chefia, valorizando a ascensão profissional e financeira. Práticas socializadoras que impulsionam os fiéis ao individualismo e competição, já que tirar vantagem do problema do outro, de acordo com o discurso de Rodovalho não tem problema algum. Uma prática que não difere daquelas ensinadas no ideário escolar, já que assim como no processo de escolarização, o doutrinamento realizado pela ISNT acontece por meio do controle de frequências (como já apresentei o controle de frequências em células e eventos da igreja devem ser rigorosamente anotados), a formação por meio de cursos, as premiações para aqueles que batem suas metas e “castigos” para aqueles que não as alcançam (por exemplo, um membro só é ordenado para um novo cargo na igreja ao bater as metas estabelecidas e, caso um líder não alcance o valor mínimo de contribuições no Parceiro de Deus, ele deve completar com seu próprio recurso). Elementos esses que nos revelam as afinidades entre a sociedade escolarizada e o neopentecostalismo.

A instituição é prioridade máxima, o indivíduo que a frequenta mais se parece com um número, que deve trabalhar em prol do crescimento da instituição, que por sua vez estabelece metas que devem ser alcançados. E, aqueles que não conseguem bater as metas são os principais responsáveis pelo fracasso. Fracasso este que, geralmente está relacionado a não obediência.

Os líderes e pastores são treinados e orientados para serem obedientes e submissos. No processo de formação dos discípulos na ISNT a prontidão em obedecer sem reclamar é uma virtude exaltada, em contrapartida aqueles que questionam ou desobedecem não tem lugar dentro da instituição.

O pastor ou bispo é aquele que gerencia a igreja. De acordo com o discurso de Lucas, ele é um administrador, um gestor, ou seja, um profissional da igreja, um especialista que deve cumprir as ordens que vem de “cima”.

Por fim, a ISNT faz um trabalho de “recrutar” fiéis para a universidade, ou seja, a escolarização e a profissionalização dos fiéis são fundamentais para a ampliação de domínio da igreja, já que fazer faculdade, mestrado e doutorado garantirá a estes lugares de autoridade, de acordo com Lúcia. Tal atitude facilitará a inserção dos ensinamentos da igreja em novos espaços e, inclusive, atrairá novos fiéis, também bem-sucedidos profissional e economicamente.

Como já foi discutido anteriormente, as religiões são matrizes de cultura e auxiliam juntamente com outras matrizes culturais, indivíduos com personalidade, vontade e subjetividades distintas com linguagem própria (SETTON 2012, p. 92). Assim, ao olhar para as práticas socializadoras que compõem a linguagem da ISNT, bem como para o ensino desenvolvido por seus principais agentes, é possível afirmar que o processo de racionalização presente nesta instituição religiosa conduz seus fiéis ao individualismo, competição e a uma corrida para alcançar as metas estabelecidas pela igreja, ao mesmo tempo em que devem se manter obedientes e submissos aos seus líderes. A força da ISNT parece estar nas metas, números e resultados, ou seja, na burocracia. A chama da magia, do encantamento e da graça está sendo sufocada pela técnica.

Indivíduos que estudam, trabalham, se formam, alcançam um lugar ao sol (nas palavras de Jessé Souza). Indivíduos que chegaram na igreja pobres e hoje são alguém (nas palavras de Lúcia Rodovalho). Escolarização, profissionalização, melhores condições de vida, mas ainda assim, uma liberdade vigiada, sempre condicional as normativas da instituição e seus líderes. Indivíduos que entregaram sua liberdade a outros, legitimaram suas diferentes formas de dominação. Na tentativa de se libertarem daquilo que os oprime e amarram para ter uma vida melhor econômica e profissionalmente, caíram em outra armadilha, com suas liberdades e autonomia restritas.

Se graça é o favor não merecido, nas práticas socializadoras da ISN só mediante o esforço, a conquista, a luta e a obediência, o indivíduo alcança-a. E isso me parece um desencantamento.

## **Reflexões Finais – Afinidades Eletivas entre Neopentecostalismo e Sociedade Escolarizada**

O objetivo desta pesquisa foi pensar nas Afinidades Eletivas entre Neopentecostalismo e Sociedade Escolarizada. A fim de pontuar essas afinidades me propus a olhar para as práticas socializadoras que ocorrem no interior da igreja neopentecostal Sara Nossa Terra e dos discursos/ensinos ofertados pelos agentes socializadores dessa instituição, ou seja, o recorte foi na instituição e em sua força socializadora. Para condução da pesquisa escolhi como aporte teórico alguns conceitos de Max Weber, como os tipos ideais de dominação, racionalização e desencantamento.

Parti da hipótese de que seria possível pontuar as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e sociedade escolarizada, pois ambos possuem práticas socializadoras que se apoiam mutuamente. Ao observar que características comportamentais e disposicionais do neopentecostalismo são características também presentes na sociedade escolarizada, me propus a explorar essas afinidades.

Por sociedade escolarizada compreendo justamente o papel privilegiado que a escola assumiu a partir do século XVIII com a Revolução Industrial. A escola moderna tornou-se a instituição referência para a sociedade capitalista e a forma escolar generalizou-se em toda a sociedade, ou seja, a transmissão de saber em diferentes espaços sociais como empresas, igrejas e até as famílias são submetidos a uma lógica escolar. Características como tempo racionalizado, métodos de ensino, disciplina, repetição de exercícios, uniformidade, que eram específicos da escola, podem ser observados em diferentes espaços sociais. Um modo de socialização que se impôs sobre outros modos de socialização como é o caso do neopentecostalismo, uma religião que socializa diretamente a partir da forma escolar de socialização.

Assim, para melhor compreensão da sociedade escolarizada e religião me propus a iniciar os estudos na Reforma Protestante e levantar um breve histórico da reforma até o neopentecostalismo, observando o diálogo entre as religiões oriundas da reforma e a sociedade escolarizada. Refletir esse diálogo e observar os processos socializadores presentes em cada período foi fundamental para me direcionar para a igreja neopentecostal Sara Nossa Terra e, por meio do referencial proposto para essa pesquisa, apresentar as afinidades eletivas entre neopentecostalismo e a sociedade escolarizada.

Sobre o neopentecostalismo e suas características pontuei a guerra declarada contra o diabo, a teologia da prosperidade, a forma como se organizam empresarialmente e como buscam prestígio e respeitabilidade social com participações em obras sociais, na política partidária, conquistas de postos de poder nos setores públicos e privados, além do uso religioso das mídias (MARIANO, 1999, p. 45). Características essas possíveis de serem alcançadas apenas a partir da escolarização.

Vale lembrar que o neopentecostalismo brasileiro é um movimento oriundo do pentecostalismo, marcado por continuidade, pois algumas características foram preservadas como a cura divina, o falar em línguas estranhas (glossolalia), o exorcismo. Mas também por descontinuidade já que a visão de mundo no neopentecostalismo foi construída a partir da Teologia da Prosperidade e Teologia do Domínio. Como observado por Pires (2011, p. 213), o mundo ganha um valor transcendente no neopentecostalismo e sua atenção se volta para o mundo, o destino do crente é ser materialmente próspero.

Nas pesquisas de Mariano (1999) como de Pires (2011) essa prosperidade não exige esforço por parte do crente em sua vida profissional ou acadêmica, como é possível observar em alguns modelos de igrejas neopentecostais em que a benção da prosperidade está atrelada a fidelidade do crente em dar os dízimos e ofertas. Esses modelos de igrejas neopentecostais, de acordo com Mariano (1999, p. 185) não geram mobilidades sociais e, apesar de ser um modelo pró-capitalismo tal teologia não impulsiona ou fortalece o sistema econômico, pelo contrário, há uma longa distância para isso.

Entretanto, ao me debruçar sobre as práticas socializadoras da ISNT, classificada como neopentecostal, inclusive por Mariano (1999) foi possível observar a ênfase dada pela instituição a fim de que os fiéis da igreja se esforcem em suas vidas profissionais e acadêmicas, sejam prósperos e alcancem espaços de poder como forma de evidenciar a benção de Deus na vida do crente. Se, nos estudos de Mariano, o autor observou que há uma longa distância entre o sistema econômico e neopentecostalismo e que este não gera mobilidades sociais, nos dias de hoje após observar o rápido crescimento dos neopentecostais, a influência que exercem na mídia e, principalmente na política partidária é relevante ampliar o entendimento sobre as instituições religiosas neopentecostais principalmente no campo da educação, já que a religião como uma importante matriz de cultura é responsável em parceria com outros processos socializadores pela constituição do sujeito e, conseqüentemente por novas constituições sociais.

A ISNT é classificada como uma instituição religiosa neopentecostal que começou entre estudantes universitários (em suas origens conhecida apenas como Comunidade Evangélica) e tinha por pretensão evangelizar a classe média, mas que, ao ampliar seus números por meio da evangelização das massas passou a incentivar, por meio dos seus ensinamentos e discursos, a escolarização dos fiéis. Como observou Pires (2011), prosperidade na ISNT é um mandamento, o fiel deve trabalhar e se qualificar, conquistando a prosperidade com labor e sacrifícios.

Neste trabalho, ao estudar, no segundo capítulo, as principais práticas socializadoras da ISNT, como o modelo celular G12, os eventos da igreja, as mídias e literaturas, foi possível observar que estas são práticas profundamente marcadas pela dominação legal e burocrática, ou seja, uma instituição organizada hierarquicamente, com regras instituídas, competência e especialização dos “profissionais” da fé. Uma hierarquia que tem como pretensão treinar o crente para ser próspero e bem-sucedido e ao mesmo tempo ganhar novos adeptos para a igreja.

Como os crentes são ensinados e treinados para além dos espaços religiosos fazem-se necessárias estratégias que garantam sua obediência e submissão à instituição religiosa. Assim, foi possível observar a organização hierárquica na igreja, treinamentos e estudos a fim de manter a uniformidade da instituição, estudos por meio de manuais, que se repetem exaustivamente a fim de que discípulos e discipuladores se submetam a regras impessoais. Os eventos como cultos e células são marcados por metas estabelecidas e relatórios que devem ser rigorosamente preenchidos, garantindo assim o controle de almas e corpos bem como o monopólio e legitimação da autoridade religiosa dos principais agentes socializadores.

Ao analisar a mídia e literatura na ISNT, foi possível observar como essas práticas socializadoras são importantes ferramentas para controle e administração da conduta de pessoas. A grande quantidade de livros publicados por Rodovalho, por exemplo, tem como objetivo a expansão dos ensinamentos e doutrinas da instituição, garantindo com isso sua autoridade. São livros utilizados pelos demais pastores e líderes a fim de embasar suas mensagens, que, conforme nos lembra Gomes (2010, p. 87) deixam de ser pautadas apenas na Bíblia para serem pautadas também em certo “psicologismo” a fim de estimular nos fiéis o interesse pelo sucesso e vitória.

Foi possível observar nas práticas socializadoras da ISNT como a dominação legal se sobrepõe sobre outras formas de dominação e é ela a responsável por manter a coesão social e garantir a permanência das relações sociais, fechando o espaço, na instituição, para

questionamentos, dúvidas ou discordâncias – as ordens devem ser obedecidas porque estão no manual, foi ensinado assim e assim deve ser!

Ao estudar os ensinamentos e discursos dos agentes socializadores da ISNT, no terceiro capítulo, busquei no conceito de racionalização o melhor ângulo para as análises. Encontrei discursos racionalmente elaborados a fim de conduzir os fiéis de acordo com os objetivos da instituição: fiéis buscando aperfeiçoamento profissional, melhor produtividade, novas habilidades acadêmicas e profissionais a fim de que alcancem o controle e domínio do mundo, ou seja, a escolarização e profissionalização dos fiéis tendem a ampliar o domínio da instituição em espaços de poder, seja na política, corporações e espaços públicos. E, nesta insistência e treino oferecido pela igreja para que os fiéis se escolarizem a fim de alcançar espaços de poder, a instituição responde de alguma forma, a sociedade escolarizada. Como Schultz (apud DI PIETRO, 2008) afirmava “que o capital humano está sujeito à obsolescência, por isso a continuação da educação é uma forma de manutenção. Dessa maneira, o movimento de estimular a formação constante do trabalhador é uma estratégia com vistas à produtividade”. Cabe, portanto, nas palavras da bispa Lúcia (2013) que os fiéis da ISNT nunca parem de estudar, assim como ela e o bispo, que nunca pararam.

Neste ponto, ao olhar para a igreja neopentecostal Sara Nossa Terra e para a sociedade escolarizada, as afinidades eletivas se revelam com transparência já que ambas apresentam características comportamentais que se apoiam mutuamente como a disciplina, a organização racional do tempo, o controle de uns sobre os outros, a busca pela excelência, o reconhecimento do outro, ou seja, um modo de socialização diretamente relacionado com o modo escolar de socialização.

Uma sociedade cada vez mais escolarizada e que toma a escola moderna como a principal instituição para se pensar na educação. Mas, além de pensar a educação, cabe também à escola ensinar o cumprimento de regras, disciplinas e submissão garantindo assim a ordem pública e bons profissionais para o mercado de trabalho. A escola moderna desde seu surgimento teve mais do que um papel educativo, ela teve (e tem) um papel político a fim de instaurar uma nova ordem de relação de dominação (TURGOT apud VINCENT, LAHIRE, THIN, 2001, p. 17).

Ainda nesse aspecto Concordo com Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 17) quando afirmam:

Como modo de socialização específico, isto é, como espaço onde se estabelecem formas específicas de relações sociais, ao mesmo tempo que transmite saberes e conhecimentos, a escola está fundamentalmente ligada a formas de exercício do poder. Isto é verdadeiro não só em relação à escola: qualquer modo de socialização, qualquer forma de relações sociais, implica ao mesmo tempo na

apropriação de saberes (constituídos ou não como tais, isto é, como saberes objetivados, explícitos, sistematizados, codificados) e na ‘aprendizagem’ de relações de poder.

Assim como a forma escolar não se deteve às portas da instituição escolar, mas atravessou outras formas de relações sociais (idem p. 36), o exercício de poder que se dá nesse espaço e repousa sobre a dominação legal também pode ser observado em outros espaços, como é o caso da ISNT. São ordens impessoais que devem ser obedecidas, o bispo que ensina a importância de formar células no modelo dos 12 deve ter sua própria célula. Um fiel para ser diácono na ISNT não precisa ser carismático ou amigo do bispo, ele deve ter de cinco a seis líderes de célula debaixo de si e coordenar essa equipe, ou seja, todos devem obedecer às regras da instituição, seja bispo, pastor ou fiel, pois são regras gerais, impessoais e devem ser seguidas por todos.

Vincent, Lahire e Thin (2001, p. 28) observaram em seus estudos sobre as formas escriturais-escolares de relações sociais, ao fazer um breve relato histórico da França urbana, escola e igreja que, “as escolas não são lugares ‘profissionais’, nem ‘religiosos’, mas lugares no âmbito dos quais a religião (entre outras coisas) é escolarizada”. Os autores (p. 38) observaram o quanto a escola e a escolarização foram desenvolvidas até se tornarem fundamentais na produção e reprodução das formações sociais, hierarquias, classes. Também as trajetórias sociais como profissionais e religiosas da modernidade são tributárias das trajetórias escolares. Uma trajetória que, infelizmente, não tem como única preocupação a educação para a liberdade e autonomia, a trajetória escolar pode ser marcada também como uma instituição que aliena e mecaniza aqueles que passam por ela. Uma grade escolar que prepara o indivíduo para o mercado de trabalho, eficiência, maximização de resultados e utilidade. A formação que a instituição escolar oferece torna a eficiência e utilidade o objetivo de vida dos sujeitos, uma formação movida a metas: como alcançar as metas na escola, no trabalho, na vida pessoal?

Portanto, a sociedade escolarizada é a sociedade que se submeteu à lógica escolar da racionalização, eficiência e utilidade e, em contrapartida responde diretamente a sociedade capitalista global e é nesse contexto que se encontra a ISNT que, como já apresentei, “exige” que seus membros estudem sem pausa, trabalhem com empenho e, se necessário for, agrade o chefe, dê-lhe presentes, esforce-se em todos os sentidos para alcançar postos de poder.

São práticas socializadoras que, como observou Pires (2011, p. 169), levou muitos dos fiéis a uma melhora nas condições de vida, eles aprenderam com seus líderes a valorizar o trabalho, a organizar a vida financeira, a serem dinâmicos e eficientes no trabalho e estudos. Em minhas

análises, concordo com as observações realizadas por Pires sobre a melhoria de vida dos fiéis, entretanto, devo problematizar o significado da expressão “melhorar de vida” já que, apesar do trabalho desenvolvido pela igreja incentivando e até mesmo “cobrando” dos fiéis estudo e profissionalização, não há espaço para que esses indivíduos sejam sujeitos críticos, questionadores ou atuantes junto a sociedade. Pelo contrário, minha hipótese é que as práticas utilizadas pela ISNT e o ensino enfático de que a educação é um caminho para conquistas futuras, não oferece autonomia para o sujeito que deve estar submisso às autoridades da igreja.

Assim, à luz das leituras que fizemos de Weber sobre dominação, racionalização e desencantamento chego ao final desta reflexão na expectativa de ter conseguido revelar as afinidades eletivas entre o neopentecostalismo e a sociedade escolarizada, visto que ambas trabalham com práticas socializadoras que se apoiam mutuamente, práticas essas que se realizam a partir de dominações variadas ora racionais, ora tradicionais e ora carismáticas e explicitam-se numa violência, numa dominação simbólica sobre o indivíduo.

Chego, portanto, ao final do trabalho sem respostas ou conclusões para todas as questões levantadas ao longo da pesquisa. Como afirma Veloso (2000, p. 265) é extremamente difícil e um verdadeiro desafio compreender o seu próprio tempo. É necessário um afastamento mínimo do tempo presente que permita um distanciamento necessário dos agenciamentos sociais. Afastamento necessário, dado que “a atualidade nos persegue, não nos poupa: há uma demanda social e disso somos testemunhas” (RÉMOND apud SCOCUGLIA, 2011, p. 297).

## Referências

### Referências Bibliográficas

ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo de. **O Missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855 – 1876)**. Aracaju/SE, 2012. 104p. Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes. Área de Concentração: Educação.

ALMEIDA JUNIOR, Jair. O Fenômeno religioso brasileiro: Pentecostalismo ou Pentecomessianismo? P. 146 – 177. **Ciências da Religião: História e Sociedade**, vol. 06, n. 02, 2008

ANDRADE, Eliana Santos. **A visão celular no governo dos 12: Estratégias de Crescimento, participação e espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008**. Salvador, 2010, 156 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Área de Concentração: Ciências Sociais.

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira, QUINTANEIRO, Tânia. Max Weber In: BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira, QUINTANEIRO, Tânia, OLIVEIRA, Márcia Gardênio de. **Um toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BARBOSA, Luciana Muniz Ribeiro. **Igreja, Estado e Educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito a Educação**. São Paulo/SP, 2007, 246p. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Área de Concentração: Estado, Sociedade e Educação, 2007.

BARROS, Valéria Esteves Nascimento. **Da casa de rezas à Congregação Cristã no Brasil: O pentecostalismo guarani na terra indígena Laranjinha/PR**. Florianópolis, 2003, 119p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Área de Concentração: Antropologia Social, 2003.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Entre a cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2010, 442 p.

\_\_\_\_\_. “Pareça Maravilhosa, sinte-se maravilhosa”: Bem-estar, Mercado e Missão. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro vol. 2**. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2010, 262 p.

BELLO, Rafael Alexandre. Walter Benjamin: Inspirações para a Historiografia da Educação. **Revista Crítica Histórica**, ano II, n. 03, julho de 2011.

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin, obras escolhidas II. **Rua de Mão Única**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ensaio Reunidos: Escritos sobre Goethe**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2009.

BERTINATTI, Nicole; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas Boas Carvalho. A escola dominical Presbiteriana: Disseminação de Saberes e Práticas Educativas. **Revista da FAEEBA, Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 35, p. 95-104, jan/jun. 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAMPOS, Breno Martins; DOLGHIE, Zirolto. Campo Cristão Brasileiro no século XX: Declínio católico, estagnação protestante e crescimento pentecostal. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro: Pentecostalismo e Neopentecostalismo**. Vol. 2 São Paulo: Fonte Editorial, 2012, 262 p.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 100 – 115, setembro/novembro de 2005.

CARVALHO, Alonso Bezerra de. **Educação e Liberdade em Max Weber**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

COHN, Gabriel. **Max Weber: Sociologia**. 7ª edição. Editora Ática: São Paulo, 1999.

CUNHA, Magali do Nascimento. Demandas pedagógicas no contexto das igrejas evangélicas no Brasil em tempos de cultura gospel. **Revista de Educação do Cogeime**. Ano 16 n. 31, p. 83 – 97, dezembro de 2007.

DI PIETRO, Leila Oliveira. **Desescolarização ou Escolarização da Sociedade? Desafios e Perspectivas da Educação**. Florianópolis/SC, Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. 169 p. Área de Concentração: Educação e Trabalho, 2008.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. **Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o estabelecimento da educação formal**. Piracicaba/SP, Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba. 158p. Área de Concentração: História da Educação. 2006.

FERRARESE, Elaine da S. R., LIMA, Thiago P. **Neopentecostalismo, liderança carismática e o ciberespaço**. Pag. 770 – 782. In: **XIV Simpósio Nacional da ABHR**, Juiz de Fora, 2015. GT 17: Evangélicos no Brasil: Aspectos Políticos e Sociais. Comunicação publicada no Anais da ABHR, 2015.

FREIRE, Paulo. **Desmistificação da Conscientização**. São Paulo: Loyola, 1979.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil**. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1993.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Afinidades Eletivas**. Rio de Janeiro: Tecnoprint S. A., sd.

GOMES, Elias Evangelista. **Ensaio etnográfico sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé**: “vem, você vai gostar!”. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. **A Socialização no Aprisco do Senhor**. Cadernos CERU (USP) V. 21, n. 2, 15, p. 281 – 304, 2011b.

GROPPO, Luís Antonio Groppo; MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução à pesquisa em educação**. 3ª ed. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2009.

HILL, Christopher. **O Eleito de Deus**: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

HILSDORF, Maria Lúcia. **O aparecimento da escola moderna**: Uma história ilustrada. São Paulo: Autêntica, 2006.

HOUSTON, James. **Meu legado espiritual**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

JASPERS, Karl. Método e visão do mundo em Weber. In: COHN, Gabriel (org). **Sociologia**: para ler os clássicos. Rio de Janeiro: LTC, Livros Técnicos e Científicos, 1977.

LEONEL, João. Pentecostais e leitura: O leitor segundo a Bíblia de Estudos Pentecostais. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**: Pentecostalismo e Neopentecostalismo. Vol. 2. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, 262 p.

LIMA, Thiago Pereira. **Gênero e Poder**: Um estudo sobre a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. 2010, 115 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2010.

LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. Protestantismo, Democracia e Violência. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2010, 442 p.

LÖWY, Michael. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. Tradução Mariana Echalar. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. **A grande onda vai te pegar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**, São Paulo/SP Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2003.

MELO JÚNIOR, José Alfredo Costa de Campos. Burocracia e Educação: uma análise a partir de Max Weber. **Pensamento Plural**, Pelotas: 147 – 164, janeiro/junho 2010.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra; SILVA, Rogério Rodrigues. Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional. **Psico-USF**, v. 11, n. 1, p. 103-112, jan./jun. 2006

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo. Ed. Loyola, 1990.

MONTEZANO, Maria de Lourdes da Cunha. **Cultura Religiosa Protestante e Rendimento Escolar nas camadas populares: um estudo sobre práticas socializadoras**. Dissertação de Mestrado, apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, ano de 2006.

MOREIRA, Alberto; Neopentecostalismo. In: MOREIRA, Alberto, MATTOS, Fernando A. M. **Neopentecostalismo; Mercado de Trabalho**. Bragança Paulista: EDUSF, 1996.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Os manuais de catecismo como fontes para a história da educação. **Revista Roteiro**, Joaçaba, p. 67 – 88. Ed. Especial.

PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues. As Premissas do Deuteropentecostalismo: Tradição e Renovação no campo religioso brasileiro. **Revista Observatório da Religião**. V.1 n. 1 Jan/Jun 2014.

PEREIRA, João Batista Borges. Apresentação: Protestantismo Brasileiro, esse quase desconhecido. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2010, 442 p.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização segundo Max Weber. In: SOUZA, Jessé. **A atualidade de Max Weber**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000.

PIRES, Anderson Clayton. **A metafísica do sucesso, a espiritualidade do consumo e a ética hedônica configuradas no sistema axiológico neoprotestante da igreja evangélica Sara Nossa Terra**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.

\_\_\_\_\_. Globalização, desconessionalização e espiritualidade evangélica no Brasil: uma análise socioteológica. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 38, 25 – 36, jan/jun 2010.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 05, n. 10, p. 200 – 212, 1992.

PORTO, Maria Stela Grossi. Análise Weberiana da Violência. In: Coelho, F. P.; BANDEIRA, L.; Menezes, M. L. (orgs.) **Política, ciência e cultura em Max Weber**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2000.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos e mudar culturas. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, p. 155 – 172, v. 20, n. 02, 2008.

RODRIGUES, Elisa. As tramas sincréticas do (Neo) Pentecostalismo Brasileiro. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro: Pentecostalismo e Neopentecostalismo**. Vol. 2 São Paulo: Fonte Editorial, 2012, 262 p.

ROMERO, Paulo. Esperanças e Decepções. **Ciências da Religião, História e Sociedade**, vol. 05, n. 02, 2007, p. 122 – 143.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. História da Educação do tempo presente: bases teórico-metodológicas. **Revista digital Paideia**, vol. 3, n. 01, abril – setembro, 2011. P. 295 – 312.

SELL, Carlos Eduardo. Racionalidade e Racionalização em Max Weber. **RBCS**, Vol. 27, n. 79, junho/2012.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Socialização e Cultura: ensaios teóricos**. São Paulo: Annablume, 2012.

\_\_\_\_\_. Processos de Socialização, Práticas de Cultura e Legitimidade Cultural. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 15 n. 28, p. 19 – 35, 2010.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **“De bem com a vida”**: O sagrado em um mundo de transformação. Um estudo sobre a Igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. São Paulo, 2001. 226 p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Área de Concentração: Antropologia Social. 2001.

SILVA, Francisco Jean Carlos. Pentecostalismo e pós-pentecostalismo. **Revista Eletrônica Inter-Legere**. Número 2 – julho a dezembro de 2007.

SILVA, Altair Germano. Antecedentes históricos da educação teológica das Assembléias de Deus no Brasil: De 1517 – 1979. **Revista de Teologia da Faculdade FAIFA**. Vol. 5, no 3, 2013.

SIQUEIRA, Deis et al. Carisma e Narcisismo: As lideranças nas novas religiosidades. In: Coelho, F. P.; BANDEIRA, L.; Menezes, M. L. (orgs.) **Política, ciência e cultura em Max Weber**. Ed. Universidade de Brasília: São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2000.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: Nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2ª ed. rev. ampliada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

\_\_\_\_\_. A atualidade de Max Weber. **Revista Cult**, 2010.

TOMAZETTE, Marlon. A contribuição metodológica em Max Weber para a pesquisa em Ciências Sociais. **Revista Universitas Jus**, Brasília, vol. 17, jul/dez, 2008.

VELOSO, Mariza. Réquiem para o Sujeito: Paradoxos Modernos e Pós-Modernos In: Coelho, F. P.; BANDEIRA, L.; Menezes, M. L. (orgs.) **Política, ciência e cultura em Max Weber**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2000.

VIANA, Nildo. Weber: Tipos de educação e educação burocrática. GUANICUNS, **Revista Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns**. FECHA/FEA. Goiás, 01, 117 – 132, 2004.

VIEIRA, César Romero Amaral. **Protestantismo e Educação: A presença liberal norte americana na Reforma Caetano de Campos – 1890**. Piracicaba/SP, 2006. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de Piracicaba. Área de Concentração: História da Educação.

VINCENT, Guy, LAHIRE, Bernard, THIN, Daniel. Sobre a História e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, jun/2001.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. técnica de Gabriel Cohn. Brasília: UnB, 1991. v. III.

\_\_\_\_\_. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel (org.) **Max Weber**. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antonio Flávio Pierucci – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia**. Organização e introdução: H.H. Gerth e C. Wright Mills; tradução: Waltensir Dutra. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismos latino-americanos entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2010, 442 p.

WREGGE, Rachel Silveira. **As Igrejas Neopentecostais: Educação e Doutrinação**. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2001.

YANCEY, Philip. **Maravilhosa Graça**. São Paulo: Ed. Vida, 1999. Traduzido por Yolanda M. Krievin.

ZABATIEIRO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica Protestante no Brasil. In: LEONEL, João (org.) **Novas Perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial e Paulinas, 2010, 442 p.

## Referências do Ciberespaço

**Censo do IBGE com as características das religiões no Brasil.** Disponível em: <[tp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf)> Acesso em:

**Convenção O Brasil para Cristo.** Disponível em: <<http://www.convensul.com.br/>> Acesso em: 21/01/2014

**Esta dá ibope:** Tolerante nas áreas de costumes, igreja evangélica atrai ricos e famosos. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/041000/p\\_090.html](http://veja.abril.com.br/041000/p_090.html)> Acesso em: 28/11/2014.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de, ROSA, Walquíria Miranda, INÁCIO, Marcilaine Soares. **O método mútuo e a formação docente no Brasil no século XIX: a qualificação da escola e a desqualificação do trabalho docente.** 2002. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=6827830312939135031&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5&scioldt=0,5](https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=6827830312939135031&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&scioldt=0,5)>. Acesso em: 25/04/2015.

**Igreja do Evangelho Quadrangular.** Disponível em: <<http://www.portaligrejaquadrangular.com.br/>> Acesso em 21/01/2015.

**Os novos pastores.** Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/120706/p\\_076.html](http://veja.abril.com.br/120706/p_076.html)> Acesso em 28/11/2014.

**Robson Rodovalho:** Administrador da Fé. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoegente/112/indice/index.html>> Acesso em: 28/11/2014.

## Referências de Vídeos

COHN, Gabriel. Aula Livre. Tema: Adeus, Weber: Agência e Instituição. Disponível em: <http://univesptv.cmais.com.br/adeus-weber/agencia-e-instituicao>. Acesso em 15/01/2015.

## Fontes

### Fontes Impressas

**Manual de Estudos para Células de Multiplicação.** Volumes 01, 02, e 03. Brasília/DF: Editora Sara Brasil, 2003.

**Manual do Instituto de Vencedores.** Volumes 01, 02, 03. Brasília/DF: Editora Sara Brasil, 2010.

**Manual Escola de Vencedores:** Treinamento para Líderes de Células. Módulo Intermediário. Brasília/DF: Sara Brasil Edições e Produções, 2007.

**Manual Escola de Vencedores:** Treinamento para Líderes de Células. Módulo Avançado. Brasília/DF: Sara Brasil Edições e Produções, 2007.

RODOVALHO, Robson. **Batalha Espiritual.** Brasília/DF: Sara Brasil Edições e Produções, 2012.

\_\_\_\_\_. **As leis Fundamentais para o Crescimento na Vida:** Porque alguns crescem e outros não? Brasília/DF: Sara Brasil Edições e Produções, 2013.

\_\_\_\_\_. **Brasil, antes que seja tarde:** Uma abordagem sobre a situação política do Brasil e a igreja. Brasília/DF: Sara Brasil Edições e Produções, 2006.

\_\_\_\_\_. **Propósito, domínio, liderança e influência:** Você nasceu para reinar. Brasília/DF: Sara Brasil Edições e Produções, 2004.

## Mídias Eletrônicas

**Box DVDs Celebrações de Verão 2013.** O ano da graça de Deus em sua vida. DVD Robson Rodovalho, 01 e 02; Lúcia Rodovalho, 03; Lucas Cunha, 03. Brasília/DF: Editora Sara Brasil, 2013.

**Box DVDs Celebrações de Inverno 2013.** Graça Para Prevaler. DVD 01, 02, 03. Brasília/DF: Editora Sara Brasil, 2013.

## Fontes do Ciberespaço

**Blog da Bispa Lúcia.** Disponível em <<http://bispalucia.com.br/>> Acesso em: 02/03/2015.

**Casal Lúcia e Robson Rodovalho.** Disponível em <<http://bispalucia.com.br/bispa-lucia-rodvalho-marca-presenca-em-palestras-do-bispo-rodvalho-em-campo-grande/>> Acesso em: 28/04/2015

**Conversão de Rodovalho.** Disponível em: <<http://impactoradical.wordpress.com/arena-jov/>> Acesso em: 12/12/2014.

**Culto Conexão, breve histórico.** Disponível em: <<http://www.saranossaterra.com.br/conexao/>> Acesso em: 17/06/2015.

**Divulgação das Celebrações de Inverno 2014.** Disponível em: <<http://sntalpha.com.br/events/celebracoes-de-inverno-2014/>>. Acesso em 14/12/2014.

**Divulgação das Celebrações de Verão 2014.** Disponível em: <<http://www.saranossaterra.com.br/noticias/celebracao-de-verao-2014-hotsite-informacoes-e-atracoes-confirmadas/>>. Acesso em: 14/12/2014.

**Divulgação do evento Celebrações de Verão 2013.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IILopWw8NVk>> Acesso em: 17/06/2015.

**Editora Sara Brasil.** Disponível em: <<http://saranossaterra.com.br/editorasb/pages.php?pageid=10>>. Acesso em 11/03/2015.

**Endereço das igrejas SNT.** Disponível em: <<http://www.saranossaterra.com.br/igrejas-estado/internacionais/>> Acesso em: 4/06/2015

**Escada do Sucesso.** Disponível em: <[http://www.montesiao.pro.br/estudos/visao/escada\\_sucesso.html](http://www.montesiao.pro.br/estudos/visao/escada_sucesso.html)> Acesso: Acesso em 25/02/2015.

**Histórico do Arena Jovem.** Disponível em: <<http://www.saranossaterra.com.br/arena-jovem/>> Acesso em 23/11/2014.

**Histórico do Arena Jovem.** Disponível em: <<https://atitudearenajov.wordpress.com/historia-arena-jov/>> Acesso em 30/04/2015

**Histórico do Parceiros de Deus.** Disponível em: <<http://parceirosdedeus.com.br/o-que-e/>> Acesso em: 15/12/2014.

**Listagem de livros de Rodovalho.** Disponível em: <<http://bisporodovalho.com.br/livros/>>. Acesso em: 14/12/2014.

**Missão e visão da igreja SNT.** Disponível em: <[www.saranossaterra.com.br/missao-e-visao/](http://www.saranossaterra.com.br/missao-e-visao/)> Acesso em 23/11/2014.

**Projetos do Parceiros de Deus.** Disponível: <<http://parceirosdedeus.com.br/projetos/creches/>> Acesso em 05/06/2015.

**Rede Gênesis.** Disponível em: <<http://redegenesis.tv.br/sobre/>> Acesso em: 19/12/2014

**Revisão de Vidas.** Disponível em: <<http://blogflecha.blogspot.com.br/2012/04/revisao-de-vidas-abril-2012.html>> Acesso em: 30/04/2015

**Revisão de Vidas.** Disponível em: <<http://sntnovogama.blogspot.com.br/2011/09/revisao-de-vidas.html>> Acesso em 30/04/2015

**Site pessoal do Bispo Rodovalho.** Disponível em: <http://www.bisporodovalho.com.br> Acesso em: 20/12/2014.



## II) Ficha de Inscrição para o Revisão de Vida

 <b>FICHA DE INSCRIÇÃO</b> <b>REVISÃO DE VIDA</b> 		
Nome Completo:	DATA DE NASCIMENTO ____/____/____	Sexo F ( ) M ( )
Endereço:		
Rua:	n°:	Bairro: Cidade:
Estado Civil:	( ) Não tenho Filhos até 08 anos ( ) Tenho Filhos até 08 anos Idade dos Filhos _____	Seus filhos irão p/ o revisão? ( ) SIM ( ) NÃO
Telefone Residencial:	Celular:	Está em Célula? ( ) SIM ( ) NÃO
Nome de um Parente?	Nome de outro Parente:	
Contato:	Contato:	
Faz uso de algum medicamento? Qual?	Tem algum tipo de alergia? Qual?	
Sua coordenação?	Quem é o seu líder de célula?	
( ) Arena Jov ( ) Adultos	<b>Data</b> <b>21, 22 E 23/08</b>	
 <b>AUTORIZAÇÃO</b> 		
Eu, _____, RG _____		
autorizo meu filho(a) _____, RG _____		
a participar do evento "Revisão de Vida", promovido pela Igreja Sara nossa Terra, de Sta Bárbara D' Oeste.		
O evento será na data _____, no _____		
localizado em _____		
____/____/____	Assinatura do Responsável	
<b>REVISÃO DE VIDA</b> <b>Data</b> <b>21/08/2015 Á 23/08/2015 ( ) → Última data p/ pagamento 09/08</b> <b>R\$ 100,00</b>		
		Via do Revisionista
<b>IMPORTANTE:</b> LEVAR: <b>Bíblia</b> , lençol, cobertor, travesseiro, toalha de banho e higiene pessoal (sabonete, escova, de dente e etc.) Maiores Informações, favor procurar seu Líder!		

### III) Lista de livros publicados pelos bispos Robson e Lúcia Rodovalho

#### Livros de Robson Rodovalho

<b>Científico/ saúde</b>	<b>Ano</b>	<b>Editora</b>
Ciência e Fé: O reencontro pela Física Quântica	2013	Texto Editores (Grupo Leya)
A energia da Vida: Lições das propriedades da física quântica sobre a liderança, o amor, o sucesso e a vida.	2012	SBE
Saúde, Beleza e Longevidade (co-autor: Dr. José Maria de Araújo)	2013	SBE
<b>Batalha Espiritual</b>		
Batalha Espiritual (2ª Ed.)	2012	SBE
A oração de um intercessor	2009	SBE
Bênçãos ou Maldição	2012	SBE
As portas da alma	2011	SBE
<b>Liderança</b>		
As 21 leis para que você seja competente	2011	SBE
Favor ou competência	2010	SBE
Formando líderes irrepreensíveis	2010	SBE
Formando líderes vencedores	2010	SBE
<b>Crescimento Espiritual</b>		
Crescimento das equipes, células e igrejas	2014	SBE
As leis fundamentais para o crescimento na vida	2013	SBE
A beleza de cristo e o caráter do cristão	2011	SBE
Alimento diário para sua vida	2011	SBE
Bíblia: Verdade ou Ficção?	2006	SBE
De onde vem a sua força?	2009	SBE
Destruindo a fortaleza dos valentes	*	*
Deus ou Darwin	*	*
Maximizando a sua existência: Como administrar o propósito, a paixão e sua posição neste mundo	2006	SBE
O altar dos patriarcas	2008	SBE
O elo perdido	*	*
O milagre aconteceu	2006	Reino Ed.
Os 10 mandamentos para vencer na vida	2011	SBE
Por que não somos católicos?	2005	SBE
Por que não somos espíritas?	2008	SBE

Por que sofremos? O que fazer quando o justo padece e o ímpio prospera?	2011	SBE
Para ser feliz	2011	SBE
Quebrando as maldições hereditárias	2005	SBE
Senhor, ajuda-me a crer	2010	SBE
Sua vida, sua família, seu propósito (coautora: Lúcia Rodovalho)	2012	SBE
Terminar bem é mais importante do que começar bem	2009	SBE
Vencendo a Obesidade: Como construir uma vida de saúde e harmonia plena	*	SBE
Vencendo as crises da vida	2011	SBE
Vencendo os conflitos: o caminho para a felicidade interior	*	*
Propósito, Domínio, Liderança, Influência: Você nasceu para reinar	2004	SBE
<b>Finanças</b>		
O dinheiro e você	2013	SBE
O caminho do sucesso: princípios de sabedoria para construir sua vida	2000	Reino Ed. E SBE
<b>Outras Categorias</b>		
Brasil, antes que seja tarde	2006	SBE
Mais trabalho, menos resultado	2006	SBE
Poder para as horas difíceis	2013	SBE

Fonte: Tabela organizado pela autora (\* não localizei ano ou editora do livro).

### Livros de Lúcia Rodovalho

<b>Crescimento Emocional</b>	Ano	Editora
Viva Feliz: O caminho da felicidade através da cura interior	2012	SBE
Reconstruindo sua vida emocional	2011	SBE
Filhos desafio	2013	SBE
Sete pecados capitais	*	SBE
<b>Relacionamentos</b>		
Vitória nos relacionamentos, você pode conseguir	2010	SBE
Paternidade: a busca de um filho	*	*
Felizes para sempre	2012	SBE
<b>Crescimento Espiritual</b>		
Meditações	2013	SBE
As sete leis espirituais para um novo começo	*	SBE

<b>Liderança</b>		
Diário da líder que ora	2010	SBE
O código do líder	2012	SBE

Fonte: Tabela organizada pela autora. (\* não localizei o ano ou editora do livro)

### **Livros de outros autores publicados pela SBE**

<b>Livro</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Ano</b>
Mulher Plena	Bispa Ana Maria Almeida	2013
Emunah: Verdade, Integridade, Fortaleza	Bispo Cleber de Barros	2014
Crescimento da Equipes, células e igrejas	Bispo Cleber de Barros	2014
Poder para as horas difíceis (2ª Ed.)	Benson Idahosa	2013
Perder para ganhar	Bispa Ana Maria Almeida	2011
O segredo de Paulo	Bp. Ana Maria Almeida	2012
Hábitos de um milionário	Samuel Rodovalho	*
Isto é Arena (5 volumes)	Bispo Lucas e Priscila Cunha	(2013 à 2015)

Fonte: Tabela elaborada pela autora (\* não localizei datas e editora).